

BRASILEIANA

QUINTA SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

Volumes publicados:

VIAGENS

- 8 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. 2.^a edição.
- 10 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-NV(II)), 2.^a edição.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem no Araguaia — 4.^a edição.
- 32 — C. de Mello-Lestão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada (com 12 figuras).
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa-Catarina (1823) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Ed. Ilustrada. 2.^a edição.
- 84 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem As nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^o tomo — Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda viagem no interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem As nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^o tomo — Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 85 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1845-1846 — Trad. de Edgar Susskind de Mendonça. Edição Ilustrada.
- 113 — Gastão Cruz: A Amazonia que eu vi — Óbidos — Tamucumac — prefácio de Rôqueto Pinto — Ilustrado — 2.^a ed.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Através da Bacia — Excertos de "Atlas in Brasilien" — Tradução e nota de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Clodo Ribeiro de Lessa.
- 130 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Ocidental — Ed. Ilustr.
- 145 — Silveira Neto: Do Guará nos Saltos do Iguaçu — Ed. Ilustr.
- 156 — Alfred Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Trad. de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães.
- 161 — Rozende Rubim: Reservas de Brasília — Ed. Ilustrada.
- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens no Rio Grande do Sul 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azorido Pena — 2.^a edição Ilustrada.
- 195 — Cel. Américo A. Botelho de Magalhães: Pelos Serões do Brasil — 2.^a edição Ilustrada.
- 197 — Cap. Richard F. Burton: Viagens nos planaltos do Brasil (1858) — Em 3 Tomos, 1.^o Tomo: Do Rio de Janeiro a Marro Velho Edição Ilustrada. Tradução de Americo Jacobina Lacombe.

SÉRIE "GRANDE FORMATO"

- I — Maximiliano, Príncipe de Wied Neuwied: Viagem ao Brasil — Nos Anos de 1816 a 1817. Dois tomos num só volume. Tradução de Edgar Susskind de Mendonça e Flavio Pope de Figueiredo. Itavista, refundida e anotada por Oliverio Pinto. Edição Ilustrada com 46 gravuras coloridas do texto.

*

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catálogo completo dos obras da "Brasiliana", em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusões, 629 — São Paulo

**VIAGENS AOS PLANALTOS
DO BRASIL**

(1868)



O ÍNDIO (Tupi) ABORÍGENE DO BRASIL

(Um selvagem com uma espada sustentando as bandeiras do Império, da Argentina e da Urugual. Trata-se evidentemente de uma alegoria à Tríplice Aliança, N. T.)

Série 5.^a — BRASILIANA — Vol. 197
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Cap. RICHARD F. BURTON

VIAGENS AOS PLANALTOS DO BRASIL

(1868)

EM 3 TOMOS

1.^o TOMO

DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO

TRADUÇÃO DE
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

EDIÇÃO ILUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio - Recife - Porto-Alegre

1941

Do original inglês:
EXPLORATIONS OF
THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL
in two volumes.

Pelo mesmo tradutor:
continuação desta obra:

Tomo II — MINAS E OS MINEIROS

Tomo III — O RIO SÃO FRANCISCO

(no prolo)

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUEMÕES, 639 - SÃO PAULO

INDICE

	Pgs.
Dedicatória	13
Prefácio (da Sra. Burton)	16
Ensaio preliminar	19
Nota (bibliográfica)	43
—————	
Capítulo I — Partimos do Rio de Janeiro	56
" II — Em Petrópolis	73
" III — De Petrópolis a Juiz de Fora	79
" IV — Em Juiz de Fora	101
" V — De Juiz de Fora a Barbacena	107
" VI — Os Campos Brasileiros	131
" VII — Em Barbacena	145
" VIII — O Hotel — Os Burros	159
" IX — De Barbacena a Nosso Senhor do Bom Jesus de Matzinhos do Barroso	173
" X — De Barroso a S. João d'El Rei	185
" XI — Um passeio por S. João d'El Rei	199
" XII — O Norte de S. João d'El Rei	213
" XIII — S. José d'El Rei	227
" XIV — Para a Alagoa Dourada	239
" XV — Alagoa Dourada	249
" XVI — A Caminho de Congonhas do Campo	255
" XVII — Congonhas do Campo	271
" XVIII — Teixeira	283

	Pgs.
" XIX — Para Coche d'Água	293
" XX — A Mina de Ouro de Morro Velho	305
" XXI — Notas sobre a Mineração de Ouro em Minas Gerais	323
" XXII — A Vida de Morro Velho	353
" XXIII — Passado e presente da Mina de Morro Velho	367
" XXIV — A Vida em Morro Velho	377
" XXV — Mina abaixo	391
" XXVI — O Nascimento da Criança	403
" XXVII — O Mineiro Branco e o de Cor	417
" XXVIII — O Mineiro Negro	429
" XXIX — Para Roça Grande	443
" XXX — Para Gongo Soco e Fábrica da Ilha	459

OS PLANALTOS DO BRASIL

pelo Capitão

RICHARD F. BURTON

Membro da Sociedade Real de Geografia, etc.

TOMO I

Título completo da edição inglesa, em dois volumes: "EXPLORAÇÕES NOS PLANALTOS DO BRASIL, com uma descrição completa das minas de ouro e de diamante, e também de uma viagem de 1.500 milhas em canoa pelo grande Rio S. Francisco, de Sabará ao mar", pelo Capitão Ricardo F. Burton, membro da Sociedade Real de Geografia etc."

"EXPLORATIONS OF THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL: with a full account of the Gold and Diamond mines. Also canoeing down 1,500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the Sea. By Captain Richard F. Burton, F. R. G. S. etc.

London — Tinsley Brothers — 18, Catherine St., Strand. 1859.

N O T A

As notas marginaes são do autor, salvo quando seguidas da indicação **N. T.** (**Nota do tradutor**).

Quando se succedem as notas do autor e do tradutor, cada uma leva sua indicação: **N. A.** (**Nota do autor**) e **N. T.**

Nossos agradecimentos aos professores Ademar A. da Costa e Luiz Camilo de Oliveira Neto, pela gentileza com que nos auxiliaram na revisão.

O TRADUTOR

Ao Muito Honrado **LORD STANLEY** (1)

Conselheiro Privado, Membro do
Parlamento &c., etc.

Senhor,

Não solicitei previamente a honra de antepor o vosso nome a estas páginas. A declaração de que a obra vos havia sido dedicada "com a devida vênia", poderia dar a impressão de que o autor buscava uma tardia proteção pelo crime de publicar ásperas verdades e defender opiniões que não são as de uma ponderável maioria. Sou, porem, irresistivelmente levado a oferecer este trabalho ao colega de estudos de antropologia, cuja cultura universal, larga e esclarecida, adquirida não só em seu gabinete de estudo, mas ainda na observação direta, pelas viagens e pelo conhecimento dos homens, promete à nossa terra natal, a política de larga visão e de sólidos fundamentos que, durante o último terço de século, teve a mesma sorte que outras boas intenções. O ano glorioso de 1867, (2) início de uma nova era para o Império Britânico pôde tomar como lema —

Anglia surge

Immo resurge, teram refero tibi mortuae vitam".

(1) Edward Geoffroy Smith Stanley — 14.º Conde de Derby. Primeiro Ministro de 1866 a 1868 (N. T.).

(2) Data da grande reforma eleitoral de Derby e Disraeli. (N. T.).

O vosso nome é bem conhecido no Brasil; sois considerado um estadista empenhado na conquista do progresso, e cuja atividade está nordeada pelo princípio de que a prosperidade de sua própria nação é beneficiada pelo progresso de todas as demais. Se esta minha última viagem tiver o feliz resultado de atrair a vossa atenção para o Brasil — região tão rica de dons da natureza, tão cheia de possibilidades ainda latentes e tão ardente de progresso — para um Império ligado a nós pelos laços do comércio e de uma alta e honrada capacidade em matéria de crédito público, — para um povo que excita a nossa admiração pela sua joven e gloriosa história como colônia, e por uma perseverança, um patriotismo e uma confiança em si nos últimos tres anos de guerra, de que se poderiam orgulhar os mais ativos povos da Europa — e para uma nação simpática a nós pelo seu governo monárquico e constitucional, e por amistosas relações que datam do dia de sua Independência; — não considerarci gastos em vão, para usar a frase consagrada, o meu tempo e o meu esforço.

Tenho a honra de ser, Senhor,

Vosso mais obediente e humilde criado

RICHARD F. BURTON

Ex-Presidente da Sociedade de Antropologia
de Londres.

Santos, S. Paulo, 23 de Julho de 1868.

PREFÁCIO

Antes de se internar pelo Brasil, tendo por guia meu marido, permita-me o leitor que lhe dirija duas palavras.

Voltei à minha pátria, para um repouso de seis meses, após tres anos de estadia no Brasil. Uma das incumbências que trouxe do Capitão Burton, foi a de acompanhar a impressão das páginas que se se seguem.

Tive o privilégio, durante os tres últimos anos, de ser a sua companheira quasi constante, e considero mercê não pequena, para quem deseja observar e aprender, a possibilidade de viajar, escrever, lêr e estudar com tal mestre.

Apesar de me dizer ele muitas vezes, à moda oriental, que "a lei de Maomé não admite a igualdade dos sexos", escolheu a mim, sua discípula, para conferir essa honra, de preferênciã a um estranho mais competente.

Sempre que se trata de algo difficil de se executar, onde haja um risco a correr, ou qualquer possibilidade de desenvolver o espirito e educar alguém, serei uma fiel discípula; mas começo a sentir agora que, enquanto ele e os seus leitores são velhos amigos, permaneço humildemente desconhecida na sombra de sua glória. E' pois tempo de, com respeito, mas com firmeza, declarar que, ainda que aceite orgulhosamente a confiança em mim depositada e me empenhe em não me

aproveitar de meus poderes discrecionários para alterar uma só palavra ao texto original, protesto veementemente contra seus sentimentos morais e religiosos, em contradição com uma vida distinta e correta. A minha indignação se refere especialmente aos pontos em que é falseada a nossa Santa Igreja Católica Romana, e em que é elogiada a repulsiva e desnaturada lei da poligamia, que o autor tem o cuidado de não praticar, mas que prega aos ignorantes, de um elevado pedestal de moralidade, como um meio de povoar as nações novas.

Sou ainda forçada a discordar do autor em vários outros pontos; mas, compreenda-se que o faço, não com o espirito vulgar de opposição doméstica, mas segundo um acôrdo mutuamente aceito, de divergirmos e apreciarmos reciprocamente as nossas divergências, que nunca envolvem questões de interesse.

Havendo-me, pois, justificado e dado uma amigavel advertência ao leitor (ou leitora) sincero e amigo, (os demais que cuidem de si) despeço-me, para que se dirija, da melhor maneira, por estes bancos de areia e abrolhos antropológicos.

ISABEL BURTON.

14, Montagu Place
Montagu Square. W. London
Novembro de 1868.

OS LUSÍADAS DE CAMÕES

CANTO VI

Estância XCV

Por moio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são da fama amigos,
As honras imortais, e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animais da Moscóvia zebelinos,

XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passelos moles e ociosos,
Não co'os vários delictes e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos:
Não co'os nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude.

XCVII

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que eja chame próprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigos nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um árduo sofrimento:

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledô, inteiro,
Para o pelouro ardente que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte, o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra a vontade sua e não rogando.

ENSAIO PRELIMINAR

O Brasil, especialmente para o viajante estrangeiro é uma terra de cousas singulares. Logo ao desembarcarmos em Pernambuco as perguntas que nos fazem são estas: — E' comerciante? engenheiro? naturalista? doutor? — Não! Então deve ser dentista!

E — desde que não se trate de um Príncipe Real ou de um milionário em cuja frente se leia claramente a sua qualidade — penso que fará bem em pertencer, ou passar a pertencer a uma das cinco castas admitidas, especialmente se se destina ao extremo oeste da Terra do Cruzeiro do Sul.

Os autores brasileiros, tal como os estrangeiros, têm sido em geral especialistas, visando cada qual uma determinada finalidade. Passada a fase dos cronistas jesuitas e franciscanos, os antigos viajantes, que precederam os cientistas encarregados da demarcação das fronteiras, eram pura e simplesmente exploradores, e, quando escreveram, não deixaram senão roteiros. Entre os portugueses, podem ser mencionados: o célebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, enviado nos anos de 1785-1786 em missão científica ao Rio Amazonas (1); o intrépido e ativo paulista Dr. de La-

1 — Nascido na Baía (1756-1814). O Diário da sua Viagem Filosófica está publicado na Revista do Instituto Histórico, tomo 48 e seguintes. Sobre o grande explorador ver a biografia de E. Goeldi: *Ensaio sobre o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*, Pará, 1895, bem como a biografia de autoria do Dr. V. Correia Filho (Brasília), S. Paulo 1939, (N. T.).

cerda (2) (1790) que, — a propósito — foi impedido de utilizar instrumentos científicos por um certo Dom Bernardo José de Lorena (3), verdadeiro sultão de Wadaï, — falecido na capital da Cazembe, na África, era matemático e astrônomo; o Dr. José Vieira Couto (4), do Tejuco, hoje Diamantina, mineralogista, como também o Pater-Patriae, o venerando José Bonifácio de Andrada e Silva, de Santos (1820); o Major Coutinho (5) experimentado explorador da Amazônia, oficial de engenheiros.

Os holandeses, nos antigos tempos, enviaram o literato e historiógrafo Gaspar Baerle, aliás Barlaeus, (*Rerum per Octennium in Brasilia, gestarum historia*, Amsterdão, 1647), cujo pesado in-folio tem hoje interesse para a antropologia (5 A); Piso, de Leide, e o alemão Maregraf (1648) (5 B) que lançaram as bases

2 — Dr. Francisco José de Lacerda Almeida. Seu *Diário de Viagem* foi publicado em S. Paulo, 1841. Há ainda outros trabalhos de sua autoria na *Rev. Inst. Hist.* A sua *Travessia da África* mereceu recente reedição. (Lisboa, 1936) com arduita introdução de Manuel Múrias. (N. T.).

3 — Bernardo José de Lorena e Silveira, 5.º Conde de Sarzedas, Governador de S. Paulo de 1788 a 1797. (N. T.).

4 — Sua *Memória sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais* foi publicada no Rio em 1842. Foi reimpressa na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano X (1905) pg. 55. (N. T.).

5 — João Martins da Silva Coutinho, explorador dos rios Madeira e Purús. (*Relatório sobre o Rio Madeira*, Manaus, 1861) (N. T.).

5.A — Além dessa edição original e de traduções alemãs há ainda a edição holandesa de 1933 (Martinus Nijhoff, Haia). O Ministério da Educação promoveu uma edição brasileira desse monumental trabalho. A tradução do original latino ficou a cargo do prof. Cláudio Brandão. (N. T.).

5.B — A obra de Piso e Maregrav é a seguinte: *Historia Naturalis Brasiliae. Guillelmi Piso... De medicina Brasiliensi libri quatuor... et Georgii Maregravii de Liebatnd... Historiae rerum naturalium Brasiliae, libri octo... cum appendice de Tapuyis et chiliensibus. Joannes de Laet in ordinem digessit & Lygd. Batav. ap. Franc. Hackium et Amstelodami, apud Lud. Elzivium, 1648.* (N. T.).

do estudo sistemático da botânica; Arnoldus Montanus (1671), plagiado por Dapper (5 C) frequentemente citado, e G. Nieuhof (1862).

Entre os alemães estão Hans Stade (1547) (5 D); o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1815-1817), (naturalista e ornitologista); S. A. R. o Príncipe Adalberto da Prússia, que viajou pelo Brasil (6); os sábios Spix e Martius (7) (1817-1820), (os Humboldt (8) e

5.C — De Dapper é a obra *Die unbekante Neue Welt durch Dr. O. D.* Amsterdam, Jacob von Meurs, 1673, simples versão alemã da obra de Arn. Montanus em língua holandesa: *Die Nieuwe en Onbekende Weerld*, publicado em 1671. (N. T.).

5.D — A edição primitiva é a de Marpurgo (1557). Há muitas edições alemãs, flamengas, latinas, francesas etc. Burton foi o anotador da edição inglesa, feita em 1874 pela Sociedade *Hakluyt*, sendo tradutor o grande amigo do Brasil Albert Tootal. Há quatro edições brasileiras; uma de Alencar Araripe, na Revista do Inst. Histórico; outra de Alberto Löfgren (1900), outra (reduzida) de Monteiro Lobato (S. Paulo) e finalmente a edição da Academia Brasileira (1930), aproveitando a versão de Löfgren e anotada por Teodoro Sampaio. Nesta estão reproduzidos o frontespício e as gravuras em madeira da edição de 1557. (N. T.).

6 — *Travels in the south of Europe and in Brazil; with a voyage up the Amazon and its tributary the Xingú, now first explored by... Prince Adalbert of Prussia, transl. by Sir R. H. Schomburgk and J. E. Taylor.* (2 vols. Londres, Bogue, 1849). Os Condes de Bismarck e Oriolla acompanharam o viajante que subiu o Xingú até Piranhanguara.

7 — *REISE IN BRASILIEN. Travels in Brazil by Dr. J. B. von Spix and Dr. C. F. Ph. von Martius.* Londres, Longmans, 1821, 2 vols. octavo. Vi esta tradução na pequena biblioteca inglesa de Pernambuco mas não consegui nunca encontrar o original. (N. A.).

O Instituto Histórico Brasileiro publicou a edição em português, tradução de D. Lúcia Lahmeyer e notas do prof. Bastião de Magalhães (Rio, Imprensa Nacional, 1938). (N. T.).

8 — Segundo Castelnau a Biblioteca do Rio de Janeiro possui um curioso documento, altamente característico dos tempos coloniais. É uma ordem para ser preso e deportado, se fosse encontrado em território brasileiro "um tal Barão de Humboldt". (N. A.).

O texto da ordem, assinada por Dom Rodrigo de Souza Coutinho (futuro Conde de Linhares), datada de 2 de Junho de 1800 vem transcrito em *Porto Seguro, História Geral do Brasil* em nota de Rodolfo Garcia. (3.ª ed. S. Paulo, V. 93). (N. T.).

Bompland da América do Sul) (8A); o Barão de Eschwege, mineralogista (8-B); além do velho Varnhagen (9) e Schüch (senior) (10), Langsdorff (10-A) e Natterer, (10 B) Pohl, (110 C) Burmeister (10 D) e outros nomes bem conhecidos nos meios científicos.

Os franceses, para não citar os antigos como De Lery (1563), (10 E) o "Montaigne dos velhos viajan-

8 A — A obra conjunta de Humboldt e Bompland é a seguinte: *Voyage du Baron Frédéric-Henri-Alexandre de Humboldt et Aimé Bompland aux régions équinoxiales du nouveau continent fait dans les années 1799 à 1804. As Nova genera et species plantarum* etc de Paris (1815-1825) (N. T.).

8 B — A obra mais importante de Eschwege sobre o Brasil é o *Pluto Brasiliensis* (Berlim, G. Reimer, 1839). Veja-se a sua bibliografia na obra de Fr. Sommer: *Wilhelm Ludwig von Eschwege*, Stuttgart, 1828. (N. T.).

9 — Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, pai do Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. (N. T.).

10 — Roque Schüch, pai da Guilherme Schüch, Barão de Capanema. (N. T.).

10 A — Langsdorff, alemão, consul da Rússia no Rio é autor do primeiro guia para os estrangeiros no Brasil: *Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux qui désirent s'y établir* (Paris, Imprimerie Denugon, 1820). Enloqueceu quando chefiava uma expedição científica pelo interior do Brasil. (N. T.).

10 B — Natterer, cientista austríaco foi um dos maiores estudiosos das aves brasileiras. Sua grande obra é a *Zur Ornithologie Brasiliens — Resultate von Johann Natterers Reisen in der Jahren 1817 bis 1835. Dargestellt von August von Pelzein*. Viena, 1871. (N. T.).

10 C — Sua viagem "não é menos interessante que a de Spix e Martius" diz Varnhagen (3.ª ed. V. 263). O título da obra é: *Reise im Innern von Brasilien. In den Jahren 1817-1821 unternommen und herausgegeben*. Viena 1832-37, 2 vols. e atlas. (N. T.).

10 D — Autor da *Reise nach Brasilien*, Berlin, 1853. (N. T.).

10 E — A primeira edição de Lery data de 1578; *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (Rochela). Foi publicada na *Rev. do Inst. Hist.* (68 2.ª-221) tradução de Cons. Tristão de Alencar Araripa. Há ainda uma edição resumida por Monteiro Lobato (S. Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1926). O Boletim do Ministério do Trabalho está publicando (1938) a tradução da Revista do Instituto. (N. T.).

tes", o capuchinho Cláudio d'Abéville (10 F) (1612), Yves d'Evreux (1613-1614) (10 G) e Roulo Baro (1651), (10-H) contribuíram com o matemático La Condamine (10 I); o botânico Augusto de Saint'Hilaire (1816)-1822); o naturalista Conde Francis de Castelnau (1843-1847) e o astrónomo Liais (1858-1862). Além destes, têm menos importância os nomes do Sr. Expilly (1862), que segundo narra em seu "Le Brésil tel qu'il est" (11) aqui arribou como fabricante de fósforos; e o Sr. Biard (1862) (11 A) que veio como retratista, mas cuja obra é uma notável caricatura.

10 F — Claude d'Abéville é o cronista da invasão francesa no Maranhão. A primeira edição é de 1614: *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris. Há duas edições brasileiras, uma de 1874, tradução do Dr. Cesar Augusto Marques (Maranhão 1874) e outra facsimilada sobre a edição primitiva, na Série *Eduardo Prado* (1922) com prefácio de Capistrano de Abreu e o glossário de Rodolfo Garcia. (N. T.).

10 G — Yves d'Evreux escreveu a *Suite de l'Histoire des Choses plus mémorables advenues en Maragnan: en années 1613 et 1614* (Paris, 1615). A edição primitiva foi destruída quasi completamente. Ferdinand Denis pediu-a em 1864 com o nome de *Voyage dans le nord du Brésil* (Leipzig). Também foi traduzida pelo Dr. Cesar Augusto Marques (Maranhão, 1874). (N. T.).

10 H — É o autor de uma interessante e rara *Histoire du Voyage de Roulo Baro, interprète et ambassadeur ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident etc.* Paris, 1651. (N. T.).

10 I — É o autor de uma *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale* (Paris, 1745). (N. T.).

11 — Cito com prazer o juízo expendido pelo Sr. Liais sobre essa obra desprezível. (*L'Espace Céleste*, 210): "É injuriar o bom senso dos leitores escrever taes absurdos, Demais o livro em questão está repleto de inexactidões. Si o autor o tivesse denominado — O Brasil, como não é — seria de uma perfeita fidelidade". (N. A.).

Expilly escreveu ainda *Les femmes et les moeurs du Brésil* (1864), que foi traduzida por Gastão Penalba. (S. Paulo, 1935 Comp. Ed. Nac. Brasileira). (N. T.).

11 A — *Deux années au Brésil* por F. Biard. (Paris, Hachette, 1862), é um acervo de invenções, algumas risíveis pelo absurdo, sobre o Brasil. (N. T.).

Os anglo-americanos enviaram os senhores Hern-
don e Gibbon, oficiais de sua marinha (1851), fazer
reconhecimentos no vale do Amazonas. O Sr. Thos.
Ewbank (1856) (11 B) era engenheiro. Os dois va-
liosos e agora desprezados volumes do Sr. Kidder
(1845) (11 C) foram escritos por missionário; a obra
de colaboração dos Srs. Kidder e Fletcher, é um traba-
lho de missionários (12). Recentemente foram publi-
cados diversos opúsculos pelo "General" Wood, Dr.
Gaston e o Rev. Dunn, colonizadores, e pelo Capitão
João Codman, que comandou um vapor pelo costa.

Nós os ingleses, contribuimos com o "comercian-
te" Luccock (1808-1818); o mineralogista João Mawe
(1809-1810); o fiel Koster (1809-1815), estabelecido
como comerciante em Pernambuco; o Rev. Walsh, da
Alta Igreja Protestante (1820); o Dr. Gardner, botâ-
nico (1836-1841); o sr. Henrique Walter Bates, (com-
petente naturalista e entomólogo (1847-1859), (12 A)
que nos seus primeiros trabalhos no Rio Amazonas foi
acompanhado pelo Sr. A. P. Wallace; o Sr. Hadfield

11 B — A obra de Thomas Ewbank é *Life in Brazil, or the
land of the Cocon and the Palm* (Londres, 1856). (N. T.).

11 C — Eis o título da obra de Kidder — *Sketches of resi-
dence and travels in Brazil, embracing historical and geogra-
phical notices of the empire and its several provinces*, by Dan-
iel P. Kidder (Philadelphia, 1845, 2 vols.) (N. T.).

12 — *Brazil and the Brazilians portrayed in historical and
descriptive sketches* by Rev. D. P. Kidder and Rev. J. C. Flet-
cher. Finsdelfin, Childs & Peterson, Londres Trübner & Co.
1857. (HA nova edição correta, recentemente editada pelos srs.
Sampson Low & Co. Londres). Este trabalho tem sido um
tanto maltratado em documentos semi-officiais, como sendo
"uma infame composição de iscrifas, causadora de muitos pre-
conceitos". Grande dano ao público foi dar lugar a um vor-
goso plágio, impresso em 1860 pela Religious Tract So-
ciety, 56 Paternoster Row, Londres, e denominado *O Brasil,
sua história, povo, produções naturais etc.*

13 A — A obra clássica de Bates é *The Naturalist on the
River Amazon* (Londres, John Murray, 1863) 2 vols. (N. T.).

(1854), (12 B) que visitou a costa examinando-lhe as condições de navegação a vapor; o naturalista Sr. R. Spruce (12 C) e o engenheiro Sr. William Chandless, que ainda prosseguem em sua aventureosa jornada às faldas dos Andes.

Não poderia terminar este esquema sem mencionar o nome do Dr. Lund, (12 D) o douto dinamarquês, que viveu entre os extintos sáurios, nas cavernas de Minas Gerais; e o ictiólogo, "puro homem de ciência", prof. Luiz Agassiz, de Boston (1865-66) viajante recebido com o maior entusiasmo possível no Brasil. (12 E).

Nesta brilhante assembléa, um simples turista sente-se, ou dever-se-ia sentir, um tanto deslocado. Mas também tenho uma missão especial — e sou pittor anch'io. Sua Magestade O Imperador observou certa vez, com muita propriedade, que a África Central está se tornando rapidamente muito mais bem conhecida do que o Brasil Central (13). Mesmo no Rio de Jenei-

12 B — *Brazil, the River Plate and the Falkland Islands* by William Hedfield (Londres, 1854). (N. T.).

12 C — A obra mais divulgada de Spruce só foi publicada após sua morte (1893) por Wallace. São as *Notes of a botanist on the Amazon and Andes* (Londres, 1903) 2 vols. (N. T.).

12 D — Lund chegou ao Brasil em 1825 e aqui morreu em 1880. Suas principais obras são: *Om Huler i Kalksteen. I det Indre og Bessillen der tildeels Indehold Forsille Knokler* (Kjøbenhavn, 1863) e *Bilk ppn brasiliens dyreverden for sidst jordenyvelting* (ib. 1837-1844). (N. T.).

12 E — Desta viagem resultou o livro *Journey to Brazil* (Boston, 1869) escrito de colaboração com sua esposa Elizabeth Cary Agassiz. Está traduzido para o português pelo prof. Edgar Süssekind de Mendonça (S. Paulo, 1938) e faz parte desta série *Brasiliense*, vol. 59. (N. T.).

13 — Não escrevo nunca BRASIL sem artigo, visto que os próprios brasileiros não o fazem, nem qualquer outro povo, salvo o inglês. Mais grave ainda é o emprego do anacronismo tão vulgarizado BRASÍLS, termo que só teve sentido quando o Brasil foi dividido em dois governos, entre os anos de 1562 e 1576. Entretanto o erro ainda perdura em nossos periódicos mais bem informados.

ro, poucos acreditariam que o vale do Rio S. Francisco, vulgarmente chamado o Mississipi do Sul — denominação essa que sob o ponto de vista geográfico não se justifica, — está no mais puro estado de natureza. O meu plano foi, pois, visitar a futura base do Império através da grande artéria, de modo a poder tornar conhecida a enorme riqueza e a imensa variedade de suas produções que abrangem tudo que o homem possa desejar, desde o sal até os diamantes.

Só em Minas Gerais o viajante encontra uma "terra tão grande, um sólo tão fértil e um clima tão salubre quanto o da Inglaterra", (14) uma atmosfera de "aestas et non aestus", onde se desconhece a "tirania dos ventos penetrantes e das geadas matutinas", finalmente, o "habitat" conveniente — senão a antiga pátria — (15) do mais nobre homem tropical em elaboração, que surgirá quando as chamadas regiões temperadas tiverem terminado a sua missão. "A minha opinião, diz o Sr. Bates, é que ainda que a humanidade não possa atingir um grau elevado de cultura senão lutando com as inclemências da natureza nas latitudes elevadas, é, contudo, somente sob o equador que a raça perfeita do futuro atingirá a plenitude do gozo da bela herança do homem — a terra".

14 — A superfície da Inglaterra é de 87.812 milhas quadradas. A de Minas Gerais 20.000 léguas quadradas.

15 — "E' antes nos grandes vales de aluvião dos rios tropicais ou sub-tropicais, como o Ganges, o Irrawaddy e o Nilo", (e eu acrescentaria ainda o Eufrates, o Niger e o Indo) "que se poderão surpreender os vestígios da primitiva morada do homem". Falconer, Journ. Quinz. de Geol. 1865. A grande lei da progressão está visivelmente desdobrando os futuros continentes e ilhas da terra com muito mais rapidez na zona tropical do que na temperada.

A minha viagem teve uma oportunidade das mais felizes. O Sete de Setembro, dia glorioso da Independência do Brasil, fôra dignamente comemorado com a abertura do Rio S. Francisco e do Mediterrâneo doce do extremo norte, aos navios mercantes de todas as nações (16). O Ministro da Agricultura enviara um vapôr para ser então lançado no curso superior do Rio. O presidente de Minas havia depois feito a um engenheiro civil brasileiro a concessão para exploração do vale tributário, do Rio das Velhas. Um agrimensor inglês lançava os trilhos que ligariam a capital do Império à cidade de Sabará, a futura São Luiz. Pretendia-se assim ligar o Atlântico Sul ao curso d'agua que recebe mil afluentes, cuja rêde cobre uma extensão de 8.800 léguas quadradas sómente de uma província que pôde sustentar vinte milhões de almas em vez dos escassos dois milhões que actualmente possui.

É ainda mais. O mais novo dos impérios, único representante da monarquia no Novo Mundo, tão generosamente aquinhoado com belezas naturais e riquezas materiais, em tão magnífica posição geográfica e com uma costa equivalente à da Europa entre o Cabo Norte e Gibraltar (17) parece ser o filho dilecto

16 — Há um equívoco do autor quanto à data da abertura dos rios ao comércio das nações. A data do Decreto Imperial é do 7 de Dezembro de 1856. O regulamento baixou com o Dec. de 31 do Julho de 1867. O próprio autor os cita aliás. (V. p. 56) (N. T.).

17 — Von Straton de Ponthez (*Le Brésil*), II, 37). Sir John Herschel (*Geogr. Malca*, pg. 37) afirma que a América do Sul tem uma área de 6.800.000 milhas quadradas e uma costa de 15.500 ("1:420" — 1:412?) e que "não se pode gabar muito de possuir bons ancoradouros". Isto não se applica ao Brasil que possui dos melhores portos do mundo.

da Fortuna. Em 1852 (18) quando o tráfico de escravos se tornou nulo, a nação se apavorou, e não sem razão, com a perspectiva de um mercado de braços deficiente (19). O trabalho servil era então a única fonte de prosperidade do lavrador, nada mais, nada menos que seu ganha pão.

Mas a estreia, ou a "boa sorte" do Brasil, como querem seus inimigos, salvou-o. Em 1860 o Estado da Carolina do Sul declarou insubsistente a sua subordinação à União Americana e retomou a sua independência. Cinco anos depois, os sulistas americanos começaram a abandonar as suas casas devasta-

18. — Em 1850 a importação de escravos foi proibida por lei. Em 1852 foram tomadas as medidas mais eficientes para o cumprimento da lei, e desde então foi o tráfico virtualmente extinto. Um comitê na Câmara dos Comuns, a 19 de Julho de 1863, apurou os seguintes algarismos:

Em	1847	foram	importados	56.472	negros
"	1848	"	"	60.000	"
"	1849	"	"	54.000	"
"	1851	"	"	3.257	"

Em 1863 foram importados 760 (dos quais a maior parte foi apreendida pelo governo). Em 1854 o único navio negroiro vindo foi tomado pelas autoridades na Baía de Seribuem (Pernambuco) e a carga declarada livre. Isto foi o resultado de um movimento de uma maioria egarrecida, que como diz o Sr. Reybaud, clamou: "Basta de tráfico de escravos! Queremos a colonização europeia". A questão está muito longe de se resumir num caso de policiamento das costas. Em 6 de Maio de 1862, o Sr. Christie comunicava oficialmente ao Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros de Sua Magestade Britânica que o tráfico havia cessado completamente e que o seu reaparecimento parecia impossível. E, contudo, mantivemos o "bill Aberdaer", um dos maiores insultos que um povo forte lançou a um fraco.

19. — Um trabalho ultimamente publicado e atribuído a R. M. o falecido Imperador Maximiliano, que visitou a Baía entre 11 e 19 de Julho de 1860, descreve um episódio melodramático da luta entre um cruzador e um navio negroiro dentro da Baía. Infelizmente acrescenta que os escravos que se salvaram a nado foram empregados pela Estrada do Ferro da Baía, cuja concessão proíbe severamente o trabalho servil.

das, em busca de regiões mais agradáveis. O governo brasileiro apoiou vivamente este movimento e em Janeiro de 1868 o número de imigrantes estava assim distribuído (20):

	pessoas
Província do Paraná (21) (visinhanças de Curitiba, Morretes e Paranaguá) . . .	200
S. Paulo (distrito da Ribeira, Campinas, Capivari etc.) (22)	800
Rio de Janeiro (capital e arredores) . . .	200
Minas Gerais (Rio das Velhas etc.) . . .	100
Espírito Santo (23) (nos Rios Doce, Linhares e Guandú)	400
Baía	100
Pernambuco	70
Pará	200
TOTAL	2.700

20 — Baseio-me em informações do Sr. Carlos Nathan, do Rio de Janeiro, que em 1867 obrigou-se, por contrato, com o Governo Imperial, a trazer em 18 meses 1.000 ou 5.000 lavradores. Na lista acima citada não estão incluídos os "ladrões etc. de Nova-York, que geralmente passam ao Rio da Prata em poucos meses". A mudança da linha de vapores do Nova York para Mobile e Nova Orléans, impediu, em parte, a vinda da peor raça.

21 — Foram principalmente os missurianos que ali se estabeleceram vindo com um capital considerável. Em poucos anos torrarão esta região muito importante.

22 — O Sr. C. A. Glennie, operoso consul em S. Paulo, avalla a emigração para a Ribeira em 400 a 500 almas, e os demais que passaram por Santos, em 375 almas, ou 75 famílias vezes 5.

23 — O Rio Doce é preferido em virtude do seu magnifico panorama, facilidade de transporte e superioridade do solo, oñ que se pode empregar o arado.

A lista official de imigrantes para o Rio de Janeiro durante o ano de 1867 é a seguinte:

Portugueses	4.822
	ou seja, quasi metade do total
Norte-americanos.	1.575
Inglezes	647
Alemães	357
Irlandeses.	220
Outras nações	2.411
	<hr/>
TOTAL.	10.032

Para o ano corrente esperam-se 10.000; os bons lavradores parecem inclinados a vir para um país onde uma certa extensão de terra produz tres vezes mais cana de açúcar do que na Luisiânia

O açúcar está suplantando rapidamente o algodão que não pode alcançar o mesmo preço, (24) e os sulistas dos Estados Unidos no distrito do "Rio Doce", estão estudando as possibilidades do café, que se tornará talvez a lavoura preferida.

Iniciou-se assim uma constante afluência ao país, de homens práticos, trabalhadores e inteligentes, habituados ao emprego de maquinismos e formando em cada colônia, um núcleo em torno do qual os trabalhadores europeus se podem agrupar.

A imigração crescerá a medida que decrecer a escravidão. E' conveniente que todos se compenetrem

24 — Assim é que uma geira produz 12 arrobas de algodão, (cada uma de 12 libras), quando beneficiada, valendo 10\$000 rs. = 120\$000 (quer dizer £ 12). A mesma terra produz 35 arrobas de açúcar, a 5\$000 cada uma; quer dizer 175\$000 rs., além da aguardente etc.

de que os dois sistemas não podem coexistir. No momento, a corrente imigratória aumentará por si, sem a necessidade de qualquer intervenção estranha: virão os alemães, os anglo-escandinavos e afinal todos os que pululam no norte fecundo (25).

E assim o Império a despeito da falta de braços escravos, obterá trabalhadores e seguirá a senda da grande república do Norte (26).

No vale do Rio S. Francisco, já começou o fenómeno imigratório. O pioneiro da civilização já atingiu suas margens. O Sr. Dulot demonstrou como o planalto sub-tropical do Brasil é conveniente para a moradia dos franceses. Tanto mais o será, pois, para as populosas colmeias do norte e para os anglo-escandinavos, vulgarmente chamados anglo-saxões, que num período inicial e vigoroso de sua história, teriam afirmado e provado serem os colonizadores naturais das zonas temperadas do sul!

25 — Em Fevereiro de 1868, um grupo de 53 pessoas foi mandado de Londres para o Rio, e uma segunda remessa de famílias irlandesas, formando um total de 338 almas estava em organização. Obteve-se-lhes a passagem e a manutenção gratuita durante 10 dias ao chegar ao Brasil; mais ainda a vantagem da compra de 100 geiras de terra por cabeça, a 2 shillings cada uma, pelo prazo médio de 5 anos. Em março de 1868 ouvi dizer que o agente do governo estava prestes a enviar 500 lavradores com pequeno capital de 100 a 1.000 f. As 391 almas acima referidas estabeleceram-se nas colônias de Príncipe Dom Pedro (Sta. Catarina) e Cananêia (S. Paulo).

26 — A corrente de imigração irlandesa para os Estados Unidos iniciou-se em 1847 quando grassava a terrível crise. Em Março de 1845 a população da ilha era de perto de 8 1/2 milhões de habitantes. Em 1.º de Abril de 1863 era de pouco mais de 5 milhões e meio; calcula-se que em 1.º de Abril de 1871 difficilmente exceda a da Bélgica. Durante os 29 anos que se seguiram (a 1866) a grande república recebeu um aumento de 3.500.000 almas, ou seja, um terço da população do Brasil. A ditima, calcula-se, dobra a sua população em 30 anos.

E' evidente que, no momento presente, cada libra despendida caridosamente na catequese de raças em vias de extinção e para com a barbárie estéril e irremediável da África e da Austrália, é dinheiro desviado de seu emprego conveniente. Nós ainda mantemos uma defunta esquadra puramente sentimental, de 15 vasos de guerra com 1.500 homens e despendemos perto de 1.000.000 de lbs. por ano, apesar dela se ter sempre revelado incapaz de impedir o tráfico de negros, em qualquer tempo e para qualquer ponto em que o braço escravo tenha sido efetivamente reclamado. Seus principais resultados na África Ocidental foram sustentar "Sierra Leone", — essa Sodoma e Gomorra negra, — encher alguns bolsos, e funcionar como máquina política pondo arcia nos olhos do povo, mas principalmente, aumentar a miséria dos escravos e as desgraças do continente africano.

Ao mesmo tempo gabamo-nos de ter mais de 900.000 indigentes, ou pessoas vivendo da caridade pública. Nossas despesas com os pobres elevam-se atualmente a uma quantia de 6.959 lib. por ano. O aumento de 1867 sobre 1866 varia de 4,8 a 19,6 por cento. A população cresce na velha terra em progressão geométrica, e a subsistência em progressão aritmética. Já foi dito que o flagelo da Inglaterra é a super-população e a deficiência de alimentação. A superpopulação produz os horrores dos enfumaçados e negros arredores de Birmingham, e do Taling e Witham, em Essex. Daí a situação de menores vagabundos, do trabalho agrícola feminino, dos colhedores de lúpulo, dos moleiros de Sheffield e oleiros de Manchester.

O milhão e meio por ano postos fóra na "propagação da fé", e na manutenção de uma esquadra esteril nos seus fins políticos, há muito poderiam ter sido convertidos num "fundo de emigração". Teriamos transformado em leais emigrantes os pobres irlandeses de Connaught, e ainda fornecido braços vigorosos e almas dispostas, às nossas colônias, que ainda precisam, como o Brasil, de lavradores e empregados domésticos. Nos últimos vinte anos permitimos porrem, que alguns milhões deles abandonassem nossas plagas para se tornarem fenianos no Novo-Mundo, — criando uma espinha no flanco da geração presente, espalhando pelo mundo em palavras de fogo a ineficiência de nossas leis, — para não usar termo mais rude, e promovendo um escândalo para os tempos futuros. Mas o fatal sistema, baseado no tripodo "Quieta non movere", "Après nous le déluge" e a ordem de Glencrow, tão caro aos débeis e envelhecidos de corpo e espírito, permitiu que caíssemos nesta última e indesculpavel dificuldade.

Há tres lustros que o Senhor territorial da Irlanda, pioneiro de constituições e defensor das "nacionalidades oprimidas", devia ter sabido, que, ao menos em torno de Sligo, o descontentamento reinava notoriamente; que homens armados se exercitavam à noite; que os católicos haviam lançado as rêdes dos padres e do confessionário, e que os irlandeses estavam prontos, a qualquer momento, para dar o golpe em defesa do que tinham por seus direitos.

Não se julgou conveniente, comtudo, assustar pessoas respeitaveis, em cujas mãos haviam caído os destinos da Grã-Bretanha, desde o ano da graça de 1832, e das quais só o ano de 1867 e suas consequências nos

poderão livrar. O vulcão podia tremer e roncar sob os pés dos poucos iniciados; mas eles deviam sentir e não dar a menor demonstração. Qualquer interpelação parlamentar sobre o assunto era respondida com fúteis e descabidas divagações; nenhuma moção podia ser apresentada sem que o seu autor caísse no ridículo e fosse censurado. O resultado foi o ano de 1867. O mal, ao ponto que chegou, é irremediável. Mas ainda poderemos evitar sua propagação.

Os anglo-escandinavos e os anglo-celtas têm sido considerados como os grandes transformadores da superfície do globo. Nivelam montanhas, abrem rios, constroem cidades, transformam desertos em jardins — Utah, se torna Déseret — a cidade das colmeias. O mundo ainda precisa deles. Por sua vez eles podem encontrar muitos abrigos acolhedores fóra da Grã-Bretanha, onde, realmente, é difícil compreender como um homem pobre pode se conformar em viver. O operário que vem para o Brasil como mineiro, carpinteiro ou ferreiro, torna-se um chefe de mina — às vezes proprietário dela, agente ou proprietário territorial, ou mesmo engenheiro. Um pobre lojista na Europa chama-se aqui negociante, talvez capitalista. Um miserável mestre-escola é aqui professor. O escrevente é aumentado de 100 para 300 lb. por ano. A governante, longe de ser uma criada de categoria superior, com uma enfadonha tarefa em perspectiva, muito frequentemente se torna a cabeça da casa e dirige-a com férrea disciplina.

A esses e muitos outros, especialmente aos solteiros da Europa, o Brasil pôde dizer as palavras das Sagradas Escrituras: "Venite ad me omnes qui laboratis et oneratis estis, et ego reficiam vos":

Já foi dito que as classes inferiores da Inglaterra, inclusive os irlandeses, não progridem em regra nos trópicos; que abandonados a si próprios, descambam geralmente numa raça de homens degenerados, muito longe do lustre glorioso de seus antepassados, atolados em vaidades e desejos inferiores.

Estas páginas provarão, porem, que debaixo de firme disciplina e sob a mais estrita fiscalização, tais homens fazem maravilhas. E quando os sulistas dos Estados Unidos estiverem estabelecidos no Império, traquejados como são na direção de brancos e no trato com os proletários e "colluvies gentium" da Europa, fornecerão logo o padrão de organização.

Até aqui o Brasil sofreu as consequências de ser uma terra virtualmente desconhecida na Europa. Falta-lhe o forte interesse que deriva da proximidade, e exige ainda um ângulo de visão muito amplo. Os livros publicados sobre o assunto são geralmente, como disse, obras de especialistas. Pertencem, além disso, à categoria dos "biblia a biblia". Nenhum pode ser catalogado como pertencente à classe dos "imprescindíveis à biblioteca de um cavalheiro".

Desde 1862 que a Exposição de Londres provou que esta região excede todas as demais na produção das qualidades especiais de algodão de que os nossos industriais possam precisar. Desde então o esmorecimento da idéia de guerra talvez tenha sido vantajosa a ambos os países, fazendo-os mutuamente conhecidos. E agora, nossas relações sociais e comerciais sempre crescentes, com esta vasta região sul-americana, levar-nos-ão breve a uma estreita e melhor compreensão, como ainda não podemos imaginar. Foi preciso uma grande calamidade nacional para reparar o nosso pecca-

do de ter desprezado as possessões na Índia Oriental! O Brasil, creio eu, não corre o risco de ser esquecido.

Em 1864-5, enquanto todas as demais nações exportaram para o Império 6.850.300 lb., a Grã-Bretanha contribuiu com 6.309.700 lb., num total de 13.160.000 lb. Em 1865-6, os algarismos passaram a ser respectivamente 6.434.400 lb., 7.375.100 lb. e o total de 13.809.500 lb. O ano de 1866-7 apresenta, não obstante uma grande compra de matéria prima, um notável declínio (27). Isto é, contudo, um fato transitório, consequência da depreciação da circulação e da deficiência industrial, como resultado de uma guerra de tres anos, que drenou ouro e sangue para uma região distante — (de fato, uma questão da Criméia na América do Sul). Finalmente as dívidas anglo-brasileiras elevam-se a pouco acima de 14.000.000 lb.

27 — O Brasil importou da Inglaterra durante o semestre findo em 30 de Junho de 1866..... £ 3.789.831
 Durante o semestre findo em
 30 de Junho de 1867 £ 2.738.469

Mas mesmo com esta queda, mantem-se em oitavo lugar na lista dos nossos compradores, abaixo dos Estados Unidos, da Alemanha, da França, da Holanda, do Egito e da Turquia; acima da Itália, da China e da Bélgica, e muito acima da Rússia e da Espanha.

O aumento da recolta no Brasil pode ser assim demonstrado:

1864-5	56.895:928\$000
1865-6	53.149:813\$000
1866-7	61.469:437\$000
1867-8	61.335:000\$000

As previsões para o exercício financeiro de 1869 são as seguintes:

Recolta:	73.000:000\$000
Despesa:	70.786:933\$000
Saldo	2.213:067\$000

Meu lema, nestes volumes, como em outros tem sido —

“Dizei em tudo a verdade
A quem em tudo a deveis”.

É certamente o público tem direito a toda lealdade por parte do autor. Não é porem encargo agradável, tratando de minas de ouro exploradas por companhias inglesas, descrever, com toda a franqueza, a maneira pela qual se desenvolveram. Mas não é justo que o Brasil seja acusado pelo que cabe à inconciência dos que manipulam os preços de seus mercados. Quando as especulações do Brasil não são as favoritas, os títulos e as ações de companhias ligadas ao país sofrem uma baixa. No momento em que a Revista do mercado monetário ameaça o Império com os raios deste Vaticano financeiro — a Bolsa de Títulos — e quando se declara que o Brasil, antes de um empréstimo será compelido a pagar o que não deve, é de justiça mostrar as causas destes fatos e chamar os erros pelos nomes que merecem. E' claro, que a não contar toda a trapaça, é melhor nada dizer sobre o caso. O leitor, contudo, perceberá, eu o espero, que me referi ao sistema e não a pessoas, e que realçando dois sucessos entre uma dúzia de fracassos, prestei minha melhor homenagem à honestidade e à energia.

Ao esboçar os PLANALTOS BRASILEIROS tal como os vi, despi o meu trabalho de qualquer preocupação de “enfeite”, o que será lamentado pelos viajantes “respeitaveis”. Serão antes uma série de fotografias, secas e rudes, de linhas ásperas e nítidas, com cores vivas e sem o menor vislumbre de brilho. O meu esboço, realmente, só aspira a uma qualidade: ser fiel. Dia virá em que os esquemas esboçados por outras

penas serão comparados com o meu, obtendo-se assim uma medida por onde se possa medir o progresso da nação. Julguei de melhor aviso pôr deante do leitor certos trechos em forma de diário, não para me poupar o trabalho de redação, mas para apresentar a mais simples e natural descrição da viagem. Os brasileiros, que como a maior parte dos povos jovens, são terrível e quasi feminilmente sequiosos de carinhosas demonstrações de admiração, acharão minha narrativa rude e inflexível. Os estrangeiros aqui residentes, em regra tão pouco simpáticos ao país, e que consideram como ponto de honra e exigência do patriotismo, sustentar os patricios contra os nativos (28) — ainda que se trate de um erro ou de um roubo —, acusar-me-ão de “brasileirismo”. Os imparciais, porém, reconhecerão em mim um sincero, que se recusa a lisongear e mesmo a exagerar os dons de uma região que prefiro a todas que percorri até hoje. Assim escaparei da acusação gratuita feita a quasi todos os que escreveram em favor do Brasil, isto é, de que foram induzidos a isso, ou falando claramente —, que foram comprados (29).

28 — Como toda nação empenhada na sua qualificação ontro os países independentes do mundo, o Brasil tem que se defender dos depoimentos suspeitos de uma população estrangeira movediça, indifferente ao bem estar da terra que habita, temporariamente, e cujas apreciações são em geral influenciadas pelo interesse privado. E' lamentavel que o Governo não tenha ainda julgado necessário tomar sérias medidas para desfazer as impressões errôneas correntes no estrangeiro com referência à sua administração; e que seus diplomatas pouco façam para que se conheçam dados verdadeiros e autênticos sobre seus negócios internos (Agassiz *Viagem no Brasil*, pg. 515-6). “No Rio de Janeiro, não se conhece senão o Rio de Janeiro e despreza-se um pouco o que não seja o Rio de Janeiro”, diz com grande verdade A. de Saint-Hilaire.

29 — E' este agora o modo corrente de julgar a opinião dos que fazem bom juizo do Brasil. Encontram-se largas referências nos “panegiristas pagos do Brasil, e lacaios da Legação”, mesmo na *Correspondência do Brasil*, com uma Introdução, Londres Ridgway, 1863.

Empreguei de propósito o termo "esboço". Em minha viagem percorri mais de 2.000 milhas, das quais 1.150 em número redondo, no lento caminhar da jagada. Gastei somente 5 meses, de 12 de Junho a 12 de Novembro de 1867, quando só o Rio S. Francisco merece muitos anos de estudo, e mesmo assim será difícil produzir uma descrição exaustiva. Tive o cuidado, contudo, de coligir para os futuros viajantes, que disponham de mais tempo que o permitido pela minha profissão, as narrações ouvidas sobre os accidentes naturais de interesse, as reservas geológicas e as inscrições lapidares até hoje não estudadas. Koster, no começo deste século, preocupou-se com estas inscrições nas cabeceiras do Rio Paraíba do Norte. Creio que tais antiguidades devem ser encontradas em vários pontos do ângulo nordestino do continente Sul-Americano, que mais se aproxima do velho mundo. Espero, em próximo volume, mostrar os claros "vestígios de um povo esquecido, possuidor da terra anteriormente aos atuais selvagens (da raça tupi), e do qual nem a mais vaga tradição se conservou" (30).

O meu segundo volume encerra-se abruptamente nas cataratas do Rio S. Francisco em vez de levar o leitor até a foz. E' talvez um capricho, mas recusava-se a pena a perder-se nas insignificantes minúcias de algumas léguas de terra e uma simples descida rio-abaixo, quando enchiam-me o cérebro imagens grandiosas de beleza. Nem teria nenhuma utilidade qualquer narrativa a mais. Mil turistas em

30 — Southey (*Hist. do Brasil*, II, 30, 665). O laborioso autor acrescenta: "Lagos gravadas com imagens de animais, do sol, da lua e das estrelas, com sinais hieroglíficos, o mesmo com letras, se dermos crédito a um negligente franciscano, foram encontradas recentemente na Guiana, a parte mais selvagem da América do Sul, e até hoje a menos explorada".

férias saberão em fim, que a febre amarela não é no Império um conviva ameaçador; que suas costas podem ser atingidas em dez dias da Europa; que não há viagem marítima de longo curso mais confortável e agradável; que o sertão brasileiro, que a ignorância popular pensa ser um extenso pântano, é extremamente saudável, e serviu de estação de cura aos doentes que não tinham possibilidades de viver na Europa; e finalmente que uma curta quinzena empregada numa visita a Barbacena, na Província de Minas Gerais, pela Estrada de Ferro Dom Pedro II, apresenta os melhores exemplos dos tres aspectos geográficos característicos da terra: a costa ou "Beiramar", a Serra do Mar, cadeia marítima ou oriental —, e os campos. Não deixarão de visitar a Niagara do Brasil, e acharão Paulo Afonso, rainha das cataratas, mais acessível do que a Escócia do Norte. Encontrarão as maiores atenções por parte dos agentes da Companhia de Navegação a Vapor da Baía, em S. Salvador e no Baixo S. Francisco. Na séde da empresa encontrarão mais informações sobre a terra do que podem encontrar num guia da região.

O apêndice contem a tradução de uma monografia descritiva de Minas Gerais, uma das províncias típicas do Império do Cruzeiro do Sul, pelo engenheiro civil Sr. Gerber. E' uma simples compilação, mas constitue uma base excelente para futuros trabalhos e é um bom exemplo da grande cópia de informações locais, atualmente truncadas ao mundo nos escañinhos da literatura brasileira (31). Desencontrei-me do distinto autor em Ouro Preto e devo-lhe minhas

desculpas por ter traduzido o seu trabalho sem uma autorização expressa.

Se tivesse que citar os nomes de todos os brasileiros e ingleses, a quem devo o prazer e o proveito da minha viagem, faria uma lista de muitas páginas. Não foram esquecidos neste trabalho e não os incomodarei senão com a expressão de minha cordial e viva gratidão.

Para concluir. Não critique o amavel leitor os pequenos erros que escaparam à revisão (32). Durante minha ausência da Inglaterra, minha mulher, que viajou comigo, em Minas Gerais, se encarregará deste trabalho. Mas é claro que o livro há de revelar a falta de um último "coup de peigne".

32 — Outros viajantes já se referiram à sina que perseguia as palavras relativas ao Brasil e à desproporcionada errata das obras de Manuel Ayres de Casal, Spix e Martius, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Eschwege, Pizarro e Araujo e da primeira edição de Saint-Hilaire.

NOTA (1)

O ensaio preliminar se estendeu demasiadamente, mas não ficaria completo sem uma relação dos autores de cujos nomes me servi, com algumas observações sobre o assunto de suas obras.

John Mawe. A única edição que conheço é a francesa: "Voyages dans l'intérieur du Brésil en 1809 et 1810, traduits de l'anglais par J. B. B. Eyriès (2) Paris, Gide fils, libraire, 1816". Não conheço o seu *Treatise on Diamonds and precious stones, including their history, natural and commercial, to which is added some account of the best method of cutting and polishing them.* (8vo. London, 1813). Os ingleses encontrarão muitas vezes no Brasil os seus patrícios — quan-

1 — Nas páginas seguintes os nomes de alguns autores ocorrerão com uma frequência não habitual. O meu intuito ao citar esses trabalhos — já considerados "clássicos" — é de mera cortezia e não de crítica. Ninguém melhor de que eu reconheço que os meus enganos e deficiências são fracos títulos para que me arrogue o direito de criticar os outros. Há uma sociedade, a *Hakluyt* que tem por fim a reedição comentada de obras velhas de alguns séculos. Os modernos, porém, continuam a ser lidos tal como saíram da pena dos autores, ainda que muita coisa se tenha transformado desde a data em que foram escritos. Dentro do certo tempo serão considerados dignos da dita sociedade. Os dados sobre estas obras serão pois valiosos para os futuros estudantes como são massantes, para os leitores de hoje.

2 — Este venerando autor mereceu a gratidão do Brasil, chamando para ele a atenção da Europa (N. A.). A parte referente a Minas Gerais da obra de Mawe foi traduzida para o português por Dermeval Lessa. Ocorre nas Publicações do Centenário em Minas Gerais, vol. I (Belo Horizonte, 1922), N. T.

do os encontram — em roupagens francesas. Foi assim que vi os excelentes volumes de Koster, tão citado por Southey, e conhecido no Brasil como Henrique da Costa. O título é o seguinte: “Voyages dans la partie septentrionale du Brésil etc. par Henri Koster, depuis 1809 jusqu'en 1815. Traduits de l'anglais par M. A. Jay. Paris, 1818.” (3)

“Voyage au Brésil dans les années de 1815, 1816 et 1817, par S. A. S. Maximilien, Prince de Wied-Neuwied, traduit de l'allemand par J. B. B. Eyriès, Paris, Arthur Bertrand, 1821”. (3-A). O príncipe Max, Senhor de Braunberg, fez época e suas coleções eram valiosas para o estudo da história natural do Brasil.

— O Sr. Augusto de Saint'Hilaire veio ao Brasil na comitiva do Duque de Luxemburgo e durante seis anos completos, de 1.º de Abril de 1816 a 1822 percorreu 2.500 léguas. O autor é mais respeitado pelos brasileiros do que qualquer outro; — é quasi um alemão no que tange à exatidão e à atividade; o único defeito que se pode encontrar em sua narrativa é a brevidade, acusação raramente cabível no gênero. Conheço profundamente oito volumes de suas obras que citei sob os números seguintes:

3 — Está repleto dos piores erros tipográficos. Por exemplo, no I volume: Cava, em vez de Cará (Prof. XXXVII); asogndos por nfoandos (12), poço por poço (13), almandega por alfandega (52), alqueise ou alquère por alqueire (55 e 219), jaguadas por jagadas (93); enclimbos por enclimbos (131; homens por homens (21), andhorbia por andorinha (232), guardemare por guarda-mór (295), metra pequeno por pequena (333), e assim por diante (N. A.) A edição original é de Londres, 1816. *Travels in Brazil* (N. T.).

3-A — A edição original é a seguinte: *Reise nach Brasilien im den Jahren 1815 bis 1817* (Frankfurt a/m. 1820-21) 2 vol.: Há tradução inglesa e italiana, além da francesa citada por Burton. Os prefs. Edgar Süsskind do Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo organizaram a edição brasileira que faz parte desta série *Brasiliana*. (S. Paulo, 1940). (N. T.).

I. "Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais". Paris, Guimbert et Dorez, 1830. (3-B).

II. "Voyage dans le District des Diamans et sur le littoral du Brésil. Paris, Librairie Gide, 1833. (3-C).

III. "Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz". Paris, Arthur Bertrand, 1847. (3-D).

IV. "Voyage dans les Provinces de St. Paul et de Sainte Catherine". Paris, Arthur Bertrand, 1851. (3-E).

Não conseguiu obter a sua "Flora Brasiliae Meridionalis", editada com a colaboração dos Srs. Jussieu e Cambassèdes, nem as "Plantes usuelles des brésiliens", (3-F) nem a "Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil e du Paraguay".

— O último autor francês cujas viagens no Brasil tiveram importância foi o Conde Francis de Castelnau

3-B — Existe tradução brasileira pelo Dr. Clado Ribeiro de Lessa: *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (S. Paulo, 1938. Série Brasileira, 2 vols.) N. T.

3-C — A parte relativa ao Espírito Santo está traduzida pelo Sr. Carlos Madeira: *Segunda Viagem no Interior do Brasil (Espírito Santo)*. (S. Paulo, série Brasileira, 1936). (N. T.).

3-D — Está também traduzida pelo Dr. Clado Ribeiro de Lessa: *Viagem às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiás*. (S. Paulo, 1937 — Brasileira). N. T.

3-E — A parte referente a S. Paulo foi traduzida pelo prof. Leopoldo Pereira sob o título: *S. Paulo nos tempos coloniais* e editada por Monteiro Lobato & Cia. (S. Paulo, 1922). A parte referente a Sta. Catarina foi também traduzida por Carlos da Costa Pereira (S. Paulo, Brasileira, 1936). Posteriormente apareceram também a *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo* (1822) traduzida pelo Prof. Afonso de B. Taunay (S. Paulo, Brasileiro, 1932) e a *Viagem no Rio Grande do Sul* (Orléans, 1887), traduzida para o português por Leonam de Azoredo Pena (Ariel ed. Rio, 1935). O Dr. Matoso Maia Forte traduziu também os trechos de várias viagens relativas à antiga província do Rio de Janeiro. O mesmo fez o Sr. David Carneiro com referência ao Estado do Paraná. (N. T.).

3-F — A edição é de Paris, 1825-1832. 3 vols. (N. T.).

que dirigiu a Expedição ás regiões centrais da América do Sul. ("Expédition dans les Parties centrales de l'Amérique du Sud", Paris, Bertrand, 1850, 6 vols. in 8vo.).

— Já me referi muitas vezes a Roberto Southey cuja "História do Brasil" foi admiravelmente traduzida para o português por um brasileiro (4). Os tres fólhos, atualmente raros e lamentavelmente caros, merecem amplamente nova edição anotada e revista. Esta grande obra, da maturidade do laureado autor é definida pelo Sr. Varnhagen, em seus dois valiosos volumes, como sendo não tanto uma história como "memórias cronológicas coligidas de muitos autores e vários manuscritos para servirem à história do Brasil, Buenos Aires, Montevidéo, Paraguai etc." ("Hist. Ger. do Brasil", 3.^a ed. V, 262) (5).

— "Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil, taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818" by John Luckock. Londres. Strand, 1829 (5-A).

Estas notas pertencem ao diário das viagens. Imagine-se que obra deveria ser. O laborioso historiador Sr. Varnhagen (II, 481) refere-se ao fato de não ter

4 — Dr. Luiz Joaquim do Oliveira e Castro. A edição é de 1862. Livraria Garnier (N. T.).

5 — O próprio Varnhagen expõe-se à mesma crítica. A parte histórica do seu trabalho é bem menos valiosa do que a parte propriamente informativa, e os capítulos finais são extremamente deficientes. A História do Southey foi continuada em dois volumes pelo Cavalleiro João Armitage (Smith & Elder, Londres, 1836). O autor dedicava-se ao comércio no Rio de Janeiro, mas escreveu basando em informações altamente officiais. Seu livro será sempre de alto interesse. A edição inglesa e a tradução portuguesa estão ambas esgotadas e bem merecem uma nova edição, se possível anotada e amplificada.

5-A — Foi traduzida a parte referente ao Rio Grande do Sul com o nome de Aspectos Sul-Riograndenses no 1.^o quartel do sec. XIX por Nelson C. de Meilo e Souza. (Rio, Record, 1935). N. T.

conseguido obter este volume. Por aí se poderá julgar como é pouco conhecido.

— *A History of the Brazil &c. &c.* por James Henderson (Londres, Longmans, 1821). É também um in-fólio. Mas trata-se antes de uma compilação do que de uma obra original. Falta-lhe portanto a novidade e a utilidade de sua rival.

— "Notices of Brazil in 1828 and 1829" by Rev. R. Walsh, LL. D., M.R.L.A., London, Westley & Davis, 1830. (Reverendo Walsh, Doutor em Leis, Membro da Real Academia Irlandesa). Dois fortes octavos que precisam ser revistos por mão liberal. O autor parece ter acreditado em todas as histórias que lhe foram narradas e observou o Império à luz da sombria época de furor anti-escravagista, felizmente passada. É um dos autores que, segundo Sant'Hilaire, prejudicaram materialmente o prestígio da Inglaterra no Brasil.

— "Travels in the Interior of Brazil" by George Gardner, F. L. S., Superintendent of the Royal Botanical Gardens of Ceylon. London, Reeve, 1846, (Gardner, Membro da Sociedade de "Linneu"). Este estimável autor passou no Império os anos de 1836 a 1841. Sua especialidade é a botânica, mas era também homem de cultura geral, escrevendo em estilo agradável e despretencioso. Seu gênero é ainda apreciado (6).

Uma enorme cópia de informações referentes ao Brasil encontra-se nos documentos officiaes ou não,

8 — Não é intento destes notas relacionar os autores contemporâneos Ingleses — Hadfield (1861), Hinchliff (1863), e outros. Não posso deixar, contudo, de manifestar a minha admiração pela "The Naturalist on the Amazon", por Henry Walter Bates (London, Murray, 1863). "Os editores dizem que o público não se interessa pelo Brasil", disse-me uma vez o autor. Os seus volumes, certamente, modificaram-lhe este julgo.

publicados em Lisboa, especialmente na "Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhes são vizinhas, publicada pela Academia Real de Ciências, Lisboa, na Tipografia da Mesma Academia, 1812". São estes octavos lidos por poucos estudiosos. Atualmente o público inglês desconhece por completo a realmente nobre literatura portuguesa. Geralmente a língua nos desagrada por ser nasalada. Temos uma idéa profundamente arraigada: a de que o português — a mais latina de todas as línguas néo-latinas — é um "dialeto bastardo do espanhol".

— "Anais Marítimos e Coloniais, publicação mensal redigida sob a direção da Associação Marítima e Colonial". Lisboa. Imprensa Nacional. Desta valiosa coleção já foram publicadas várias séries. Não pude comprar um exemplar na Imprensa Nacional. A Real Sociedade de Geografia de Londres negou-se a remeter seus volumes através do Atlântico. Valeu-me, e devo-lhe a minha gratidão, meu amigo o geógrafo Sr. Alexandre Findlay, membro daquela Sociedade. (7).

— Obra volumosa mas valiosa (que um índice tornaria dez vezes mais útil), em 9 volumes, são as "Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias Anexas à Jurisdição do vice-Rei do Estado do Brasil"

7 — Pôdo ser julgado estranho que não se faça menção aqui da Revista Trimestral publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Esta publicação é distribuída com tão pouco cuidado que se torna quasi inútil. A biblioteca anexa à Faculdade de S. Paulo, uma das que mais se aproxima de uma Universidade Brasileira, não tem a coleção completa; faltam-lhe os volumes relativos a quatro anos, e desde 1866, não recebe mais exemplares. Com referência ao próprio Instituto, não posso dar pessoalmente nenhuma informação. Durante as minhas frequentes visitas ao Rio de Janeiro, não tive nunca a honra de receber um convite para assistir às suas reuniões.

por (mosenhor) José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1822.

— Outra é a "Corografia Brasílica" do Padre Manuel Ayres de Casal, o mestre dos geógrafos brasileiros. O livro, impresso em 1817, é bem conhecido, mas não o seu autor. Nunca foi descoberto o seu lugar de nascimento e o único fato sobre sua carreira trazido à luz foi a sua retirada com a côrte para Portugal, onde faleceu. E' hoje livro clássico, a despeito de algumas inexactidões. (7-A).

— O "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil" por J. C. Millet de Saint' Adolphe, Paris, Aillaud, 1845, é obra de simples compilação geográfica, em 2 volumes e extremamente incorreta.

São trabalhos de carater regional — :

— "Memórias sobre as Minas de Minas Gerais, escrita em 1801, pelo Dr. José Vieira Couto". Este excelente livrinho, sem preconceitos filosóficos e que não deixa de possuir descrições eloquentes e pitorescas, foi reimpresso pelos Srs. Laemmert & Cia., Rio de Janeiro, 1842. Será frequentemente citado nas páginas seguintes. (7-B).

— "Viagem Mineralógica na Província de S. Paulo" por José Bonifácio de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Não posso indicar a data por que o meu exemplar está sem a folha de rosto, e nenhum membro da família Andrada pode fornecer-me esta informação. Foi traduzida para o francês

7-A - Teve segunda edição no Rio (Laemmert) em 1845 (2 tomos) N. T.

7-B — Ocorre na Revista do Arquivo Público Mineiro (Ano X, 1974, p. 55) N. T.

pelo Conselheiro Antônio de Menezes Drummond, e publicada no "Journal des Voyages". (8).

— História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais, pelo Cônego José Antônio Marinho. O primeiro volume foi publicado por J. E. S. Cabral, Rio de Janeiro, na rua do Hospício n.º 66, em 1844. O segundo, no mesmo ano, por J. Villeneuve & Cia., rua do Ouvidor n.º 65. O Padre Marinho era um ardente "luzia" ou liberal: Era, comtudo, muito estimado e depois que o movimento revolucionário foi abafado, viveu o resto de seus dias no Rio de Janeiro, tomando parte ativa nos negócios públicos. Há também uma História Cronológica do Movimento, escrita do ponto de vista oposto ao deste autor e publicada, segundo se diz, sob os auspícios do Presidente de Minas Gerais, Bernardo Jacinto da Veiga. (8-A).

— Informação ou Descrição Topográfica e Política do Rio S. Francisco, pelo Coronel Inácio Accioli de Cerqueira e Silva. Rio de Janeiro, Tipografia Francesa, de Frederico Arverson, Largo da Carioca, 1860. O Coronel Accioli é um bom e ativo trabalhador no campo da literatura brasileira local.

— "Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais para o ano de 1864", organizado e redigido por A. de Assis Martins e F. Marques de Oliveira. 1.º ano. Rio de Janeiro, Tipografia da Atualidade. O 2.º volume appareceu em Ouro Preto, Ti-

8 — Occorre em apenso a Geologia Elementar de Nereu Boubée, tradução brasileira, Rio, 1846. (N. T.).

8-A — É a História da Revolução de Minas Gerais de 1842 redigida por Bernardo Xavier Pinto de Souza (Rio, 1843, tip. de Barroso & Cia.) Houve segunda edição em Ouro Preto com o título: Quadro Cronológico das peças mais importantes da Revolução da Província de Minas Gerais em 1842 (1844). (N. T.).

pografia do Minas Gerais, 1864 (para o ano de 1865). Tive esperanças de chegar a ver um 3.º em 1868, mas ainda não foi publicado.

— "Rapport partiel sur le Haut San Francisco, ou Description Topographique e statistique des parties de la Province de Minas Gerais comprises dans le bassin du Haut San Francisco, précédée de quelques aperçus généraux sur la même province", par Eduardo José de Moraes, lieutenant du Génie de l'Armée Brésilienne, Paris, Parent, 1866. Tem por objetivo o estudo de um canal.

Com referência ao Tupi, ou Língua Geral, (9) assunto de tanto interesse agora no Brasil, dado o rápido desaparecimento do elemento índio de suas regiões pacificadas, utilizei as seguintes obras:

— Gramática da Língua Geral dos índios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa por João Joaquim da Silva Guimarães. Baía Tipografia de Manuel Feliciano Sepúlveda. 1851.

— Dicionário da Língua Tupi, chamada língua geral dois indígenas do Brasil, por A. Gonçalves Dias. Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858. O autor era linguista viajante e poeta. Sua morte prematura cobriu de tristeza a terra natal.

— Crestomatia da Língua Brasilica, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig, Brockhaus, 1859.

9 — A primeira publicação sobre o assunto foi a *Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil* pelo Veneravel Anchieta, publicada em Coimbra 1595, e agora de grande raridade. O Jesuita Pe. Luiz FIGUEIRA tambem publicou uma "*Arte da Gramática da Língua Brasileira*". Lisboa — 1687. Possui um exemplar da 4.ª edição. Lisboa — 1795. (N. A.). A "*Arte da Gramática*" de Anchieta foi estampada em 1876 por Julius Platzmann. Em 1933 foi reeditada pela Biblioteca Nacional do Rio. (N. T.).

— Uma util obra de consulta para os estudiosos da flora do Império é o Sistema de Matéria Médica Vegetal Brasileira etc. etc., extraída e traduzida das obras de Car. Fred. Phil. de Martius, pelo Dezembargador Henrique Veloso de Oliveira. Rio de Janeiro. Laemmert, 1854. E' mais do que uma simples tradução do volume em latim publicado pelo sábio bávaro (10).

Na viagem pelo Rio S. Francisco servi-me do

— Relatório concernente à exploração do Rio de S. Francisco desde a cachoeira de Pirapora até o oceano Atlântico, durante os anos de 1853 e 1854, pelo Eng.^o Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Impresso por ordem do Governo Imperial. Rio de Janeiro. Tipografia Moderna de Georges Bertrand, Rua da Ajuda 73. E' um pequeno e fino volume, de dimensões próprias para viagem.

Nem tão grande e custoso é o

— Atlas e relatório concernente à Exploração do Rio de S. Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico, levantada por ordem do Governo de S.M.I. O Senhor D. Pedro II, pelo Engenheiro Civil Henrique Guilherme Fernando Halfeld, em 1852, 1853 e 1854 e mandado litografar na Litografia Imperial de Eduardo Rensburg. Rio de Janeiro, 1860. Os mapas honram a litografia no Brasil. Sua Magestade o Imperador, Sócio Honorário da Real Sociedade de Geografia de Londres, foi servido enviar em 1865 um exemplar desse enorme fólio à nossa biblioteca.

No que toca ao Rio das Velhas muni-me de um exemplar da "Hydrographie du Haut San Francisco et du Rio das Velhas, résultats du point de vue hydrogra-

10 — "Systema Materiae Medicae Vegetalis Brasiliensis Componenti", Car. Frid. Phil. de Martius. Lipsiae, apud. Frid. Fleischer, 1843.

phique d'un voyage effectué dans la Province de Minas Gerais, per Emm. Liais. Ouvrage publié par ordre du Gouvernement Impérial du Brésil, et accompagné de Cartes levées par l'auteur, avec la collaboration de M.M. Eduardo José de Moraes et Ladislau de Souza Mello Neto". Paris e Rio, 1865. É um trabalho de autoridade. O estilo é digno do assunto.

Diz o Sr. Liais no Prefácio (pag. 2) que reuniu "numerosos documentos sobre outros assuntos não hidrográficos e que estudou conscienciosamente o solo, as minas, o clima, as produções naturais, a agricultura e a estatística do paiz". Promete publicar tudo isso com o seu atlas, mas de maneira mais portatil. Mas além de cinco memórias sobre vários assuntos científicos (11) publicou somente, segundo creio, "L'Espace Céleste", que contém notícias de suas viagens e trabalhos no Império. (12).

Esta lista não é imponente. Seria ainda menor se não fosse a gentileza do meu excelente amigo Dr. José Inocência de Moraes Vieira, Bibliotecário da Faculdade de Direito da cidade de São Paulo.

11 — São elas 1) "De l'emploi des Observations azimuthales pour la détermination des ascensions droites"; 2) "Théorie des oscillations du Baromètre"; 3) "De l'emploi de l'Air chauffé comme force motrice"; 4) "De l'Influence de la mer sur les climats"; e, prometido para 1865, 5) "Continuação das Explorações científicas no Brasil".

12 — Emm. Liais, Astrônomo do Observatório Imperial de Paris, "L'Espace Céleste et la Nature Tropicale, description physique de l'Univers, d'après des observations personnelles faites dans les deux hémisphères". Préface de M. Babinet, dessins de Yan' d'Argent. Paris, Garnier Frères. (S. D.) Liais publicou em 1872 (Garnier Frères, Paris) a sua prometida obra: "Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil". (N. T.).

CAPÍTULO I

PARTIMOS DO RIO DE JANEIRO

“Não há no mundo talvez nada mais belo do que os arredores do Rio de Janeiro” — St. Hilaire.

Pretendo descrever neste volume uma excursão de férias que fizemos às minas de ouro da Província de Minas Gerais, via Petrópolis e Barbacena, atravez dos campos e planaltos do Brasil. A nossa viagem teve algo de interesse geral. Dentro de poucos anos a zona que percorremos terá o seu Guia descritivo e estará compreendida no “Grand Tour” do século XIX. Ouso predizer que muitos dos agora vivem percorrerão esta terra numa vertiginosa velocidade de sessenta milhas por hora, quando nós, em nossos primitivos meios de transporte, vencemos esta distância em quasi uma semana. Talvez possam voar — Quem sabe?

O meu objetivo era, pois, visitar as cabecciras do Rio São Francisco, o grande rio chamado aqui comumente Mississipi brasileiro, e navegar por todo o seu curso abaixo, terminando em “bonne bouche” com a Rainha das Cataratas — Paulo Afonso. Nesta segunda parte da viagem, não mais uma excursão de férias, deveria inspecionar as lavras de diamantes.

Depois de passar em Santos, (S. Paulo) dezoito meses enfadonhos, consegui, gentilmente do muito Honrado Lord Stanley, Principal Secretário de S. M.

Britânica para os Negócios Estrangeiros, licença para me ausentar de meu posto. Por ordem de S. M. o Imperador do Brasil, obtive uma Portaria — (Podoroshna) ou licença especial para viajar. (1) Trazia a assinatura de Sua Excelencia o falecido Conselheiro Antônio Coelho de Sá Albuquerque, Ministro dos Negócios Estrangeiros, nome immortalizado pelos decretos de 7 de dezembro de 1866 e de 31 de Julho de 1867, que abriram ao mundo e regularam a navegação fluvial no interior do Brasil. O Ministro da Agricultura e Obras Públicas, S. Ex. o Sr. Conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, que tomou pela viagem o mais vivo interesse, honrou-me com uma circular dirigida às autoridades de sua província, a Baía, cuja presidência ele acabava de exercer e onde seus desejos eram leis. Finalmente, o eminente deputado por Alagoas Dr. Aureliano Cândido Tavares Bastos Jor., que com patriótico entusiasmo pelo progresso tornou-se o advogado da urgente libertação do comércio costeiro e da abertura das grandes vias fluviais, (2) forneceu-me gentilmente várias cartas de apresentação.

Sob tais auspícios nós — quer dizer, minha mulher e eu — (com um moleque chamado Chico ou Francisco), depois de nos havermos fartado com os encantos da "saison" do Rio, partimos da encantadora, mas um tanto sonolenta, lânguida e preguiçosa Capital, no feliz dia das Têmporas de Pentecostes, terça-feira, 12 de Junho de 1867. Alguns caros amigos levaram-nos

1 — Em outros tempos, a portaria dispensava o viajante de pagar deagens e outras pequenas taxas. Não tentei esta insignificante economia e não sei dizer se ainda adianta alguma coisa aos "caronas".

2 — Seu livro, "O Vale do Amazonas" (Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1866), é um valioso estudo estatístico do rio e merece amplamente ser traduzido.

tristes despedidas prognosticando-nos todos os aborrecimentos, desde as mordidelas dos carrapatos até o esfaqueamento. O que o Dr. Couto chama "velho sistema de terrores" não é ainda cousa do passado, e foi considerado um assassino in posse por consentir em que minha senhora me acompanhasse. O Sr. George Lennon Hunt, pela força do hábito compareceu ao nosso embarque; não estava só, pois há ainda almas caridosas mesmo entre os filhos de John Bull no Brasil.

A Baía do Rio de Janeiro, como todas as suas belas irmãs, desde os recôncavos ocidentais da Cornoalha até a Baía de Nápoles, deve ser apreciada em trajes de gala. E' mais encantadora repousando sob o rico docel etéreo, esmaltado por uma atmosphéa diáfana que empresta à distância doces e estranhas suavidades; quando as sombras aparecem riscadas de rosa e púrpura. Então as côres nacionais revelam-se naturalmente: o verde vivo da esmeralda e o amarelo, brilhante do ouro polido. Os rios são então de prata; as lapas refletem os raios alaranjados e vermelhos erguendo-se erectas das arcias de neve, ou encrustadas na floresta. Então as nuvens que passam são ilhotas flutuantes e suas sombras avançam sobre as águas do mar interior verde ouro; as rústicas e claras cabanas dos camponenses, de barro e de folhas, erguidas nas brancas praias, tornam-se côr de opala e granada, envoltas nos turbilhões de luz, que trazem à mente a visão de uma perpétua primavera. Há um encanto próprio para cada hora. Que sublimidade na névoa da manhã, rolando muito acima do promontório e do oceano agitado! Que encantamento e esplendor no fragor das ondas sob o sol do meio dia quando a brisa vem carregada do perfume de milhões de flores; e que

indescritivel graça e repouso nos tons arroxeados que traz a tarde envolvendo este panoramal

Junte-se a esta delicadeza e encantamento, a esta graça e beleza femininas, um aspeto de força e uma magestade derivada das proporções e da grandeza abrupta das montanhas, dos picos, dos precipícios e das rochas, que vence a lembrança de Staffa, e que afasta qualquer idéia de efeminação. Tais efeitos da natureza, ao mesmo tempo máscula e feminil, alternativamente doce e rude, necessariamente influem no caracter nacional.

A velha afirmação de que "a família de Tio Sam não precisa se esforçar por ser um grande povo porque a Niagara é uma grande catarata", contém menos verdade do que geralmente se encontra neste gênero de ditos. O aspeto da natureza é agora reconhecido como influente sobre o ideal e o intellecto do homem. "Onde há o grande e o belo, diz o Sr. Castilho, com grande instinto poético, aparece logo a poesia", (3) e hoje até nós, habitantes de uma pequena ilha, aprendemos que "a grandeza torna-se com o correr dos tempos, a medida do poder político".

E não é a beleza a manifestação visivel de Deus? Como estas páginas demonstrarão, viajar na terra do Pau-Brasil, nada tem de semelhante com viajar em qualquer outra terra. Há aqui uma delicadeza, uma amenidade de aspetos, que os filhos do rude norte encontram pela primeira vez e não devem esperar jamais encontrar de novo. Ao mesmo tempo encontramos em sua gente traços marcados de personalidade e uma energia quasi selvagem, reveladores não só de uma pele delicada como de uma forte espinha dorsal.

3 — Esta região do Brasil está exatamente entre os extremos da natureza que excitam ou doprimem a imaginação.

Há épocas e estações, comtudo, em que a Baía do Rio de Janeiro, a encantadora, apresenta um aspeto tempestuoso e perigoso, nada agradável de se apreciar. Dias há, principalmente no início do inverno, de Maio a Junho (4) em que seus sorrisos se transformam em carrancas, e as lágrimas sucedem aos risos. Era o caso dessa terça feira de tēmporas no ano da graça de 1867. Soprava terrível e perigoso vento.

O Rio de Janeiro, a "mui leal e heroica cidade", visto do quarteirão e estação da Prainha, aliás Cais Mauá, lembra nitidamente certos trechos anônimos do Tamisa. Acotovelamo-nos com uma multidão de negros. Atravessamos um pequeno molhe coberto de ferro galvanizado e ondulado, entre pilhas de sacas de café, cujos grãos espalhados pelo chão denotam que o impiedoso furador, com seu instrumento, já tirou a sua amostra, e abasteceu a sua casa com café roubado. Junto às táboas rangentes do rude embarcadouro estão canôas submersas, barcos vogando, uma pequena embarcação de pesca, negros vapores de diversos tipos e uma enorme quantidade de cascos abandonados; junto de nós boia preguiçosamente um cão morto; a fumaça, como em Dover, sufoca-nos, o tinir dos martelos chega a irritar-nos os nervos; conhecemos a sen-

4 — As estações europeizadas nesta região do Brasil, adaptadas ao hemisfério sul, são as quatro ordinárias. (A divisão primitiva ariana ora do tres estações: Inverno, primavera e verão). Assim a primavera começa em 22 de Setembro; o Verão em 21 de Dezembro; o Outono em 20 de Março e o Inverno a 21 de Junho. Os índios guaranis, mais realistas, dividiam o ano em duas partes: "Coaraci-ara" estação do sol, e "Almana-ara" estação da chuva. "São as mesmas que hoje conhecemos" diz o Sr. José do Alencar, no seu admiravel romance, "O Guarani" (I, 361), "e as únicas que realmente existem no Brasil!" Além disso, pôde-se dizer que o Rio, cidade colocada na zona compreendida entre os ventos perlólicos e variáveis, não tem as "sêcas" e as "chuvas" com regularidade, fato resultante tambem, nos últimos anos, do desenvolvimento da lavourá e do deflorestamento.

sação do velho patriarca que asilou um dia Bruto de Troia. Mas aqui o pitoresco Morro da Saúde, fica perto da praia, coberto com uma faixa de vegetação e de arvoredos, enquanto que bem por traz dele, erguendo-se muito alto no ar, o gigantesco bloco isolado, culminando no pico da Tijuca, domina o espetáculo como monarca que é das montanhas.

Para o sudeste ficam as edificações amarelo-ocre do Arsenal de Marinha, compridas e baixas, à moda de Lisboa, com as janelas ciumentamente trancadas. As circunvisinhanças são: uma oficina mecânica, alta e vermelha, outra oficina negra, mais alta, tendo em frente um grande e antiquado guindaste, pintado de verde. Pilhas de coque e de carvão, canhões enferrujados, velhos tanques e caldeiras, entulham o terreno. Em frente flutuam um navio recém inaugurado, e uma multidão de barcos de pesca próprios para a navegação costeira. Mas agora, a parte superior do quadro é o severo e antigo bloco do mosteiro de São Bento, com sua fachada massiça e quadrada, esburacada e denteada pelas balas de canhão de um ousado corsário francês (5), com seus campanários terminando em pirâmides, cujos cataventos estão reduzidos pela brisa, a espigões, e seus jardins de ricos relvados e viçosas bananeiras, estendendo-se pela nossa retaguarda.

Agora o nosso vaporzinho "Petrópolis" está em plena viagem, fazendo nove nós por hora, bem diverso do barco aberto FALUA, usado pelos viajantes de 1808. Passamos rapidamente pela Ilha das Cobras, pequeno monte de verdes declives e escarpas graníticas, com docas novas em folha e velhas linhas

5 — Duguay-Trouin, que o bombardeou em 1711.

de fortificação e edificação, todas côr de ocre, como sinal de domínio público; passamos em seguida o pôço dos navios cheio de cascos e mastros; passamos a grande casa vermelha da alfândega, que se diz ter custado £ 300.000, e que já apresenta um gracioso abaulamento de umas quatro polegadas no centro; passamos os prédios baixos e sólidos, sem o habitual campanário, da Ilha das Enxadas, conhecida pelos ingleses como Ilha do Carvão, que foi vendida outrora por uma caução, e que vale hoje um tesouro de libras esterlinas; avistamos a costa oriental da Baía, reduzida pela distância, tendo na parte superior um recorte de morros contraposto a uma série de outeiros, e na parte inferior uma cidade e seus arredores, casas, vilas, fortalezas e igrejas; passamos a Ilha do Governador (Salvador Corrêa de Sá), chamada, com muita propriedade pelos ingleses, de Ilha Comprida, pelo seu comprimento de vinte e oito milhas, e onde as formigas devoraram os agricultores, já que estes devoraram, por sua vez, os animais que as destruíam (6). Passamos Paquetá, antiga Pacatá, que tem a forma de um 8, bellissima joia, ensombrada de mangueiras, cajueiros, murtas e de camará (7), semelhan-

6 — Particularmente a espécie chamada Tamanduá (i.e. *Taximondé*, — armadilha de formiga), Mirim, ou pequeno, comedor de formigas, *Myrmecophaga tetradactyla*), em opposição ao grande Tamanduá Cavalo ou Bandeira, (*Myrmecophaga jubata*, Linn) A expressão muito frequente miry. merem ou mirim. (Em Português Inho, Inha, zinho, etc.) é uma terminação tomada à língua Tupi-Guarani. Significa pequeno, menor, mínimo. Opõe-se a usu, assú, wassú, guassú, ussú (variando conforme a sílaba antecedente), que quer dizer grande, maior, máximo e corresponde a terminação ão em português. Provenimos aos antropólogos que devem visitar esta ilha. Contém restos de cozinha (kitchen-middens) de ostras e outras conchas, chamados aqui "sambaquis", e a rica em crânios indígenas e em pedras de interesse arqueológico.

7 — Lantana, uma das verbonáceas, planta selvagem comum nos campos do Brasil.

te à oliveira; faceira illa, chamada Capri do Rio de Janeiro, clássica, encantadora e, felizmente, sem Tibério. Passamos a enseada de Magé, que induziu os primeiros descobridores ao engano de chamarem o pequeno mediterrâneo de "Rio de Janeiro", razão pela qual seus descendentes se chamam erroneamente Fluminenses, povo do rio (8).

Passamos algumas pedras rochosas, cada uma com um ou dois tufos de vigorosa vegetação, frutos desta poderosa fecundação do sol equinocial e da chuva tropical. Passamos uns ilhotes de tristes rochedos redondos, ora de blocos "perchés", ora de rochas "moutonnées" segundo De Saussure, algumas do tamanho de uma casa, redondas e polidas pela água, outras em ponta, trazidas das altaneiras serras suíças em jangadas flutuantes de gelo, segundo a teoria glacial. Atraz de nós, fica o alto mar, adiante da barra colossal, guardada por um exército de picos. Olhamos para a frente: lá está o paredão do norte, a Serra dos Orgãos, com suas quatro agudas agulhas de azul mais escuro, sombreando um fundo de vaporosidade indefinida e assemelhando-se a qualquer cousa, menos aos tubos de um órgão. (9)

8 — Daí, ainda termos nos indicadores e compêndios de geografia inglesa e francezes sobre o "Rio de Janeiro", ou "Rio de Janario", cousas como esta: "Rio de Janeiro, situada na foz do Rio do mesmo nome". *Dictionnaire de la Conversation* F. Didot, Paris, 1857.

9 — Suponho que os descobridores a chamassam "Serra dos Orgãos" em virtude das imensas arvores do cactus (cactus arbores), em espanhol organo, que abundam nessas montanhas. Quanto à altitude, há um erro generalizado de que a Serra dos Orgãos nunca excede 1.300 metros. O prof. Agassiz ("Viagem ao Brasil", Cap. II) diz que os mais altos picos dessa Serra alcançam de 2.000 a 3.000 pés. No cap. XV, citando Liais, que dá como maior altitude atingida por elle 7.000 pés, mostra aquêle autor ignorar Gardner que encontrou altitude muito maior. Segundo o Capitão Buihões o alto da serra tem 883,21 ms. A rua em frente ao Palácio em Petrópolis, 842; o o Pico do Tingá, mais de 2.000. A Tijuca tem 1.050 e o Cercovado 664.

No extremo norte está a Serra da Estrela (10) onde uma fenda e uma protuberância de pedra, chamada "Cabeça de Frade", marcam o zig-zag natural, seguido pela estrada, enquanto que para o noroeste, os picos piramidais e agudos da Serra do Tinguá, prolongam a sua poderosa barreira na direção de São Paulo.

Tendo percorrido regularmente 11 milhas, embicamos para uma região salpicada de casebres e com uma linha baixa de mangues, tendo por traz os outeiros verde-escuro da sub-serra, cobertos de capoeiras e não raro encimados por uma alva capela. É o porto Mauá. Aqui termina o 1.º ato da nossa viagem de um dia.

Antes de pisar a pequena ponte de madeira, que oscila e range sob os pés, e que leva aos carros do caminho de ferro, notemos, de passagem, que a enseada de Mauá e a Ilha de Paquetá, abastecem o mercado do Rio de ostras, por sinal que de inferior qualidade, apesar de serem agora as melhores. Os cariocas deviam, a exemplo do que fizeram os californianos de S. Francisco, mandar buscar novos moluscos ou novos germens em Nova York, ou melhor ainda, em

10 — A Serra da Estrela é provavelmente assim chamada em lembrança dos belos planaltos do centro do Portugal. É uma Secção da Serra do Mar que corresponde aqui à Serra dos Alleghany's ou Apalaches, na América do Norte. A Serra começa no Norte do Espírito Santo (16º - 17º Lat. S), continuando a Serra dos Almorés. Daí corre por umas 150 milhas do E.N.E. para O.S.O. Forma uma barreira separando as terras baixas, quentes e úmidas da costa, temíveis pela fome, das terras secas e salubres do planalto do interior, e, se bem que a poucas léguas da capital, está ainda em puro estado de natureza. Estrela o Porto ao pé da Serra e ao Norte de Mauá, era um lugar de grande importância e movimento no primeiro quartel deste século. Toda exportação e importação do extremo oeste por aí passava e grandes barcos cobertos, de fundo chato, ligavam-na à Capital. Era então "Differtum nautis, cauponibus atque malignis". Agora, derrotada, está irremediavelmente arruinada.

Baltimore. Entrementes o molusco nativo poderia ser consideravelmente melhorado por uma cultura científica. Deitem as conchas por seis meses em local onde não haja corrente marítima, mas em que a maré crescente misture água salgada com água fresca. É preciso que haja suportes artificiais afin de impedir que os moluscos sejam levados e se percam, e ainda evitar o trabalho e a despeza de ter de muda-los de lugar. Alimentem-nos, na última quinzena com farinha (11) de mandioca ou outra qualquer. Verão então que os pelos longos, grossos e negros, cedem lugar a uma delicada carne, e a crosta fina e angulosa, torna-se cheia e bombada.

Começa aqui o 2.º ato. A Estrada de Ferro Mauá, a primeira em que correu uma locomotiva no Brasil (12), é um capítulo muito pequeno do moderno e superior Evangelho, que começou a ser pregado um ano antes do Brasil nascer, com a lei das estradas de ferro de 19 de Abril de 1821 ("Stockton and Darlington Railway Act"). Mauá, homem de variadas qualidades, era um grande espírito. Dizem que na Festa da Indústria, ao declarar-se inaugurado o serviço, a sua exclamação foi: "A' barra do Rio das Velhas". Mas infelizmente, já se despendeu o dobro da quantia autorizada (£ 60.000 em vez de £ 30.000) numa es-

11 — Quando me referir a "farinha" (a farinha por excelência), quero dizer farinha de pau, tirada da euforbiácea (*manihot utilissima*) não a *Jatropha manihot* (mandioca negra venenosa). As colônias francesas chama-na *cassave*, daí a nossa *cassava* ou *cassada*. Não desprezei a preparação desta farinha já que isto vem sendo feito há um século por todos os viajantes.

12 — No "Esboço Histórico das Estradas de Ferro do Brasil", (por C. B. Ottoni, Rio, Villeneuve, 1866) vê-se que o contrato foi lavrado a 27 de Abril de 1852; os trens começaram a correr em toda a linha em Dezembro de 1854; os Regulamentos e Regimentos para a Companhia foram expedidos em 23 de Dezembro de 1855. O custo total foi de 1.743:164\$121 rs. (£ 174.300), ou 106:683\$000 por quilômetro (£ 10.668).

trada de rodagem e não numa estrada de ferro, e a profecia ainda está para ser cumprida.

A máquina conduz-nos vagarosamente pela ligeira rampa de um vale, ou melhor, um barranco, contornando os mais baixos contrafortes. Chegamos depois a uma planície, trecho dos Pântanos Pontinos, verdadeira terra de crocodilos, só de lama e mangue, miasmas e mosquitos, úmida mesmo durante a estação mais quente, e em alguns pontos, esteril e arenosa. Em torno da única estação — Inhomirim — a terra eriça-se de Piri-piri (13) ou papyrus brasileiro, alto e em moitas, como os anaps da Sicília ou como o produto da laguna de Whydalt, no Dahomey. É uma prova de que o solo é salgado. Esta planta ainda não foi aproveitada, porém, para a fabricação do papel.

Os morros circunvizinhos são todos verde sombrio, com uma fraca vegetação de capoeira, que só serve para fazer cercas. A nossa esquerda passa a Estrada da Estrela, e os únicos sinais da proximidade do colonizador ou desbravador são, aqui e acolá, algumas palmeiras e plantações ou uma murta alta e enegrecida pela atmosfera carregada, e adornada com os farrapos do musgo cinza da *Tillandsia*. À medida que nos aproximamos da Serra do Mar, começam a aparecer ricos campos e pastagens para o gado, — tudo resultado do esforço dos dois últimos anos, reali-

13 — O piri-piri parece papyrus em geral, mas a semelhança é superficial. Piri- é o canico comum, piri-piri a espécie maior. O tupi apraz-se com onomatopéias ou repetições no género de "ding-dong", "cag-mag" etc. Como em muitas outras línguas bárbaras exprime o aumento ou a magnitude pelo aumento ou reduplicação. Assim, muré é flauta; muré-muré flauta grande. Ara é papagaio; ara-ara, com a contração arara, papagaio grande. Como observa o Sr. Goeting este sistema é utilizado nas línguas antigas. Ele cita purpurcos e porphura, que são duplicações de pur, e nossas modernas expressões pa-pa e bon-bon.

zado apesar das mortíferas febres palustres. Após 11 milhas, ou mais precisamente 16,5 kms., atingimos a Raiz da Serra. Nós estrangeiros, ficamos aqui estarrecidos deante do colossal anfiteatro dos "Gates Orientais" que nos defrontam, cobertos até o cume por ásperas florestas, com contrafortes despenhando-se arrojadamente de seu massiço principal e com declives de granito nú, qual montanhas russas para recreio de titans. E' um mistério como iremos escalar este obstáculo. O nosso guia e compatriota, o infatigável George F. Land, indica-nos uma pequena fenda à direita, trilha de um escoadouro superficial das enxurradas, que alimentam o riacho Inhomirim (14). E' a chave do arco invertido gigantesco sobre o qual a admirável estrada construída pelo governo dificilmente se arroja.

Começa agora o 3.º ato, a joia da peça. Nossa carruagem, bem carregada, é tirada por quatro bestas, já que os cavalos puro sangue não suportariam este trabalho. Subimos bendizendo os que projetaram esta macia estrada macadamizada, com valas e parapeitos (15). E' um Simplon com prodigiosos lances. A rampa é de 1:16. Há pontos em que um homem pôde falar com um amigo que esteja no terceiro zig-zag acima ou abaixo dele. Se alguém quizer ir

14 — Pizarro diz ser Inhomirim um corruptela de Anhumirim, "o pequeno campo". Mawe, mau linguista, deturpa-o em "Moromirim". O rio é também chamado, desde o porto junto à foz, "Rio da Estrela". Os barcos, nos primeiros tempos, subiam no em direção à montanha. O percurso em zig-zag no vale pôde ser considerado como suas cabeceiras. Alguns chamam-no "Rio Fragnoso"; mas "Fragnoso" é o nome de uma propriedade em suas margens, ainda conservado na pequena estação a dois quilômetros da Raiz da Serra.

15 — Os viajantes, de 1808 a 1815, fazem referência à larga "calçada" da Estrela. Trata-se, sem dúvida, de uma muito rude precursora da atual edição.

a pé pela antiga picada de burros, chegará ao cume da montanha antes da carruagem, ainda que esta vá a galope por quasi toda a nova estrada. Subimos sob gigantes da floresta virgem, altos e esbeltos como a raça dos homens desta região, todos lutando com feroz energia, como vítimas de um cárcere escuro, pela vida que é o sol e o ar, obedecendo ao "extranho lema *Excelsior*" (não *Excelsius*). Cada um destes gigantes, quando velho, transforma-se num verdadeiro jardim botânico, (vivo e não um herbário) de plantas epífitas e parasitas. Corremos ao longo de cortes perpendiculares de barro duro e vermelho sobre gnais azul, e cobertos de vegetação delicada (os alemães aqui resmungam, porque são as ervas, e não a grama, que crescem por toda a parte); — sob úmidos e pendentes rochedos, e antigas habitações trogloditas, cujas aquosas proximidades têm cortinas e franjas de encantadora flora suspensa^a fetos que semelham fitas, avencas, de folhas semelhantes a penas, contrastando com um feto magro, de cinco pés de altura (16). Por toda a parte os regatos e os poços, o tinir e o murmúrio das aguas deliciam-nos musicalmente. Este aspéto de abundância é generalizado na Serra do Mar, sempre pronta a saciar a sede do viajante. Vamos sempre subindo, libertando-nos pouco a pouco de uma pressão atmosférica demasiada, sentindo o ar mais fino e mais ténue e o espirito cada vez mais esclarecido. A estrada branca brilha ao sol

16 — Uma planta vulgar do Brasil, aqui chamada Samambaiá (*Mertensia dichotoma* ou *Pteris caudata*). Não sei porque Saint-Hilaire (III — 1, 13) escreve Camambaiá: não é esta, certamente, a orthografia atual. Caldeleugh ("Travels in South Amer. ca.", 1819-21 London, Murray, 1825) confunde este feto com a Umbahuba ou Umbabá (*Cecropia peltata*, v. cap. XXXIX), "a árvore de que as preguiças tanto gostam". Gardner (pg. 478) não comete este erro.

como se fosse empoada de prata e os fragmentos de cristais de quartzo parecem diamantes aos olhos dos filhos do Norte. A cada volta, surge uma magnífica vista das terras baixas. Felizmente para nós, na mais chuvosa das regiões (17), encontramos uma tarde esplêndida. Geralmente, pela manhã, vapores grossos e brancos se estendem como as águas de um lago ou sobem como grinaldas de fumaça nos lugares em que a folhagem não oferece obstáculo. À tarde, uma neblina das montanhas frias, densa como a fumaça de um cozido, apega-se aos penhascos, espalha-se pelas poderosas vertentes, ferve nas ásperas fendas e vales, dispara como corredores excitados pelo som surdo do vento, foge como um navio de vento em popa, ou turbilhona em torno dos sombrios cimos das montanhas. De novo, ao pôr do sol, quando a baía, ao sul, jaz em toda a sua glória, a Serra é muitas vezes batida por uma chuva aguda e impiedosa.

17 — Em região semelhante, na Província de S. Paulo, temos os seguintes dados sobre as chuvas, de Janeiro a Dezembro de 1867:

Meses	Santos)		Alto da Serra		São Paulo	
	(Nivel do mar)		(Cadeia marítima)		(a 35 milhas diretas do mar)	
Janeiro	11,18	pol.	11,8	pol.	2,21	pol.
Fevereiro	8,22	"	12,6	pol.	2,96	pol.
Março	10,39	"	15,8	pol.	3,46	pol.
Abril	3,04	"	9,5	pol.	1,17	pol.
Mai	8,86	"	13,3	pol.	3,43	pol.
Junho	4,86	"	10,2	pol.	1,10	pol.
Julho	13,98	"	17,9	pol.	6,04	pol.
Agosto	4,57	"	11,2	pol.	2,00	pol.
Setembro	12,20	"	15,2	pol.	6,19	pol.
Outubro	6,88	"	11,8	pol.	2,67	pol.
Novembro	10,00	"	13,8	pol.	2,76	pol.
Dezembro	6,24	"	4,9	pol.	3,90	pol.
TOTAIS	100,41	"	147,4	pol.	35,49	pol.

O mais nobre panorama é o Alto da Serra, o cume da passagem, a uns dois mil e novecentos pés acima do nível do mar, (18) especialmente quando uma bâtega recente lavou a atmosphera de argueiros, espóros e corpúsculos. Aqui o viajante para, dominado pela glória do espetáculo. O panorama é emoldurado num quadro monstruoso cujos limites são: à direita ou oeste um cone gigantesco de granito crú; à esquerda, a encosta da montanha coberta de floresta densa terminando por uma dessas curiosas protuberâncias de rocha núa (19), gnais, pórfiro ou pedra verde, muito comum na Serra do Mar. Entre elles, vista quasi a "vol d'oiseau", está a Baía do Rio de Janeiro, reduzida a minúsculas proporções; aprecia-se melhor a sua forma nesta representação à distância, que é um estudo para o perspectivista. O primeiro plano é a dentada e golpeada escarpa montanhosa em cujo cimo nos encontramos, com vales e barrancos profundos de centenas de pés e densamente arborizados, como saído do dilúvio. Cae a prumo e abruptamente no segundo plano ou morros costeiros à Beiramar (20) — planície costeira, marchetada de tratos de campo e de mangues e enfeitada de morros

18 — Não vorifiquei esta altura. Saint-Hilaire (II, 11), assigna para a passagem da Serra, que elle subiu, uma altitude de 1.000,55 metros — 3.007 pés, e dá a Petrópolis 732,80 metros — 2.405 pés acima do nível do mar. Como disse acima, o Capitão Bulhões dá menor altitude á passagem e maior a Petrópolis.

19 — E' o "Cabeça de Frade" a que já alludimos. Através do Brasil é o nome popular destes rochedos nús, e sem dúvida data dos dias em que os tonsurados descalços eram gigantes na terra. HA tambem vários "rios do Frade", em que os franciscanos e outros missionários foram afogados.

20 — Tambem chamados "Serra Baixa", em opposição a Serra Acima, "Planaltos do Brasil". A palavra "Beira-Mar" corresponde á italiana *Marcarano*, as planícies ao longo do *Mediterrâneo*, de *Lione* e *Amalfi*.

qual montículos em forma de túmulos. A estrada de ferro, saindo da estação negra e vermelha estende as suas linhas retas e angulosas sobre a superfície e atinge o limite da Baía. Talvez se veja o trem, com a sua grande pluma de fumaça, correndo e disparando pela sua estrada. Não deixa de ser pitoresco a esta distância o destruidor final de feudalismo moribundo. O terceiro plano é a superfície prateada do plácido mar interior, interrompido pela sombria extensão da ilha do Governador em frente à brilhante Paquetá, ambas como centros de formações menores de satélites. Por traz dessa bacia a massa branca da cidade, junto às ondas, com as embarcações salpicando a linha da costa. Acima dela, começando com uma pequena volta à esquerda para o sombrio Atlântico, estão os perfis famosos dos magestosos blócos, o "Pão de Açúcar", curvando-se do "Morro da Cruz"; o fantástico "Corcovado", como um bico de papagaio, o cubo da "Gávea", mesmo à distância belo e estranho e a cúpula cheia de torrões da pedra da "Babilônia", em quanto o "Pico da Tijuca", aparentemente duplo e bífido, ressalta desanuveado, azul escuro sobre um fundo azul celeste. A direita há ainda um quinto plano, belo e misterioso, em que planaltos enfumaçados, confundem-se com as camadas inferiores do firmamento.

Isto é belo — um prazer e um encantamento! Mas nem por isso provoca o fastio, e as necessidades materiais, o apetite, por exemplo, tornam-se impertinentes. Um vento frio sopra pela passagem e o termômetro caiu de 72° (Far) para 62°, coisa que nos trópicos provoca calafrios. Passamos rápido pela Barreira da Serra, lugar impróprio para cobrança da peagem, clamando em altas vozes por uma ordem "de

essendo quietum de Thelonio”, e pela estação de Vila Tereza; em seguida pelo quarteirão do sul de Petrópolis, o “Neberplatz” dos colonos alemães (a cidade ao norte chama-se o “Baixo Palatinado”). Deixamos o vale de Maurin à direita; e descendo rapidamente, encontramos, depois de uma última etapa de 10 milhas, oito milhas até o cume da serra (a antiga estrada era de tres) e duas até o hotel, confortavelmente instalados no “Hotel Inglês” dirigido pelo Sr. e Sra. Morrit.

Cái o pano sobre uma ceua aprazível, composta principalmente de uma sala de jantar e de um quarto de dormir.

CAPÍTULO II

EM PETRÓPOLIS

"Aqui pelo contrário por Natura
Por braços da primeira arquitetura,
Volumes colossais, corpos enormes,
Cilindros de granito desconformes,
Massas, que não orgueram nunca humanos
Mil braços a gastar, gastar mil anos".
Assunção — Fr. Francisco de S. Carlos.

Dediquei algumas páginas a esta excursão londrina, edição brasileira da viagem de Londres a Richmond. O meu objetivo foi em parte, demonstrar aos milhares de conhecedores deste caminho, a exatidão de minhas descrições. Os livros de viagem, como se pôde observar, exigem, no que toca aos aspéctos permanentes, a opinião de peritos, i. é, dos que vivem, ou viveram em meio do que se descreve. Há um trabalho muito conhecido e muito lido na Inglaterra, mas que se chama no Egito — "Romance do Nilo": apesar de muitas edições, está condenado à morte.

Além disso, como demos a entender no último capítulo, os excursionistas de férias e outros turistas, não desprezarão por muito tempo o "Império do Cruzeiro do Sul". As belezas de ontem e as de amanhã, podem ser alcançadas em tres semanas de viagem tranquila e variada, partindo de Lisboa. E quem percorre a distância do Rio a Juiz de Fôra fica conhecendo a natureza da África equatorial e das planícies do Hindus-

tão. Um dia o público desaprenderá o fato da epidemia da febre amarela no Brasil (1) e aprenderá a verdade: que o seu clima, tendo-se em vista que é tipicamente tropical, é um dos mais saudáveis do mundo.

A mesma razão que me levou a narrar cuidadosamente a excursão da capital a Petrópolis, dispensa-me de fazer a descrição desta última. Comtudo, nesta hora de extrema gravidade, em que a Estrada de Ferro D. Pedro II ameaça aniquilar as diligências, subtraíndolhes os passageiros, e fechar a estrada de Mauá, tirando-lhe o sal e o café; e em que o próprio Mr. Morrit, que em 1841 guiou a última malaposta para Manchester, fala em fechar seu hotel e deixar o trabalho iniciado em 1853, devo dedicar algumas linhas em louvor de Petrópolis. (2)

Não será fácil encontrar, a cinco horas do Rio, um lugar de gosto Europeu, onde se possa fazer exercício à vontade, e ter o luxo de repousar sem suor. Nenhum lugar é tão conveniente para o Colégio Pedro Segundo que está agora no coração da cidade. A zona que se estende para oeste, de valor incalculável, é um

1) — E' em parte por culpa do autores brasileiros que esta má informação tornou-se crônica na Europa. Assim no "Compêndio Elementar" do Sr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil (4.ª ed. Rio Laemmert, 1864, pg. 472), lê-se que o clima do Rio de Janeiro "é pouco salubre, principalmente depois da invasão da febre amarela que ali ficou endêmica". O pequeno volume publicado pela "Religious Tract Society" em 1860 foi também apressado dizendo que a febre amarela no Brasil é um hóspede permanente. A moléstia surgiu entre 1850' e 1861 na costa, sem atingir a zona do planalto, e em seguida desapareceu repentinamente como apparecera. E' lamentável encontrar estas declarações em livros populares destinados a "difundir a instrução", e pensar na sorte do pobre estudante que para conhecer realmente alguma coisa é obrigado a passar pelo triplo processo: aprender, desaprender e reaprender.

2) — Assim é que em 1867, ainda que a estrada tivesse pago o alto dividendo de cerca de 13 1/3 %, o valor do capital não subiu acima da cotação de 46 2/3 % de desconto. (Relatório anual do Sr. Henry Nathan).

verdadeiro sanatório. Petrópolis foi poupada pela febre amarela de 1849 a 61, (3) e pelo cholera de 1856. Tem abundância de fontes minerais, especialmente de águas férreas; ora, no Município da Côrte, a Columbia do Brasil, muita gente, de ambos os sexos, sofre de desarranjos gástricos e precisa dos elementos Bismarkianos: sangue e ferro. Certamente Sua Magestade Imperial não abandonará este St. Cloud, esta cidade por ele próprio creada, transformada por ele, da miseravel aldeia do Córrego Sêco, numa côrte e vila campestre.

Petrópolis, ou melhor "Cidade de S. Pedro de Alcântara" — pôde-se dizer que data de 1844. E' uma criança, mas já tem idade para manter uma câmara municipal, vereadores, autoridades policiaes, e outros elementos de governo ou desgoverno. Este delirio de administração local, que é um aspéto da funciomania, é comum ao Brasil e aos Estados Unidos. O Sr. Bayard Taylor considera-o um "costume vulgar de pura exhibição". Creio que em toda a parte os rapazes suspiram por deixar as blusas infantis e poucos homens desprezam um bom ordenado. Percorra-se Petrópolis em dia claro e ardente e ver-se-á que prazer para os olhos. Pelas suas principais artérias, a "Rua do Imperador" e "Rua da Imperatriz", corre borbulhando sobre fundo de areia castanho-claro o rio Piabanha, (4) com seus afluentes, mais claros que os de Salt Lake

3) — Baseio-me num breve relatório sobre a febre amarela pelo Dr. Croker Parnell. Rio, 1850. A febre amarela, no Brasil, parece que não atinge os lugares elevados. A cidade de S. Paulo (tambem a 2.000 ou 2.400 pés acima do nível do mar) escapou da peste. Na Venezuela, segundo me informam, a zona da febre atinge ao dobro desta altitude.

4) — Sou nome deriva de um peixinho de água doce. Walsh chamou-o "Piabunda". Tive o cuidado de pesquisar os significados das palavras indigenas, que no futuro se esquecerão por todo o Brasil.

City, enquadrados por alegres gramados e atravessados por várias pontes pretas e vermelhas. Em breve estarão ensombrados com macias stapélias, o cedro peniforme brasileiro (5) e com o belo barrigudo, o bombax semelhante a bilro. Na terra em que estamos agora nasce não só pinheiro como a palmeira, combinação mais poética e pitoresca do que a da laranjeira com a murta, que aliás também se encontram aqui. Casas isoladas, vilas e quiosques, chalets e casas de campo, espriam-se, formando graciosos traçados e dando à planta da cidade um aspéto semelhante a um gigantesco carangueijo cujo centro fica onde começa propriamente o Piabanha. Há bastante gosto na combinação dos tons, com exceção sempre das pilastras brancas sobre o fundo castanho. Muitos telhados são pintados do vermelho que os ingleses chamam "sangue de porco". Mas a côr, como os olhos de cobra, aviva a escura indiferença da floresta envolvente. Na estação das flores os jardins se tornam maravilhosos. Há passeios campestres em todas as direções e pôde-se ficar isolado a cinco minutos de casa. Um oficial de marinha queixou-se de Petrópolis porque teve sempre de andar olhando para cima. Poderia facilmente encontrar lugares de onde olhar para baixo, contemplando magníficos aspétos e perspectivas de fundo verde-azul. Nem é tão difícil escalar escarpas e picos de montanhas, de formas tão diversas; aqui, cobertas de florestas virgens vistas de perfil de uma clareira; ali profundas e sombrias, entrelaçadas, encordoadas, obstruídas e enguirlandadas com lianas e cheias de tufos de maravilhosas orquídeas e plantas de ar, co-

5) — *Cedrella Odorata*, perfumada madeira. Os superstitiosos no Brasil podem cortar esta árvore, mas não a queimar, porque forneceu a madeira da "Vera Cruz". O bordo, na Inglaterra, teve, em tempos, a mesma fama.

bertas de gigantescos musgos das mais bizarras formas (6) e ricas em todas as formas vegetais, desde a orquídea até o cardamônio, do simples bambú e da palmeira à complicada mimosa, da delicada folhinha da murta às monstruosas acácias, às belas e erectas cecrópias ou árvores-candelabros.

Nem a população de Petrópolis é menos agradável que o cenário. Não estamos na "Helvécia Meridional", mas numa *Emis tropical*, em que os vales são thals, os regatos são bachs, e os montes são gebirge; em que crianças de alvas cabelteiras nos saudam e mulheres de fisionomia aberta nos sorriem; em que o sotaque da pátria de origem nos chega aos ouvidos com agradáveis lembranças. Comparados com o tom formalizado, para não dizer afetado e às vezes melancólico da raça luso-latina, estes exemplares da colmeia do norte nos parecem em condições eugênicas extremamente propícias. Realmente, o meu amigo Sr. Theodoro de Bunsen me dá razão, afirmando que, em regra, os alemães nascidos no Brasil, são superiores aos Teutões europeus.

6) — Chamado no Brasil "Barba de Pau". O povo desconhece aqui o emprego dessa opífita com a qual se fazem magníficas silhas, sobre-silhas, e barrigulhas que precisam de força e elasticidade. Por outro lado suas qualidades adstringentes são bem conhecidas. Depois de uma cavalgada esfaufante ou de uma queda de cavalo, penha-se o paciente em um banho quente em que se tenha fervido o musgo, e ele sentirá logo os efeitos deste tratamento, por assim dizer, "de costume".

CAPÍTULO III

DE PETRÓPOLIS A JUIZ DE FÓRA

"Em meio de um vale dos mais acidentados do globo, — verdadeiro vale alpino, — uma estrada magnífica, com declives suaves e regulares, como poucas existem mesmo na Europa — trabalho gigantesco pelas imensas obras darte que exigiu, e que honra o Brasil — liga Petrópolis, ou melhor o Rio de Janeiro, a Juiz de Fora". M. LIMA.

Nos sombrios tempos de outróra, quando eram temíveis as dificuldades das viagens no Brasil, gastavam-se tres a quatro dias a cavallo de Petrópolis a Juiz de Fóra. A distância é de 91 1/4 milhas, ou melhor, 146,8 kms. vence-la-emos em nove horas sem contar as paradas. O trajeto pode ser dividido em tres partes: quarenta milhas de descida, vinte e uma de nivel, pelo vale do rio, e trinta de subida.

Eramos seis no carro de excursão: o Major Newdigate e um irmão, do Canadá, ambos de péssimo humor, um personagem que chamarei Sr. L'pool e o nosso hospedeiro Sr. Morrit. Nunca vi homem de tão bom humor como este último. Era digna de admiração a paciência inalteravel com que resistia ao bombardeio mortífero de perguntas, de quatro pessoas, armadas de cadernos de notas e todas interrogando simultaneamente o que lhes interessava. Passamos a chama-lo "Anjo Morrit".

As 6 horas da manhã de Sábado, 15 de Junho de 1867, a diligência, carregada até o tópo, com dezete passageiros e vinte oito fardos, pesando tres toneladas, partiu do Hotel Inglês e me trouxe à mente muitas reminiscências de viagens. A carruagem era inglesa, mas estava atrelada "à la brésilienne". No frontespício, em vez das armas reais, estava um nome: "Celeridade". Alguns campônios, escravos, de ambos os sexos, usavam blusas Garibaldinas, como sinal de que estavam à venda. O guarda envergava um brilhante chapéu, à moda japonesa. O cocheiro era um jovem e forte alemão e eram tirados por quatro pequenas e fogosas burros. São de se ver os seus saltos, covas, a fúria e o frenesi com que arremessam os arreios, quando o estribeiro os prende, especialmente no frio das manhãs de Petrópolis. Nenhum passageiro poderá então cantar o velho rifão inglês:

"Duras estradas, e cavalos fracos
Cocheiro bebedo e guarda adormecido. (1)

Deslizamos em nosso "char à banc" através da cidade de D. Pedro pelo vale do Piábanha, seguindo a estrada chamada "União e Indústria". A antiga estrada real para Minas Gerais, descrita pelos viajantes e que figura em nossos mapas, fica muito abaixo, à direita. Está assinalada por grandes casas desertas e por cercas de pita, (2) planta em forma de alca-

1 — "Heavy roads, and horses weak,
Coachman drunk, and guard asleep".

2 — *Agave americana* ou *fetida*, também chamada *yca* ou planta balonera, pelas suas folhas retas e rígidas. A sua fibra é famosa. Da haste de sua flor, de trinta pés de altura fazem-se os melhores amoladores de navalha e rochas para os colecionadores de insectos. É esta haste que se chama propriamente pita, nome que o vulgo applicou a toda a planta. (N. A.)
A espécie brasileira é a *Fourcroya gigantea* (Vent.) - (N. T.).

chofra e com uma curiosa flor, que surge no fim de uma longa e trabalhosa existência. Já em 1840 Gardner percorrera dez léguas de uma estrada de suaves declives que devia ligar a capital de Minas à do Império e a Assembléia Provincial em Ouro Preto, abria um crédito de mais de 40.000 libras que seria coberto com o pagamento dos direitos de peagem. A nova estrada cujo acabamento é admiravel, foi aberta pelo Superintendente, Cap. José Maria de Oliveira Bulhões, do Corpo de Imperiais Engenheiros, por seus assistentes Srs. Flagecollot e Vigouroux e os auxiliares Keller, pai e filho (3). Vi sem surpresa, na floresta virgem, compressores franceses de estrada, e o emprego de processos civilizados que ainda não haviam chegado a Londres em Maio de 1865, quando o trabalho pesado era ainda feito ali a pata de cavalo e com as mais dispendiosas carroças de "Long Acre". (4).

Os animais foram substituídos na Fazenda do Padre Corrêa, situada numa grota, cercada de morros baixos. A ela se referem com gratidão muitos viajantes. (5) O bom do padre-fazendeiro, tão famoso

3 — A idéia surgiu de um projeto de estrada de ferro feito, por ordem do Barão de Mauá, por um engenheiro inglês, Mr. Edward Brainerd Webb. A estrada foi projetada em 1857, sob a direção do Sr. Mariano Procópio Ferreira Lage. Quando ali passamos, o engenheiro residente era o Sr. Audemar. O Prof. Agassiz (Viagem no Brasil, pag. 63) fala em "engenheiros franceses", e omite o nome do Capitão Bulhões que apparece em todas as inscrições. Assim é que no Brasil, frequentemente, os estrangeiros alegam e procuram arrebatar as honras devidas aos nacionaes.

4 — Em Abril de 1868 foram experimentadas, com pleno éxito, locomotivas de estradas de rodagem. Os ônibus a vapor para tráfego de passageiros e as máquinas para transportes de carga substituirão os burros.

5 — John Mawo (1809) fala do Padre Correo, seus negros, suas forjas e sua hospitalidade. Luckcock (1817) descreve o Padre Correo, seu solar e sua ambição. St. Hilaire (1819), Caldwell (1821) e Gardner (1841), não o esqueceram e o Rev. Walsh (1829) encontrou parto da Família Imperial na fazenda.

pelos seus pêssegos, morreu há muito tempo, e a casa que recebeu outróra a realeza, serve hoje de abrigo para os animais da companhia. O aspéto da estrada torna-se agora variado. Há tropas de burros, divididas geralmente em grupos de sete ou mais animais; cada lote com seu tocador ou condutor. Esses navios do deserto luxuriante da América do Sul, vêm carregados de sal e quinquilharias, que constituem a principal importação, e trazem do interior café e algodão, bruto ou beneficiado. Estes animais são o nosso martírio. Param em frente do carro, viram-se de costas, escoiceam furiosamente, aglomeram-se e precipitam-se no meio da estrada como se estivessem decididos a impedir-nos a passagem. O cachorro brabo (6), é aqui uma instituição; surge em todas as curvas. Os carros de quatro rodas são visivelmente alemães e muito diferentes dos "plaustra" brasileiros, descendentes directos e inalterados, do antepassado Romano, através de Portugal.

Os porcos se encontram em varas. Em geral, no Império são gordos e bem alimentados, especialmente o porco de pernas curtas e de corpo em forma de barril, chamado "porco canastra". (7) Algumas cabras, de pelo dourado escuro e longas barbas negras lembram-me a África. Os carneiros estão muito longe dos de Merinos; magros, sujos e chifrudos, just

6 — "Bravo", selvagem e, ás vezes, venenoso (aplicado a frutas e plantas), pronuncia-se geralmente "brabo". Daí a nossa palavra mullada' braba, ou tâmara selvagom. E' um requilço do galego que pronuncia *blnho berde* em vez do *vinho verde*. Assim entre nós "high hills" se torna "igh 'ills". A oxessitico data de muito tempo como se vê em Scalliger:

"Haud ternere antiquas mutat Vasconia voces
Cui nihil est aliud "vivere" quam "bibere".

7 — Porco canastra, termo derivado de "tató canastra", que tem essa forma. Difere do verdadeiro *tató* (o *tató negro* de Azara. Ensalas, Tomo 3, 176) e do *tató-peba* ou *tató-chata*

ficam o preconceito popular contra o carneiro (8). O gado vaccum é um espetáculo doloroso, todo ferido e devorado pelos vermes brancos da mosca Tze-tzê local. (9) Dia virá em que a bela carne de S. Paulo e Paraná suplantará, no Rio de Janeiro, a que lhe é escassamente fornecida pelos açougues monopolizados: carne excessivamente viajada, mal nutrida e devorada de vermes.

Encontramos nas estações as variedades usuais de galináceos. Há poucas galinhas d'Angola, algumas albinas de grande alvura. Não são muito comidas; não porque sejam imprestáveis, mas por serem úteis como devoradoras de formigas. Os pombos são inúmeros. Aqui, como na Rússia, são "mascotes". Os gansos são aqui considerados animais decorativos e são tão protegidos pelos brasileiros, como pelos antigos bretões, pela convicção de que a alimentação destes ani-

8 — "O carneiro tinha e ainda tem, diz Luckcock (pg. 44) pouca procura entre a gente do Brasil. Alguns alegam, talvez por gracejo, que não é um alimento próprio para cristãos, visto como foi um carneiro que tirou os pecados do mundo". St. Hilaire (III, l. 44, 225) tem dúvidas sobre a asserção e diz que o carneiro é um alimento pobre nas zonas quentes do Brasil. Walsh (II, 54) confirma a existência do preconceito popular contra o carneiro que, lembramos, também existe em Nápoles. O fato é também registrado por Mawo (I, Cap. 5 e especialmente cap. 7). No meu segundo volume provarei que no menos nuna região do Brasil, o carneiro é preferido à carne de vaca, e tido como alimentação natural do homem, e também que a carne é excelente não só nos campos do planalto, tão próprios para a produção da lã, como nas quentes margens do Rio São Francisco. Em regra, porém, os preconceitos em matéria de alimentação são extraordinariamente fortes, e a culinária muito atrasada.

9 — E' chamada "berno". Esta palavra é geralmente explicada como uma corruptela de "verme". Mas eu creio que é de origem guaraní. O verme é mencionado por Azara, segundo o qual ele perfura a pele. O príncipe Max (I, 29), põe lato em dúvida, e com razão. Contam-se muitos casos de negros que perderam a vida em consequência de bernes no nariz ou em outras partes do corpo. Si o verme é expellido e morto sem ser extraído, naturalmente pôde produzir as mais sérias consequências. O tratamento comum é pela pomada mercurial.

mais compõe-se principalmente de cobras. A não serem engordados, são sécos e insípidos como os perús, talvez as piores aves do Império. As melhores são os patos, especialmente os tenros "Moscóvios" ou "Manilas" (*Anas Moschata*, "Canard de Barbarie", nativo no Brasil). Há uma outra variedade, do tamanho quasi de um ganso, muitas vezes semi-selvagem, que voa longe e torna a voltar. De boas galinhas há aqui as espécies comuns: a "Cochinchina", à moda de Nova York, que aqui não é de primeira ordem como carne; a "Pampa" ou malhada, pintada graciosamente de preto sobre fundo branco; a "Nanica", espécie de Bantam, muito viva; a galinha "napeva", de pernas curtas e gorda (10); a "sura", variedade sem rabo, que nada tem que ver com o Sr. de Sora; a "Topetuda" ou "cocojutada"; a "polaca", assim chamada pelo enfeite de cabeça; a "Arrepiada" ou galinha crespa dos Estados Unidos, usada para superstições africanas. Estas últimas quando têm penas até os pés (cinboabas ou sapateiras) são excelentes poedeiras. Um pássaro alto e magro com um estranho som e longo canto, que os vizjantes transformaram em galo músico e que alguns supersticiosos acreditam ser um descendente do animal que avisou S. Pedro, espanta o ouvido do estrangeiro. (11) Há também galináceos de ossos escuros que

10 — Este pássaro difficilmente voa, e engorda rapidamente. Encontrei exemplares desta espécie em Unyamwezi e tentei trazê-los para casa em galolas, mas morreram em caminho.

11 — O povo diz que este som é produzido pelo "koge", doença que não é a poivido, mas um espessamento das membranas da garganta. John Mawo conta que no seu tempo, este pássaro, quando tinha boa voz, alcançava muito valor. O som sempre me pareceu produzido pelo "croupe".

o povo vende barato, considerando-os semi-abutres (como os negros da Somália a todos os voadores).

Notamos especialmente os galináceos hermafroditas, galinhas com esporas, e olhar arrogante do galo. Uma das mais interessantes e das mais feias é a galinha mestiça, ou da Índia, ave descarnada e depenada, de pernas amarelas e penas verde garrafa terminando em vermelho; o pescoço vermelho e o peito não têm penas por natureza, mas dão a impressão de que foram raspadas. Um exemplar deste pássaro fica no galinheiro, como o marrão nos estabulos da Pérsia, para assegurar a saúde, atraindo sobre si todas as doenças. Saibam os maniacos de criação de galinhas que no Brasil, os capões, animais neutros, são notáveis amas secas e cuidam dos pintos com carinhos maternos. O famoso grou, o agami ou ogami, do vale da Amazônia, é em geral tratado juntamente com as galinhas, mas tem para com estas a mesma relação que o cão do pastor para com os carneiros. Chama-se aqui "Juiz de Paz" e leva sua missão a ponto de se tornar um "Quaker" de penas, mas a despeito de seus olhares delicados e de seus bons modos, é um dos mais turbulentos e brigões da família.

Deixo para um próximo livro minhas observações sobre a aclimação dos magníficos galináceos do Brasil. O Europa não tomou à América senão uma ave. Ainda restam a curassoa (*Hocco* ou *mutum*, *crax alector*); as várias espécies de Jacú (*Penélope*), caça de sabor mais agradável que o nosso faisão; o Nambú ou Inambú (*Tinamus*); a Capocira (*Perdix guianensis* ou *dentata*) e muitos outros.

Muitas choças à beira da estrada parecem deshabitadas, mal tal não se dá. Os habitantes estão no mato

tirando-cipó (12) que é como se chama na gíria local a fuga para o mato durante o dia afim de escapar ao recrutamento (13). A terceira etapa, de Pedro do Rio a Posse (14) torna-se interessante. Pelo vale que se alarga corre o Piabanha já agora um rio respeitavel, e não mais um bulhento riacho de montanha. Os gigantescos flancos dos rochedos de granito coroados de florestas, lisos e em suaves déclives, salvo quando se abre uma concavidade, logo entufada de Tilândsias e Bromélias, que parecem capazes de crescer nuna mesa de chá, elevam-se claros no ar azul-rosa da manhã. O clima é notavelmente superior ao de Petrópolis. Ali a brisa quente e úmida do mar, condensada pelos cimos das montanhas, desaba sobre a serra e inunda a colônia. Aqui há um glorioso verão, o inverno fica a algumas milhas ao sul. Começa a aparecer o café, mas de triste aparência, enfezado e doentio; o sólo é mediocre, e os pés são plantados muito próximo uns dos outros. Uma plantação menos densa faria com que a produção fosse bem superior. Além disso há falta de braços para a lavoura, o sólo raramente é beneficiado, (15) e à superfície vê-se um verdadeiro tapete de ervas.

Posse é um lugar de alguma importância, que re-

12 — (Em português no original) Cipó. Esta palavra, ás vezes escrita Sípó e erroneamente Cipó (a cedilha e o ti) não são necessários), significa em Tupi "raiz". Cipó im, por exemplo, é a salsaparilha. No Brasil equivale a trepadeira ou à nossa liana e alda ao termo anglo-negro "tie-tie". Dizem que o melhor para fazer cordas é o cipó-cururú; mas estas trepadeiras estão naturalmente mal estudadas.

13 — Lembrarei aos leitores que durante a Guerra da Crimeia, quando se falava em recrutamento, dizem que a população de algumas fábricas do Dorbyshire, sumia-se pelas minas e passava a viver uma existência de "Robin Hood" debaixo da terra.

14 — "Guarda da Posse". É o antigo nome dos postos militares.

15 — Os melhoramentos feitos pelos occupantes chamam-se benefictorias.

cebe a produção dos distritos em torno de Porto Novo do Cunha para o leste. Depois de Luiz Gomes, a sexta estação, a terra nada mais precisa senão que as sementeiras sejam alternadas. Um tratamento pelo algodão sanaria todos os seus males presentes. A margem da estrada, sob o úmido capim das margens do Rio, o Prof. Agassiz encontrou morainas de depósito (16) em próximo contato com o sólo de rocha cristalina, e observou que onde elas são mais espessas o café floresce melhor. Segundo este Professor os "drifts" determinam a fertilidade do sólo em virtude da grande variedade de elementos quínicos que contêm, e da compressão exercida pelo imenso arado de gelo. Quer-se aplicar também ao Brasil, a teoria glacial. O estudioso, porém, fica atônito para explicar a ausência dos sulcos e estrias, que em outras terras demonstram a gravitação dos geleiros. Nem foi dada qualquer explicação satisfatória. O sol e a chuva dos trópicos dificilmente poderão produzir o que as geadas e as bruscas mudanças de clima das zonas temperadas não conseguiram explicar. (17)

O Piabanha corre agora entre os topos da mais negra floresta virgem; e o escuro carregado da vegetação

16 — O engenheiro Zózimo Barroso no folheto "Impressões do Professor Agassiz sobre o Brasil" (Londres, 1871, pg. 20 nota) traduz a expressão "drift" por "arrasto glacial". (N. T.).

17 — Meu excelente amigo Du Challu (2.^a Exp. Cap. 15) encontrou estes sinais, claramente visíveis, em rochas próximas do equador: "Já que estou falando em rochedos e em sinais de geleiros, devo referir que, atravessando a zona montanhosa de Obindji e Ashua, tive a atenção despertada por visíveis sinais de sulcos na superfície de vários blocos de granito que faziam dispersos pelos topos e encostas dos morros. Sei quanto parece absurdo supôr que os mesmos movimentos de gelo que modificaram a superfície da terra nas regiões septentrionais, pudessem ter tido lugar aqui sob o equador; mas penso que só me cabe relatar o que vi com meus próprios olhos". Este testemunho é tanto mais valioso quanto o autor parece não sentir toda a sua importância.

demonstra a riqueza do sólo contrastando com o cinzento amarelado ou o verde pálido das terras mais pobres. Nos córtes vê-se uma camada de barro vermelho (18), grandemente carregado de óxido de ferro proveniente da mica, e superposta a um gnais cinzento esbranquiçado.

As margens constituem uma linha dupla de vegetação nobre, a *vestimenta* (19) pela qual o fazendeiro brasileiro julga o sólo. Há pontos em que as ribanceiras estão de tal modo cobertas de troncos e de vegetação rasteira que o rio se torna invisível no seu leito. Os bosques de bambú (20) valeriam milhões se estivessem nas margens dos trens de excursão de Londres ou Paris. As hastes do bambú surgem em cones e colunas vivas que revestem as árvores, em densas moitas empenachadas, em serpentinadas, em arcos de formas fantásticas, em graciosas e onduladas curvas em que apraz repousar o olhar. Há uma imensa variedade de espécies, desde o Taquarussú, espinhoso, de folhas pinuladas e haste grossa, de cincoenta e sessenta pés de altura, à espessa Crissiúma, cortante como a cana de açúcar. Outras espécies curvam-se para a estrada como caniços de pesca. Tirso de trepadeiras envolvendo troncos mortos assemelham ciprestes. Chama-se aqui

18 — Barro de cor escura, como pó de tijolo.

19 — Em português no original (N. T.).

20 — Chamados no local "taquara" ou "taconra" e no dictionário "tacuara" (*Bambusa tagoara*, Mart.). Outro nome indígena é "taboca". A "taquarussú" tem às vezes quarenta pés de altura e é da grossura de um braço de homem. Seus ramos têm espinhos grossos e curtos e os Botucudos, como os Índus de Malabar, faziam com elas embarcações, o galho central servindo de fundo. Vi brasileiros que usavam pedaços dela como canil. Esta haste contém, quando torra, uma reserva de água doce, frequentemente útil aos viajantes. O revestimento de sílica tornava-a própria para pontas de flechas e contam-nos que os selvagens utilizavam-na para fazer navalhas.

"cipó matador" o que já vimos com o nome de "Escocês Estrangulador do Indígena" no Istmo de Panamá e de "Árvore Parricida" em Cuba. Frequentemente tão grosso como a sua vítima, este vampiro-vegetal às vezes ergue-se da laçada estrangulante, como um guia com a luz. (21) "Pássaros da mais brilhante plumagem rivalizam com as flores das florestas que habitam", especialmente o tucano, (*rhamphastus discolorus*), com um enorme bico preto, e papo alaranjado, da família exclusivamente americana. Do mais denso bosque ouve-se o seu grito: Tucano! Tucano! Mas não podemos mais transforma-lo num guiado, como o fizeram os viajantes de 1821. Ferozmente procurados, estas beldades são muito tímidas e empoleiram-se nos mais altos galhos das árvores. Durante dois anos procurei em vão obter um ninho destas aves afim de verificar se o colossal bico já está ou não dentro do ovo. São facilmente domesticáveis, tornam-se excelentes companheiros, e com as suas enormes bicancas, são cômicos como bôbos de corte.

Mas eis que o nosso velho amigo Piabanha foge para a direita e nós nos separamos para sempre. Vá ele desembocar no Paraíba do Sul (22) em Tres Bar-

21 — St. Hilaire (III, I, 30). Bates (I, 50) descreve bem esta parasita que chama "Sipó Matador".

22 — Paraíba, chamado "do Sul", para distinguir do rio que banha a provincia do mesmo nome ao norte. Geralmente se diz que significa o oposto de "cabo" (bom). Por isso Southey traduz, "o mau rio". (Para, rio e níba, mau). Outros fazem-no corruptela de "Piraíba" que seria "rio do mau peixe". Outros derivam-no de Pira o níba, "a doença dos peixes" ou escamosa — a lepra. O mau rio seria um excelente nome descritivo. E uma das correntes mais perigosas do Brasil. Muitos dos que trabalharam na estrada de ferro perderam nele a vida. Cabo à Provincia de São Paulo promover a dessecção do seu curso e de sua colonização pelos ingleses, em dias agora esquecidos. Supõe-se geralmente que em tupi, ou lingua geral, pará quer dizer rio e piraná, mar. Si há alguma diferença entre estas palavras, o inverso é mais aceitavel.

ras, — os tres rios irmãos que nos lembram “Nore, Suir e Barrow”. O Paraibuna, com o qual devemos travar conhecimento pertence ao trio. É’ o que fica mais ao norte. Correndo pelo vale liso, avistamos o Paraíba sem temer o seu registro, ou alfândega (23). Este lugar era terrivel para os estrangeiros que faziam contrabando de diamantes ou pó de ouro, e consta que por esse motivo muitos foram condenados à prisão perpétua ou ao exílio em Angola. O rio que vi tão pequeno perto de São Paulo, é aqui largo como o Tamisa em Battersea e tem um aspéto tão magestoso de rei do vale que de nada me serve o conhecimento que dele tinha anteriormente. As chamadas “obras d’arte” na engenharia, raramente são artisticas, mas a ponte sobre o Paraíba construída em Birmingham, de 320 toneladas de aço com uma balaustrada gradeada pintada de vermelho, montada pelo Sr. O’Kell, é um belo complemento do cenário; e sua vermelhidão faz sobressair a luxuriante vegetação verde escuro assim como o barrete do pescador convem às glaucas ondas. Esta bela ponte, e uma outra em Paraíba do Sul, que vale 800 contos, vão ser abandonadas, e já se fizeram tres outras para a Estrada de Ferro D. Pedro II. E assim que se desperdiça o dinheiro, um só rio tem tres pontes, enquanto que meia duzia de outros não têm uma só.

Às 11,30 da manhã, depois de quatro horas seguidas de viagem, alcançamos Entre Rios, (24) meio caminho da jornada. Um almoço, por sinal que ruim, nos esperava. Enquanto se servia o feijão (25) exa-

23 — Mais propriamente um posto em que, nos tempos antigos, se visavam os passaportes e se cobravam os direitos.

24 — O nome equivale ao nosso delta, no Donb da Índia e a Rineon, da América espanhola.

25 — Em português no original. (N. T.).

minei os alicerces de uma estação da estrada de ferro que encherá de vergonha as espeluncas que respondem por esse título na maioria das estradas de ferro anglo-brasileiras. Estas me lembram as reliquias da linha de Stephenson, de Liverpool a Manchester, que ainda restam por exemplo em Newton Bridge. Poucos meses depois de nossa visita, a estrada de ferro atingiu Entre Rios, cortando assim a bela estrada macadamizada. Mas pior ainda, a Estrada de Ferro D. Pedro II deverá acompanhar o curso do Rio Paraíba por umas trinta e oito milhas até Porto Novo do Cunha. Um ligeiro exame do mapa demonstra ao próprio principiante que a estrada deveria seguir diretamente em direção ao norte, buscando as cabeceiras do Rio S. Francisco. Mas, em toda parte, a construção de uma estrada é uma questão de política partidária. Mas não seria possível uma conciliação, fazendo a linha principal seguir para o norte e abrindo um ramal para leste?

Entre Rios (26) tem menor altitude. Fica a uns 610 pés acima do nível do mar. O ar é mau, quente e úmido, produzindo febres. A água é pior. Um hotel, será pois um matadouro para os hóspedes. Pelas circunvizinhanças o vale, até então luxuriante, está limpo e plantado de café. Precisa ser lavrado e receber o plantio de algodão. As chuvas torrenciais que sucedem às queimadas anuais varreram o humus carbonífero dos topos despídos dos morros redondos para os estreitos e úmidos vales, muito frios para a lavoura.

26 — Abaixo da Entre Rios e dazeis milhas acima de Porto Novo do Cunha, há cachoeiras em que as águas caem uns 120 pés numa extensão de duas milhas. Terminam elas no ponto em que o riacho Sapucaia desemboca na margem esquerda. Defronte fica uma ilhota que se eleva uns cinco pés acima das águas baixas. Encontraram-se aqui águas e sanguineas exatamente semelhantes as formações que descreveremos no Rio São Francisco.

Qualquer regato é um escoadouro de adubo líquido, correndo para o Atlântico e o solo parece o de uma olaria. Aqui também a terra sofre de duas pragas especiais; o latifúndio e o sistema de lavoura herdada dos aborígenes ou da África Central, e perpetuado pelos métodos desmazelados de cultura, inevitáveis em qualquer parte em que se empregue o trabalho escravo. No Brasil como na Rússia e nos Estados do Sul da União Americana, as vastas plantações precisam sómente ser roçadas e, o sólo virgem forma uma considerável parcela do valor real das propriedades territoriais. A falta de adubos e a necessidade de se deixar terras em descanso faz com que sómente metade (e ás vezes difficilmente mesmo um décimo), de toda a propriedade seja aproveitada na lavoura annual. Sem o combate a este mal a terra não poderá ser colonizada nem se desenvolver consideravelmente. Mas não é facil fazer qualquer plano sem esbarrar nas difficuldades da desapropriação. (27)

Em Serraria, nossa estação seguinte, começa a subida, e a estrada sabiamente como sempre, acompanha as margens do Rio Paraíba (28). Este escoadouro oriental da Mantiqueira, ou cadeia trans-marítima, é um rio largo e raso, de côr amarela, muito semelhante ao Piabanha, no ponto em que o deixamos. Serraria tem uma grande importância para a Compa-

27 — Um amigo brasileiro escreve-me: "A lei iniqua de 1823, que mandou cessar as concessões de terras, fez com que as occupações por mandado substituissem os títulos legaes. Assim foram lavradas e estragadas as melhores terras".

28 — Luckcock (pg. 407) diz que é "provavelmente da côr escura das pedras que o rio tira o seu nome". Isto si se estiver parabanha. Mas si o certo for paraíba, o nome provirá do tom escuro da água. Caldebaugh (II, 200) deriva-o de para, rio e ibana, proto. Outros eruditos consideram-no uma corruptela de paratuna, rio rolando ondas negras — o que seria descrição rápida, pitoresca e notavelmente fiol.

nhia como esquadro que é dos distritos cafeeiros de Ubá e Mar de Espanha.

A "União e Indústria", branca e brilhante, segue o rio movimentado que abriu canais profundos e irregulares na rocha escura e queimada. De ambos os lados ficam camadas de argila vermelho escuro, com rochedos incrustados e massas de feldspato não decomposto, cobertas de uma densa floresta sempre verde que se desfolha de tempos a tempos, sem regularidade. Atravessamos agora a Serra das Abóboras, e a nossa atenção é despertada por uma curiosidade local, a Pedra da Fortaleza. (29). Esta "Montagne Pelée", gigantesca entre as de sua espécie, é um bloco aparentemente uno, de gnais cor de chocolate, elevando-se a 500 pés acima do vale do rio, onde a corrente faz um cotovelo. Passamos sob uma parede vertical, de 100 jardas de altura, que colhe os raios solares e os irradia como uma fornalha. Seu flanco escuro e severo, levemente adornado, nas pequenas fendas com enormes bromélias que pareciam capim, sugeriu a minha mulher a idéia de uma igreja, e só ao longe vimos os sinais da alta floresta que a domina. Enquanto corriamos em disparada pela estrada contornando a monta-

29 — Castelnuau dá-lhe uma altura de 150 ms. com uma parede vertical de 100 ms. E acrescenta: "Não cresce uma só planta em toda esta vasta superfície, enquanto que as mais escarpadas paredes estão carregadas de epífitas". Seria interessante examinar estas pedras que talvez pertençam a antigas camadas sedimentares, metamorfosadas pelo calor agindo sobre substâncias altamente cristalinas, chamadas laurencianas e que são as mais antigas que se conhecem na América do Norte. Ainda não se descobriu no Brasil o animal primitivo (*Dawn-animal*) canadense; mesmo porque ainda não foi procurado. (N. A.) (Refero-se o autor ao famoso *Porcoz* canadense, que Dawson julgou descobrir em alguns fósseis laurencianos, fato contestado pela maioria dos geólogos. Orville Derby encontrou em Alagoas, junto a Paulo Afonso, uma formação calcárea, semelhanta. (N. T.).

nha, tendo à direita o rio deserto de canoas, deparamos com uma capivara ou porco d'água, de pelo avermelhado, aquecendo-se ao sol, e contemplando calmamente a suja corrente. (30). Vemos umas corujas e

30 — A *Hydrochaeris Capybara* ou *Cavia Capybara* (Linné). O nome indio é, como sempre, belo e pitoresco. "Capivara" ou "Capivara", significa "comedor do capim" e não "que vive no capim", como dizem Martius e Gonçalves Dias. A origem é "Caapim" ou "Capy", que dou capim (palavra que no Brazil equivale a pastagem — daí capinar, cortar capim) e "g-u-ara", comedor, (composto de g. relativa; "u", "uu" ou "yu", comest "ara", desinência verbal que se parece curiosamente com hindustani "wala"). Daí o nome argentino "capiguara" (Seythé, I, 137) ser mais correto que "capivara". A América Espanhola em geral chama a este animal capicho ou capichá e os viajantes deturparam o termo em cabiá e chiguiá. Não sei porque St. Hilaire (III, I, 181) escreve capivara quando não ha dúvida que não se pronuncia assim. M. H. Weddell (Castelnau), vol. VI (345) afirma: "O verdadeiro nome deste animal em guarani é capiquá, nome que significa "habitante dos campos". No interior, como veremos, o povo confunde-o com o castor ou tagassá o o peccari (*Dicotyles labiatus*, não o *torquatus*). Os selvagens usavam-lhe os dentes como enfeites.

Este roedor eguala em tamanho a metade de um porco. É um animal feio e mal acabado, mais ou menos como um feio porco da Índia (que os ingleses chamam "porco da Guiné" ainda que seja brasileiro). O focinho é grosso e a queixo muito funda como a de um porco gordo. Nada com a cabeça quadrada estendida para cima, como o hipopótamo, o dize que, como esta última, carrega os filhotes nas costas. O seu grunhido, o não bramido, é uma espécie de uxi uxi. É gárfalo, vivendo em varas de 10 a 60, e ségundo velhas lendas, o chefe é cavalgado por um demônio pigmeu, chamado "caapira" ou "habitante da floresta". Espantada pelo caçador, a capivara nunca sãe da água, salvo para se aquecer ao sol.

Prospera no cativeiro, mas seus hábitos são nojentos e ultrajosos. E' comido na América Espanhola e M. Isabel afirma, com muitos outros que sua carne não é má, desde que fique durante dezolte horas em água corrente. Os brasileiros utilizam-lhe o couro, raramente a carne. Humboldt (*Voyage aux Régions Equatoriales du Nouveau Continent*, Vol. II, III) encontrou varas de 60 a 100 animais e pensa que estes gominívoros comem peixe. A capivara apparece na poesia brasileira. Assim o Sr. José Joaquim Correia do Almeida, nas suas "Parábolas" (114) tem a seguinte quadra:

"Assim procedo o político
Que os princípios não extrema;
Calculadamente segue
Da capivara o sistema".

mochos voando calmamente longe no céu, maçaricos planando sobre as águas; e patos e colimbozinhos divertindo-se em trechos escorregadios. Passam por nós rapidamente alguns pombos selvagens, enquanto outros correm pela estrada e tordos, negros e castanhos, balançam-se nos galhos, em silêncio. Sem dúvida estão pensando: "il fait trop chaud". A mata pareceu-me um lugar convidativo para a caça. Informaram-nos porém da existência de onças, apesar dos veados terem sido aniquilados.

Não há nenhuma pesquisa de ouro no Paraibuna atualmente. As suas areias, outrora extremamente auríferas, foram dragadas para extração do ouro, e de topázios brancos, côr-de-rosa, amarelos e côr de vinho. A mineração foi outrora um ramo da produção provincial, mas está agora completamente abandonada. O solo vermelho, cor de ferro é o quartzo ferruginoso, contém provavelmente ainda ouro. Mas o depósito superficial está esgotado. Nos tempos da Colônia, o Governo (mirabile dictu!) proibiu a mineração neste rio temendo que o valor do ouro no mercado mundial caísse demasiadamente. Ouyi em Londres as mesmas expressões quando a Califórnia demonstrou ser o "El Dourado". Comtudo, como dizia o antigo pesquisador, "a noite não tem olhos": o ouro não só sumiu, apesar das ordens, como não perturbou o mercado mundial.

Da estação de Paraibuna vê-se a ponte do Registro onde ainda se cobram os direitos de importação sobre as mercadorias que entram na Província de Minas Gerais. Em 1825 a taxa de importação era de 3\$640, ou pouco mais de 17 shillings por carroça. Em 1867 havia subido a 20\$000, que valiam então 2 libras. Assim a província paga um imposto duplo, no porto e na fronteira. O mal pouco se atenua com o carrega-

mento dobrado de todos os veículos no lado do Rio de Janeiro e uma redistribuição da carga após o pagamento dos direitos, no território de Minas. Qualquer economista condenará este estranho sistema de alfândegas internas, conservando o costume colonial de colocar barreiras entre as províncias, prejudicando o comércio e beneficiando a corrupção e o contrabando. Há muitos anos cogita-se de extinguir esse inconveniente (31). Mas é mais fácil advogar a supressão das taxas do que descobrir de onde obter a renda equivalente.

Esta ponte foi sempre uma monstruosidade. Em 1842, quando a Província de Minas e sua irmã S. Paulo se sublevaram, o official incumbido de defendê-la queimou-a para evitar o avanço dos legalistas e em 1843 Castelnau encontrou-a ainda sem estar reparada. Compõe-se agora de novas traves de madeira sobre as antigas pilastras e contrafortes de pedra. Não é mais coberta. Nas suas proximidades, uma choça em ruínas assinala o cenário de um outro acontecimento revolucionário: a "Rocinha (32) da Negra". Per-

31 — St. Hilaire, III, 1, 47.

32 — *Rocinha da Negra* (Walsh). Devo aqui importuna-mente ao leitor com alguns esclarecimentos necessários. A roça ou roçado no Brasil significa terreno "défriché", claro para fins agrícolas. Geralmente, como na Africa, fica a pequena distancia da casa da fazenda ou da villa. A's vezes tem um rancho, ou telheiro coberto de sapê para abrigo dos trabalhadores durante o dia. Em alguns lugares "Rocinha" pode ser traduzida como "casa de campo nos suburbios". O "sítio" é um estabelecimento agrícola occupado bona-fide, com casa e dependências. A chácara ou chacra é uma palavra tomada do tupi. Os indigenas applicavam-na ás suas choupanas em ruínas. No Perú "chacrayoc" significa "senhor do campo". Os sulamericanos usam o termo para designar as boas villas e casas de campo. O Sr. William Bollaert ("Ant. of Perú" & C. p. 67) defini-a na lingua quichua como "propriedade, fazenda, plantações". O Sr. Clemente Markham (Quichua Gram. & Dict. sub-voce) a traduz por "quinta" (casa com terreno) assim chamada porque o arrendatário pagava ao proprietário um quinto da produção. A "Fazenda" é a "Hacienda" espanhola. M

tence atualmente ao Conselheiro Pedro Alcântara Cerqueira Leite.

A esquerda fica a Barra ou Boca do Rio Preto (33) fronteira meridional de Minas. Sobre este afluente ocidental passava a antiga estrada do Rio, via Rodeio, Vassouras e Valença, penetrando no Sul de Minas.

Adiante, para a direita, fica "Rancharia", aldeia que não conta ainda 10 anos. Tem uma clássica igreja no ponto principal do largo, uma clássica casa grande defronte e um clássico chafariz ao centro. Daí o ditado:

"O chafariz (34)
João Antônio, e a Matriz",

que enumera os elementos essenciais destas povoações. Em volta do largo ficam chácaras e casas de moradia, habitadas pelos lavradores ricos, nos domingos e dias santos. Durante o resto do ano ficam fe-

plantações de nossas colônias tropicais, inclusive o terreno a a ensa. Os proprietários, chamados fazendeiros, constituem aqui a classe correspondente às das famílias territoriais dos condados ingleses ou dos plantadores nas Índias Ocidentais. Nas províncias do Norte do Império a fazenda se chama engenho (o termo *ingenio* empregado por Southey é espanhol), especialmente se se trata de lavoura de cana de açúcar. O proprietário chama-se "Senhor do Engenho", e faz parte da Aristocracia local e não deve ser confundido, sem ofensa, com o lavrador. A *engenhoca* é um engenho pequeno.

33 — Caldeveugh confunde (II, 209) o Paraíba com o Preto, que diz elo, é uma "simple translation da palavra Indiana Paribuna". Preto é realmente a tradução portuguesa do *Una*, (antigo *Huna*), "Rio do Aguas Pretas", ou literalmente *Yk-Una*, abrandado para *Pana*. O *Y* ou *Yk*, significando água é omitido ou substituído pela palavra Rio. Estes rios pretos, ou molhos, castanho-escuro, cor de café, são sempre comuns à beira-mar, mas relativamente raras no interior. A cor é evidentemente causada pela decomposição de vegetais, o frequentamento, sob a camada escura encontra-se o leito arenoso.

34 — Chafariz é uma corruptela do Mouro-arábico *Shakárij*. Os espanhóis ridicularizam o termo e preferem a "fuente", de origem latina. A "Matriz" é a igreja principal da paróquia, a qual ostoa subordinadas as capelas.

chadas. Há uma meia dúzia de vendas — “onde não vendem nada”. (35). Como em geral no Brasil, o cemitério fica em lugar de destaque. As moradas dos mortos são mais bem situadas que as dos vivos. Também algumas atividades que entre nós se exercem via de regra de modo velado, aqui se expõem abertamente e à vista de todo o mundo.

Em torno de “Rancharia”, (36) a terra muda de aspéto pela proximidade da serra. Desaparecem as grandes reservas d'água das elevações costeiras, as correntes mínguas, os declives são mais extensos e menos abruptos, o rico solo de argila vermelha da Província do Rio de Janeiro, deixada ao sul, alterna-se agora com camadas de tons mais claros e mais secos, poeirentos. Como no território de Minas em geral, o sólo é mais poroso e friável. As “matas negras”, luxuriantes florestas escuras, cedem agora lugar a um capim verde-amarelado. Junto ao Rio há touceiras de bambús, menos impoentes que as anteriores. Alguns viajantes encontraram granadas encrustadas no gnais que jaz abaixo. A pedra é tão comum quanto sem valor.

35 — Em português no original (N. T.) Adiante explicaremos o sentido da palavra “venda”.

36 — Os antigos brasileiros costumavam chamar de rancharia, os grupos de choças, cabanas ou de “wigwams” dos selvagens. Na obra de Príncipe Max (III, 161) lê-se, por erro de imprensa, ranchario, (rancharios ou aldeias dos camacés III, 34), expressão usada erroneamente como sinónimo do aldeia. Esta, porém, deriva do Árabe (El-dawat). Tanto em Portugal como na Índia portuguesa, aplica-se a qualquer povoação. St. Hilaire (III, 1, 5) informa que no Brasil aplica-se exclusivamente a um estabelecimento de índios católicas que se chamam então “mansos”, domados ou “aldeias”. Isto pôde ter sido assim ao seu tempo. Atualmente a palavra não tem sentido tão restrito. Era, pois, antigamente um termo semelhante a “redução” da América Espanhola, especialmente quando podia orgulhar-se de ter um missionário. N. A. Rancharia voltou ao nome primitivo: *Sítio Pereira*. N. T.

A capéla de Matias Barbosa, em um morro à direita, anuncia a estação de Matias Barbosa, outr'ora Registro Velho. Era, nos tempos coloniais, a principal "contagem" em que se cobravam os direitos, e até 1801 chamavam-se os impostos "Quintos" (Reais) de ouro. O contrabando era então para o mineiro o mesmo que o roubo para os leais moços de Esparta. O Superintendente e sua guarda, com espiões espalhados por toda a parte, vigiavam atentamente os que não tinham diante dos olhos as algemas e o desterro na África. Os contrabandistas armazenavam os seus valores em chicotes, em coronhas de espingardas, em sacos de cereais e no forro das albardas. Os estrangeiros tinham horror à revista que sofriam. Luckock chama ao Superintendente "Sua Senhoria" (his Lordship), e Caldcleugh (II. 202) conta a triste aventura sucedida a uma partidária do livre câmbio improvisado. Aqui morou por algum tempo o meu amigo Dr. G....., cujo feliz método de tratar a sarna merece especial menção. O paciente, se era escravo, era coberto de lama e assim solenemente induzido à necessidade de tomar banho. As senhoritas de sociedade applicava-se receita semelhante, com gravidade quixotesca, substituindo-se a lama por óleo viscoso e com o mesmo resultado.

Seguiam-se depois declives mais fortes, e um ingreme outeiro, cintilante de fúcias selvagens e lindos lírios brancos, parasitas e uma profusão de "maracujás", planta nativa, também chamada "da paixão", um dos donativos de novo mundo ao velho. (37). Muito abaixo de nós, o Paraibuna murmura sua apologia do repouso. Tornam-se mais frequentes as casas e as

37 *Xnesiflora* (incarnata) sem perfume. O Gênero abraça 10 espécies selvagens.

roças. Não há mais a praga dos grandes proprietários. (38).

Mudamos os animais pela última vez na "Ponte do Americano", de sólidos pilares de madeira, e galopamos a toda brida pelo vale do rio que se volta em direção aos terrenos destinados a colônias. Uma capela mortuária, num cemitério novo e sem muros, nos surge. Pela primeira vez tal vista foi um grato espetáculo. Antes do pôr do sol, dobramos uma curva e avistamos Juiz de Fôra.

A estação fica num ponto distante ao norte, a uns dois quilômetros da expressa mata selvagem que envolve a cidade. Todos nós abrimos os olhos, apesar de blasés por 12 horas de uma viagem caleidoscópica, para contemplar uma vereda bem batida de areia, com postes e rodos para trilhos, em frente a uma bem tratada cerca viva que protegia não um parque limpo, mas um pântano não drenado. Por traz dele, numa ligeira elevação, cercada de um belo jardim, havia uma Vila, com uma torre quadrada e acaçapada, que parecia ter chegado inteira de Hammersmith. Enfim, desembarcando com os joelhos endurecidos, fomos conduzidos por Mr. Morrit, para uma casa de campo, em "chalet", construída em proporções curiosas, de tijolo e madeira, materias irreconciliáveis. Todas as comodidades foram surgindo a tempo. Com bom fumo e boa palestra, em companhia dos engenheiros Swan e Audemar, passamos agradavelmente nossa primeira tarde em Minas Gerais. E um sono profundo, no ar frio, leve e fino, encerrou condignamente o dia da jornada.

38 — As consequências dos intifúndios foram aqui as mesmas que em França, nos estados do sul da União Americana e na Inglaterra. Quando será que os economistas apreciarão devidamente os benefícios da repartição da terra?

CAPÍTULO IV

EM JUIZ DE FÓRA

E pelas tuas encostas, românticas Ashburn,
delliza a rápida diligência, levando sets passageiros.
— Byron (?).

O nome completo e protocolar de Juiz de Fóra é “Cidade de Santo Antônio de Paraíbuna”. Tendo sido para lá enviado, ainda em tempos coloniais um magistrado para ocupar, por tres anos esquecidos, um cargo hoje obsoleto, (1) será sempre conhecida pelo seu nome vulgar. Mawe (1809) a ela se refere como a uma fazenda, chamando-a “Juiz de Fuera”. Luckock (1817) a descreve como “uma capelinha e poucas pobres casas”. Em 1825 era ainda uma “Povoação”. Em 1850 foi promovida à categoria de “Freguezia” e “Vila”. Em 1856 subiu a “cidade” e em 1864 seu município compreendia 23.916 almas, inclusive 1.993 votantes e 33 eleitores. Tal é o progresso do Brasil onde a situação é propícia e — nota bene — onde há comunicações.

A cidade compreende tres partes distintas: “Santo Antônio”, ou cidade pròpriamente dita, a estação da Companhia União e Indústria e a colônia alemã “D. Pedro Segundo”. A situação é boa: 2.000 pés acima do nivel do mar. A leste fica o vale sinuoso do rio. Para oeste fica uma elevação coberta de flo-

1 — O Juiz de Fóra, segundo Koster (I Cap., 4) era nomeado pelo Governo Central por tres anos. De suas sentenças havia apelação para o Ouvidor, outro cargo agora obsoleto.

resta dominando a vista da "Fortaleza" e das montanhas de Petrópolis. E' chamada "Alto do Imperador", depois da visita Imperial. Há um belo caminho que conduz até lá. Pelas camadas inferiores deste bloco um fio d'água em cascata, como uma cachoeira de cristal num velho relógio de Genebra com "ormulú", corre para a corrente principal.

A colônia alemã continha cerca de 1.000 almas, em limpas cabanas e os habitantes pareciam pobres e desgostosos. Em Junho de 1867, parece que não havia muita pressa em terminar uma "Escola Prática de Agricultura". Depois disso, fui informado de que o estabelecimento está pronto, que o material foi importado e que tudo está funcionando esplendidamente. (2)

A estação em que nos hospedamos orgulha-se de nada ter que ver com a "cidade velha". Compreende, além do chateau no morro, e do chalet, uma capela, duas ou tres casas passaveis, uma pequena hospedaria, cocheiras, habitações para negros e grandes armazens de deposito de café e algodão.

A cidade é o habitual mixto de miséria e esplendor. Minas, é bom lembrar, é uma das tres províncias, que foram colonizadas diretamente por Portugal. E' filha de S. Paulo e ainda não se pôde gabar de ser melhor do que a mãe. Juiz de Fôra é uma única rua ora poeirenta ora enlameada, ou melhor uma estrada,

2 — O § 4.º, condição 2.ª do Contrato, datado de 29 de Outubro de 1864, insistiu sobre a instalação dessa Escola Prática de Agricultura pela Companhia União e Indústria. Estes utéis estabelecimentos estão se estendendo gradualmente pelo Brasil Oriental, e um só deles prestará mais benefícios que todos os colégios, despejando anualmente no mundo uma multidão faminta de "doutores" em direito. São segundas, e espero que brava, por escolas de Minas. Atualmente, os filhos do Império do Ouro e do Diamante precisam ir à Europa para estudar.

ao longo da qual alinham-se pares de palmeiras. Seu único mérito é a largura. Quando se introduzirem os bondes no Brasil esta vantagem será devidamente apreciada. A calçada é um obstáculo e o estrangeiro pulando pelo calçamento parece estar trefinando o "passo do pântano". As moradias são baixas e pobres, pela maior parte de "porta e janela", (3) como se diz aqui. Entre elas, porém, há grandes e espaçosas casas de cidades, com abacaxis dourados no telhado e bolas de vidro nas sacadas à francesa, repuxos fantásticos, ângulos encacheados, passáros de barro e de cal' dispostos pelos muros e todas as extravagâncias arquitetônicas do Rio de Janeiro. Aqui se reúnem os ricos e suas famílias, homens, mulheres e crianças, negros, negras e negrinhos, vindo à igreja. Não há nenhuma diversão nestas ocasiões. Há homens que jogam como polacos e russos. Os lucros de uma safra de café e algodão não raro se perdem no monte ou no voltarete, como em Paris, no baccarat. Os edificios públicos são miseráveis. Um arrombador de Londres não ficaria na cadeia nem um quarto de hora. A coletoria, em que se pagam os impostos provinciais, parece pequena. A Matriz de Santo Antônio, no fundo de uma minúscula praça está em estado tolerável, mas a capela no morro não tem torre e ameaça ruína. Vemos aqui pela primeira vez um dos altos cruzeiros de Minas, introduzidos provavelmente pelos missionários italianos e que fazem lembrar a Normandia. São ornados com todos os instrumentos da paixão — escada, lança, esponja, corôa de espinhos, martelo, cravos, pinça e um curioso galo de madeira.

O dia seguinte ao da nossa chegada, domingo,

3 — Significa prédio no rez do chão com uma só porta e janela.

foi de absoluto repouso. A estação se orgulha de uma elegante capela, notavel pela limpeza e pela simplicidade dos ornamentos. O interior se compõe de um altar liso e bancos de madeira envernizada, um quadro da Assunção e tres castiçais de cada lado de um crucifixo de prata. Ninguém fica de cócoras no chão. Além disso não é permitida a entrada de cães, e não há escarradeiras. O cuspo, devo notar, é um hábito popular no Brasil e nos Estados Unidos. A maior parte dos homens cospe com a maior naturalidade, tal como outros assobiam por falta de idéias; há tambem os que consideram higiênico este costume e procuram, pois, conservar um hábito saudavel ou mesmo contrai-lo afim de desenvolver o apetite. Donde concluo que o hábito de cuspir é tão natural como o de falar e a sua repressão é artificial, justificada somente pelos soalhos encerados ou atapetados.

A parte mais agradável do dia, passamo-la no jardim e nos terrenos do *chateau*. Eu já havia conhecido anteriormente o proprietário, Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage. Estava, ele mais uma vez na Europa, nesta ocasião. Em 1853 organizou ele a companhia União e Indústria, de que ainda é operoso presidente. Fez de Juiz de Fóra, uma cidade, a capela foi por ele fundada, o chalet era propriedade sua. Fundara um bosque e um pomar no local que doze anos antes não passava de um pântano, à direita do Paraibuna.

Nosso gosto exigente de ingleses não encontraria defeitos na casa ou no jardim, salvo ser um pouco extravagante; o contraste com a natureza era de algum modo, demasiadamente violento — uma vilajardim italiana no meio de uma floresta virgem, choca pelo imprevisto. O *Chateau*, que vale de 30.000 a

40.000 libras tem cores e medalhões de mais. Por traz dele, há também uma ponte que leva a um pavilhão apeteçado, tudo de ferro fundido, a ponte se patece de longe com um viaduto.

Um pequeno lago com ilhotas tufadas de bambú, minúsculas pontes chinezas e botes de roda movidos por negros em vez de vapor, a "Gruta das Princesas", os bancos, os caramanhões e as estatuetas rústicas de madeira são ninharias demasiadamente artificiais. A ema (4) e os veados presos em jaulas, ao lado dos macacos e faisões prateados, em vez de estarem soltos pelo parque, lembravam um jardim zoológico. As plantas européias e tropicais, porém, eram magníficas: medimos uma folha de tinhorão de 5 pés e quatro polegadas. Que contraste com os exemplares ingleses, o pequeno *Arum maculatum*, ou planta do cuco cujas sementes envenenam as criancinhas!

Passávamos pelo laranjal, onde não se usam côpos e descobrimos as árvores prediletas (5), ficamos horas a fio sobre o gramado, comendo tangerinas, go

4 — A avestruz sul-americana, do três dedos (*Rhea Americana*). Pesa de 60 a 60 libras e é, pois, cerca de um terço menor que a africana, de dois dedos, a maior ave conhecida. Ostenta uma triste vestimenta, de cor cinzenta, de melo luto, até agora desprezada pelo comércio. Na província do Rio Grande usa-se o termo avestruz mais propriamente applicavel à ave africana. Ema é uma corruptela do arábico Neámah, ainda para mesmo o cuidadoso Southey (V. I, c. 5, p. 129) e Gardner, para não falar nos demais, e romperam-na em Ema. Os aborígenes do Brasil chamavam-na Nhandá ou Nhundá. Segundo o Príncipe Max. (III, 12), os brasileiros também a conhecem como Tonyou, e Southey ajunta ainda Churi (I, 5, 253). Não ouvi nenhum destes termos que são de puro guarani.

5 — Não conheço laranjas melhores que as do Brasil. As espécies, porém, não estão ainda seleccionadas e a mesma arvore, plantada no mesmo terreno, produz frutos diferentes. Cada provincia tem a sua qualidade, como, para não citar as outras, a "velota" do Rio de Janeiro e a "embiguda" da Bahia, que as senhoras chamam de "naval". A mais comum é a "laranja da China", que se encontra por quasi toda a costa e bem longe no interior. Passaremos em regiões do Rio S. Francisco em que ella não modra. Pizarro refere-se a duas sub-variedades

zando a sombra perfumada das murtas e admirando as jovens sequoias e as palmeiras. . .

O Sr. Swan contou-nos a grande recepção que o comendador ofereceu ao Prof. Agassiz, o homem a quem se aplicam as palavras proféticas de Spenser:

“Oh! que tarefa interminável empreeude o homem
que conta a imensa progênie do mar
cujas sementes são muito mais numerosas que as da terra.

Depois de nos fartarmos com a vista da cascata do “Alto do Imperador”, dirigimo-nos para a cidade, passando “en route” pelo “Hotel Gratidão” do qual certamente nenhum hóspede ficou sinceramente cativo. Juiz de Fôra estava brilhantemente ornamentada por causa das festas do seu padroeiro “Santo Antônio”, conhecido na Europa principalmente com relação aos porcos. A sua função aqui é arranjar maridos para as moças, e quando não o faz é surraço, mergulhado no poço e deixado ao relento em noite fria. Os sinos repicavam forte e continuamente. A matriz estava abarrotada de devotos. A flor do rebanho ficava nas tribunas e não regateava sorrisos aos estrangeiros desconhecidos. “O filho do quarteirão, diz o provérbio árabe, não enche os olhos”.

Conheci em Juiz de Fôra o Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld, de quem falarei mais no próximo volume. Deu-me algumas informações sobre o Rio São Francisco, e contou-me, ao despedir-se, que, aos setenta e dois anos estava para se casar com uma senhorita de dezeseis. Que seja bem sucedido!

desta laranja da China: uma, do tom mais vermelho, por dentro e por fóra, que a outra. S. Paulo é notavel por suas “tangerinas”, nome derivado, por via popular, de Tanger. Parecem-se com as pequenas “mandarinas” da China, mas não são tão doces. Há duas variedades, as pequenas e as grandes. Pizarro ainda distingue tres sub-variedades, que chama “da China”, “da India” e “da terra, ou boata”.

CAPITULO V

DE JUIZ DE FÓRA A BARBACENA (1)

"A partir de Juiz de Fôra não há mais senão um caminho irregular, com incríveis ladeiras, em que no tempo das chuvas, difficilmente se pode passar a cavallo, e sob pena de ficar o animal fóra de serviço em pouco tempo". — M. Lina.

O dia seguinte (segunda-feira, 17 de junho de 1867), assistiu à dispersão de um alegre grupo — a às nossas despedidas das comodidades da civilização por toda uma estação. O Sr. L'pool resolveu acompanhar-nos até mais ao norte. O major, o Sr. Newdigate e o Sr. Morrit, voltaram para o Sul. À noite estaríamos distanciados de cem milhas, cousa consideravel no Brasil, onde os homens se movem devagar. Devíamos tambem deixar o Sr. Francisco Alves Malvero, caixa da Companhia "União e Indústria", que sob sua exclusiva responsabilidade e com a franca liberalidade própria do novo-mundo, nos havia fornecido passagem até Barbacena.

1 — As etapas são aproximadamente as seguintes:

	Milhas	Horas	Minutos
1 — De Juiz de Fôra a Saudade	6	0	36
2 — De Saudade a Estiva	10	0	55
3 — De Estiva a Chapéu d'Uvas	4	0	45
4 — De Chapéu d'Uvas a Pedro Alves	10	1	25
5 — De Pedro Alves a João Gomes	4	0	30
6 — De João Gomes a José Roberto	0	1	15
7 — De José Roberto a Nascimento Novo	8	2	15
8 — De Nascimento Novo a Registro	8	0	50
9 — De Registro a Barbacena	4	0	35

Total: 63 milhas em 9 horas e 6 minutos. A velocidade média é de 12 milhas por hora nos trechos bons, que são poucos e distantes.

As 6 horas, de uma manhã fria e escura, duas caruagens, devidamente carregadas, estavam lado a lado, mas em direções opostas, e prontas para partir ao mesmo tempo. Um joven e forte alemão, ex-marinheiro, chamado Godofredo, natural do então ameaçado Ducado de Luxemburgo, tomou, pois, as rédeas, e ao toque da buzina e aos acenos dos chapeos puzemo-nos a caminho. Nossa diligência, leve e forte, "O Barbacense", estava cheia. Os passageiros eram: uma senhora brasileira acompanhada de duas negras com seus dois indefectíveis negrinhos; um tenente austriaco, casado e estabelecido no interior. Ainda nos bancos exteriores viajavam nossos dois creados negros e a grande coleção de minhas bagagens. Sentamo-nos atraz do cocheiro e do guarda, ficando minha mulher ao centro para não ser cuspada do veículo.

O primeiro trecho era de terra pobre e a estrada seguia a planície ribeirinha, às vezes cortando um contraforte de morro que avançava em direção ao vale. A brancura do orvalho dava à paisagem matutina uma côr pálida, agravada pelo tom aveludado do capim muito conhecido com o nome de "Capim gordura", (2) as-

2 — *Tristegia gluterosa* ou *Melinis minutifolia* (Pall). É também chamado Capim catinga ou de fodor, por julgar-se o seu cheiro peculiar semelhante ao do negro. Não o cheir desagradavel. St. Hilairo que deu uma ampla noticia deste capim (I, 1, 196. III, 1, 223 - 5 e III, II 29, 31, 54 e 175) considera o capim catingueiro o mesmo que capim gordura e capim melado, do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Encontrou ainda quem o chamasse Capim de Fr. Luiz, nome do religioso que o introduziu no país com o intuito de beneficiar-lo. Seu nome é hoje esquecido.

Segundo Martius, o Capim Catinga é uma das ciporaceas, e.pécie de juncu. Alguns brasileiros têm o capim Catinga como sendo o capim gordura ainda novo. Diz Gardner (475-7) que ao norte de 17.º de latitude sul, ele só cresce junto as casas. Não sei porque não se faz excelente feno com este capim. (N. A.). O capim gordura (*Melinis minutifolia* - Beauv.) é natural da Africa. (N. T.).

sim chamado porque suas folhas têm o aspecto gordo e viscoso. Estava então avermelhado pelas flores e sementes dando imediata sensação de criação. Mas dentro de poucas semanas estará seco tornando-se uma forragem pobre. Sofrem então as tropas de burros que se atiram a qualquer espécie de rebutalho. Os botânicos classificam-no entre as plantas que seguem os passos do homem: veste as florestas virgens, cobre o terreno recentemente despido da selva, e se apossa dos campos que descansam durante cinco anos, geralmente, após os dois de trabalho. Segundo St. Hilaire esta "ambiciosa gramínea" não é nativa do Brasil. O povo lhe disse que era um presente das colônias espanholas. Atualmente a origem estrangeira está esquecida.

A terra se eleva rapidamente, as florestas, já mais espaçadas tornam-se menos densas e a delicada "palmeira-couve" (3) e outras plantas da Serra do Mar desaparecem. O ar e o solo são frios demais para o café e o açúcar, salvo uma pequena quantidade para o consumo da casa, no "Quintal" ou terreno abrigado e frequentemente lavrado. O arroz e o milho comtudo, são bons. Os legumes e o fumo florescem. Cada cabana tem o seu terreiro para secagem de grãos; o trigo-mourisco, o centeio e o lúpulo dar-se-iam bem aqui, sem dúvida, salvo nos cabeços nus dos morros desflorestados. Nas terras baixas o algodão cresceria com vantagem. Tal é a riqueza do sólo brasileiro, mesmo nos seus trechos mais pobres.

— *Euterpe edulis*, em tupi *Assaí* ou *Assaí*. O espigão cilíndrico ou pedicelo, longo, verde e succulento, que contém os rudimentos das futuras folhas é o assaí. Muitas palmeiras produzem este embrião comestível. No Brasil, a *Euterpe* é a melhor

Acabaram-se as estações em puro estilo gótico suíço, com suas crinalhas de fantasia e os tetos de ferro pintados de vermelho. Em Saudade (porque chama-la "Desiderium?") não encontramos senão um velho rancho ou alpendre coberto de telhas, sem cousa alguma que o distinguisse a não ser um semi-círculo de belos coqueiros (4). Atravessamos pela última vez o Rio Paraibuna cujo vale segue para a esquerda. Ainda que o solo não se tenha modificado, o panorama, melhorou sensivelmente. Há belos trechos de paisagem habitual; montes verdejantes de graciosas curvas e aléas de palmeiras e outras arvores.

A vida animal tornou-se mais grave. O urubú abre as azas ao sol nascente, o caracará (*Falco crotophagus* ou *F. degener*, ou *F. brasiliensis*, o chima-chima de Azara), empoleiram-se como o Maina Indiano, sobre os bois no pasto ou correm no encalço deles, catando carapatos; esta singular ave de rapina, venerada pelos Índios Guaiacurús, presta evidentemente um proveitoso serviço. A "Maria Preta", uma espécie de tentilhão preto e branco, voa sobre o caminho de um para outro arvoredor. O Japé ou pendura-ninho (?) e a brilhante oriola roxa (*oriolus violaceus*) voam em roda, em quanto o melro ou pássaro-preto (*Tendus brasiliensis*) e o Sabiá, o rouxinol brasileiro, de canto flautado, cantam gostosamente as matinas. Bandos de vistosos anuns (5) rubro-verdes, pretos e cinzentos, chilreando

4 — E não cacoeira, como escreve o Prof. Agassiz. O coco butyracén, uma das mais belas palmeiras brasileiras, se via em todo o interior do Brasil, quando o visitei, até que a palmeira de carnaúba (*copernicia corifera*) tomou-lho o lugar.

5 — A palavra tem sido muito deturpada, transformando-se em anuh, anún, e assim por diante. O anú preto é o *erotophago* ani (Príncipe Max). O branco é o *cuculus* Guira (Linn.) ou coco malhado. E' a Pirigua, de Azara e dizem que chegou á costa vindo do planalto. A variedade maior é a *Crotophago* maior (Linn.).

como estorninhos, evitam as arvores, como de costume e balançam-se nos topos flexiveis dos arbustos.

Os ninhos de cupim, (6) ou termitária parecem postes ou pirâmides de barro amarelo ou castanho, conforme o sub solo, e às vezes de 5 ou 6 pés de altura. Estão espalhados como pedras tumulares, às vezes aos pares ou aos trios, como se fossem sucursais anexas, frequentemente de feitio que seria sugestivo para um devoto hindú. Em nenhum ponto do Brasil, porém, atingem uma forma tão grave ou estorvam a terra, como na Somália. Os blocos, que ficam perto da estrada, parecem vasios. Alguns supõem até que as formigas brancas abandonem as suas casas quando as terminam, o que é absurdo. Abertas estas, parecem um hotel gigantesco visto pelos olhos de Asmodeu. Com umas pancadas fortes de picareta na cresta dura das que parecem estar em ruínas, surge de seus esconderijos um enxame frenético tal como se daria num hotel ao grito de fogo. O cupim faz poucos danos ao lavrador e conta inumeraveis inimigos, especialmente a myothera, o picanço dos campos, (*picus campestris*), o sapo, a família do lagarto, a myrmecophaga e o tatú. Alguns viajantes afirmaram que estes animais constituem um ménage à trois. A mesma história contam a respeito das aldeias de cães selvagens. Não constituem, porém, uma familia feliz, se é verdade que o sapo depois de comer as formigas, é comido por uma cobra e esta

6 — Ou melhor co-pim, de co, ninho, caverna, buraco; o pim, picar, ferrão, seta, ponta de ferro. Daí o erro do Sr. de Suzannet, o seu "passaro" "Conpy" é a tornilha. Em alguns lugares este inseto, constrói em torno dos troncos das arvores e galhos, ninhos do barro, que parecem quilatos gigantescos.

é comida pela siriema, (7) pássaro cujos gostos correspondem ao do secretário (*Gypogeranus africanus*), faltando-lhe as penas atrás da orelha, que fizeram com que os holandeses lhe dessem um nome tão literário. Outros pensam que os filhotes dos cupins são raptados e escravizados como os negros ocidentais, pela feroz formiga das plantações (8) que representaria assim o papel do branco perverso e sem compaixão. Mas a mesma fábula conta-se da formiga quem-quem, e talvez a lenda tenha nascido da diferença de tamanho das formigas operárias, maiores e menores.

A estrada razoavelmente boa para o Brasil, é execrável em comparação com a que percorremos no primeiro dia. Em alguns logares é dupla e tripla. Estes desvios indicam atoleiros piores que o caminho de Cheshire. O sólo é agora duro e castanho. Nas proximidades de Dezembro, a passagem das boiadas, ou manadas de gado a ser vendido, deixa o chão marcado com uma espécie de belbutina, ou grelha de altos e baixos, chamada aqui "caldeiras" ou "caldeirões". (9)

Estes caldeirões, terríveis para os viajantes brasileiros, consistem em linhas salientes e estreitas, duras e escorregadias, divididas por buracos paralelos, de barro úmido e pegajoso. Os burros afundam nas

7 — A siriema (*Dicolophus cristatus* Illiger; *Palamedea cristata*, Gmelin) será mencionada repetidamente no segundo volume. É mais ou menos do tamanho de um porá pequeno, com o qual se confunde muitas vezes. Corre como uma pequena avestruz. Anda geralmente aos pares e aninha-se em árvores baixas. O seu grito semelhante ao de um sino não é desagradável, e é facilmente domesticável. Outros pensam que a ave das termitas é uma espécie de coruja. (*Strix auricularia* ou coruja dos campos) a qual é sabido que põe ovos em buracos de tatu vazios.

8 — *Atta cephalotes*. Os brasileiros chamam-nas Saúba, corruptela do tupi Igouba.

9 — Os buracos abertos pelas ondas nas pedras da praia têm o mesmo nome.

últimos até o joelho ou ao ombro, as ferraduras de alto tacão muitas vezes se perdem, e às vezes um casco fica para traz. Os animais velhos e cautelosos preferem antes caminhar pela lama do que pelas elevações, que provocam quedas perigosas. O remédio seria abrir regos profundos para drenar os caldeirões, tirar a vegetação para permitir a ação dos grandes engenheiros que são o sol e o vento, e, em casos extremos, pôr paus sobre a lama. Atualmente a floresta se debruça sobre a estrada porque os viajantes preferem viajar pela sombra. Será fácil para eles aproveitar a fresca do dia. Além disso nunca senti o menor incômodo nem mesmo de cartola no calor do meio-dia. Finalmente no Brasil, como na Africa ocidental — e provavelmente pela mesma razão — há uma extraordinária ausência de insolações. Mas no atual estado de civilização o fato de "trabalhar para os outros" (10) parece uma enorme loucura, e os verdadeiros portugueses, da velha escola, jamais farão qualquer coisa que possa parecer util às necessidades de seus vizinhos.

E' preciso pensar que estamos na principal estrada do Brasil, entre as capitais do Imperio e da Província do ouro e dos diamantes. Na estação chuvosa, de Novembro a Abril, os atoleiros fazem desviar a carruagem. O custo dos reparos annuaes é de 300\$000 rs. por légua. Os zeladores, porem, por todo o Brasil, não se preocupam senão em obter o dinheiro e nada mais, salvo, talvez, votar. Não se incomodam com as dividas que tenham nas casas commerciaes, mas nada fazem. Em toda esta extensão, em que não há um só palmo de terra que não precise de uma grande turma de trabalhadores, en-

10 — Devia-se escrever em cada escola do Império a divisa dos cantões livres: "Um por todos, todos por um", e adotar máximas ascossezas — "Um o todos" — "União faz a força" — "Cuido de todos e espero que todos cuidem do mim".

contramos um único moleque coçando a cabeça, e, de vez em quando arranhando a terra com unia enxada.

Em todo o Império estas linhas de comunicação estão divididas em Imperiais, Provinciais e Municipais, e em todas elas se dão sempre estes tristes fatos. Quando se vai fazer uma estrada a concessão é feita às vezes em pagamento de serviços políticos do concessionário, que a constrói bem ou mal, como for o caso. E' então aberta ao público e abandonada até que se estrague. Quando está gasta até os ossos, e transformada numa cascada de pedra, num sistema de carris e profundos tremedais em que os animais se atolam e morrem, então, às vezes, abre-se ao lado da velha, uma nova estrada, cuja sorte, ao fim de certo tempo será inevitavelmente a mesma. Muitas vezes amigos meus brasileiros disseram-me que quem viajou por tão fatigantes estradas não poderá mais ser castigado.

Depois de viver tres anos no Brasil, conheço naturalmente as dificuldades da construção de estradas. O barro pastoso que aqui, como na África, reveste o esqueleto da terra, requer o emprego de ferragens, se a estrada deve durar. A macadamização é um processo dispendioso, exigindo constantes reparações. Os rios e riachos não são regulares como os da Inglaterra. Mínguam até se reduzir a nada ou crescem até se tornarem imensas torrentes, e o custo da construção de pontes ou de obras para o controle deles não é pequeno. A opinião pública que está longe de compreender a importância das estradas públicas e das vias de ligação, é também outro obstáculo. Muitos pensam que uma boa estrada é a que permite andar a cavalo com conforto. Seus pais passaram muito bem sem concertar estradas e retificar veredas — ergo, assim também podem fazer, etc.

Estas páginas provarão, comtudo, que neste império, em vias de se tornar tão poderoso e magnificante, comunicação significa civilização, prosperidade, progresso, tudo enfim. E' mesmo mais importante para a prosperidade pública, do que a escola e a imprensa, pois que estas seguirão a primeira. E os viajantes que quizerem fazer algum beneficio à terra, devem ferir até as náuseas esta mesma tecla.

Depois de Saudade a terra torna-se deserta. Alem de algumas raras vendas na beira da estrada, que vendem secos e molhados, feijão, farinha e as coisas de mais urgente necessidade para a vida encontramos sómente duas casas de campo, pertencentes a um fazendeiro chamado "Mirandão" e ao seu genro. O chiado e o baque monótonos do Monjolo, a única máquina economizadora de trabalho legada por Portugal (11) à sua filha mais velha, atestam a rudeza da agricultura. (12) Um pesado morro de barro escorregadio com cortes de púrpura, e com terra de ocre marborizada ou cor "mauve", chamada em S. Paulo "Taguá", faz com que os animais ralentem o passo e obriga Godofredo a usar o freio patenteado enquanto descemos.

A estação seguinte, "Chapeu d'Uvas", é assim chamada por ter algum antigo plantador de vinhas permitido aos sequiosos encher os chapéus com uvas. Certo

11 — Mawo chama-o **Pregulça** e dá um esquma deste rude molinho d'agua que é descrito por todos os viajantes. Caldwellough chama-o "Jogo". St. Hilaire (III — 1, 121 c.) escreve erradamente "Monjola". Aparece na poesia brasileira, p.e. nas "Parábolas" (N. 113 Wolf) de José Joaquim Corrêa de Almeida:

"Deputado vi comparsa
Representou de monjolo.

12 — Tambem, em 1633, a primeira serra movida a água, construída no Tamisa, em frente a Durham Yard, foi destruída "para que os nossos camponeses não viessem a soffrer a falta de empregos".

viajante moderno narra que num ponto qualquer, entre este lugar e Curral Novo, como em outros pontos do Brasil em que há florestas, vive uma raça de pigmeus, de cerca de tres pés de altura, brancos como europeus, e de corpo glabro. Isto faz lembrar os Wabilikurios ou "Homens de Dois Covados", gravemente assinalados no "Mapa da Missão Mombaça" dentro da costa de Zanzibar. O leitor imediatamente se lembrará das notícias detalhadas sobre os anões de "Obengo", ultimamente trazidas a público pelo meu infatigavel e aventureiro amigo Paulo du Chaillu.

O caminho do mato, em direção nordeste, encontra-se aqui com o caminho do campo, que embica para noroeste. A povoação é a vila de passagem do costume; uma única rua dispersa com uma pobre capela. Não pode mais pretender ao título de "uma das mais belas e civilizadas localidades vistas desde a partida do Rio". Poderia difficilmente fornecer razão só para os nossos cinco animais. A população só produz o suficiente para o consumo doméstico. Os próprios viajantes transportam suas poucas reservas. Os carros ficaram na estrada. A primeira vista percebemos a presença de viajantes americanos. Eles haviam feito o que fariam no Illinois: trazido arreios e parselias e avançavam para o ocidente.

Na nova etapa chegamos a "Retiro" (13) grupo de choças, habitadas por negros, que elevaram um santo preto no mastro de S. João. Vimos daqui pela primeira vez a Serra da Mantiqueira, com a qual eu já havia travado conhecimento em S. Paulo. Tenho algo a dizer a respeito desta interessantíssima formação. Não é

13 St. Hilário (III, I, 223) traduz "Retiro" por "Châlet". Nesta região significa rancho do caça. No Rio S. Francisco tem outra significação.

uma só cadeia, mas uma coleção de sistemas, cristalino, vulcânico e sedimentário. A sua parede mais ao sul fica à vista da cidade de S. Paulo, formando a Serra da Cantareira, contraforte septentrional do vale do Rio Tietê. Daí corre para Leste e para o Norte, cresce muito de importância até que chega a formar o ponto culminante do planalto brasileiro. Um pouco além deste ponto — a 1°20' de longitude Oeste do Rio — obedece à grande lei da América do Sul e mesmo do Novo Continente, em geral; curvando-se num ângulo de 115°-120°, torna-se uma cordilheira meridional e não uma cordilheira de leste para oeste, como são em geral as do chamado Antigo Continente. Forma uma bisetritz na província de Minas na direção de Barbacena, Ouro Preto e Diamantina e separa as bacias ribeirinhas do Rio Doce, Mucuri e Jequitinhonha, dos sistemas menores, da vertente ocidental, que correm para o Paraná, Paraguai, Prata e o Rio de S. Francisco. Sua função no solo é quasi a dos Andes mais para o Ocidente. Contem as chuvas que inundam as terras no seu flanco marítimo; interrompe o solo e cobre a terra de densas florestas. Os declives interiores são mais regulares, há grandes campinas, a vegetação é predominantemente de gramíneas e de mato baixo conhecido no Brasil como Caatinga e Carrascos. (14)

14 — Não se deve confundir Caatinga com Catinga a que já nos referimos. O primeiro deriva-se do Tupi *CAN*, floresta, muita, folhas, grama; e *TINGA*, branco. Dá uma idéa magnífica da vegetação disseminada no barro seco ou planícies secas; árvores nodosas de cerca de 16 a 20 pés de altura, ou seja um decimo do crescimento da floresta, e do aspecto pálido e doentio, o contrario do verde escuro da folhagem virgem. "Carrasco" em Portugal é uma vegetação rija e baixa. A palavra parece derivar de *querena* e *rusceus*, "Carvalho picante". Os mineiros geralmente empregam-na para indicar uma vegetação mais rala, enfezada e pobre que a caatinga, attingindo de 3 a 6 pés, e frequentemente rica em *mimosa dumetorum*, verdadeiro arbusto carrasquento. Ambas permitem a penetração do sol atra-

Para o norte de Diamantina, transforma-se em Serra do Grão Mogol (15) e forma então na Baía, a serra das Almas e a Chapada Diamantina ou Plateau Diamantino. Depois disso afunda no trecho de planície da margem meridional do S. Francisco. Estende-se pois por umas 860 milhas geográficas entre 10° e 24° 20' lat. Sul. A parte meridional corre quasi paralela e a distância de 30 a 50 milhas da Serra do Mar, ou Cadeia Marítima. Mas perto de Barbacena já se afastou e sua distância máxima da costa do Atlântico pode atingir 200 milhas em linha reta.

O ponto culminante da Mantiqueira e do Brasil em geral é a Itatiaiosú, palavra altamente pitoresca, que pode ser interpretada como "pedra grande resplandecente", pela forma semelhante a labaredas de seus tres picos mais altos. O principal fica a 22° 38' 45" de Lat. Sul e 1° 30' de Log. Oeste do Rio de Janeiro. A "Revista Trimensal" (1861) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, adota a altitude média de 3.140 metros, ou 10.300 pés. O Dr. Franklin da Silva Massena reduz o cálculo para 2.994 metros e o Pe. Germain, do Seminário Episcopal de S. Paulo, que o visitou em Maio de 1868 aumenta-o para 2.995. (16).

A sua formação é essencialmente vulcânica. Duas crateras e mais de 200 cavernas nela se encontram e os exploradores têm descoberto fontes sulfurosas e grandes depósitos de enxofre e piritas. Os píncaros

vez suas ramas, e com o auxilio do orvalho, uma pequena grama, bom pasto, cresce em torno da raizes.

15 — No original "Grão Mogor" (N. T.).

16 — O numero 2.994 foi adotado pelo excellent geógrafo braelleiro Sr. Cândido Mendes do Almeida. O Padre Germain dá como altitude da mais alta habitação, 1680 metros.

todos os anos cobrem-se de neve, que às vezes dura uma quinzena, e as planuras são cobertas de morangos selvagens. Terei mais alguma coisa a dizer a este respeito quando descrever a Província de São Paulo. Por ora basta notar que esta parte da Mantiqueira é um verdadeiro sanatório, ficando a uma distância cômoda, de tres dias de viagem do Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro D. Pedro II e o vale do Paraíba do Sul.

O Padre Casal chama a serra central e simétrica de "Serra da Mantiqueira". O Dr. Couto chama-a com propriedade "Serra Grande". Seus picos, o Itabira, o Itambé e o Itacolomí excluindo o Itatiaiossú, excedem a todos os outros do Império, com exceção dos explorados por Gardner na Serra do Mar, perto do Rio de Janeiro. O nome popular, que aparece em nossos mapas e que vem sendo adotado pelos brasileiros é "Serra do Espinhaço", ou "Cadeia da Espinha Dorsal" (16-A). Esta generalização creio ser obra do Barão von Eschwege, que, na ultima geração, commandou o Corpo de Imperiais Engenheiros em Ouro Preto e que escreveu abundantemente sobre a geografia e a mineralogia da região. Mas o chamado Espinhaço não o será do Brasil em geral, ainda que o possa ser da Província de Minas Gerais. Um arcabouço aproximado do Brasil seria constituído pelas Serras da Mantiqueira, das Vertentes, da Canastra, a de Mata da Corda e a grande cordilheira a oeste do Rio S. Francisco que aparece nos mapas como Serra da Tiririca e da Tauatinga (17). Ao norte de 11° lat. Sul bifurca-

(16-A) — E não "Serra Espinhaço". (Herschel, *Physical Geography*, 202).

17 — Em geral o erradamente escrita "Tabatinga", que significaria literalmente "Cabana branca" e que os dicionários traduzem como "fumaça". O Tupi *Tauá* parece ser a mes-

se na serra chamada da Borborema em direção nordeste e na Serra dos Coroados, em direção noroeste (18).

A palavra "Mantiqueira" também escrita e pronunciada "Mantiguira", ainda não foi interpretada. É geralmente traduzida como ladroeira, e supõe-se que seja uma gíria local. Alguns derivam-na de Manta, capa de lã, e, em sentido figurado, artil trapaga. (19) No início da primeira metade do século corrente era um nome temível como ainda são os de Apenino e Abruzzos. Os antigos viajantes estão cheios de lendas sobre os seus bandidos, e os tropeiros ainda tremem ao ouvir as narrações em torno ao fogo do acampamento. Os bandidos costumavam laçar suas vítimas e atirar os cadáveres, devidamente despojados dos diamantes e da arcia aurífera, nos mais fundos desfiladeiros e barrancos. Diz uma tradição que um desses cemitérios foi revelado por uma árvore de crescimento muito rápido e que ostentava um selim como se fora um fruto. O guarda asseverou-me que quando se construiu a nova estrada encontraram-se tesouros em vários logares. As maltas mais famosas nos últimos anos eram chefiadas por um célebre "Che-

ma palavra que "taguá" ou "tagoá", que Figuiera traduz como "barro vermelho" — ao passo que "tinga" significa branco. É um Kaolin branco imaculado, ou ligeiramente amarelado, às vezes misturado com areia, mais comumente puro. É uma de-generescência do feldspato, mas alguns viajantes confundiram-no com o calcio. Na falta de cal é usado para calação. Os antigos viajantes consideraram-na como a "Wunder erde" da Saxônia, uma litomarga endurecida e argilosa. Em 1800 segundo fomos informados, um tal João Manso Ferreira fabricou obras de arte com a matéria encontrada na Lagoa da Sentinela, perto do Rio de Janeiro.

18 — No Original está Serra dos Coroados. (N.T.).

19 — Th. Sampaio prefere deriva-la de amity-kiz, donde o nome primitivo da Serra: Amantiquira. Significaria então — a chuva goteja — como alusão à constância das nuvens chuvosas sobre o dorso da cordilheira. (N.T.).

fe Guimarães”, português “altamente respeitavel” de Barbacena. Em cerca de 1825, ele e seu intimo amigo, o cigano Pedro Espanhol, morreram na cadeia. Outro personagem na tragédia foi o Pe. Joaquim Arruda, homem rico e bem relacionado nesta parte da provincia. O fidus Achates que estava sempre ao lado do seu Fra Diavolo, era um Joaquim Alves Saião Beijú, geralmente chamado Cigano Beijú, (Beiju’ é um bolo feito de farinha de mandioca). (20)

O reverendo Arruda (*Ruta graveolens?*) acabou mal em 1831, após cerca de sete anos de uma prospêra vilania. Auxiliado pelos seus ciganos, fugiu da prisão, escondeu-se numa caverna perto de S. José de Paraíba, e foi morto a bala pelo destacamento que o perseguia.

A Mantiqueira está agora despojada de seus terrores, e os seus píncaros azul nitente são lindos de se apreciar. No seu sopé encontramos um pouso, “Pedro Alves”, onde o costumeiro alvoroço nos aguardava. Infelizmente não se compunha de frangos nem presunto. Observarei logo que os gulosos e os gastrônomos não devem visitar o interior da América do Sul, especialmente os planaltos do Brasil.

Refrescados mais ou menos com o “quantum interpellat” metemo-nos por um morro abaixo íngreme e sinuoso, que trouxe a Godofredo a lembrança de um braço quebrado e ao guarda a de duas costelas partidas. Cada buraco na estrada fazia o nosso carro saltar. A oscilação e as sacudidelas que levavamos

20 — Os ciganos do Brasil, ainda numerosos em Minas, tomam os nomes de alimentos, pássaros e animais, árvores e flores. Köster interpreta *cigano* como corruptela de *egipciaco*, mas é realmente um sinónimo de *gitano*. Muitos Ingleses residentes há longos anos na terra ignoram a existência de ciganos no Brasil.

a cada volta que fazíamos lembravam os carros Brighton nos primeiros dias das estradas de ferro. O vento forte derrubava os bambús perto da estrada e as fracas mulas deram-nos a pior prova de sua qualidade. Atravessamos o Rio do Pinho, uma das cabeceiras do rio das Mercês da Pomba que abastece o baixo Paraíba e drena a Mantiqueira Oriental. Ao pé desta fica a vila campestre "João Gomes" (*) com sua praça de palmeiras defrontada pela Igreja e um Hotel da Ponte.

A medida que nos aproximamos da subida há novamente abundância de água. Esta Westmoreland brasileira absorve até secar as nuvens vindas do mar e contribue eficazmente para a manutenção do extremo oeste como árido deserto. Depois de diversos preliminares de sub-serras e contrafortes, atacamos a subida que mede cerca de quatro milhas e dura uma hora. O Sr. Liais foi apressado quando escreveu: "os engenheiros da Companhia União e Indústria encontraram uma boa passagem na Serra da Mantiqueira". Confessa porém que não a viu. A passagem é voltada para o leste, enfrentando as intempéries e exposta a toda a força dos ventos nordeste e sudeste carregados de umidade pelo Atlântico. Contudo, a Comissão ultimamente enviada sob a chefia do falecido engenheiro civil Sr. John Whittaker, encontrou uma passagem de rampa suave e sem o principal defeito da atual: ser fronteira ao mar.

O gnais e o granito, fortemente listado, com veios de quartzo, claro e esfumaçado, formam a camada inferior. A camada superficial é o rico barro comum, vermelho, com mica em decomposição e feldspato. Os

(*) Depois chamada *Palmeira*. Hoje Santos-Dumont. (N.T.).

cortes revelam rochedos e "matacões" descascando-se como cebola. Viam-se também alguns blocos de pedra, dioritos verdes, especialmente no terreno elevado, mas não "in situ". Os fragmentos minúsculos de mica brilhavam à luz do sol com um maravilhoso esplendor. Caldeleugh encontrou próximo ao cume, areia de pedra vermelho velho. Entre esta areia e a de côr vermelho novo, creio que se encontram geralmente no Brasil, as formações carboníferas. Isto significaria que estamos a oeste da grande formação carbonífera, que se estende, com intervalos, desde Bagé, do Rio Grande (Lat. S. 31° 30') até a Província de Pernambuco (Lat. S. 8° 10') (21). Se assim for devem-se fazer pesquisas de depósitos carboníferos nesta região, da cadeia da Mantiqueira à costa.

A lama alta, pegajosa como alcatrão, em que as rodas afundavam até o eixo fez com que todos os homens descessem e tentassem com grande sofrimento alguns passos. Duas correntes cristalinas brotavam da escarpa de barro à nossa direita. Tinham sido convertidas em fontes por alguma alma caridosa, provavelmente conhecedora do que é a sede, e comovida com este súplicio dos homens e dos animais. Ao chegarmos ao alto atolamo-nos numa charco de lodo. Os animais, já sem nenhuma capacidade de escoucear estacaram. Tremiam-lhes as ancas, tinham o pelo ensoado e o focinho pendido. Um oportuno lagedo convidava-nos a descansar e gozar do panorama.

Estamos agora no ponto culminante a leste do plateau dos planaltos brasileiros. Daqui se irradiam

21 — Não pretendo fixar os limites. Já se encontraram espécimens a 23°. O Sr. Charles Van Lede ("De la Colonisation au Brésil", Bruxellos, 1843, cap. 10) faz uma boa descrição das minas de carvão de Sta. Catharina.

as bacias do Paraíba do Sul, do Doce e do Paraná que se transforma no imenso Prata. Abaixo de nós jaz a terra de aspeto tão variado, ordenando-se no quadrante de sudeste a sudoeste. Havia, como de costume no Brasil uma linda perspectiva, fileira após fileira de montanhas, morros, outeiros, elevações e ondulações do horizonte, que abrangia as formas familiares do Rio de Janeiro: Pães de Açúcar, Corcovados, Gáveas e Bicos de Papagaio. O revestimento da terra era a "Capoeira", ou floresta de segundo crescimento (22) tão antiga que em alguns pontos parecia uma floresta virgem. O verde escuro, verde claro, verde castanho, verde azulado, azul e anil com-

22 — No Brasil, como na África Intertropical, quando se abate a floresta virgem, uma vegetação diferente, em que dominam arbustos, e de cor mais clara, mais herbácea que lenhosa, toma seu lugar. O olhar se acostuma logo a distinguir os dois gêneros de matas e nenhum fazendeiro brasileiro as confunde. A floresta virgem é mais escura e sombria, há menos vegetação rasteira, o chão é mais limpo, os cipós são maiores, em maior número e mais úteis. O mato que perdeu sua virgindade é mais rico em flores e frutos, em orquídeas e bromélias. Alguns botânicos acreditaram que os germens ficaram ocultos por séculos incontáveis, no solo; outros, que as sementes são transportadas pelo vento ou por via animal, e que pareço mais provável. Este segundo crescimento é chamado "Capoeira" e quando velho "Capoeirão" forma aumentativa; "capoeirinho" significa que é ainda recente. Dizem que passaram muitos anos, a vegetação característica da floresta virgem reapareceu. Não tenho opinião formada a este respeito. A palavra "capoeira" deriva de "Capão" (plural-Capões), corruptela de uma palavra Tupi. Em Portugal significa: galo castrado. No Brasil, deriva de *Caá-poam*, ilha de bosque, no monte ou na planície. *Caá* — bosque; e "poam" ou "puam", de "apoam", substantivo e adjetivo, globo, bola, ilha, redondo, empolado. E uma designação admiravelmente descritiva que na clássica Lusitânia tem correspondente em ilha do mato, muita ou molta; em francês *boquet de bois* e em inglês canadense "motte". Assim Capoeira se opõe a mata, matagal, mata virgem, mato virgem, e em Tupi a *Can-eté*. Isto seria literalmente, a "verdadeira" ou a "floresta virgem", estê sendo uma particula que aumenta e prolonga a significação dos substantivos, tal como em *Abá*, homem — *nbueê*, verdadeiro ou grande homem. *Caá-otê* sofreu pequenas alterações como *Caotê*, *Caítê* e assim por diante. É o nome de muitos lugares no Brasil.

punham-se em gradações regulares, enquanto que os blocos de nuvens acumulando-se deante do sol projetavam no panorama um sombreado marmóreo. Os viajantes vindos dos climas temperados preferem este tom cinza à luz gloriosa de um dia claro. No sudoeste um longo paredão cor de ameixa listado de púrpura e encimado por um lençol azul-amarelo que poderia ser grama ou pedra, atraía o olhar. Era a serra da Ibitipóca (23) um contraforte da grande Mantiqueira que se dirige do nordeste para o sul-sudoeste. No seu cume, segundo se diz, há um lago, e nele há peixe. Os alagadiços em montanhas são muito comuns nos planaltos do Brasil; podem ser encontrados mesmo nos blocos que se erguem nas planícies costeiras. (24)

Decidido a poupar os burros caminhei para diante. Deparei com um vale minúsculo onde folhas escuras de mica e formações turfáceas denotavam uma mudança de região. A propósito notaremos que o Brasil é rico em turfas que nunca foram aproveitadas como combustível. Como a turfa é em geral recente, precisará passar por um certo preparo especialmente a compressão. O falecido Sr. Ginty, engenheiro civil, do Rio de Janeiro, chegou a tirar patente para exploração dos depósitos de turfa. A 4.000 pés acima do nível do mar uma simples cabana esburacada protegia uns poucos moradores de beira da estrada do

23 — Meu informante explica este nome como "aquil" (ibi) e "acaba" (tipoca). A derivação parece engenhosa. Ibi em geral significa terra. Ibi-tira, a serra, ou cadeia de montanhas o Ibi-tira-cua, vale, Põe significa arrebatado.

24 — Por exemplo, na Itabalanã, em Sergipe; no Monserrate, que fica atrás de Santos, em S. Paulo e em várias montanhas de Minas que serão mencionadas. Convém lembrar o "Poço da Falticeira", que nunca se seca, na quebrada granítica de Blockenberg, ponto mais alto do Hartz alemão do norte

sol ardente e do vento cortante. Uma curta ladeira conduzia a um declive rápido. O sólo era ainda de terra escura, de materia vegetal em decomposição, restos das florestas extintas formando a turfa. Na chuva transforma-se num pantanal pegajoso, na seca em barro duro e compacto que põe a prova as molas garantidas do carro inglês. A meio caminho da descida do morro encontrei um carro que me deu uma idéia do que deveria ser o carro de madeira de Northumberland nos meados do século passado. Tinha dez parelhas de bois. Homens armados do aguilhão de costume, com dez pés de comprimento, e um enorme esporão na ponta, haviam passado todo o dia espetando, insultando e vergalhando os bois que caminhavam vagarosos pela légua de serra acima.

Em "José Roberto" a estrada passou a ser seca. Estamos agora numa planície. Os hurros novos dispararam num galope moderado até "Nascimento", bela "venda" situada em minúscula planura numa depressão brilhante de grama mais verde, altos coqueiros com folhas ondulantes e os gloriosos ramos malvarosa da *Bougainvillea*, (25) (*B. brasiliensis*) que em Minas se torna uma árvore.

Depois de percorrer oito milhas dos topos da Mantiqueira e a doze milhas de nosso destino, chegamos a "Borda do Campo". Nome e localidade semelhante existem perto da cidade de S. Paulo. Mas ali o Campo começou junto à Serra do Mar, emquanto aqui a Mantiqueira se interpõe entre eles. O cotejo das primeiras impressões é curioso. Em Minas o

25 — O Príncipe Max escreve *Bugainvillea* e *Buglavinillea*, (X, 58) mutilando, e não pouco, o nome do grande circumnavegador. Os colonos franceses chamam-na extravagantemente de "Oeil de Judas", e os brasileiros "Porca Rota".

terreno é mais cortado de fundas cavidades, encostas e barrancos; os capões, ou ilhas de floresta são de maior importância. Reservo para outro capítulo as diferenças mais especiais.

A estação da seca estava então no apogeu, a terra parecia descorada e inerte com a estiagem. Avistamos de longe Barbacena, com seus campanários arranhando a cumieira de uma serra ao norte, alta e escura, já se enrubescendo aos raios oblíquos do sol. A situação lembrava S. Paulo à primeira vista e de novo respiramos o ar tonificante, frio, claro e leve do planalto, deixando o calor úmido da subida da Mantiqueira. Há grandes fazendas esparsas pela região. Chamou nossa atenção o aspeto das chamadas Campo Verde e Nascimento Novo.

Nossa oitava remonta, em que belos burros brancos aguardavam-nos para o prosseguimento, era Registro Velho. É o primeiro dos tres Registros pelos quais, nos tempos coloniais, devia passar o infeliz viajante de Minas que ia ao litoral. A construção é um grande edificio de madeira branca e de estilo rude. A sua antiga função desapareceu, é aproveitado agora para outros fins. Aqui pousam sempre as "Tropas de Ouro" das minas anglo-mineiras evitando as ruas das cidades, em que perdem as ferraduras e gastam o dinheiro. O posto comtudo, é execravel. O proprietário, Capitão (26) José Rodrigues da Costa, hospeda os via-

26 — Os postos militares são comuns no Brasil, como o eram no "Far-West" americano antes da guerra, ou na Inglaterra desde os últimos dias dos Voluntários. Raramente da tropa de linha, são quasi sempre da Guarda Nacional. Esta, organizada em 31 de Dezembro de 1863, consistia em 1864 em 212 commandos superiores e de um vasto quadro de officiaes, com 696.424 gradações e praças, distribuidas por artilharia, cavalaria, infantaria e infantaria de reserva. Formava, como nos Estados Unidos, um contraste curioso com o exército regular,

jantes a seu modo, expulsando-os se murmuram contra altas autoridades. Antes de visitar as várias Companhias espanta o fato de não poderem elas entender-se para a organização de um estabelecimento para o seu próprio serviço. O capitão, contudo, é digno de confiança, ou antes, sendo um homem rico, é muito respeitado.

Há aqui uma fábrica de cigarros (27) famosa de Minas ao Rio. Todos os operários, homens e mulheres ficam em duas salas e há um cortador para cada meia dúzia de enroladores. Em vez de papel emprega-se a palha de milho, costume herdado diretamente dos aborígenes. "Après qu'ils ont cueilli le petem" (folha do tabaco) (28) diz Lery, a respeito dos Tupinambás (pg. 200), "et par petite poignée, pendre et fait sécher en leurs maisons, ils en prennent quatre ou cinq feuilles qu'ils enveloppent dans une autre grande feuille d'arbre en façon de cornet d'épices; mettant alors le feu par le petit bout et le mettant ainsi allumé dans

o qual até o Paraguai exigir aumento, contava 1:560 oficiais e 16.000 homens, enquanto a pólvora em 18 províncias não passava de 4.467 homens. Estes números falam melhor que volumes em favor do caráter ordeiro e respeitoso à lei do povo brasileiro.

27 — Os portugueses chamam *cigarro* ao que os ingleses chamam *cigarette*. O que chamamos *Cigar* (palavra Singhalesa) é aqui chamado *Charuto*, donde o nosso *cheroot*.

28 — O tabaco, planta ou folha, chama-se na língua tupi *petum*, *petume*, ou *pett*, donde a corruptela popular no Brasil "pitar", fumar. É curioso que o português tenha adorado a palavra que na Europa significa somente a fumaça do cachimbo, e tenha reduzido tabaco à palavra vaga e genérica "fumo".

Diz-se geralmente que o tabaco brasileiro contém, como o de Havana, somente 2 % de nicotina, pouco mais que o turco ou o sírio, em quanto que o de Kentucky e da Virgínia cerca de 5 a 6 %, e a produção de Lot-et-Garonne etc. 7%. Até que façam experiências, só creio nisto quanto ao da Baía. Tanto em S. Paulo como em Minas, há variedades locais da "planta sagrada" cuja violência faz supor uma proporção bem maior.

leur bouche, ils en tirent de cette façon la fumée" (29). O fumo é forte e a pitaxia de tabaco enrolada numa folha, logo torna-se uma massa e precisa ser enrolada uma e duas vezes antes de se comprimir. Um grande rolo pôde ser comprado por um shilling, e ainda assim os lucros do estabelecimento são de cerca de 160 l. per mensem. O fumo de rolo, em regra no Brasil, é bom; mas este é especialmente agradável.

A nova etapa atravessa o Rio do Registro Velho, afluente do Rio das Mortes (30). Passamos pois, agora, para a bacia dos rios Paraná, Paraguai e Prata, ao Sul do Brasil. Virando à direita da estrada principal, passamos pela miserável pequena colonia "José Ribeiro". Um proprietário, assim chamado vendeu o terreno à "União e Indústria" e esta instalou uma colônia de alemães. A única casa decente era a do diretor. O começo do fim surgiu enfim com um pequeno trecho de um belo e macio macadame feito pela companhia. Era como se rolássemos sobre uma mesa de bilhar. Corremos animados a galope recebendo nas faces e nos pés o ar da tarde de pleno inverno.

Era quasi noite quando entramos na cidade de Barbacena que parecia tão viva como uma imensa cacumbá. Antes de poder esticar nossas pernas dormentes na hospedaria barbaccense, desembarcamos a velha senhora com seus inúmeros embrulhos, suas es-

29 — "Após haver colhido o fumo e, ás pequenas porções have-lo pendurado e secado em suas casas, tomam quatro ou cinco folhas que enrolam em uma outra grande folha de árvore em forma de pacote de confeitos; pondo então fogo pelo lado menor, metem-no-o assim aceso na boca; é desta maneira que puxam a fumaça".

30 — O nome de mau agouro deste rio será oportunamente explicado. O Sr. Walsh (II, 235) chama o Rio do Registro Velho do *Ilho das Mortes*, o que é um engano. Só o curso inferior tem este nome. Foi aqui que este viajante bom mistificado sofreu um terrível e cómico pavor sem nenhum motivo.

cravas e seus moleques. O hospedeiro Sr. Herculano Ferreira Paes, havia desgraciaçamente conhecido dias mais felizes. Demonstrou-o, dando-nos com cortezia infelizmente descabida, não um jantar, mas uma detestavel ladainha de desculpas: "a casa não era digna de nós — tão importantes personagens eramos — a cidade estava miseravelmente pobre — o povo era de bárbaros perfectos". Seus filhos estavam visivelmente acima de suas funções, recebiam cada ordem com um protesto tácito e examinaram-nos como os seus avós devem ter examinado John Mawe quando em 1809 visitou "Barbasinas" (31). Mas, afinal, veio a comida e até chegamos a achar bom o horrivel vinho espanhol. Os quartos de dormir eram pequenos, as camas não passavam de estreitos catres, o frio estava penetrante e cães da rua vivavam horrorosamente. Apesar de tudo, dormimos o sono dos justos. O dia de viagem na diligência havia sido um peso demasiado para os ombros de uma pessoa e muito esfalfante para o sistema nervoso.

31 — Erro que é infelizmente repetido pelo excelente geógrafo Balbi.

CAPÍTULO VI

OS CAMPOS BRASILEIROS

Núvens,
Névoas, sombras, luz de sóis de ouro,
Vibrações do luar —
Ihá entre tudo penetração e compreensão —
A'ança e entendimento —
Mas só o sentem os corações feridos
E as almas livres...

Wordsworth.

A palavra Campo (1) — Campus — traduz bem a nossa expressão *Prairie*. Não significa, porém, uma planura elevada, de formação semelhante à dos mares de grama do Orenoco, das enfadonhas estepes da Tartária ou das grandes planuras russas e polonesas, — fundos secos de lagos ou pântanos; nem tampouco apresenta paralelo com os planaltos ondulados do Kansas ou dos territórios trans-mississipianos. No Brasil oriental é uma superfície com colinas arredondadas, entre 300 a 600 pés de altura, geralmente de nível desigual, e dispostas sem regularidade, e não em linha ou em ondas gigantescas como as vastas elevações dos

1 — No extremo oeste, estas formações se chamam "Campos Gerais", expressão frequentemente reduzida a "Gerais". O termo quer exprimir a conveniência destes campos para a lavoura e a criação em geral. Outra variante do campo é o *Taboleiro* (table-ground), que quando vasto recebe o nome de "Chapada" ou *platina*. No vol. II, Cap. 9, fiz uma distinção entre taboleiro coberto e descoberto. A "campina" é uma pequena formação no taboleiro, geralmente um declive íngreme, onde o solo é superior e a grama em geral fornece melhor forragem.

mares da Africa do Sul. Cada elevação é separada de sua vizinha por uma grota ou vale, profundo ou raso, que, muitas vezes, pode ter sido um lago. Estes vales são em geral cobertos de florestas, e durante as chuvas, ficam cheios de lama ou de correntes d'água. Na provincia de S. Paulo, o alto dos montículos tem um perfil mais baixo e às vezes assemelha-se a uma planície, enquanto que em Minas, exceto nas suas fronteiras, raramente estes cimos possuem extensão suficiente para localização de uma cidade. Os declives dos montes e dos pouco profundos vales alternam-se progressiva e ininterruptamente a través da Provincia do Paraná, e atingem seu máximo nos pampas e llanos, as despidas e pobres landes do sul.

Os Campos, formam a terceira região desta parte do Brasil seguindo-se na direção ocidental, à Serra Marítima e à Beira-Mar ou região costeira. E' constituída por um plateau sedimentar e estratificado de 2.000 e 2.500 pés de altura, atingindo a leste, ou para o mar, a grande cadeia plutônica e não estratificada que tem cerca de 3.000 a 4.000 pés. Gardner encontrou em um ponto da Serra dos Orgãos 7.800 pés de altura. Assim, nesta região do Brasil como em Zanzibar na África, a linha das cumieiras não fica no interior, mas próxima à costa (2). Além disso, as montanhas não atingem grandes altitudes como na Grécia (8.250 pés). Entramos agora nas vastas formações de Itacolomitos e Itabiritos, que caracterizam as cadeias de montanhas do interior, e que se estendem, com intervalos até os Andes. O solo é composto de rochas hipogêneas cristalinas, granitos e sienitos, que em raros lugares se arqueiam e que se revelam, em geral, onde os leitos dos

2 — O Itatiaia, como já mostrei, é muito mais alto, mas nesse ponto também a Mantiqueira fica próxima da costa.

grandes rios cortaram os depósitos superiores. Assim, para não citar outros exemplos, no vale do Nilo, com 400 milhas de comprimento por doze de largura, o granito abre caminho até as Cataratas através do calcário e da areia; no Unyamwezi encontrei enormes afloramentos de rochas plutônicas rompendo através das netunianas. O Sr. du Chailu (2.^o exp. Cap. XV, pg. 292) descreve fenômeno semelhante em "Mokenga", na ilha Ishogo, a cerca de 150 milhas em linha reta da costa africana ocidental.

Colocadas ora de plena conformação, ora em desconformidade, sobre esta base ondulante, as rochas cristalinas e estratificadas, quer no interior quer na costa, ficam, como as fendas naturais e os côrtes artificiais o provam, sobre leito de seixos, principalmente de quartzo, ora rolado pela água, ora agudo e anguloso, dispostas em nível ou em camadas onduladas, como que depositadas por águas serenas ou por força do gelo (3). Superjacente, de novo, está a profunda e rica camada de barro, que faz do Brasil, como a África, uma Ofir, — terra vermelha, cor de ocre, altamente ferruginosa, homogênea e quasi não estratificada, outróra uma massa de areia e argila, com seixos e rochedos espalhados indiscriminadamente sobre o depósito. A su-

3 — Os glacialistas verão nisto uma das várias formas do fenômeno das morainas. Provavelmente a mesma coisa se encontrará na grande bacia central da África Intertropical, com uma tendência da ação glacial para o Equador, e a notável continuidade habitual. No Brasil, a argila e a margam encontram-se, às vezes, sobre areia que parece ter saído há pouco da praia.

Podrá a teoria glacial explicar o "fresco e caldo polo" de Monti? Podemos, creio, livremente supôr que o nosso sistema solar, porção subordinada do grande universo estelar, possa ter atravessado, na sua vasta órbita, zonas em que a temperatura era mais elevada ou mais baixa do que no presente. As variações da eclíptica, dadas como uma causa da mudança do clima, exigiriam 25.000 anos para se completarem.

perfície é silicosa e argilosa, pobre e amarela, parca de humus, e com pouco quartzo espalhado, e pedras de areia, geralmente contendo ferro. Esta formação felizmente a livra das terríveis tempestades de areia da Ásia e da África.

A primeira vista destes Campos trouxeram-me fortemente à lembrança Ugogo, na África oriental, região plana e árida, privada de chuva pela interposição das úmidas montanhas de Usagara. A analogia com a formação elevada da África interior apresentou-se naturalmente (4). A principal diferença está em que — segundo se percebe por uma rápida vista d'olhos em qualquer mapa — a vasta região lacustre do continente Africano está no americano mal representado. O declive drenador da América do Sul sendo mais regular, suas "Bacias continentais" não encontram nenhuma frincha de rocha como o leito do Tanganica, nem vastas concavidades como os de Vitória-Nianza. Assim as principais arterias encontram, nesta época do mundo, caminho franco para o oceano. A América do Sul, pois, cujas montanhas e rios egualam ou mesmo excedem todos os demais continentes, não tem lagos, em quanto que a América do Norte e a África, com seus mares internos e Nianzas, têm, comparativamente, pequenas cordilheiras. O lago, nesta terra, torna-se pantanal ou savana inundada — terras umedecidas pelas inundações, e, frequentemente como Xaráyis e Uberaba, mecos alargamentos de grandes rios, lençóes tranquilos e pouco profundos em que bosques submersos e flores-

4 — O Sr. du Challu encontrou na terra de Ashango, na costa ocidental africana, uma serra do oeste-nordeste para leste-sudeste, de mais de 3.000 pés de altura, dividindo as águas que correm para o oceano, das que se lançam para o interior, e, correspondendo, pois, exactamente à Usagara. Também observou sua continuação no curso do Rio Congo

tas afogadas formam festões de verdura, e em que pequenas extensões secas, como os pequenos prados nos escuros mares da selva africana, mostram encantadores campos, semeados de flores, ostentando a palmeira e a magnólia; em que ilhas flutuantes estão ligadas por liames intransponíveis de plantas aquáticas e semi-aquáticas, pontidérias e poligônias, malváceas, convolvuláceas, portulárias, sacchara altas, e o arroz conhecido como arroz do pantanal (*oryza paraguayensis*) (5). Estes pântanos sustentam considerável população de canoeiros e têm sido cantados pelos poetas do Brasil. Constituem um traço característico das regiões centrais da América do Sul.

Outro aspéto característico desses campos é o que em Minas se chama "esbarrancado" e em São Paulo "vossoroca" (6). A primeira vista parece uma gigantesca mina que tivesse surgido. É, ora natural, ora artificial e um olhar pouco habituado difficilmente distingue entre a arte e a natureza. No primeiro caso trata-se geralmente, se não sempre, do efeito produzido pela água da chuva infiltrando-se através da superfície até encontrar uma camada de areia sub-jacente ou outra matéria que forme um reservatório acima do terreno rochoso in situ. Num dado momento a seca faz com que a concavidade se transforme num vácuo. Chuvas

5 — Erram os autores que dizem ser o arroz derivado da Asia. Há uma espécie selvagem que cresce na África central e no centro da América do Sul.

6 — Esbarrancado, "aberto em precipício", do barranco, precipício, margem. "Vossoroca" é o nome local destes despenhadeiros. Daí o nome da cidade de Sorocaba, outrora célebre pela sua feira do mares. Caba ou aba como terminação significa lugar, tempo, modo ou instrumento. A palavra que em tupi significa ordinariamente buraco e conca (quára), como em Paraguara, (buraco do arara) (N. A.) Em S. Paulo encontra-se a expressão "Mossoroca" — (Amparo) — Otoniel Mota registra a formosa Mossoroca — Rev. Brasil, n. 10 (N. T.).

pesadas, em seguida, obstruem a cavidade ampliada. Afinal o flanco da montanha minado em suas bases, é arremessado violentamente para frente pela pressão d'água, com a força irresistível de uma erupção, deixando um enorme orifício em fôrma de cone irregular, às vezes razos, outras profundos como a cratera de um vulcão extinto. Alguns acidentes fatais já resultaram destas avalanches de terras que não são desconhecidas nas ilhas britânicas (7). Em 1866 várias casas perto de Petrópolis foram soterradas por enormes fragmentos medindo alguns milhares de pés cúbicos. Após a queda, uma corrente d'água corre permanentemente, em geral, da brecha, causando um longo corte de nível inferior, e criando um vale onde antes estava uma montanha. O tempo transforma a cicatriz irregular numa excavação de fôrma circular. Assim é que, com o tempo, uma considerável porção do terreno elevado é precipitado nos buracos que os séculos terminarão por nivelar. Alguns destes terrenos movediços estão vivos, quer dizer em processo de alargamento. Conhecem-se pelas suas profundezas, em geral cobertas d'água. Sua morte é causada pela grama, arbustos e árvores cujas raízes e frondes dispersadoras da chuva impedem-lhe o aumento.

Estas imensas fendas, abrindo-se em vales altamente irregulares e despenhadeiros, crearam em alguns logares, da Província de Minas, uma sucessão de obstáculos que só o tempo poderá cobrir. Não há nada tão interessante para o viajante como os enrugamentos e as formações em espinha, as vastas arestas, os espirais fantásticos e a ornamentação florida de uma catedral

7 — Já ouvi falar delas na Irlanda, onde o vácuo ou cavidade se forma entre a superfície do turfa e o subsolo de areia. O último acidente em Santa Lúcia (Nápoles) foi também, em parte, devido à pressão do terreno arenoso engrossada pelas chuvas frequentes e abalado por continuos terremotos

gótica erguendo-se dos flancos verticais ou inclinados dessas brechas de água cujos ângulos se determinam pela natureza do sub-solo. Apreciam-se bem de baixo, e deram-me a idéia de um trecho do Kanyon de Deseret. Os tons são tão vívidos quanto variadas as fórmulas. Lá estão todas as cores do arco-iris, brilhando com o quartzo e a mica, detritos de antigas rochas. As paredes são listadas de cores resultantes da decomposição de metais; vermelho escuro dos cromos e ocres; vermelho vivo, com sesquióxido de ferro pulverizado; verde, do cobre e das piritas; amarelo, do hidrato de ferro; branco de neve, do feldspato em decomposição; prateado, do chisto talcoso; azul e violeta, dos óxidos de manganéz; castanho escuro, com depósitos carbonizados de turfa, carregados de ácidos úlmico e húmico e variegados com calins duro e macio (8). Aprendemos depressa a reconhecer as fórmulas artificiais (esbarrancado de lavras). O sólo destas é formado pela limonita aurífera vermelho-escuro; montões sujos e ribanceiras escavadas de seixos e conglomerados são sinais de que o mineiro por ali trabalhou, e frequentemente há ainda à vista ruínas de casas.

A vegetação destas relevadas terras apresenta um maravilhoso contraste com as densas florestas da costa e da serra em que o horizonte visível pôde ser frequentemente atingido com a mão. Esta singular fecundidade em matéria vegetal, este emaranhado de cresci-

8 — O barro vermelho na presença de matérias orgânicas, principalmente plantas em decomposição, torna-se preto ou azul, pela desoxidação parcial do peróxido de ferro vermelho que se transforma em peróxido escuro. Se o barro vermelho fica em contacto com a água, o peróxido se transforma em hidrato amarelo e daí, sob a acção do carbono passa a Tavatanga branca. Os barros granfíticos, além disso podem ser vermelho vivo, amarelo, branco, azul ou preto, e pela mistura, pardo ou castanho ("Decomposição dos penedos no Brasil", por G. S. de Capanova. Rio. 1866)

mento pode iludir o estrangeiro sugerindo uma excessiva fertilidade ou profundidade do sólo (9). Se penetrarmos nas brenhas encontraremos as raízes espalhadas pela superfície de modo a aproveitar toda polegada possível de humus. Os rasos discos das raízes dos gigantes tombados evidenciam que nenhuma raiz principal conseguiu atravessar a argila ferruginosa das imensas camadas e barreiras de barro vermelho, cujo âmago de gnais azul frequentemente jaz a poucos pés do chão. E quando tombam as árvores, produtos talvez de um século, abafadas por uma atmosfera de estufa, com sol e chuva ad libitum, são substituídas por uma segunda vegetação de verdura mais clara e amarelada que logo trõe a pobreza do sólo.

Por outro lado, o campo, na aparência uma camada de pedra e grama mirrada, habitado principalmente por tatús e cupins pode sugerir a idéia de uma pertinaz esterilidade, o que está longe de ser o caso. Ainda não vi no Brasil o que o Sr. Bayard Taylor chama "produção espontânea de florestas, das terras campestres". Os botânicos e viajantes, em geral, não estão acordados à respeito do revestimento primitivo da terra; pensam alguns que ela foi sempre estéril de madeiras; outros que era ela nos antigos tempos, uma floresta primíeva. A verdade está talvez entre os dois extremos. Sem dúvida, como denotam o Alto-Congo e os prados do Missouri, grande parte destes campos foi floresta. Mas as árvores, especialmente perto das cidades foram queimadas ou abatidas. Assim as chuvas, em parte detidas pelas serras dispostas contra o vento, diminuíram ainda mais; os rios, tão abundantes para leste, diminuíram ou secaram; enquanto os ventos não deparando

9 — Isto se refere especialmente às províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo

com nenhuma massa ou empecilho aumentaram de violência. A queimada anual, em Agosto, nesta região se faz com o pretexto de obter adubo, afim de produzir um sucedâneo para o sal, e favorecer o crescimento da pastagem nova. Destroe o solo e nada deixa vivo senão os cerrados, (10) de árvores nodosas e mirradas, de folhagem coriácea e casca suberosa, que com o correr dos tempos aprenderam a resistir às chamas, ao sol, à chuva, ao frio, ao sereno, à geada, à saraiva e à seca. No Piauí e nas províncias do norte, o campo é ora "Mimoso" ora "Agreste"; o primeiro renova anualmente a grama, tenra succulenta e flexível; o segundo, que é provavelmente uma formação natural, é reconhecido pela sua vegetação áspera e selvagem. O solo tem grande influência sobre a vegetação. Muitas vezes, viajando pelos campos do Brasil atravessamos uma pequena cerca e notamos que no trecho adiante a vegetação apresenta quasi um novo aspéto, sem nenhuma mudança de aspéto exterior ou outra causa aparente. Mas em toda a parte, nos Campos, ainda que estereis, há ricas camadas admiravelmente convenientes para a cultura do trigo e do algodão e na maior parte deles, capões. (11) ou grupo de árvores florescem nas encostas abrigadas dos ventos e se estendem pelas margens dos rios. A madeira, primeira necessidade dos colonizadores de-

10 — O que os portuguezes chamam de *cerrado* é um jardim ou um cercado. No Brasil *cerrado*, e quando importante *cerradão*, pode se dizer dos "campos cobertos de arvoredo curto e denso", o que os espanhóes chamam *chapparral*, que Humboldt deriva de uma arvore chamada *chapparro*. Ambos se applicam tanto à formação do terreno quanto à cultura. O Sr. Lulz d'Alincourt ("Sobre a viagem de Porto de Santos à cidade de Curitiba", Rio de Janeiro, 1830, pg. 129) escreve a palavra "Serradão". As duas formas do mesmo som sibilante (c e s) são muitas vezes usadas indiferentemente pelos portuguezes.

11 — Estes bosques têm o inconveniente de produzir carrapatos e moscas que prejudicam o gado. Mas isto não se compara com as vantagens que elles apresentam.

pois da água, ainda será encontrada aqui por muitas gerações.

Passemos agora uma vista dolhos na vegetação que nos aparece na Boráia do Campo. A primeira observação é não ser o campo tão pobremente guarnecido como o Llano, o Pampa e especialmente a Estepe. Basta mencionar aqui os tipos mais proeminentes.

Os cerrados, de 10 a 20 pés de altura, e que não são muito diversos de nossas aveleiras, macieiras bravas e das oliveiras do sul da Europa, são frequentemente de Acácias e Leguminosas. Assim por exemplo, o Jacarandá do Campo, a Mimosa, cuja madeira pouco vale; a Sicupira (12) (*Bowdichea major*), pau duro e reto usado para eixos, o Angico (Acácia Angico), que produz o cacho, e o Barbatimão ou Barba de Timão, de folhas pequeninas (*Acacia adstringens*, Veloso), cuja casca é adstringente e rica em ácido tânico, e cujas folhas servem de alimentação das moscas cantáridas. A nobre e valiosa Araucária (*A. imbricata* ou *brasiliensis*) (13), o pinheiro da América do Sul, vegetação ante-diluviãna só é vista perto de povoações. E' prova-

12 — O nome se pronuncia de diversas maneiras; segundo o Sistema, é rica em strifno, princípio adstringente, e muito usada em medicina casolra. (N. A.) A forma corrente é sicupira — v. Tastevin — "Nomes de plantas e animais em Língua Tapí" — Sep. Rev. Museu Paulista — pg 47. (N. T.).

13 — Não se deve confundir esta Araucária com a Araucária excelsa da ilha de Norfolk, e o pinheiro do Chile. Todas as suas partes são uteis, o fruto, a madeira, a terobentina, que tem sido usada como inconsto, e a fibra que será empregada como tecido de palha. Pretendo dar uma noticia detalhada a respeito d'ella, na minha descrição da Província de S. Paulo. John Mawe e o Príncipe Maximiliano, parecem não ter tido noticia de portancer este pinheiro a latitudes mais meridionais que Minas Gerais.

Southey diz (I, 119) que o nome nativo é Curlyeh, com a última sílaba aspirada. E', mais propriamente. "cory" ou "cory" e ontra na composição da palavra Curitiba no Paraná. Também os "pinhões" não são do tamanho das bolotas, mas cerca de tres vezes maiores.

velmente imigrante do Paraná onde forma florestas primevas.

O contorcido Piqui (*Caryocar brasiliensis*) (14) dá um fruto oleoso e mucilaginoso, contendo uma noz comestível em tempo de fome. O Tingui (15) (*Magonia glabrata*, St. Hil.) é uma vegetação inútil, com um fruto disforme pendente como um inenso cogumelo. O Pau Terra e a Patári, de grandes sementes, fornecem bom combustível. A casca, a folha e a flor do último são usados para tingir de negro. O Cedro do Campo e várias espécies do *Psidium* selvagem são também comuns. Há várias solanáceas; o Juá ou Joá, vulgarmente chamado Mata-cavalo ou Rebenta-cavalo; cujo pomo amarelo parece a bengam selvagem da África; a Matafome (16), variedade comestível, com fruta vermelha; e a odorosa Fruta do Lobo (*Solanum undatum*, S. Lycopodium, St. Hil.) que se diz ser comida pelos lobos e envenenar o gado. A fruta verde-claro e grande como uma bola de futebol, é usada como secativo e como um dos ingredientes do sabão. A árvore mais valiosa e a rainha dos cerrados é a aroeira (*Schinus terebinthifolius* ou *Schinus molle*); a madeira é excessivamente dura, resiste admiravelmente ao tempo e adquire um belo brilho. As folhas se usam como cáustico, o cozimento serve para aliviar dores reumáticas e outras

14 — St. Hil. ("III", 2, 27) escreve Pequi, mas prefiro Piqui, tal como é pronunciado. Em tupi, pequi é o nome de um patinho. Gardner usa *plki*, forma inadmissível.

15 — Gardner escreve *Tingi*, que em português se pronunciará *Tinji*.

16 — Joá, ou Matafome, é o que Caldeclough (II, 208) chama de Juan Matafome, e compara com a groselha amarela. A PE. 210 fala do Mata-cavalo como "como um pequeno arbusto coberto de bagas como uma solanácea" o que está certo. Não estou certo de que esta planta seja venenosa. Há uma variedade cultivada, a favorita na província de S. Paulo, e estou informado de que as crianças — que se arriscam onde os homens não o fazem — comem o Juá. (N. A.).

Solanum arborea — (Vell. Fl. Flum.) (N. T.).

dores, e a resina, esfregada nas cordas, impede o seu apodrecimento. O aspeto da árvore quando carregada com seus cachos vermelhos é agradável, mas a gente da terra a evita. Dormir debaixo dela provoca tumores nas juntas, e as pessoas super-sensíveis que passam sob elas sofrem inchações no rosto. Isto aconteceu com a mulher de um de meus amigos em S. Paulo (17). Ao contrário do que se dá nas verdadeiras terras florestais, — a Serra e o Mato Dentro, — as árvores são geralmente decadentes e, quando estão limpas, o aspeto é o de uma desagradável nudez.

O revestimento da terra perto da estrada é o capim grosso e em touceiras, conhecido como Barba de Bode (*Chaetaria pallens*). Quando nova e verde esta herba é comida pelo gado; é contudo um sinal de terra pobre que já foi muito pisada. O capim redondo e capins superiores crescem ao largo, e em Bertiooga (17-A), a sudoeste de Barbacena, existe, segundo fui informado, aveia selvagem como na Califórnia, que amadurece durante as chuvas, o que sugere a criação de gado em larga escala (18). O feno duro dos Estados Unidos, a alfafa da República Argentina e do Paraná, serão experimentados algum dia e pode ser que dêem bom resultado na preparação de forragem de primeira qualidade. Nas concavidades encontramos o capim alto de várias espécies, chamado pelo povo Sapé (*Saccharum sapæ*, St. Hil). Surge em solos mais ricos quando beneficiados, ou onde o terreno foi queimado com frequência.

17 — Os índios usavam o suco verde dos ramos novos para doenças dos olhos.

17-A — Allás Ibertyoga — (N. T.).

18 — O Sr. Walsh (II, 76) descobriu ser aquillo que ele supunha um imenso rebanho de carneiros, "nada mais que os enduantes tufo de aveia braba, cujos curvos lópos a dielencia lembravam muito mais carneiros pastando do que os barometes da tartaria". Walsh encontrou tambem aveia esteril perto do S. José.

A samambaia que também cobre uma grande parte dos campos cresce nas mesmas condições.

A maior parte dos arbustos e plantas menores é medicinal e o povo bem conhece o seu emprego. (19) Além das verdadeiras e falsas chinchonáceas, há o Carapiá (20) valioso nas moléstias do peito, que perfuma o ar, assim como o Alecrim do Campo, semelhante á urze, (*Lantana microphylla* Mart), uma labiada que entra na composição da "água húngara". (21) A Vasoura (*Lida lanceolata*), que fornece alcali e lembra as asteráceas, do género *senecio*; é usada como emoliente em infusão ou em cozimento. O "Assa-peixe" branco (22), uma das compósitas, faz o papel de camomila. O aromático "Velame do Campo" (*Croton fulvus* ou *campestris*) é um poderoso sudorífico e resolutivo, conhecido por todos. Nos bosques há várias espécies de Ipecacuanha selvagem chamada Poaia (*Cephaelis ipecacuanha*). A labiada conhecida pela sua forma como "Cordão de Frade" (*Leonotis lepetifolia*, Mart), é um poderoso narcótico. A composita Carqueja (*Bacchaus, Nardum rusticum*, Mart.) com folhas triangulares e

19 — E' costume desfazer do Curandero ou médico popular do Brasil. No entanto, desde os dias de Piso, que Maregraf ensinou ao sábio botânico o que poudo colher da gente do mato. Como conta o Príncipe Maximiliano, esta gente podia curar a hérnia, sabia aplicar ventosas, e fazer sangrias, pensar as mais perigosas feridas e praticar o banho de vapor, que como a flade da mandeira e da pedra, é quasi universal. Este tratamento era applicado da mandeira comum e selvagem, aquecedo-se uma grande pedra e derramando agua sobre ella. "O doente poz-se e mais próximo que poudo do local aquecido; não tardou a transpirar abundantemente, em consequência do vapor que recebeu, e recobrou a saúde".

20 — *Corruptela* de Can-pia, ou *pua* (coração, fígado); é uma dorstênia, uma das urticáceas.

21 — Alecrim vem do arabe *El-ikil ef jabal*, a corda da montanha

22 — Assim se chama o *Eupatorium*, presumo que por se fazerem com elle espetos.

alongadas e brotos esbranquiçados nos ângulos, é um tônico amargo, aromático, anti-febril, muito usado na cerveja germano-brasileira.

Creio não ser preciso dizer que nada pode haver de mais puro que o ar perfumado desses campos; sua alegria afronta até mesmo a monotonia de uma viagem em lombo de burro, e o viajante europeu nos trópicos recupera neles todas as suas energias, físicas e mentais. As manhãs e as tardes são a perfeição do clima. As noites são frescas, claras e serenas, como no deserto da Arábia, mas sem areia. Nem faltam a estas campinas as mais altas belezas de formas e tons. Há grandeza na vasta e contínua amplidão esmaecendo-se à distância. Os olhos não se cansam de pousar no cenário horas a fio, especialmente quando de uma eminência, se contempla o quadro marchetado pelas nuvens da tarde cuja sombra parece avançar e recuar o que dá ao conjunto a impressão de mobilidade. Que prazer também percorrer a superfície sinuosa das ondulações verde-claro que se erguem na atmosfera azul nitente da manhã ou nos encantadores tons róscos do sol posto, os vales sombrios e as moitas de arvores escurecendo nos baixos. O encanto destas impressões parecia ser a essência da instabilidade do oceano. Mas aqui a sentimos na solidez da terra firme.

CAPÍTULO VII

EM BARBACENA

"Respirando os ares límpidos
A viração mais amena
Da liberal Barbacena".

(Pe. Correia — Poesias — Vol. III, 11).

Uma feliz inspiração levou-me a procurar o Dr. Pedro Victor Renault de Sierck, Vice-consul da França, Médico homeopata, professor de matemática, geografia e história, em Barbacena. Passou ele trinta e quatro anos no Brasil, sabe de cór os atalhos de Minas Gerais, especialmente nas redondezas dos rios Paracatú e Doce, e já viveu entre os mais brabos selvagens estudando-lhes a lingua. Foi outrora caixa da Mina de Morro Velho, e entre 1842 a 46 ajudou o Sr. Halfeld a abrir a estrada de rodagem. Casou-se com brasileira, e é compadre de todas as pessoas importantes da terra. (1) Que mais se pôde exigir de um guia? Ainda

1 — *Compadre e comadre, assim chamados com referência ao afilhado ou afilhada, ainda constituem no Brasil um parentesco religioso, como no tempo em que o compadrio creava um parente diante de Deus. Vi irmãos tratarem-se de compadre, e mesmo mulheres chamarem assim aos maridos. Estes padrinhos e madrinhas podem se casar entre si legalmente, mas a opinião pública é fortemente contrária a essas uniões, da mesma maneira que, na Inglaterra, os mais severos condenam o casamento de viuvo com a cunhada, irmã da mulher falecida. O que peca com uma comadre, depois do morto, vira demônio de natureza especial, cujo único objetivo no mundo parece consistir em amedrontar os tropeiros. Os estrangeiros residentes no Brasil são pela compellido a adotar o costume que tem seus lados bons e seus desvantagens. Nos lugares pequenos, p. ex. todos os habitantes ficam ligados pelo batismo, se não o são pelo sangue e, assim, os objetivos da justiça são levados a efeito de maneira diametralmente oposta à que devera ser.*

que a vida dos acampamentos e dos campos, lhe tenha deixado a saúde abalada, pôs-se gentil e cordialmente à nossa disposição, tomou a bengala e levou-nos para dar uma volta pela cidade.

Barbacena da Rainha fica a $21^{\circ}31'9''$, 1 de Latitude Sul, e a $0^{\circ}49'44''$, 3 de Longitude Oeste do Rio de Janeiro, no ponto culminante do planalto, a 3.800 pés, em números redondos acima do nível do mar (2). O clima é essencialmente temperado; a máxima anual é de 80° (F.) à sombra. A montanhosa cidade começou a vida como Arraial da Igreja Nova do Bordo do Campo, lugar de parada para as tropas de burro entre Ouro Preto (22 léguas) e Petrópolis (40 léguas); seu principal comércio era de queijos e refrescos que as mulheres velhas vendiam (3). O local é excepcionalmente conveniente para uma fundação de tal origem.

No Brasil, as cidades fundadas pelos eclesiásticos ocupam as melhores posições: montes e elevações dominando belos panoramas. Os leigos preferiam as terras baixas, perto do ouro e da água. Teve Câmara municipal em 1791, sob o governo do famoso ou infame Visconde de Barbacena, Capitão General das Minas, que lhe batizou com seu próprio nome. Mawe (1809) descreve-a como uma vila de 200 casas, governada por um ouvidor. Foi elevada a cidade por uma lei provincial de 9 de Março de 1849 (4). Sua população (do município) em 1864 era de 23.448 almas, com 1954 votos e 39 eleitores, abrangendo 1.400 alqueires de terra, cada alqueire valendo 10.000 braças brasileiras. A cidade

2 — O Sr. Liais, a última e melhor autoridade no assunto, dá a Barbacena a altitude de 1.137 metros = 3.730 pés acima do nível do mar.

3 — O Sr. A. D. de Pascual chama-a *Freguezia dos Carões* em 1792. É um erro, segundo penso.

4 — Castelnau (I, 118) diz 1841.

contava 5.000 almas em 1849; era, pois, uma espécie de oasis central no deserto formado pela floresta do sul ou Zona da Mata, que atravessamos, e pelos campos do norte que devemos percorrer. Os viajantes de ida ou de volta de Minas gostavam de parar aqui; agora metem-se nos carros da União e Indústria. Em 1867 uma estatística sumária apurou 3.600 almas dentro do "Toque de Sino". Isto faz retrogradar meio século visto como já em 1825 a população era avaliada em 3.600 homens, dos quais 300 brancos e o restante composto de negros, mulatos, e mestiços de mulatos e brancos. Tais foram, porém, os primeiros efeitos do caminho de ferro na Europa, e tais serão as consequências momentâneas do progresso das comunicações no Brasil. O elemento branco prepondera agora consideravelmente e os escravos, segundo se diz, não chegam a 200.

Na última geração o Barão de Pitangui fez no comércio uma fortuna de 400.000 libras. Não há agora fortunas como esta empregadas na indústria. Uma casa que custou 2.000 libras no tempo em que a mão de obra era barata é bem vendida por 500 libras, e isto é a regra geral em Minas. Em 1864 mais de 60.000 sacos (5) de sal passaram pela cidade. Em 1867 só passaram 50.000.

A "Nobre e muito Leal Cidade" iniciou em 1842 uma espécie de movimento separatista que tomou o nome de "Revolução de Barbacena". Minas e sua forte irmã S. Paulo, foram especialmente prejudicadas pela lei da reforma judiciária e eleitoral (3 de Dezembro de 1841) que creando os chefes de polícia, delegados, sub-delegados e inspetores de quartelão cobriu o país com uma nuvem de agentes preventivos. Cla-

5 — O sacco de sal pes. do 2 arrobas (64 lbs.) a 2 arrobas 6 libras. Achei em corca do 6, o peso do 3 arrobas e 2 libras.

maram contra estas medidas que diziam ser de interesse de uma oligarquia deixando os cidadãos assim à mercê do governo. Repudiaram contudo o republicanismo e professaram a maior lealdade ao Chefe da Nação. Minas estava tambem irritada com o Ministério conservador de 1841, e ainda mais com o presidente da Província, Bernardo Jacinto da Veiga. O movimento precipitou-se em Sorocaba, S. Paulo. Logo depois, a Câmara Municipal de Barbacena reuniu-se (10 de Junho de 1842) e declarou o Tenente-Coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, no exercício da presidência, tendo como secretário o Sr. José Pedro Dias de Carvalho. Pomba e Queluz logo se levantaram. Mas o Presidente em exercício, ou intruso, em vez de marchar immediatamente sobre Ouro-Preto, capital da Província, perdeu tempo com passeiatas militares a S. João d'El Rei e outros lugares. Os dois meses que se seguiram assistiram a várias peripécias; o "Masséna" da luta foi o atual senador Teófilo B. Ottoni, que foi proposto para Vice-presidente. Em princípios de Agosto, o então Barão de Caxias após haver reduzido S. Paulo à ordem surgiu deante de Barbacena e a cidade curvou-se diante do seu "destino manifesto".

A branca cidade de Barbacena, situada no alto do morro, espraiou-se em forma de cruz ou T, com salpicos em torno, ao acaso. A rua principal, Rua do Rosário, é a perpendicular, correndo aproximadamente na linha norte-sul, em quanto que o braço oriental é truncado. As duas principais ruas comerciais não são calçadas no centro. Linhas de pedra guarnecem-lhes a largura, e dos lados ficam as calçadas de terrível rudeza. As principais praças, meros alargamentos de ruas, são o largo da Câmara, onde está o Paço da Municipalidade, a Praça da Alegria, atraz da Matriz, e

a Praça da Concórdia, a Leste. Numa delas uma peça de um maquinismo destinada à Mina de Morro Velho, atravança a passagem. Esta almanjarra está numa complicada situação. Não pode ser transportada pelas estradas barrentas, e a Câmara ameaça destruí-la por continuar ali. As casas são geralmente de porta e janela; a melhor pertence ao Deputado Geral Barão de Prados, que, ao tempo de nossa visita, estava em função no Rio.

Andamos difficilmente pela rua principal, que tem o nome da capelinha — Nossa Senhora do Rosário — invocação muito cara, por todo o Brasil, aos escravos e negros. Distingue-se geralmente por uma corôa de massa na fachada, e abaixo da corôa, ligada a ela ou separada um rosário terminando por uma cruz simples (6). Junto havia um oratório, ou lugar destinado ao culto privado, com um sino dourado; esses pequenos santuários são característicos de todas as antigas cidades de Minas. As primitivas hospedarias são ainda em grande número; contamos meia dúzia. A destructiva e lucrativa arte de curar conta vários devotos: seis alopatas, cinco boticários (e práticos em geral), quatro parteiras, reconhecidas por uma cruz de madeira pregada à parede, e um homeopata. Um quadrado de papel grudado na janela indica “casa para se alugar”, o que parece ser aqui o estado normal das propriedades. O material de construção predileto é o famoso adobe-barro em tijolos secos ao sol, como no México e Salt Lake City. Em Minas é uma masa de barro pesando frequentemente 30 a 32 libras. Algumas construções têm fundamento de pedra afim de evitar que a umidade e a

6 — As contas parecem trazer ao negro a lembrança de seu país natal. Na África elas constituem a maior riqueza e a mais valiosa das riquezas. Quero me referir naturalmente à conta Popô.

chuva desmanchem estas massas de lama crua; as calhas dos telhados são descomunamente salientes.

Examinamos a Matriz de Na. Sa. da Piedade, que fica em face do nor-nordeste e domina um belo panorama sobre a rua principal e a depressão que fica abaixo. A declividade do terreno exigiu, para construção do templo um Adro — que é como se chama a plataforma ou terraço fronteiro à Igreja — elevado e calçado de pedra. Era aqui o primitivo local dos enterros, tal como entre nós, junto à Igreja, sob cujas pedras repousam, na paz do Senhor, os antigos vigários e os rudes antepassados. Assim canta o Padre Correia: (“Cavaco”, pg. 157)

“Dos cemitérios e do adro
Resuscita vãos espectros”.

Este adro é ornado à entrada e nos ângulos de pequenas pirâmides bem talladas, de mistura com chorões odoríficos, todos secos e com “casuarina” enfezada, rija e mais que inútil. O estrangeiro se espanta de ver esta planta selvagem da Austrália, feia como um pinheiro da Escóssia, naturalizada entre as gloriosas belezas vegetais do Brasil e do Hindustão; suas raízes se espalham e empobrecem o solo; enquanto os vizinhos derramam graciosamente os ramos, ela se ergue com petulante pretensão. Sua função na Creação parece ser abrigar a desamparada

“importuna monótona cigarra”

alegre mendigo cujo agudo e rouco bater de asas abafa o som da voz. A fachada da Igreja, de pedra e barro crú pintado de branco, tem quatro janelas; na província de S. Paulo, mais antiga, o número de janelas é, sine qua non, de cinco; a Trindade ocupando o centro, co-

mo os tres campanários góticos, José e Maria, nas alas. Uma racha suspeita e um bombeamento perigoso vêm-se à entrada; são atribuídos ao escoamento da água da pia batismal. Há dois campanários quadrados curtos e acaçapados segundo a moda do Brasil antigo, uma cruz, e uma estátua quebrada. O perfil revela a grande nave do costume e a capela-mor curta; um grande barracão ligado a outro menor, tal e qual nas regiões campestres da Inglaterra. O material de decoração é a esteatita, pedra azulada, abundante no local. Em geral é pintada para ficar mais azul, "e assim", exclama um talentoso autor brasileiro "assassina-se a natureza". Pode ser cortada à faca como o lapis olaris; exposta ao ar, porem, endurece rapidamente pela absorção da água da pedreira. E' assim apropriada para a modelagem e para a escultura rude. Alguns dos umbrais monolíticos, têm 14 pés de comprimento.

A entrada é protegida pelo para-vento do costume, de madeira lisa e caixilhos de vidro. O coro fica por cima da porta. Debaixo dele estão dois afrescos feitos por um pintor da terra representando a Paixão do Senhor, duas pias de água benta, e numa capela especial à esquerda, a fonte batismal, de granito pintado toscamente de verde. (7) Sete janelinhas colocadas muito alto deixam entrar uma luz suave e há duas tribunas para acomodar os importantes da terra. O soalho é de paralelogramos moveis de madeira, de seis pés por tres, sinal de que ali já foi cemitério, costume que ainda se mantém na Europa do Sul; aqui durou ele até que uma lei sensata, um dos beneficios da febre amarela, pôs fim ao piedoso abuso. As paredes estão cobertas de pa-

7 — Mawo, c. 10 diz que há nos arredores de Barbacena "uma pedreira de granito doce, esbranquiçado de que se fazem mós".

peis sobre eleições e outros documentos públicos, e de cada lado há um púlpito branco e dourado, em estilo vulgar que poderia ser chamado de ninho de andorinha. As seis capelas menores, têm altares branco, verde e ouro (8); os pilares de pedra e madeira repousam sobre consolos; mas os pedestais que ficam na base destes, não têm nenhuma fundação, como na maior parte das igrejas do Brasil.

A arcada que conduz ao Altar-mor ostenta um candelabro de prata massiça que vale 120 libras, dádiva do devoto Barão de Pitangui. A cortina do altar-mor tem uma cruz preta sobre um pano mortuário de seda e lã valendo 100 libras; foi dado pelo filho do Barão. As toalhas do altar foram bordadas pelas irmãs do Barão. Há também uma boa estatua de mármore italiano, representando um anjo da guarda em adoração e mandada colocar pelo Barão em memória de seu pai, o que custou 360 libras.

O altar-mór é branco e dourado, com um Senhor Morto e uma Nossa Senhora, de madeira pintada, e talvez acima do tamanho natural. O efeito não é mau. O sacrário é grande; quatro candelabros massiços de metal dourado sustentam os cirios, e quatro telas a óleo modernas e toleráveis representam a "Flagelação", "Nossa Senhora ao pé da Cruz", "Agonia no Horto" e a "Ressurreição". Demorei-me nesta descrição. Servirá para todas as igrejas das cidades prósperas no interior do Brasil, dentro da influência civilizadora da Capital.

8 — Minha mulher tomou nota dos padroeiros da seguinte maneira: Lado direito: N.º 1) S. Miguel, Sta. Cecilia e Sta. Luzia; N.º 2) Na. Sa. do Carmo e Na. Sa. do Rosário; N.º 3) Senhor dos Passos. Lado esquerdo: N.º 1) Sto. Antônio e Sta. Rita; N.º 2) Na. Sa. das Dores e Sta. Bárbara; N.º 3) S. Sebastião e S. José com o Menino de Jesus. Há também uma capelinha separada para o Santíssimo Sacramento, com um crucifixo etc. e S. Vicente de Paulo.

Visitamos em seguida a Igreja de Na. Sa. da Boa Morte. É um edificio notavel, na margem ocidental, que se aprecia melhor de longe. O exterior, de granito e esteatita é grotesco. As torres têm dois relógios que parecem mortos passando sua função ao relógio do sol que fica junto. Uma sacristia nova, feia, e de um estilo esquisito, foi acrescentada à construção primitiva que traz a data de 1815. Errou pois Castelnau quando supôs que o edificio inacabado tinha sido abandonado, como o Aquiles do Hyde-Park. Estes prédios no Brasil pertencem a sodalícios ou Irmandades que deles cuidam devagar ou depressa, conforme permitem seus fundos; os viajantes facilmente profetizam a cessação dos melhoramentos, quando as obras estão paradas por ocasião da visita, e logo moralizam sobre a decadência da piedade em nossos dias. E não obstante, as obras vão se fazendo.

O interior é o caixote de costume, azul e branco. Na. Sa. da Assunção ocupa o ápice, abaixo dela está uma Virgem em repouso. Há dois púlpitos de pedra azul marinho, um coro sem órgão e tres placas votivas na parede. A oeste fica o cemitério, com a sua capela mortuária que deve a existência ao nosso excelente guia. Esta colônia dos mortos, ainda que com tres anos de idade está se povoando depressa, o catarro e a pneumonia com suas inúmeras variedades, é a principal causae causantes. A entrada encontramos o corpo de um negro carregado numa rede por quatro companheiros que rindo e brincando, atiravam e sacudiam o cadaver como se estivesse com vida.

Chocado pela selvageria de um branco sustrando um cão — espetáculo raro no Brasil, em que a humanidade para com os animais é a regra — perguntei quem era aquele homem e fui informado de que era um ita-

liano. Há de fato muitos imigrantes desta raça em S. Paulo, — mais ainda em Minas; — eles se espalham do Pará a Buenos-Aires. Mas não gozam de boa fama, e meus amigos muitas vezes preveniram-me, de que não deixasse pairar a suspeita de ter eu vindo da terra que produziu Cesar e Napoleão, Dante e Maquiavel. O *perfidum ingenium*, a clarividente subtileza dos ausônios, transforma-se numa maldição para eles nesta terra: são engenhosos pela metade, ou antes por tres quartos. Regridem ao italiano do século XVI: tenebroso, velhaco e sem escrúpulo como Rizzio. Alguns confirmam o velho dito "fur atque sacerdos". Certo Fr. Bernardo, dizem que vendeu "ovos de mosquito", (que é como chamam aqui os glóbulos homeopáticos), como leite da Virgem. O leitor pensará estar eu abusando de sua credulidade, mas há documentos oficiais que provam (9) que estes eclesiásticos venderam as "verdadeiras lágrimas de Nossa Senhora em rosários", impingiram farrapos como reliquias de santos e venderam "passaportes para o céu" pelo preço de um soberano por cabeça. O Mineiro (10) pode cantar com Béranger:

"Que cousas imperceptíveis possuímos! Pequenos jesuitas de cor biliosa, centenas de outros graves sa-

9 — Apêndice ao relatório do Presidente de Minas de 1855, pg. 39. Além disso, a maior parte das igrejas de importância nestas terras possui um pedaço da Verdadeira Cruz, devidamente fornecida por especuladores Italianos.

10 — Mineiro (do Minas) é o habitante de Minas Gerais, a Província; não devem os viajantes confundirlos com os "Minas" africanos, do "S. Jorge da Mina", na costa da Guiné. Varnhagen (Hist II, 281) advverte que de laícelo o termo *Mineiro* só era applicavel aos minoradores de ouro. O nativo do Rio Grande é Rio Grandense, do S. Paulo, Paulista (subst.) ou Paul'etano (adj.) e não Paulense (como está no excelente manual; *Brnell's Provinces and Chief Cities* — por William Scully — (Londres — Murray & Cin. Paternoster Row, 1856). Há uma peculiaridade no emprego da palavra paulista. Por exemplo. "O fazendeiro paulista" está certo, mas aí paulistano não seria idiomático.

cerdotes, que com pequenas relíquias concentram a atenção”.

Da Boa-Morte, descemos a feia ladeira da Cadeia e vimos a prisão. As janelas gradeadas guardavam tres mulheres. Em quasi todos os casos de assassinio premeditado em todo o Brasil, dois dos personagens ativos são uma mulher e um negro. O último edificio público que visitamos foi o Hospital da Misericórdia, num frio recanto ao norte da cidade. À entrada está a seguinte inscrição:

*'Pauperis infirmi sit in ore Antonius Armond,
Et pius, et magnus vir, pater egregius.'*

Latim esquesito, mas bem intencionado! Toda honra ao Sr. Antônio José Ferreira Armond, (nasc. a 11 de março de 1798, fal. 1852), que, em cinco anos construiu a capelinha de Sto. Antônio e o estabelecimento de caridade ao qual deixou 12.000 libras, uma fazenda e quatorze escravos. Na ausência do padre cura, atendeu-nos o boticário permitindo-nos uma rápida visita ao edificio e mesmo que colhessemos violetas no elegante pátio ou jardim central (11). Os quartos estavam limpos e tinham seis hóspedes. Os homens livres pagam cerca de quatro florins por dia e os escravos, a metade. O lugar não tem boa reputação. Dizem que os doentes morrem por falta de tratamento e os brasileiros caçoam de uma Misericórdia que cobra a cama e mesa. Também está longe da boa água, sempre uma contididade rara em Barbacena. A melhor é

11 — *Pátio* é palavra portugueza, derivada do Arabe *bathah*, assim como *saguão*, vestibulo, vem do *sohn*. No Brasil o *Pátio* é chamado comumente do *Quintal*, que tambem significa um pequeno jardim anexo ás dependências da casa.

a fornecida por uma fonte a leste da cidade, em cujo frontespício se lê o nome da Câmara Municipal e a data de 1864.

Visitamos então o pequeno jardim do Dr. Renault, atrás da casa, cuja vegetação era um mostruário do clima temperado. Está cheio de cravos, rosas, violetas e verbenas (12), gladiolos e heliotrópios. As laranjas eram excelentes e com elas o nosso guia fabricava o seu "Tokay". Saía por cerca de quatro pence a garrafa, e bebido com Pinhão, a castanha da Araucária, parecia um excelente licôr. Em Morro-Velho obtive uma excelente receita; é digna de ser conhecida numa terra em que milhões de laranjas e abacaxis apodrecem abandonados no chão. (13) Foram-nos também mostrados belos exemplares de potes pesados e feitos a mão, de esteatita, ou pedra de oleiro em que Barbacena é célebre. O melhor material vem da aldeia de Melo, a seis

12 — A *Verbena Virgata* de M. Sellow é produção nativa. É um poderoso sudorífico, e no tratamento dos resfriados equivale à grama aromática.

13 — O Conde Hogendorf, ex-ajudante de campo do Napoleão I, que se refugiou no Brasil também preparava este vinho, que o Sr. Freycinet (*Viagem da Urânia*, I, 231) compara com o Malaga. St. Hilaire também descreveu o modo de sua fabricação mas muito ligeiramente (III, II, 347). Ela é a receita que obtive em Morro-Velho, para fazer nove galões de vinho de laranja: — Tome duzentas laranjas doces, tira a casca fina exterior de cincoenta e deixa-as de molho em quatro quartas de água. Exprima todo o suco, coe-o bem e peneira-o em um barril com trinta a duas libras de açúcar branco. Encha o barril de água, misture e sacuda-o bem, junto uma bacia de uma quarta de fermento e logo que ela começa a produzir efeito encha-o com a água das cascas, de modo que esteja sempre cheio. Logo que cesse a fermentação junto uma quarta de água ardente de açúcar, resfria, tape o barril e deixe-o durante sete meses antes de engarrá-lo. Leva às vezes tres dias para começar a produzir efeito. Para dar uma boa cor ao vinho, pode-se queimar uma chicara de chá de açúcar em aguardante antes de tapar o barril.

léguas de distância e de Mercês do Pomba (14), vila a dez léguas para o oriente na encosta marítima da Serra da Mantiqueira. Encontra-se nos chistos talcosos e micáceos. O de primeira qualidade é toleravelmente puro dos pedaços cristalizados de hidrato de ferro que provocam a decomposição. E' facilmente extraído da pedreira, endurece rapidamente e à vista de sua durabilidade é muito usado na terra. O preço varia conforme o tamanho de quatro dinheiros a doze shillings, alguns sendo bastante grandes para conter uma talhada de carne. As panelas menores rivalizam com as panelas para guizados da India Occidental. Um dia esta pedra sabão será utilizada com grande lucro, especialmente na fabricação de cachimbos, pelos quais procurei em vão.

14 — Alguns escrevem Mercês da Pomba. A expressão contém uma dessas ellipses tão comuns em português e tão difficil de comprehensão para o estrangeiro. A frase completa seria (Nossa Senhora das) Mercês (de Rio) da Pomba. O Rio da Pomba é um importante afluente da margem norte do Paraíba de Sul e as terras por elle regadas são chamadas da Mata.

CAPÍTULO VIII

O HOTEL — OS BURROS

"Jardins vergéis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
Um novo Eden farlam".

(José Bonifácio de Andrada e Silva).

Entre as curiosidades, do "bric-à-brac", que nos mostrou o Dr. Renault, nenhuma me despertou mais interesse que a barra de ouro, o "lingot d'or", outrora corrente no Brasil. Foi só no reinado de D. João, em 1808, segundo o Sr. Henderson, que a circulação do ouro em pó (1), até então o meio comum de comércio, foi proibida, — naturalmente o costume ainda durou muito tempo no interior — e foram introduzidas moedas dos tres metais usuais. As barras continuaram em circulação até 1832. O peso variava conforme a quantidade de ouro trazida pelo mineiro à Intendência de Ouro Preto, ou de outra cidade. O specimen que vimos tinha cerca de tres polegadas de comprimento e valia

1 — "Canjica", forma diminutiva de canja, palavra em que os anglo-indianos difficilmente reconheceriam a sua velha conhecida "congoe", ou água de arroz. No Brasil, applica-se a uma sopa de arroz mole, ao milho da Índia debruñado e fervido, ao ouro em grânulos e pepitas (que segundo St. Hilaire (III, I, 70) se chama *Micamorrax* no Uruguai ou Banda Oriental) e finalmente, à areia diamantifera, como se verá adiante.

umas 15 libras; às vezes pesava vários marcos, cada marco valendo oito onças. O ouro era devidamente verificado, tirando-se o Quinto real, e era marcado com o número, a data, as armas reais e o toque, sendo de melhor qualidade o ouro de 24 quilates. Continha finalmente o seu valor em onças, oitavas e grãos. Era acompanhado comumente de um documento, a "guia", uma espécie de certificado dado para orientar o portador. Sem isto não poderia sair da Província.

Depois das barras veio a época das oitavas de ouro (oito onças portuguesas) e suas substituições. Entre 1816 e 1822 a oitava valia 1\$500, mas as taxas reduziram-na a um valor corrente de 1\$200 (7 francos e 50 cêntimos); paga-se agora por ela 3\$500. As outras moedas eram vintens de ouro, 0\$037,5 = 23 ⁷/₁₆ cêntimos, meias patacas e patacas (= 0\$300), crusados de ouro (= 0\$750), (2) meias oitavas e oitavas. Algumas destas moedas eram pequenas lantejoulas como as piastras do Egito, e o povo se queixava de que se perdiam facilmente.

A idade do ouro se acabou em 1864. Durante o último trimestre deste ano, o grande número de ruinosas falências no Rio exigiram medidas excepcionais. O governo deu permissão ao Banco Imperial (e não foi esta a primeira vez), estabelecimento particular como o da Inglaterra, para a emissão, em vez de pagamentos em espécie, de papel moeda de curso forçado, em proporção triplicada ao lastro à sua disposição. A concessão tem sido renovada e, como o quadro abai-

xo o demonstra (3), não teve ainda abusos excessivos. Mas os tempos andaram difíceis. A guerra do Paraguai estava absorvendo capital sem nada produzir e a circulação em ouro desapareceu sendo substituída por notas do tesouro. Os Brasileiros logo se lembraram que tinha havido uma cousa chamada "assignats". No curto prazo de tres anos o ouro desapareceu completamente do Império do Ouro e dos Diamantes, e a não ser nos Museus, não encontrei uma só moeda de ouro. A prata é rara, mas não muito, e ultimamente houve uma nova emissão de moedas de pequeno troco, um tanto rebaixasadas. O grande lastro é de cobre, metal introduzido pelo célebre Vasconceios "grande arquiteto de ruínas e flagelo dos ministérios". O que os ingleses chamam elegantemente de "dump", é uma peça de 40 réis; é o penny da terra. E' mais feio e mais grosseiro que o seu colega inglês, mas é quasi o precursor de uma moeda de puro bronze, com 95 partes de cobre, quatro de estanho e uma de zinco.

O lugar do ouro e da prata está pois occupado pelas notas de papel, que começam com o mínimo de 1\$000 e vão até o máximo de 500\$000, esta última só recentemente posta em circulação. Qualquer metalista

3 — Em 1 de abril de 1867 toda a emissão do papel moeda no Brasil era a seguinte:

Notas do Governo	42.560:444\$000 rs.
Banco do Brasil	73.476:710-000 rs.
Outros Bancos	2.461:700\$000 rs.
TOTAL	118.498:854\$000 rs.

Esta soma subiu em 31 de Março de 1868 a 124.686:209\$000 réis. Nesta sessão, porém, passou uma loi aumentando a emissão de 45 milhões (mil) réis) em notas

O papel moeda não tem para o viajante no Brasil as mesmas complicações que nos Estados Unidos. Sua única possibilidade de prejuizo, — si ele tiver ao menos o cuidado de preferir as notas do governo — será a de receber notas já recolhidas. As notas dos bancos particulares custar-lhe-ão de 2 a 5 % de desconto, em toda a parte, exceto no local da emissão.

no sentido americano da palavra, calculará o resultado dessa illusória circulação de papel. E' fatal à economia. Duplica as pequenas despesas e o seu effeito é que enquanto o Brasil exporta para a Europa ouro e diamantes, café e cacau, algodão, tabaco e açúcar, não recche em troca senão o rebotalho, o refugo dos mercados, entregue pelos mais altos preços possíveis (4). Mais desastroso ainda, por causa do medo e das desconfianças do país, foi o effeito deste papel sobre o mil-reis. Os viajantes afirmam que em 1801 o mil-reis, unidade prática de valor, valia 5 shillings e 7 ½ dinheiros. Em 1815 representava 5 francos e 25 cêntimos. Em 1835 a 1836 valia de 30 a 32 dinheiros. Quando desembarquei em Pernambuco em Junho de 1865, estava ao par; valia 27 dinheiros. Caiu em 1867 a 13 ¼ pence, e nas actuais circunstâncias não parece que se possa evitar sua queda, como o dolar das Repúblicas Americanas, a dois pence.

Mas o Brasil é uma nação jovem, extraordinariamente rica e de recursos ainda inexplorados. A dívida de 60 milhões de libras esterlinas, — o lastro do navio — é para ele literalmente uma mordidela de pulga, à vista do enorme excesso da exportação sobre a importação, isto quer dizer, da receita sobre a despesa. Se algum dia este país falir, será devido ao fato de, terdo o bastante para saldar vinte destas dividas, não ter guardado bastante dinheiro para despesas domésticas. Há ainda propriedades do clero que podem se secular-

4 — Pelo menos pelo dobro do preço no mercado europeu. O mil reis (anglice mil rea) é outra illusão financeira, como o rublo da Rússia e a rúpia da India. Tudo custa mil reis. Estou perfeitamente prevenido de que "o absurdo de desencorajar a exportação de metais preciosos" foi demonstrado há dois séculos e mais. Mas diz-se que as nações novas geralmente apresentam excepções ás leis economicas, ou melhor ás suas applicações. E uma destas nações é o Brasil.

rizar, terras públicas vendáveis, um sistema de impostos diretos que deve ser introduzido, cobrança dos direitos de importação em ouro quando este processo não trouxer discrédito ao seu próprio crédito, e minas de metal precioso aguardando serem exploradas. Todos os metalistas concordarão comigo que quanto mais cedo o papel for substituído pelo ouro, tanto melhor. Já em 1801 o Dr. Couto propoz elevar o valor do metal de modo que a oitava valesse 1\$500 em vez de 1\$200, o que era uma politica de vistas largas. Todos vimos o que um pequeno prêmio sobre o ouro produziu em França, onde foi tratado como um artigo de comércio e não como um padrão inflexível — segundo o velho ponto de vista inglês. Esta medida salvaria o desconto sobre o papel e as pesadas despezas feitas pela Caixa de Amortização, esta forma peculiar à América do Sul, de reserva para a queda do câmbio.

O sistema monetário do Brasil, sob o ponto de vista aritmético, é bom, porque familiarizou o povo com os decimais. Os estrangeiros se esquecem disto quando se queixam da longa série de algarismos confusos. A verdadeira unidade de valor é o real (plural reis) que se escreve \$001 (5); um "conto", ou um milhão de

5 — O monograma (\$) do dolar velu dos Estados Unidos o segue, no Brasil, os algarismos. Nos antigos tempos do Brasil era grafado ás vezes como U. Isto favorece a hipótese de ser esta sinal uma contração do U. S. Outros affirmam que resultu da moeda de 8 (reals), moeda espanhola que deu origem ao dolar americano, em que se riscavam paralelas para caracterizar. Outros ainda derivam-no das colunas e da linha sinuosa que figurava no reverso do antigo dolar espanhol, que os Arabes achavam semelhante a uma jame'a ou um canhão. Outra minúcia usada é escrever Rs. (Reis e não Rúpias) antes de grandes quantias P. ex.: Rs. 100:000\$000 N. B. Depois disto acima ter sido escrito, um decreto, de 5 do Setembro de 1863 autorizou o ministro da Fazenda a emitir mais 40.000:000\$000 de papel moeda. Um acto de 28 de Setembro de 1867 autorizou uma emissão de 50.000:000\$000. Mas de toda esta autorização não se havia emitido senão 3.614:000\$000.

reis é escrito 1:000\$000, ou sem os tres zeros da direita (1:000\$), e, como é costume na aritimética brasileira, põem-se dois pontos à direita dos milhares.

As velhas subdivisões portuguezas do mil-reis são geralmente convencionais como o guinéu. São: 1) o tostão = cem reis, ou o décimo do mil reis; 2) a pataca = 8 "dumps" de 40 reis = 320 reis (que memória é preciso para guardar estes valores!); 3) o cruzado, outrora meia corôa, hoje 10 dumps = 400 reis; 4) o selo (raro) = 1 ½ pataca = 480 reis; 5) o meio mil-reis = 500 reis; 6) o patacão = 3 patacas = 960 reis. A horrivel moeda de cobre é de 1 vintem (vinte reis, plural vintens) = 0\$020, e dois vintens formam um "dump" = 0\$040. Os antigos viajantes eram obrigados a ter um burro só para carregar estas moedas espartanas.

Jantamos juntos à table d'hôte, em grupo heterogêneo: o antigo tenente austríaco, o cocheiro e vários cidadãos de Barbacena. Todos nos entendemos bem e à tarde nosso bom guia deu-nos os seguintes itens de informações. Devo preliminarmente prevenir que o Doutor é um entusiasta de sua terra adotiva.

Os Campos de Barbacena, planuras além da Mantiqueira erguendo-se de 3.000 a 3.500 pés acima do nível do mar, são evidentemente favoraveis para a criação de gado. A principal utilidade da pecuária é presentemente a produção de queijo, que se exporta para a capital do Império. Cerca de seis géiras quadradas cabem a cada vaca; trinta e duas garrafas de leite valem 2 libras. As mulheres e criações da família preparam facilmente meia dúzia de queijos por dia e os transportadores recolhem frequentemente 200 de um só estabelecimento. A narração de St. Hilaire do rude processo de fabricação não está ainda obsoleto. O tipo do

queijo é duro e branco, semelhante talvez ao dos queijos holandeses "bala de canhão", mas não se compara com o Stilton ou o Roquefort. É bom para se ralar, como o Parmesão. Ainda deve ter melhoramentos na queijeira, e mesmo na bateadeira, que John Mawe informa não ser conhecida antes de 1809.

Os cereais florescem nos solos mais ricos: o trigo (6); o milho, que no Brasil ocupa o lugar da aveia; centeio e cevada ineída, também chamada trigo preto. As duas últimas ficam endurecidas e exigem um pouco de cuidado. Abundam as batatas. A batata americana, aqui conhecida como "inglesa" ou "irlandesa", dá duas colheitas por ano; e a batata doce (tuber parmentier), quatro. Há também o inhame (*caladium esculentum*); o mangarito (7) ou mangareto (*caladium sagittifolium*), e o conhecido e excelente cará (*dioscorea alata*, St. Hilaire). Vi, pela primeira vez, o Jacutupé (8), e o "Tupinambour", "Tupinambur" ou "Tara-

6 — O trigo cresce nestas altitudes em regiões sub-tropicais. Mas fica sempre sujeito à ferrugem.

7 — O Príncipe Max. (II, 76) chama a esta planta "le mangarito" (*Arum esculentum*) St. Hil. (I, 1, 402) fala do "mangareto branco" e de uma variedade conhecida como "mangareto roxo".

8 — Segundo o Dr. Renault, Martius ainda não deu nome ao Jacutupé. É evidentemente um legume com flores papilionáceas serpeando pelo chão com uma raiz de 4 a 5 dms de comprimento por 1 ou 2 de diâmetro. A flor, de um azul arroxeado é seguida do siliqua, contendo cada uma 4 a 5 grãos semelhantes à "fève de marais" (favas do Windsor?). São altamente venenosas, matando os animais rapidamente. A substância tóxica pode ser um alcaloide novo e especial, ou como parece, por analogia, a Brucina. Suas qualidades tónicas parecem ser provenientes de um ativo despreendimento de ácido carbônico. As sementes são plantadas em Setembro e as raízes são comestíveis durante seis meses; mas quando são arrancadas não podem durar muito. A fécula, quando bem molda produz excelente goma, que é usada pelas donas de casa do Brasil, para engrossar sopas e para fazer doces, que se parecem muito com conservas do cacau. O Jacutupé floresce melhor em terras, lavas, em que há sombra.

touf" (9) Das frutas, crescem bem e são dignas de serem melhoradas as peras, maçãs, ameixas, pretas e brancas; cerejas (10), castanhas, ameixas de Damasco e pessegos. As uvas, especialmente a que é chamada Manga (11), ou americana, dá duas colheitas. A vindimia é pobre em Julho, mas em Dezembro os ramos ficam maravilhosamente grandes e numerosos. O produto ainda verde produz um excelente vinagre; com as uvas maduras faz-se um Borgonha claro e rudo e as cascas dão uma excelente aguardente, como o Raki da Siria.

As amoreiras vicejam; não perdem as folhas durante o frio, antes renovam-se continuamente; podem ser utilizadas depois do segundo ano. Disseram-me que o Sr. Abricht, atualmente na colônia de Joinville, encontrou cinco espécies nativas de bicho da seda. Castelnau (146) declara que o verdadeiro Bombyx mori não se encontra em parte alguma no Brasil; observou contudo, várias espécies grandes de "Saturnia", conhecidas pelos chineses e pelos hindús. A urumbeba (cactus spinosus), também chamada Figueira do Inferno, cresce selvagem e o inseto da cochonilha aparece esponta-

9 — O Sr. Renault me contou que este *Helianthus tuberosus* é também chamado "Artichaut de Couada" o "Poire de Terre"; pertence a grande família das siliquíferas, ordem radiáceo-género heliánteo. Tem sido muitas vezes confundido com a batata doce (convulvulos batata) visto que tem ambas as plantas as tuberosidades da raíz são meras protuberâncias. Alguns derivam-no do Chile. Outros dizem-no nativo do Brasil, onde, porém é pouco cultivado e sómente em jardins. É uma planta vigorosa que medraria na Europa. O Dr. Renault diz que a raíz seria uma benção para os pobres, e pensa com o filósofo, que um novo prato tem mais importância para a humanidade, que a descoberta de uma nova estrella ou planeta.

10 — Não tinha ainda visto cerejas no Brasil.

11 — Do nome da conhecida planta a que chamamos "Mango".

neamente (12), sinal de que o belo Nopal do México ou de Tenerife poderia ser naturalizado. Tanto o solo como o clima são favoráveis ao lúpulo, que é agora importado por altos preços da Europa. A vigorosa e quasi indestrutível árvore do chá produz colheitas de real valor, no mercado; esta indústria foi destruída pela queda dos preços no Rio. O algodão, tanto o herbáceo quanto o chamado arbóreo, foi plantado nas terras de capão, e, inteligentemente cultivado dará riqueza à Província. O tabaco do Rio do Pomba, a 15 léguas de Barbacena e do Rio Novo, ganhou medalha na Exposição Industrial do Rio de Janeiro; o de Baependi, especialmente, o "Fumo crespo", tem uma folha forte e escura. Serve para se fazer fumo Cavendish ou "honey-dew". A planta floresce por toda a Minas Gerais. O sólo poderá ser muito melhorado pela adubação e a produção também, pelo emprego do sistema da Virgínia, secada cuidadosamente com fogo em barracões fechados. O anil cresce selvagem por toda a parte; e fornece a tinta roxa brilhante que rivaliza com a do Hindustão (13). Diz o Dr. Renault que cada colmeia de

12 — Em muitos lugares de Minas Gerais, o cactus espinhoso cresce paradoxalmente sem espinhos. E' comido pelas crianças e não por todo o mundo como em Malta, onde se sustenta que durante o calor é um alimento saudavel e refrescante, admiravelmente conveniente para o almoço. Com referência a cochonilha, a planta que tornou obsoleta a púrpura de Tiro, o Dr. Couto, há muito tempo já dizia: "A cochonilha, planta em que se cria esta tinta egual ao ouro no valor, e da qual temos tanta abundancia, cresce inutilmente entre nós". Tentou-se uma pequena exportação da cochonilha entre 1800 e 1815, mas a sua adulteração com farinha, inatou a tentativa. O Príncipe Max. ("Voyage au Brésil" Vol. I cap. 3) verificou que ella havia sido cultivada em Squarema e valia 6\$400, então 33 francos. Terel mais que dizer sobre a cochonilha quando descer o Rio S. Francisco.

13 — Em 1764 foi promulgada uma lei isentando de direitos o anil de Pará e do Maranhão. No governo do Marquês do Lavradio, torcedor vice-rei, (1769-1778) tentou-se a exportação, da Capitania do Rio de Janeiro. O produto era excellento, mas

abelha européia produz de doze a quinze enxames por semestre, 1 ½ libra de cera com 20 litros de mel, e cada litro do último produz quatro litros de excelente "aqua vitae". Não há nada, devo notar, mais necessário ao Brasil do que a "petite culture": abelhas, bicho de seda, cochonilha, colheitas de sementes, que ocupem as mulheres e as crianças.

O Hotel Barbacenense — pronuncie-se Otel — é a hospedaria de sempre no interior do Brasil. Como é frequentado por estrangeiros, há sal sobre a mesa, coisa que não é do costume da terra. Há sempre um enorme quarto de vitela, e se possível, ao lado da galinha cozida com arroz, lombo de porco, salsichas, couve picada e o inevitável feijão da cozinha nacional. O que há de pior são os acompanhamentos. A menos que haja um entendimento especial, a multiplicação dos números do cardápio será uma lição para qualquer Hotel Familiar na rua Dover, em Piccadilly, ou para qualquer lugar em que esta instituição obscura — uma antiga hospedaria inglesa, — ainda mantenha sua tradição antiga e deshonesta. Os brasileiros, como os russos, fazem muito garbo numa tendência generosa para a grandiosidade e a profusão; além disso, a extrema cortezia de maneiras que caracteriza o povo impede que o cavalheiro perceba que foi roubado. Ele paga, pois, com aparente satisfação, parte e resmungando.

O "Maje", como seria chamado no "Far-West", o nosso hospedeiro mandou-nos uma conta despropositada. Talvez estivesse ele perturbado pela extranha aparência do Sr. L'pool. O vestuário do nosso companheiro de viagem consistia, primeiro, num alto chapéu

tal como se deu com a cochonilha, o excesso de adulteração desgostou o mercado. A espécie cultivada era geralmente a *Solanum indigiferum* (St. Hil.).

de feltro, de largas abas em forma de cone, à moda de saltador, enfeitado com um laço de penas raras; segundo, da gasta jaqueta de caça e de um colete rapado, usados sómente pelos ricos súditos britânicos; terceiro, de uma larga cinta de seda, imponente como uma margarida, sobre a qual se afivelava a Guaiaca, um cinturão de couro crú em que os selvagens gauchos dos Pampas carregam seu dinheiro, quando o têm. No caso estava provida de um Colt de seis tiros, carregado e, de uma faca de mato de prata falsa, cousa que os brasileiros consideram desprezível; e em último lugar, calçava um par de tamancos, sócos de madeira, que só se usam em casa. Os do nosso amigo haviam sido providos de correias de couro, como as fitas das sandálias usadas pelas nossas veneráveis antepassadas femininas no tempo do Rei Carlos X. Junte-se a isso uma "Capanga" (14) ou bolsa de tela grossa, em que o tropeiro guarda o fumo, a pederneira, o fuzil e o barbante tudo misturado como num bolso de colegial. Assim equipado, o possuidor desta indumentária era o modelo de um distinto viajante inglês.

O brasileiro pode ser gastador, imprevidente e negligente, mas um inglês do norte, nunca. O Sr. L'pool examinou com olhares prescruadores a continha e logo deparou com 32 garrafas de cerveja que o próprio "Maje" havia bebido para afogar suas tristezas. Pobre velho homenzinho! Sua família não lhe permite nenhum excesso! Logo que iniciamos a discussão ele, propoz seriamente, mas com amarga ironia, reduzir sua conta a nada — à quarta parte — à metade. Mas por

14 — Este saca é tomado dos índios que, quando ençando penduram-no no ombro como uma espécie de "carnaanière"; ora de cordas trançadas de algodão com rã e pintado com cores alternadas amarelo e castanho avermelhado, com a capa do "cutuá".

ter lançado em cheio uma sátira sobre um filho de uma cidade cujos habitantes parecem ter nascido com pedaços de papel castanho debaixo do braço, terminou abatendo 14 shillings de cada libra esterlina e assim terminou a Batalha das Garrafas.

Aguardavam-nos boas notícias em Barbacena. O Sr. J. N. Gordon, Superintendente em chefe da grande mina inglesa de Morro Velho, oferecera-se gentilmente a mandar animais buscar-nos em Juiz de Fora; nosso atrazo havia feito a tropa seguir para o norte e estávamos com não pequeno receio de perde-la. Os animais de aluguel custam aqui \$5000 por dia cada um, inclusive um guia a cavalo. Mas raramente são bons, nunca seguros, especialmente para um longo percurso, e o principal conforto de uma viagem no Brasil depende de seu animal e de sua sela. Foi pois com uma satisfação não pequena que encontramos os bons animais aos cuidados do Sr. Fitzpatrick, cujo único dever era olhar por eles e seu equipamento. Na Pérsia chamaríamos a este chefe dos cavalos de Morro Velho, um *Mirakhor*, chefe das cavaliças — Aqui ele é um *escoteiro* ou "*Ecuyer*" — tudo o que direi dele é que manteve os seus homens sóbrios e nos proporcionou o máximo de comodidade.

Todos os viajantes se queixam dos burros atrevidos e rabugentos: mas todos viajam em burros. E' um mal necessário, visto como os cavalos não aguentam as longas caminhadas desta região do Brasil. Só se pôde compreender aqueles animais comparando-os ao mulato ou ao eunuco; como estes dons estimáveis monstros, eles parecem encarar toda a criação com um ódio generalizado e indistinto. Não se afeiçoam ao dono, mesmo quando os trata carinhosamente: nunca o cavaleiro pode confiar nele e, de todos os animais,

é o mais violentamente agitado pelo medo. As suas artimanhas são inúmeras e parecem estar convictos de que a falsidade sempre dá melhor resultado que a luta; os homens de idade, portanto, preferem os cavalos aos burros. É um erro acreditar na resistência destes animais. Observei finalmente aqui, que o sol cansa-os depressa, que exigem muito alimento, abundante água e repouso frequente. Nas minhas viagens pelo Brasil, a despeito da gabada sagacidade asinina, um deles despencou comigo de uma ponte, outro escorregou para um lado (15); um terceiro, pequeno macho viciado, quando me sentava a vontade no selim, deu um tal corcova que me fez perguntar o dia da semana uma hora depois; e, finalmente, nunca percorri uma centena de milhas sem que minha cavalgadura beijasse o chão uma, duas ou tres vezes. Em um ponto, contudo, os mestiços quadrúpedes se avantajam aos bipedes. Os primeiros se aproximam do ramo mais nobre da família e antes seguem a direção de um cavalo que a trilha de um irinão bastardo. É bastante curioso ser a família paterna que ensine aos últimos a não fazer o mesmo.

Nossa pequena caravana consistia em dois "tropeiros", os almocreves de Portugal e arreiros de Espanha. Miguel era o tocador enquanto Antônio era o guia. Havia tres barros de carga, inclusive "Falloux", bode espiatório, e "Estrela", encarnação do vicio, pronta a escoucear a mão que a alimentou. Arcavam com as velhas cangalhas descritas minuciosamente pelo Sr. Luccock e pelo Principe Max, carregadas por habeis mãos com massas de pacotes heterogêneos, todos juntos como se fossem grudados. Aqueles que engajaram estúpidos europeus e perderam toda a paciência e mui-

15 — *Prancher* — é o termo brasileiro.

tas meias horas alternadas, sabem avaliar o conforto de uma boa carga. Os animais de montaria eram "Roão", castanho, "Machinho", um burrinho cinzento, "Estrela n.º 2", um bom animal para o sol, e "Camondongo", vivo e voluntarioso, velho e, por isso, razoavelmente seguro. Assim cada um só tinha uma remonta: não há nada como uma mudança depois de algumas horas sob o sol quente. Havia tres cavalos, "Castanha", baio, "Alazão", russo e um velho animal branco, servindo de madrinha, chamado "Prodígio" nome que só se justificava pela sua idade. Todos estavam em boas condições, com bons olhos e dentes, espumando os freios para mostrar a boa disposição, sem "Bicos de papagaio" e com poucos pedaços reluzentes no lombo. "Lombo limpo, diz o provérbio, bom arreiro".

Ainda uma palavra antes de deixar Barbacena. Segundo as observações do Sr. Liais, não haverá dificuldade em levar uma linha de estrada de ferro atravez desta cidade a Sto Antônio de Rio Acima e Sabará, no Rio das Velhas, até mesmo, afirma ele, este é o caminho mais rápido e curto. Se assim for, a velha e triste cidade tem futuro. Juiz de Fôra pode ser chamada alegre porque tem chegada e saída diária do correio. Barbacena está galvanizada por uma mala-posta bi-semanal que mantém um teatro para amadores e um salão de bilhar. Vamos agora passar a outros lugares tenebrosos para os quais os burros são o único transporte.

A BARRA DE OURO

Armas	N. 1470		(1815)	AB
Reais	Toque 22	***	4--1--18	
Comprimento			88 milímetros	
Largura			6 "	
Espessura			4 1/2 "	

CAPÍTULO IX

DE BARBACENA A NOSSO SENHOR DO BOM JESUS DE MATOZINHOS DO BARROSO (1)

"Se existe um paiz que possa um dia passar
sem o resto do mundo, é certamente a Provincia
das Minas".

(S^r. Ellis'ra — T, 4).

Afastamo-nos agora da parte mais populosa de Minas que fica quasi em direção ao norte, entre Barbacena e Diamantina. O caminho direto, a noroeste, de cerca de 150 milhas, que nos separa da Mina de Morro Velho já foi tão percorrido que perdeu o interesse. (2) Por este motivo, ousei confiar nos animais e decidi fazer um ângulo reto para oeste, com um lado

1 — Distância e tempo aproximados das etapas de Barbacena via S. João e S. José, a morro velho:

	Horas	Milhas legais
1 — Barbacena a Barroso	5,30'	24
2 — Barroso a S. João	7,10'	24
3 — S. João a S José	1,30'	6
4 — S. José a Lagoa Dourada	5,10'	24
5 — Lagoa Dourada a Campupuan	5,15'	15
6 — Campupuan a Congonhas do Campo	8,0'	24
7 — Congonhas a Teixeira	5,0'	14
8 — Teixeira a Coche d'Água	9,25'	24
9 — Coche d'Água a Morro Velho	3,0'	13

Assim o total foi de cincoenta horas gastas em percorrer 163 milhas legais, numa média de 3 1/2 por hora. Quando viajo só, os meus homens vão sempre a cavallo de modo que vencemos facilmente cerca de 6 a 7 milhas por hora.

2 — Em 1826 Caldeclough (II caps. 17-18). O Sr. Walsh (1829) viajou via S. José. Castelnau foi o último, em 1843.

de trinta e um outro de noventa milhas, voando à moda do corvo.

O bom Dr. Renault forneceu-nos cartas de apresentação, sem esquecer uma para o Sr. Francisco José de Meireles, hoteleiro em Barroso, o lamaçal em que pretendíamos anoi-tecer. Nesta terra, as "recomendações", que é como se chamam as apresentações, muitas vezes são mais uteis que as notas de dinheiro. O Dr. Renault ainda acompanhou-nos a cavalo por algumas milhas (3) e senti-me triste ao despedir-me dele. Um homem que vive da conversa e da troca de idéias, e para quem a palestra é a felicidade, deve sentir-se em Barbacena, tal como é agora, como em penitência num purgatório.

A marcha de hoje será de cerca de 5 léguas (3-A) e tomará o tempo de costume. Se houvesse uma estrada pelo vale do Rio das Mortes, a distância entre Barbacena e S. João seria encurtada, dizem, de quarenta e oito para trinta e seis milhas. Mas os antigos adotavam um costume dos selvagens — costume com que os viajantes da África já se habituaram penosamente. Varam morro acima, morro abaixo pelo caminho mais curto, seguindo uma linha reta, sem querer saber de zigue-zagues. O objetivo era evidentemente vencer o plano to o mais cedo possível. Há um provérbio paulis-

3 — Esta escolha complementar, chamada "despedida", é costume tanto da região oriental próxima da costa como de todo o interior do Brasil.

3-A — Quando falo de léguas terrestres refiro-me, salvo quando menciono expressamente, à velha légua brasileira, um pouco maior que quatro milhas legais inglesas. Popularmente ela equivale à distância percorrida em uma hora a cavalo. Supondo o passo do animal equivalente a uma jarda, e que ele dê dois passos por segundo — menos na subida e mais na descida, ou vice-versa, conforme a cavalgada — temos 3.600 segundos = 7.200 passos ou jardas, São 160 Jardas mais que quatro milhas (7.240 jardas). Ainda sobre léguas e outras medidas de extensão, das todas as necessárias informações no Apêndice do vol. III.

ta que diz: "Devagar na subida do morro por bem do anima!, galope no plano por bem da viagem, e devagar na descida para seu próprio bem". Assim é que nosso caminho de cavalos varava por montes e valês cobertos de fina grama, brilhando à luz do sol, mas sem o esplendor da Arábia e do Sindh. O horizonte era evidentemente sempre do mesmo contorno, mas esbatido pela distância em elevações e ondulações. O solo brilhava de modo às vezes incômodo, com os fragmentos de mica e quartzo cristalizado; havia horri-veis descidas de terra branca com pedras roliças e os esbarancados eram de tamanho monstruoso.

Antônio, o guia, que declarara conhecer o caminho em pouco tempo se perdeu. Em uma das muitas voltas quebrou para o sul e levou-nos à "Fazenda de Caniagora" (4). Em um solo de matas, sobre um leito de carbonato de cálcio corre o pequeno Rio Caiero, afluente do Rio das Mortes. Este dolomito, que cobre dezesseis léguas quadradas, é vendido por \$280 a \$320 rs. o alqueire em Barroso. É bom para fins de construção e a cal morta alcança de 2\$000 a 3\$000 rs. em Juiz de Fora.

Encontramos dois rapazes campeiros (5) pastores de uns bois negros e oferecemos-lhes em vão alguns cobres. Iam em andrajos para o campo, mas — mentiras da mocidade — não tinham tempo para guiar-nos. Condescenderam, entretanto, em indicar-nos o modo de achar nosso caminho. Passamos por um grande forno de cal e pouco antes do pôr do sol descemos a serra por uma longa estrada para um belo e pitoresco

4 — Meu amigo Sr. Copsey me informa que a fazenda em questão é geralmente conhecida como "do Melo" ou "dos Caleiros".

5 — Príncipe May (III. 39 e alhures) chama-os erroneamente "Camplistas".

vale. Sentia-se em toda a parte o brilho do capim angola (*Panicum Altissimum*), das rosas e do Poinsetia, cujas esplendentes brácteas vermelhas, — sempre o tom mais forte na pintura —, dominavam o conjunto e iluminavam como lâmpadas as cores das flores mais tímidas. A vegetação do vale fica entre a Inglaterra e a Índia, desde o salgueiro chorão, o cactus da Sicília, a laranja e a palmeira, até a bananeira, o cafeeiro e a cana de açúcar. Não estavam esquecidos os vegetais úteis. Os jardins sorriam com inhames e vários legumes. A pequena vila orgulha-se de uma Igreja de Nosso Senhor do Bom Jesus de Matozinhos do Barroso; de uma capela que abriga Na. Sa. do Rosário e de uma praça pela metade, com as duas lojas de costume, de secos e molhados. As construções limpas e brilhantes são dispostas como de costume em linhas simples e espalhadas. Cada casa tem seu quintal de flores, árvores frutíferas e legumes com poucos cafeeiros e alguma cana de açúcar. Tal era Barroso quando a visitei. Era outrora, a fazenda do Barroso, cujo último proprietário foi o Capitão José Francisco Pires. Tornou-se agora um distrito do município de Barbacena. (6) Havia um curioso contraste entre a beleza e a elegância — perdoem-me o termo — desta vila brasileira e as grosseiras, desgraciosas e escuras aldeias da Inglaterra moderna, da França e da América do Norte.

Mostramos nossa carta ao Sr. Meireles, que prazerosamente rogou-nos que apeassemos, (7) aliás te-

6 — Em 1829 quando o Sr. Walsh passou por Barroso, como ele escreve, o lugar era ainda uma fazenda. É curioso notar que no mapa do Sr. Gorber (1862) a villa está colocada a margem norte ou direita do Rio das Mortes, o que é errado. Não consta no mapa do Sr. Burmeister (1850).

7 — Considera-se um esquadamento desagradante desmontar sem ser convidado, especialmente numa casa particular. Todas as honras e cerimônias das casas particulares applicam-se apenas públicas. Os estalajadeiros são tão exigentes quanto os moradores.

riamos permanecido montados. Um sujo e pitoresco grupo de tropeiros se aglomerava à porta e encaravamos como se tivéssemos vindo de uma das regiões estrangeiras descritas por Virgílio. A hospedaria era o estabelecimento do costume na terceira ou quarta fase por que passa a hospitalidade remunerada numa terra em que todo o cavalleiro de segunda categoria recebe hóspedes.

A primeira fase é a de Pouso, mero terreno para acampar, em que o proprietário consente que os tropeiros dêem agua aos seus burros ou os amarre aos mouros. No primeiro quarto do corrente século os viajantes eram frequentemente condenados a passar noites "à la belle étoile" nestes germens de acomodações que se tornaram hoje aldeias e vilas populosas.

A segunda fase é a do Rancho, que corresponde ao "Bungalow de Viajantes", faltando porem, leito, cadeira, mesa, e ainda os bandidos e salteadores. Consiste essencialmente num longo telheiro coberto, tendo à frente, às vezes, uma varanda de postes de madeira ou pilastras de tijolo; outras vezes tem as paredes exteriores e ainda compartimentos interiores de adobes de taipa (8), ou barro e trançado de galhos. Aqui os tropeiros descarregam; os animais vagueiam livremente pelo pasto, enquanto os patrões fazem uma fogueira, penduram a chaleira, à maneira cigana, em um tripé de madeira e estendem no chão como camas, o couro que protege as cargas, improvisam um dormi-

8 — O "pisé" da Bretanha e o "puddle" da Inglaterra que se encontra do Devonshire via Dabome o Sindh, etc., até a Austrália. O modo de fazê-lo é quasi o mesmo em toda a parte. Não descreverei pois o processo. Quando o barro é grosso e contém pequenos fragmentos de quartzo forma uma boa parede. É preciso sempre, porem, para que seja, como se diz, bem coberto a pisado, ser munido de grandes goteiras para protege-lo da chuva, e de uma fundição de pedra ou tijolo para evitar que a umidade do solo destrua a base da parede.

tório com divisões paralelas feitas com cestos bem tecidos (9) e albardas. O poeta brasileiro assim descreve o rancho:

“E por grupos apinhoados
Em seu centro estão arreios
Sacos, couros e broacas” (10)

E' preciso ter pele de tropeiro para dormir num lugar como este; enxameiam vermes estranhos e grosseiros que se enfiam pela carne e fazem sua morada sob as unhas.

A terceira fase é a venda, progresso decidido, mas não integralmente respeitável. Fui uma vez reprimido por confessar ter apreciado os extremos opostos da Fazenda e da Venda. É a pulperia das colônias hispano-americanas, o empório da aldeia inglesa combinado com a mercearia e a hospedaria. Vende tudo, desde cabeças de alhos e livros de missa até Genebra, aguardente, doces e velas. As vezes é dividida em duas secções, uma para os secos e outra para os molhados. Um balcão sobre o qual pende uma balança rude divide-a no comprimento. Entre este e a porta estão tamboretos, caixotes ou tinas invertidas. O freguês tira o chapéu para o proprietário e é então convidado a se sentar. A parte por detrás do balcão é um lugar sagrado que conduz ao gineceu. As prateleiras de madeira rude estão carregadas de canecas, vasilhas, e outras louças, e, dos dois lados, de garrafas cheias e vazias, de pé ou

9 — O Jacá é feito de casca de bambú cortado e comprimido. E' um paralelogramo achatado contendo sacas de café ou sal, ajustando-se à cangalha. A broaca é couro de boi amaciado dentro d'água, ajustado e cosido dentro de uma calça ruda com tampa e deixado a secar, tornando-se duro como pau. A palavra é escrita por antigos escritores Boroacas, pelos modernos Bruncas e Breacas. O Príncipe Max. (II, 365) preferiu “boroacas, sacos de couro de boi endurecido”.

deitadas. Pelo chão estão caixas de sal, barriletes de açúcar grosso e feijão, uma caixa ou duas de milho, mantas de toucinho, a popular carne seca, uma corda de fumo preto enrolada num pau e latas e garrações do parati local. A mercadoria consiste em chapéus de chuva, ferraduras, chapéus, espelhos, cinturões, garruchas, espingardas, munições e armarinho; realmente, tudo que pode ser necessário aos homens e mulheres do campo. A venda tem geralmente um quarto em que os estranhos são hospedados, com uma grande gamela (11) para as abluções, um catre de madeira, uma mesa de pés compridos e um banco baixo.

A quarta fase é a Estalagem ou Hospedaria, onde nos hospedamos em Mariana, e a quinta, finalmente é, o hotel, ou melhor ôtel, então mais pretencioso, com que o leitor já travou conhecimento em Barbacena.

Não havíamos tomado a precaução de enviar alguém à frente para encomendar o jantar e as duas horas que esperamos converteram-se numa ceia. O cardápio era o de costume. A carne é representada por um bom pedaço de porco assado que nenhum estrangeiro no Brasil terá coragem de tocar depois de ter visto como é criado o animal predileto de S. Jorge. O bazar de porcos da Índia é um sistema de criação superior ao brasileiro. Há geralmente um duro guizado de galinha com arroz (12), com cabeça, pescoço, meúdos e quatro pernas, mas faltando provavelmente uma aza

11 — A Gamela é um prato concavo aberto em alguma madeira macia geralmente a gameleira (*Ficus dollaria*), às vezes do seis ou sete pés de circunferência. V. Cap. 21 see 2, para uma melhor notícia sobre este objeto popular. Nas casas, há de várias formas, redondas, quadradas e oblongas, profundas e rasas. Muito me lembraram os pratos que vi em Harrar na Africa Oriental.

12 — Galinha ensopada, geralmente feita do modo toleravel, mas sempre inorta muito próximo à refeição.

e uma coxa. "Ocufo au plat" (13) são tão comuns como os omeletes na Itália. O Brasil, como a Inglaterra, é a terra de um tempero: a pimenta vermelha e amarela (14) apanhadas no jardim e esmagadas no molho com sumo de limão. A feijoada, no local chamada "tutú de feijão" (15) é o esteio da vida em muitos lugares onde o pão de trigo não se encontra e o pão de milho não é conhecido. Ouvi um irlandês chama-lo de "cataplasma de feijão" e de fato, o simile insosso cabe perfeitamente. É uma mistura de farinha com feijão, temperada com toucinho, azeite e a manteiga de cozinha da terra. O tecido adiposo dos porcos ossudos, des-

13 — Ovos estrolados, abertos sobre uma panela quente, com muita gordura. Frequentemente vêm bolando na gordura escura.

14 — Pimenta (capsicum). Há muitas variedades conhecidas e cultivadas pelos aborígenes. O "Sistema" menciona dez espécies. A melhor é talvez a de pele amarela e redonda, pimenta do cheiro, (*C. ovatum* ou *odoriferum*, ou Juá), superior, na minha opinião a de Nepaul. Há também a de "cheiro comprido" e de "cheiro doce". Os estrangeiros geralmente trazem com eles da Europa um preconceito de educação contra este excelente estomáquico superior, para abrir o apetite, a qualquer absinto. O Príncipe Marx era mais prudente: "Dans ces forêts humides... cette épice est excellente pour la digestion et peut aussi passer pour un fébrifuge très salutaire". (III, 6) Do mesmo modo pensa du Chatellu (*Ashangoland*, cap. 3) "A própria pimenta penso que é um útil remédio neste clima pois muitas vezes obtive melhoras com elas, quando indisposto ou febril, tomando em pequena quantidade na minha comida". Os Brasileiros gostam imensamente de pimenta, tal como os antepassados índios que usavam "muita soma de pimenta". Entre as dez espécies mais conhecidas há o pimentão (*C. cordiforme*) ou em Tupi, (*Quiyá-agá*, também *Pimentão comprido*) muito cultivado pelos selvagens. Contudo os brasileiros parecem não apreciar as grandes cascas fervidas de que os espanhóis tanto gostam. Nos velhos livros vemos muitos nomes nativos para as diferentes espécies. *Pimenta-poca*, *pota-ácea*, *Quiyaqui*, *Quiyá-apuá* (que se corrompeu em *cujepiá*), *Quiyá-Cumari* ou *Cumari*, *Oulaya-agá* (corrompeu-se em *enheimegu*), *Inquitá*, *Pesijurimu*, *Sabaa* e outros. O nome genérico em Tupi era *Quiya* ou *Quiyua*. Em cariba "ax", em Peruano "api".

15 — Feijão (*Phaseolus vulgaris*) toma aqui o lugar do Ful Egípcio (*Mudammas*, etc.). Há várias qualidades: mulata, fígado, preto, roxo, encarnado, cavalo etc.

tripados e descarnados, ligeiramente salgado, combina-se higienicamente com o feijão, aliando o carbono com o nitrogênio. Infelizmente entre em quasi todos os pratos e não faz bem à digestão do joven Brasil. O mesmo se pôde dizer de muitos lugares no Oeste dos Estados Unidos e na China, onde a população é quasi toda feita de porco. Peço que parece é um alimento predileto das terras jovens. Na Europa, segundo nos ensinam, durante muitos séculos o único animal comestível geralmente usado era o porco; a vaca, a vitela e o carneiro eram relativamente desconhecidos. O arroz é bem cozido. Os brasileiros conhecem o modo de fazê-lo enquanto os europeus insistem em comer a casca. (16) Para sobremesa uma terrina cheia de canjica — milho fervido — e doces muito apreciados por todas as idades. A canjica é cozida com marmelada (17) ou com goiabada (18). As duas últimas eram servidas em caixas de madeira ou em latas chatas. São doces prediletos por toda a parte tidos como facilitadores da digestão; são acompanhados de queijo, como no antigo Yorkshire. O vinho, quando há, é chamado de Lisboa; compõe-se de tinta, aguardente doce, e meio copazio do peor suco de uvas de Barcelona. O nome popular é cáustico. As vezes aparece um Bordeaux, e então pôde-se perguntar como o Teutão, ao hospedeiro eclesiástico: "Senhor Batre, esde é binho ou binakre?". Toda refeição termina invariavelmente com uma chícara de café e não água en-

16 — Já expliquei isto no meu livro "As Regiões dos Lagos da Africa Central" (I, 393). Contudo os comedores Ingleses do arroz ainda o eemem como o Filho Pródigo na desgração.

17 — Marmelada, não se deve confundir com a marmelade inglesa.

18 — Do goiaba, de onde a nossa guava (*Psidium pyriferum*).

cantada, como na Inglaterra. E' mal feito, posto que rico; o grão é cozido até ficar preto como no Egito. E' socado e não moído como na Inglaterra, mas é sempre coado, fazendo-se passar a água quente através do sacco carregado. Geralmente a boca doce do povo transforma-o num xarope com rapadura (19). Naturalmente fica-se por pequeno espaço sentado como em Utah ou nas pequenas aldeias russas.

Tal é o jantar, protótipo do almoço. O último, contudo nas melhores hospedarias termina com uma sobre-mesa de chá e café com leite, o leite sempre queimado, com pão, ou, na falta dele, com biscoito (20) e manteiga irlandesa. Os "bons cidadãos" que gostam de temperar os peixes e os ovos, queixam-se de que a bela manteiga fresca dos alemães não tem gosto e vi muitos homens tempera-la, como o povo do Suez faz com a água do Nilo, com uma pitada de sal. Este suplemento à refeição menor lembra-me os nossos jejuns em Oxford, em que o dia se distinguia por comerem não só carne como peixe.

Minha mulher conseguiu pendurar sua rede num quarto interior. Nós passamos a noite toda debaixo de cobertas, na varanda. O ar estava frio, mais que em Barbacena. Havíamos descido gradualmente, e um estrangeiro esperaria encontrar mais calor neste es-

19 — "Rapadura — coisa dura" é um dito brasileiro. Trata-se de um preparo peculiar à América do Sul. Um tipo de açúcar não cristalizado do qual não se extraiu o melão. A palavra peruana é Chancaca ou Raspadura (St. Hil, III, II, 266) também significando açúcar com o xarope extraído da matéria refinada, a doxada correr ou pingar dentro de um vaso, ficando pois como se fossem balas de atirar. Os viajantes devem usa-la no ocidente brasileiro. O seu único mérito é ser muito portátil. Nunca a vi nos Estados Unidos ou entre palz açucareiro.

20 — Geralmente rosca, muitas vezes parecido a pedra dos templos, como se chamavam os biscoitos na Guerra nos Estados Unidos.

freito vale. No Brasil dá-se o contrário. Os primeiros ocupantes, como disse, quando não eram padres, construíam as suas moradias, que depois se transformavam em aldeias, vilas e cidades, no fundo de vales, onde havia próximo água em abundância para o monjolo e para utilidades caseiras. A evaporação excessiva torna estas grotas à noite mais frias que as alturas. E como o sol no Brasil ainda não está com a cor de "metal aicmão", ao frio se sucede o extremo oposto. Uma pequena diferença de altitude determina aqui a maior ou menor valia da propriedade territorial. Quando os homens dizem que uma terra é fria, querem dizer que é baixa e sujeita a geadas que destroem o café e o açúcar. Póde ser geologicamente idêntica à vizinha, do outro lado do morro, contudo é imprestavel para qualquer outra cultura que não sejam as pobres como o algodão e os cereais. Há muito Teofrasto (21) notou que há mais geadas nos vales que nas montanhas e é uma observação antiga que a subida de ar quente preserva as videiras e outras plantas nas alturas, quando mirram nos vales.

21 — Teofrasto — v. 20 — Cito da pg. 74 de um valioso livro que me foi gentilmente remetido pelo editor. "Essay on Dew" por William Charles Wells — Editado por L. P. Casella — F. R. A. S. Londres — Longmans — 1866 — (Ensaio sobre o orvalho — por Guilherme Carlos Wells. Editado por L. P. Casella, Membro da Sociedade Real de Astronomia).

CAPÍTULO X

DE BARROSO A S. JOÃO D'EL REI

“De todas as invenções, exceptuando sómente a do alfabeto e a da imprensa, aquellas que encurtaram as distâncias foram as que mais fizeram pela civilização de nossa espécie”. — Macaulay.

Ao acordarmos, antes do nascer do sol no dia seguinte, vimos pelos sinais de sangue nos nossos animais que eles haviam sofrido muito com um vampiro (*Verperilio Naso*, ou *Phyllostomus Spectrum*), *Phyllostomo* aqui conhecido pelo nome genérico de “Morcego” *Andira* ou *Guandira*. Estes morcegos castanho-vermelho, de vôos fantasmas e gostos canibalescos, se restringem ao continente americano e preferem inexplicavelmente determinadas regiões. Encontrei muitos deles na ilha de S. Sebastião (S. Paulo), onde não há criação de gado. Parecem escolher o pescoço, os ombros, as espáduas e os trazeiros dos animais talvez para atacar onde possam ser menos perturbados (1). Havendo uma ferida aberta, esta será o lugar preferido. Os tropeiros afirmam que esta sangria não faz mal. Notei que ela sempre enfraquecia a vítima. Nem em S. Paulo nem em Minas tive conhecimento de qualquer caso de homem mordido pelos morcegos “Fantasmas feios”. Causaram porém muito dano aos estabeleci-

1 — Southey, I, 144, narra que mordiam as orelhas dos animais, aterrorizando-os. O Príncipe Max. (II, 61) nunca viu homens feridos por eles.

mentos europeus no Novo Mundo. Cabeza de Vaca (1543) foi ferido por um monstro castanho de "nariz de folha" perto do Lago Xarayes. Os Srs. Bates e A. R. Wallace, e o meu excelente amigo Sr. Charles H. Williams, da Baía (2) foram eles próprios atacados no Amazonas onde o rinófiilo parece ser decididamente o tropófago. Koster refere-se ao emprego de uma pele de coruja para proteger os animais dos narizes de folha.

O modo do ataque do vampiro tornou-se uma matéria de debate durante os últimos anos. A ferida é aberta macia e habilmente — nunca vi meus cavalos ou burros se amedrontarem por causa dela. O Príncipe Max. afirma antes dos dias de dúvida: "Este vampiro (*Phyllostomus*) faz, com seus dentes, um grande orifício na pele dos animais". Gardner acredita que a perfuração é feita com a unha curva e aguda do polegar. O Tenente Herndon pensa que ele morde com as presas, enquanto que as narinas dispõem de um aparelho de sucção. Outros atribuem o ferimento às papilas da língua, órgão ativo. A armadura da maxila, porém, fala por si mesmo. Deve ser como que uma visão do Juízo, o acordar de repente e deparar na ponta da penna, no ato de tirar o sangue, com esta face demoníaca de nariz deformado, orelhas de sátiro e grandes olhos de pires fixos, seguida de um corpo medindo dois pés de ponta a ponta de aza. Não é de admirar que inspirasse aos rudes selvagens o demônio "Chimai" que os emagrecia extraíndo-lhe a seiva da vida.

Partimos às 4,30 da madrugada — última hora possível, mesmo nesta estação pois que nada estraga

2 — Todo o seu grupo de tres foi sangrado no dedo grande do pé durante a mesma noite. O Sr. William sentiu a mordida de um bicho e encontrou um ferimento penetrante de cerca de um oitavo de polegada de diâmetro.

tanto os animais quanto viajar sob o sol de depois do meio dia. O caminho conduzia-nos pelo mesmo gênero de campos, com tons amarelos, com o capim grosso e baixo, e perfumado com o rosmaninho do campo (3). Mesmo as gramíneas haviam perdido os colmos de frutificação que viramos junto à Mantiqueira. Tudo menos o sol dizia que o pleno inverno estava próximo. Vadeamos vários riachos todos correndo ao norte, em direção à principal artéria. Junto de um deles apreciamos um almoço à beira da estrada e persuadimos os tropeiros de um campo de ciganos próximo, a nos refrescarem com café. Poderíamos facilmente termo-nos alimentado no rancho a meio-caminho, no Rio Elvas. (4) Há aqui uma ponte no estilo da Minas antiga, com cumieira central, enorme balaustrada e teto de pesadas telhas. Ao passarmos demoradamente sob o sol ardente por Olaria e outros postos, brancura engastada na fresca verdura dos vales, suspiramos pela sua sombra. Ao meio dia, vimos com um grande arrepio de prazer muito abaixo de nós, o Vale do Grande Rio das Mortes, por cujas cabeceiras passamos na Serra da Mantiqueira, a sudeste de Barbacena. Aqui o vale mesmo nesta estação seca é abundantemente cortado de água; durante as chuvas deve transformar-se num lago. Um pouco adiante receberá ainda um afluente do sul: o Rio das Mortes Pequeno; a anastomose dos dois a oeste de S. João, formará o verdadeiro Rio das Mortes. Este, por sua vez deságua no Rio Grande, também chamado Paraná, sendo a principal corrente desta grande artéria, que divide as Províncias de S. Paulo e Minas Gerais.

3 — Uma Jantana?

4 — Ou Rio do Elvas, que o povo pronuncia Ervas, dai alguns viajantes chamaram-no "Hervas". Será ele o "Widammoth" que o Sr. Walsh (II, 227) coloca perto do Barroso?

A cerca de seis milhas à nossa direita erguem-se as escarpadas linhas das montanhas de S. José. Muito à esquerda fica S. João d'El Rei, erguendo suas doze igrejas, espalhando-se como uma toalha branca no flanco do morro, feio e denteado como o leito de Togi. Aos nossos pés, sobre um pequeno vale jaz o arraial (5) de Matozinhos, encantador subúrbio, distante da cidade uma milha e tres quartos — ou mais exactamente oitocentas braças brasileiras. — Passamos pela clara rua principal e entramos na praça mais importante formada pelas melhores casas, cada qual com o seu jardim florido, adornado de alguns pés de café de um tamanho prodigioso e de exuberante verdura. (6) Não há padre, mas a Igreja do Espírito Santo parecia, pelo menos por fóra, em boa ordem. Aqui de toda a região convergem os romeiros durante sua festa pelo prazer espiritual de rezar durante noite e dia.

Matozinhos está onde ficou outróra o tão famoso "Capão da Traição", termo que data dos tempos em que o Rio foi chamado das Mortes. No fim do século dezesete, os Paulistas, especialmente os Taubatécenses, de uma cidade paulista no vale do Paraíba do Sul, descobriram lavras de ouro na maior parte da sua capitania, agora Provincia de Minas Gerais, e immediatamente reclamaram todos os direitos da descoberta. Um

5 — Arraial (Arrayal) ou Real, significa propriamente quartel general do rei num campo. Dondo Camões (III, 42) —

"Já no campo de Ourique se asentava
O arraial soberbo e bellicoso".

Das passou a significar campo de batalha. Em Minas a palavra se applica a povoação, aldeia de velhos tempos porque era geralmente fortificada e quasi sempre em presença de indios inimigos.

6 — Nesses lugares, geralmente bem regados d'água, quando não adubados, as árvores, frutíferas e os arbustos prosperam excepcionalmente. Café de Quintal, por exemplo, significa algo de mais luxuriante do que o cultivado ao ar livre.

dos seus poderosos chamado Manuel de Borba Gato arvorou-se em Governador das Minas e foi apoiado pelos seus companheiros de campo. Resolveram expulsar, alguns dizem massacrar, os forasteiros, quer dizer, os imigrantes de Portugal e da Europa. Os últimos, apelidados "Fariseus de Minas" escolheram como governador o português Manuel Nunes Viana, homem branco e europeu, e assim começou em 1708, a celebre guerra dos Caboclos (7) e dos Emboabas (8) ou dos "peles vermelhas" e das "aves de pernas com penas".

Viana, então o homem de olhar frio do destino, enviou de Ouro Preto um milheiro de mineiros sob as ordens de um vilão sedento de sangue, Bento do Amaral Coutinho, para auxiliar o partido dos emboabas. Os Paulistas que se haviam entrincheirado no Capão da Traição, foram persuadidos a baixar as armas e foram completamente massacrados até o último homem

7 — De acordo com o exato Varnhagen "Caboclo" ou "Cabocolo" significa "pelado" ou "depenado", por que os aborígenes arrancavam do corpo os cabelos, como costumavam fazer os cristãos brasileiros e como os orientais ainda fazem. Maregraff (Hist. Nat. Bras. 268) usa os termos "Caboclo" e "Caribocas" para designar os mestiços de branco, negro e índio e é nesse ponto apelido por Gardner. (p. 22). O Príncipe Max. chama aos índios civilizados, de caboclos (I, 30) e adiante (I, 110) faz a palavra equivalente a "Tapouyn, puro índio". St. Hilaire (III, ", 253) afirma que Caboclo ou Caboco é desdenhosamente aplicado aos índios puros. No Amazonas, segundo informa Bates no seu "Naturalista", o índio civilizado é chamado Tapulo ou Caboclo. De acordo com a minha experiência, o termo se aplica hoje a um homem com mescla de sangue vermelho e se usa em tom depreciativo, como o termo inglês "nigger". Comtudo, conheci um homem que se apelidava "Caboclo". O Príncipe Max. (I, 30, 1) diz que a mistura do branco e índio produz o Mamalucos, do negro e índio, os Cariboccos (o termo popular é enfuz que se corrompeu em cafoço); os índios puros, *Índios*, as peles vermelhas civilizados, caboclos; os índios selvagens pagãos, Tapules ou Ungres.

8 — Alguns escrevem embunba. O termo é devidamente explicado por Casal (I, 235) vide Scouthey (III, 885). Em muitos lugares do Brasil os pintos calçados são chamados "Emboabas"

pela malta de escravos e degoladores que seguia Amaral. O governador e Capitão-General do Rio de Janeiro D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, que succedeu a Artur de Sá, seguiu para o Arraial com quatro companhias de tropa. Encontrou-se com Viana — homem de vontade férrea — que o tratou de igual para igual; e de pronto induziu-o a retirar-se (9). Em 1708 o Governador foi sucedido por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, homem de outra têmpera. Dominou Viana e permitiu-lhe retirar-se de Minas e viver em suas terras perto do Rio S. Francisco. "Se a corte lhe galardoou os serviços, ninguem o diz, mas reconheceu-lhos a história", diz Southey (10). Albuquerque, conforme se crê geralmente perdoou a Viana, por uma ordem datada de 22 de Agosto de 1709. O rei D. João V, posteriormente revogou esta resolução e determinou que tanto o cabeça como Amaral e o seu secretário Fr. Miguel Ribeiro fossem presos. Alguns dizem que Viana morreu na abastança, outros, que na prisão, na Baía. Estas discórdias civis trouxeram resultados que perduraram. Os paulistas e mineiros são primos, mas as batalhas pelo ouro no Rio das Mortes e em outros lugares, ainda separa os dois ramos da família.

Adiante deste belo subúrbio de Matozinhos fica o "Ribeiro da Água Limpa", pura como o Neva. O leito pedregoso bem merece o nome. Atravessa-se agora a váu. Durante as chuvas basta para a comunicação uma pinguela: que é um pau, muitas vezes não preparado, muito mais frequentemente sem balaustre do que com

9 --- A tradição local diz que Viana, com 4.000 homens, encontrou D. Fernando em Congonhas do Campo e o compeliu com ameaças a marchar de volta para o Rio de Janeiro.

etc. (11) Mais acima está uma ponte quebrada, que data do tempo em que Matozinhos tinha uma miãa de ouro florescente. A explosão de um poço, como a "Sadd El Aren", acabou com a exploração. Ao chegarmos ao Palácio Municipal e Cadeia, interrompeu-nos o caminho a tradicional procissão de "Corpus Christi". Tiramos os chapéus e sentamo-nos ao sol até que ela passasse.

Nada havia de notavel na função. Apresentaram-se todas as Irmandades (12), Sodalícios ou Ordens Terceiras — os brancos de opas vermelhas, os pardos de opas verdes e os negros, como era de prevêr, de opas brancas. Não faltavam anjinhos, — crianças esportas com pequenas saias, calções pregueados, sapatos de setim e azas de fantasia, todas de menos de 10 anos, pelo que parece o nec plus ultra da idade angélica, e todas aprendendo eficazmente a serem vaidosas. Havia um grande desperdício de cirios de cera e muito pouca arte nas imagens. O sacerdote principal trazia o Santissimo sob um pálio bordado e uma banda militar fechava a retaguarda.

Estas procissões eram muito recomendadas por Nóbrega e os grandes luminares jesuítas de 1550. Sem dúvida o espetáculo, a música e o mistério, conquistaram muita ovelha tupi desgarrada para o rebanho dos

11 — Os índios do Brasil, como os do Orenoco, fazem pontes suspensas com cipós tecidos da mais simples maneira podendo oscillar em cima da água. O passageiro mantinha-se por meio de um corremão feito da liana ou de trepadeira.

12 — Enganando-se sobre esta instituição, o Sr. Walsh (II, 134) localiza em S. João dois conventos, num tempo em que as ordens religiosas não tinham permissão para se estabelecer em Minas Gerais.

padres. (13) A estes ardentes devotos sucederam os homens que pensavam com Hosius: "Tirai da Igreja suas pompas e suas procissões e as suas doutrinas se tornarão como as fábulas de Esopo". O rito caiu então em decadência, e tornou-se um sistema de farças e mascaradas, "ceremônias irreverentes e monices ridículas." (14) Atualmente a procissão é perfeita e evidentemente decorosa e serve à útil intenção de promover a reunião do povo. Reune o passeio, a visita, o pic-nic e é de fato a única válvula, o grande desfile para a pobre vaidade humana aqui tão reduzida, quando na Europa tem tantas oportunidades. No Brasil, em toda a parte onde os habitantes não têm o que fazer em casa ou na rua, floresce esta espécie de devoção. Em S. João ouvimos o bimbalar de sinos como em Oxford; o dia inteiro e metade da noite foram brindados com a voz dos bronzes, ora dobrando vagarosamente movidos pelas alavancas, ora com o repique, toque de velocidade triplicada, em que o badalo é batido com a mão. Era uma fogueira de música, uma tempestade de sinfonia.

Seguimos a praia ou cais do lado do oriente, calçado de pedra, o que não se dá com o lado oposto. Este, em compensação tem um trecho pitoresco de aqueduto ultimamente concertado. O Rio S. João chamado por alguns viajantes descriptiva mas erroneamente Rio

13 — "Os naturais não conhecem senão as formas exteriores do culto, em matéria de religião. Amando tudo o que se refere a um gênero de cerimônias presentes, encontram no culto cristão prazeres particulares". (Príncipe Max. II, 395)

14 — St. Hill. (III, 1, 100) Emprego as suas palavras pois ele era um verdadeiro católico, e praticante, tanto quanto o pode ser um cientista. Assim, na Província de Pasto, nos Andes Humboldt viu os índios dançando, mascarados e com campanhas dependuradas, em torno de um altar onde um Franciscano elevava a Hóstia.

Tijuco (15) corre atravez da cidade para o reservatório geral a nordeste. Na presente estação é um fio d'água deslizando por um leito sujo cheio de cães e gatos. Como muitos riachos dos campos da Inglaterra, necessita sómente alargamento, ampliação e limpeza. Atravessam-no pontes de estilo antigo, de sólida pedra, cada uma com tres arcos de cerca de vinte pés de comprimento. Para o leste, perto da Câmara fica a Ponte Nova, parecendo muito mais velha e com uma cruz no topo. Para oeste fica a Ponte do Rosário.

Vista do seu riacho S. João é espantosamente pitoresca. As alvas construções da parte norte se espalham em forma triangular sobre o cais; dali, contando muitas casas altas, pesados templos e massas de maravilhosas plantas e espantosas flores, elas se espraíam pelo selvagem e notavel fundo do quadro que é a Serra, o El-Dorado, antigo fóco do depósito aurífero. Para a esquerda, tambem oferecendo uma base para apoio da cidade, está a Serra do Lenheiro, que dizem estar a 3000 pés acima do nivel do mar. (16) Esta serra é sulcada e estriada com aquele duro talco chistoso com que já começamos a nos familiarizar. Há tambem em abundância um pau de lenha fino e castanho e o conjunto dá a impressão de um imenso cardo. A di-

15 - Tijuco, significaria Rio de Lama. O termo Tupi (língua geral) *tijoca* é applicado a vários lugares no Brasil em que os primeiros exploradores encontraram um máu Tijucopaba ou Tijucopão, em português atoleiro ou lamaçal. O Dicionário traduz *Tijá* "escuma" e *Tijoca* "lama", "barro podre" ou "apodrecer". Em S. João, o Rio Tijuco é um pequeno afluente do norte que, unido ao Barreiro, do leste, desemboca no "Rio Acima", seção occidental do rio S. João.

16 — Alguns dizem 5.700 a 6.000. Mas a cidade está sómente a 1250 pés acima do nivel do mar (Aroeira) e perto do 2.300 pés abaixo de Barbacena. Lamento não ter feito observações de altitude visto como a temperatura parece dar a impressão do perto de 2.000 pés.

reita fica a "Bocaina" ou passagem, canal natural do rio das Mórtes, e mais adiante a Serra de S. José, irmã do Lenheiro, se eleva à vista.

Depositamos nossas mui quentes e sujas pessoas no Hotel Almeida, mantido pelo Sr. Joaquim José de Almeida, e mandamos nossos cartões ao Sr. Capitão Custódio de Almeida Magalhães, que gentilmente instou por que tomássemos alguma coisa com ele. Foi então que passeando no saguão, vimos no momento em que montava, alguém que ostentava um chapéu indubitavelmente britânico, grande, pesado e de abas largas. Agimos então, não à moda oriental, mas antes como os ingleses nestas circunstâncias; tomamos a liberdade de indagar a nacionalidade do possuidor do chapéu, e quando se dissipou a estupefação da surpresa, pela rapidez dos acontecimentos, encontramos-nos sentados e palestrando com o Dr. Lee, inglês natural de Kent. Havia se casado, estabelecido e passado trinta e tres anos em S. João ou viajando no Brasil. Apresentou-nos então ao Sr. Carlos C. Copsy, de Cambridge, onde havia conhecido alguns de meus colegas mais moços. Havia também passado pela Igreja. Era tenente-coronel de um corpo de voluntários brasileiros de verdade; setenta e quatro fortes rapazes, bem armados e uniformizados. Além disso era o professor de Inglês, Geografia e Matemática no Liceu. Como foi agradável topar tão inesperadamente com estes dois cultivados ingleses, revivendo reminiscências, trocando narrações de aventuras e ouvindo as ninharias de nossa própria terra. Mais agradável ainda foi saber que a conservação de seus hábitos íntimos não havia permitido que eles se abrasilicirassem. Os brasileiros são bons, e os ingleses também. A mistura, como em outros casos

que não direi, estraga duas cousas boas. Isto me traz a lembrança o velho provérbio:

"Un ingleze Italianato
E' il diavolo incarnato."

E tambem a observação: "on n'a que trop souvent à rougir des compatriotes que l'on rencontre dans les régions éloignées." (No mais das vezes só temos que nos envergonhar dos patricios que encontramos nas regiões longinquoas). Quanto à gentileza pessoal de meus patricios de S. João só tenho a rogar-lhes que aceitem meus cordiais agradecimentos.

Antes de encerrar esta tarde extraordinariamente agradável, pelo sono, convem que nos preparemos para uma visita à cidade no dia seguinte. (17) Quando Sebastião Fernandes Tourinho descobriu em 1572 as minas de esmeralda que depois se verificou serem ridiculas turmalinas verde-capim, o interior do Brasil foi logo varado por bandos intrépidos de pioneiros e exploradores, na maioria Paulistas. Os nomes mais citados são os de Bartolomeu Bueno da Silva, por alcunha o "Anhanguera", traduzida pelo povo por "Diabo velho", e que lembra o Shaitan Ka Ohai de Sindh; seu cunhado Antônio Rodrigues Arzão, de Taubaté; Fernão Dias Paes Leme, seu genro; Manuel de Borba Gato, já referido e Tomé Pontes. Os primeiros filhos

17 — Servi-me francamente dos "Apontamentos da População, Topographia e Noticias Chronologicas do Município da Cidade de S. João del-Rei (sic), Provincia de Minas Gerais". Por José Antonio Rodrigues, S. João d'El Rei (sic.) Typ. do J. A. Rodrigues, 1859. O autor se põe na posição de advogado. Sua monographia é um dos muitos folhetos do valor que apparecem no Brasil, são pouco conhecidos pelas Sociedades Geographicas de Paris e Londres e o viajante deve ter o cuidado de obtelos.

e veios (18) foram encontrados na corrente ora chamada Rio das Mortes, e seus arredores, e a abundância de minério fez com que a terra fosse chamada Minas Gerais. Os cronistas se comprazem em repetir que nestes áureos tempos uma quarta e meia de milho custava sessenta e oito oitavas de ouro, hoje £. 23; a farinha valia quarenta oitavas; enquanto um cavalo ou um garrote alcançava de treze a quatorze onças. Estes preços, afirmam eles, mataram de fato toda indústria agrícola. Penso que o resultado devia ser o inverso.

O Arraial do Rio das Mortes começou a viver como vila em 1684. Em 1712 (segundo outros a 29 de Janeiro de 1714) D. João, o Magnífico, chamou-a Vila de S. João d'El Rei. (19) Em 8 de Dezembro de 1713 (alii. 1715) seu Senhor, o Governador e Capitão-General de S. Paulo, enviou-lhe o primeiro Ouvidor, o Dr. Gonçalo de Freitas Baracho. Pela Lei Provincial n.º 93, de março de 1838, tornou-se uma cidade, cabeça de Comarca (20) e centro de um distrito eleitoral. Em

18 — O veio (palavra talvez não puramente portuguesa) é um filão de metal. Veio significa o corpo do metal. Veta é também um filão. O termo usual é vên (vena) e "veas de quartzos que são veios".

19 — É esta a única maneira certa de escrever-lhe o nome. Todas as outras, tais como *Dol-Rei*; *Dol Rey* e *D'El Rey*, e muitas variantes são obsoletas ou errôneas. O artigo árabe-espanhol *El*, é reservado em português para o *Rei* — o exige um traço de união. A partícula *d'* não pôde protender as honras de maiúscula, e o português moderno escreve *Rei*, e não *Rey*, que é espanhol.

20 — No tempo da colônia, a Comarca era um distrito dentro da jurisdição de um corregedor, título ora obsoleto. A principal autoridade judiciária é hoje o Juiz do Direito. Assim também o Juiz Municipal tomou o lugar do Juiz Ordinário, do qual cabia recurso para o Ouvidor. A Comarca do Rio das Mortes se compõe das Municipalidades de S. João, S. José e Oliveira. Os Municípios de uma Comarca são por sua vez divididos em freguezias ou paróquias e estão em distritos.

1828 o Sr. Walsh dava à municipalidade 9.000 a 10.000 almas. Este número subiu em 1859 a 21.500, dos quais 15.200 livres, 100 estrangeiros e 6.200 escravos, elemento que decresce rapidamente. (21) Havia trinta e nove eleitores dos quais dezesseis escolhidos pela cidade, 300 jurados e 1.600 votantes. A cidade tem cerca de duas milhas de extensão de norte a sul e contém dez quarteirões, vinte e quatro ruas e 1.600 casas das quais oitenta assobradadas. O recenseamento de 1859 indicou:

Homens (livres)	3.150
Mulheres (idem)	4.650
Estrangeiros	50
Homens (escravos)	260
Mulheres (idem)	390
<hr/>	
TOTAL	8.500

Nesta hora da noite, não me acho com disposição para fazer reflexões ao gosto dos mormões. Mas que pensa você, leitor, ou que pensaria Milton ou Priestly, de números como estes relativos a uma terra pobremmente povoada? Não há um desperdício de capacidade geradora? No fértil Pará, segundo estou informado pelo meu amigo Sr. Williams, os nascimentos femininos são quatro ou cinco para um masculino. Não é

21 — Em 1867, fui informado de que o número de escravos no município era de cerca de 1859 dos quais 600 na cidade, fato promissor numa zona pastoril, onde se prefere o trabalho livre à brutal negligência dos Africanos, os quais foram em grande parte vendidos nos distritos agrícolas da Província do Rio de Janeiro, que ainda pede mais.

lamentavei ver os homens, cegos pelos preconceitos de educação, desprezando os benefícios que lhes dispensaram os deuses? E' tempo certamente de surgir nesta terra um Ilmo. Sr. Dr. Brigham Joven. (22)

22 — Este trecho poderá parecer paradoxal áqueles que, em maior parte, ainda julgam o canibalismo, o sacrificio humano, a escravidão e a poligamia, abominações *per se*, o cúmulo das vilanias e assim por diante. Eu considero estes fatos como várias degraus ou antes condições necessárias pelas quaes a sociedade civilizada attingiu o seu estado avançado actual. Sem o canibalismo como poderia o Néo-zelandês ter preservado o seu bôlo desenvolvimento físico? Certamente não havia de ser comendo o seu morcego e o seu rato. Sem a escravidão como poderiam as Antilhas e os estados sulinos da União Americana derrubar suas selvas? Os brancos não o poderiam e negros livres não o quizeriam fazer. Sem a poligamia, como poderia a semente de Abraão se ter multiplicado tão exuberantemente? No máximo teria debrado o seu número de descendentes em meio século. No Velho Mundo uma volta a este estado de sua juventude seria uma retrogradação, um regresso ao Barbarismo. Mas não se dá o mesmo com as novas terras, que passam actualmente pelas condições numericas já esquecidas por nós ha alguns séculos.

CAPÍTULO XI

UM PASSEIO POR S. JOÃO D'EL-REI

(Lado Sul)

Hasta los palos del Monte
Tienen su destinación
Unos nacen para Santos
Otros para hacer carbon. (1)

Esta citação, tomada ao Dr. Rodrigues, applica-se um tanto vagamente ao passado e ao futuro de S. João. Pouco depois do grande terremoto de Lisboa (1755), foi proposta a transferência da séde do governo para aqui. Em 1789, como veremos, a inconfidência mineira pensou em S. João para sua Washington, e em Ouro Preto para a Universidade (2). Infelizmente encontrar-se-á com dificuldade na Província das Minas um lugar de importância ou mesmo sem importância que não proclame suas pretensões a Capital do Império. Posso citar no momento Campanha, Baependi, Minas Novas, Paracatú, Guaicui e até mesmo o selvagem local das cachoeiras de Pirapora, no Rio S. Francisco.

Na história estas cousas se repetem. O Brasil não poderá se satisfazer sempre com sua actual capital, ex-

1 — A idéia é de Horácio "Quum faber incertus scammum faceret no Priapum maluit esse deum".

2 — Varnhagem chama a isto, com justiça, um grande pensamento e propõe a fixação em Minas tanto da Capital, como da Universidade. O Brasil talvez possa esperar por algum tempo pela sua Metrópole, mas não deverá ser paciente quanto á sua Alma Mater.

posta como está aos ataques de todas as potências marítimas de primeira classe, e bem mais vulnerável do que S. Petersburgo antes da guerra da Criméia. A mais velha pretendente, S. João d'El Rei, verá então o seu nome mais uma vez levado avante. Mas duvido que o projeto seja seriamente tratado; as muitas vantagens da situação são contrabalançadas pela sua posição descentralizada (3). Sinto-me inclinado a profetizar, que o Vale do Rio São Francisco, será, no correr dos tempos, o local escolhido para a metrópole do império dos Diamantes.

No dia mais curto no ano partimos para visitar a pequena cidade, comandados por Mr. Copsy. Seus conhecimentos do local tudo facilitavam. Na Rua Municipal vimos a Câmara, vasta construção que ostentava grades nas janelas ao nível da rua. No frontão superior estavam as armas imperiais e a figura da Justiça em relevo. Além disso não havia nenhuma loja no andar térreo. Nas vilas brasileiras, como nas colônias espanholas, presta-se uma homenagem prática ao comércio em quasi todas as melhores casas, transformando-se a metade inferior numa loja. Este Palácio Municipal, servia tambem de cadeia comum, — outra "instituição" — Não deixa de ser um tanto bárbaro, cheirando à Regun Sombre, isto de realizar sessões por cima das cabeças dos enterrados vivos. Deveriam ser abolidas a notoriedade e a publicidade do encarcera-

3 — S. João fica a vinte e quatro léguas a sudoeste de Ouro Preto, Capital de Minas e a sessenta léguas a nor-noroeste do Rio. Diz-se comumente que se o caminho passasse por Bom Jardim, dezolto léguas para o Sul, ficaria reduzido a cincoenta léguas. Calcula-se que de S. João a Rio Preto, fronteira da Província do Rio de Janeiro, há vinte oito léguas, e as Minas de Morro Velho há trinta e quatro léguas.

mento de mendigos. Isto se fará logo que o permitam as finanças municipais, atualmente em grande crise (4).

O edificio, de pedra em baixo e taipa na parte superior, é polícromo e não sem beleza. A fachada mede 110 palmos e o comprimento do edificio é de 120. Não são as dimensões normais ou do gosto popular. Tem cinco entradas, todas de esquadrias de ferro. A entrada principal, é saliente, avança para a rua a modo de guarita. Visitamos o salão nobre, de cem palmos por cinquenta. Uma grade de ferro separa, como de costume, os simples cidadãos dos vereadores em sessão. O tecto de oeste está arrinado em espeques e necessita evidentemente de reparos. Ao norte fica a Biblioteca Pública, aberta diariamente e horrivelmente decorada com o retrato de um bemfeitor local — Batista Caetano — um “porco de armadura” segundo Mr. Walsh, e já falecido. O actual bibliotecário, surdo como uma porta, ignora o número de volumes sob sua guarda. Pelo nosso cálculo são uns 3.200, o “Almanak” corrigiu-nos, elevando-os a 4.000. O alimento intellectual consiste principalmente em fólhos velhos e hoje difficilmente legíveis e em grossos quartos que alimentaram a imaginação de eclesiásticos e as carnes das polilhas. Como na

4 — Em 1859 a renda anual da Câmara oscilava entre seis e sete contos.

Os impostos eram os seguintes:

Pagos pela colectoria provincial	21:000\$000
“ “ “ “ geral (Imperial).	22:000\$000
TOTAL	43:000\$000

Não estão incluídos os direitos de exportação e importação e a peagem, que poderão atingir tanto ou muito mais. Assim, diz o Sr. Rodrigues, o município contribue para os cofres públicos com mais de cem contos de réis (£ 10.000) por ano.

velha Roma o bibliotecário pôde cantar aqui em altas vozes:

Constrictos nisi das mihi libellos
Admittam tineas trucesque blattas

E' com razão que S. João guarda a memória de seus homens de letras. Um de seus filhos, Manuel Inácio d'Alvarenga, escreveu a "Gruta Americana", e, sob o nome de Alcindo Palmireno, foi membro da "Arcádia Mineira" (5). A segunda notabilidade foi João Antônio Ferreira da Costa e o terceiro era o satírico Padre Manuel Joaquim de Castro Viana. Junte-se aos tres poetas um certo número de oradores sacros, "terrores dos pecados" e "écros das Escrituras". Ao lado destes, um arquiteto, um pintor e um escultor são citados pelos curiosos. Há dois orfeões e quatro professores de piano. Toda pessoa educada é mais ou menos musicista. Subimos então o morro e fomos ao Externato S. João. Este estabelecimento data de 1848. Foi chamado a principio "Colégio Duval", por causa do fundador Sr. Richard J. Duval (6) antigo empregado nas minas de S. José. Era dirigido pelo primo deste Sr. G. V. Duval, antigo Diretor do Gongo Soco. Foi sucedido por um francês Sr. A. M. Delverd. Com o Conselheiro Carlos Carneiro de Campos o colégio passou a chamar-se Liceu. A situação no extremo sul da cidade, é admiravel e domina um imponente panorama. Seu velho edí-

5 — Foi preso pelo Conde de Rezende, nas masmorras subterrâneas da Ilha das Cobras. Não se confunda com outro famoso conspirador, Inácio José de Alvarenga Peixoto. ("Plutarco Brasileiro" por J. M. Pereira da Silva, pp. 230 - 230. Rio de Janeiro, Laemmert, 1847) V. Cap. 35 e 36.

6 — O Sr. R. J. Duval que aqui fez fortuna, tornou-se Inspetor do Tráfego da E. F. Dom Pedro II, e morreu em 1861. Seu filho creio eu, está estabelecido no comércio do Rio de Janeiro.

ficio abrigou outróra a Casa da Intendência do ouro, a Casa de Fundição (7), a Residência dos Ouvidores e o quartel das tropas de linha. E' saudavel e antigo, tem porem uma séria desvantagem. Nestas terras, em que a arte não adquiriu ainda bastante poder para dominar a natureza, as violentas tempestades que precedem as chuvas, — ordálias de fogo e agua — são terrivelmente perigosas pelas suas descargas elétricas. Há cerca de quatro anos o Liceu foi atingido pelo fogo. Um raio em forma de bola, como a que penetrou na Igreja de Stralaund (8) derrubou uma das abas do telhado e só por milagre os oitenta alunos saíram todos illesos. Seria aconselhavel um para-raios de £ 5.

Assistimos a uma conferência geográfica proferida pelo Prof. Copsy a que eu acrescentei algumas observações sobre a — Africa Oriental e Central. Os distintos jovens pertenciam à melhor gente da cidade. Os membros da assistência, todos de fino trato, bem nascidos, bem vestidos e bem tratados davam a impressão de querer aprender. Alem deste estabelecimento aristocrático S. João tem escolas mais humildes. Tem mais dois templos de Minerva. Um, de Na. Sa. das Mercês, no norte da cidade, é dirigido por D. Policena Tertuliano d'Oliveira Machado. O segundo está numa

7 — O Sr. Wa'sh (II, 138) dá uma boa e detalhada descrição da fundição do ouro. Afirma, porem erroneamente que na Minas antiga cada comarca tinha sua Intendência e sua Casa de Fundição. Este erro foi assinalado por Saint Hilaire.

8 — Estas bolas de fogo são uma forma frequente que o raio toma no Brasil como na Africa oriental e merece cuidadosa attenção. Vi muitas vezes em S. Paulo o fluido eléctrico subindo a sudeste do céu e, na altura do 60° projetar uma quantidade de globos, como um monstruoso candelabro romano. Muitas vezes enom sobre as casas, como testemunho peascalmente, e só este meteoroo pode explicar a maneira pela qual um dos meus mapas se queimou.

situação central. Seu inspetor geral é São Francisco e sua diretora D. Antônia Carolina Campos d'Andrade.

Nossa visita seguinte foi em direção ao norte, à Santa Casa de Misericórdia, uma das mais antigas de Minas. Foi construída em 1817, no local de uma casa pobre, por Manuel de Jesus, monge espanhol, cujos recursos não atingiam £ 2. Atualmente obteve todos os privilégios de que goza a sua irmã, de Lisboa. Grandes somas lhe foram legadas e foi-lhe acrescentada uma bela e limpa capela sob os auspícios de Na. Sra. das Dores. Tem também anexos para loucos, para leprosos e para moléstias contagiosas. Para os homens livres a taxa é de 2\$000 por dia, para os escravos de 1\$500. A média dos doentes tratados por ano é de sessenta a setenta (9).

Voltamo-nos então em direção ao ocidente, passando pela Igreja de S. Gonçalo Garcia que pertence à Confraria Episcopal de S. Francisco e S. Gonçalo, agregada ao Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Pertencem a esta confraria homens de todas as classes e cores, exceto os escravos. O edifício não passa de um telheiro, inacabado, arruinado pelo tempo e sem dúvida custará muito a se transformar numa decente casa de Deus. Junto dela está uma magnífica cambucaia; parece uma murta Eugênia quatro vezes ampliada. Pelas redondezas há também duas nobres e altas sapucaias (Quatele ou *Lecythis Ollaria*), vestígios da floresta primitiva que outróra adornou a terra. Os aborígenes costumavam extrair dela um cãuim, ou

9 — Em 1864-5 os fundos do hospital atingiam 95:9418019. A receita era de 10:357\$656, a despesa de 7:800\$983; o saldo a seu favor de 2:556\$871. O Recolhimento dos Expostos obteve 13:241\$001, gastou 600\$000 rs. e teve um superavil de 12:741\$. As entradas no Hospital foram 224, as mortas 21, as curas 124 e o número dos doentes que permanecem em tratamento 49. Dos dez expostos, durante o mesmo período morreram cinco.

vinho (10); as folhas lembraram-me as duas imensas mangueiras que existem no Consulado de S. M. Britânica em Fernando Pó. O fruto — célebre como armadilha para maciços — tem a forma de um pote pesado; serviu evidentemente de modelo para a cerâmica indígena. É muito querida pelas araras, mas torna perigoso dormir debaixo de seus ramos tal qual sob a árvore das cabaças na Africa, um Jack, indiano ou um "Dorriyan" de Bornéu. Os galhos fortes sustentam ninhos limpos e feitos de lama dos *Furnarius*, aqui chamados "João de Barro" (*Merops rufus* — ou *Turdus Figulus*). Estas construções são edificadas em miniatura como as partes de uma Kafi Kraal, e a única pequena entrada não está voltada para nenhuma direção particular; os vizinhos frequentemente viram as costas um para o outro; são pois tão civilizados como os Londrinos ou Parisienses. Este pássaro amarelo-avermelhado diverte muitas vezes os viajantes. Que graça achei quando os vi na estrada, saltitando na minha frente, evidentemente para atrair a atenção, ou chiirando alegremente com uma visível esperança de resposta. Está visto que aí não consultamos J. J. Rousseau, para saber se os pássaros conversam ou não (11).

10 — O Dicionário Tupi traduz *caum* por vinho e *caum taá*, (literalmente água de fogo), por aguardente. A palavra é em geral derivada do *Cajá* (*Anacardium occidentale*) e *ig* ou *y*, água; visto como era este fruto que fornecia a fermentação preferida. O *Caum*, como o "Koumli" é escrito tão diversamente pelos viajantes que difficilmente pôdo ser reconhecido. por ex.: Caoul, Caouy, Caowy, Kaawy, etc. É um termo genérico o que se aplica a cerca de trinta e duas maneiras de preparar a mandioca, a banana, o milho, o abacaxi, a batata doce e a cana de açúcar cultivada ou selvagem. O Príncipe Max. (I, 115) compara a forma mastigada, com a Ava ou Kava, descrito por Cook, na Oceania.

11 — O Sr. Castilho (Exc. Poet.) assim emite seu juizo sobre esse célebre vulto, "Eleuter maniacs" —

"João Jacques (certo animal
Que trata de educação)".

Já que vamos visitar a Igreja típica de São João, se não de Minas Gerais, convem fazer um ligeiro esboço da arquitetura eclesiástica nesta parte do Brasil. A princípio o primeiro pensamento do mineiro ou do comerciante bem sucedido era o de construir ou contribuir para um templo. Daí o número incontável de igrejas nas velhas cidades e a extrema raridade de construções modernas. Mas ao passo que se encontravam pedreiros facilmente, não havia arquitetos. Consequentemente as igrejas são um bom atestado da piedade e da inteligência do velho mineiro, mas não deprimem favoravelmente quanto à sua "instrução". O estilo em geral introduzido pelos jesuitas, é pesado e esquisito. Tenta conciliar as linhas verticais do gótico, com as dimensões horizontais da arquitetura clássica e fracassa notavelmente. Não espere o viajante encontrar naves com colunatas, clerestórios, capelas laterais, ou casas do Capitulo como no hemisfério oriental. Quando o edifício é sub-cruciforme, os braços do transepto apenas compreendem sacristias, corredores ou outras dependências, que ocupam o espaço entre as duas paredes. Poucas igrejas têm o teto lavrado ou em caixote. Uma simples cortina cobrindo o trono substitue os véos do altar, frontais e super-frontais. Não há facistais ou estantes de púlpito, nem encadernações ou marcadores trabalhados. Emfim, estas ninharias eclesiásticas brilham pela ausência.

Não se tentou aqui nada no género do Pantheon ou da Catedral de Rouen. A Igreja brasileira é a mais humilde forma do templo da Justiça ou da Religião que brasileiros entusiastas derivam do Tabernáculo nas selvas. A integridade da construção quebra-se sómente na divisão em nave e capela-mór. Este plano pôde assumir um aspeto assaz grandioso quando as dimen-

sões atingem as da velha catedral da Baía. Mas geralmente a primeira impressão produzida sobre o estrangeiro é a de um vasto paio!. O aspecto é mesmo muito humilde quando falta o elemento físico de grandeza — as grandes dimensões.

Por outro lado, a igreja no Brasil tem a vantagem de não exigir nenhuma orientação na fachada. Jerusalem fica ao norte, como a sudeste ou como a oeste desta região. A igreja é quasi sempre construída no lugar mais alto e mais pitoresco tendo em frente um amplo e belo espaço pelo qual as catedrais de S. Paulo e Westminster suspirariam em vão. Não se conhece o sistema dos edificios encravados uns nos outros; não há, pois, a atmosfera pesada, acre e fusca das velhas cidades européias. Onde não há chaminés, não é de se temer a escura fuligem. O tom aborrecido e sombrio das praças de Londres cheias de barras de ferro lembrando uma prisão é claro que não existe. Finalmente, o crescimento rápido das árvores e a espantosa abundância de água constituem uma decoração natural e artística, sempre utilizavel.

A Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, nome da ordem dos nossos antigos frades cinzentos, assim chamados em opposição aos frades negros de S. Domingos, pertence a um sodalicio que conta para mais de 5.000 membros, na maioria do sexo masculino. Como os seus confrades do Carmo, são independentes da jurisdição paroquial e os seus relatórios são enviados para inspeção às suas chefias no Rio de Janeiro. A Igreja é construída na parte mais alta da praça, um belo lance de degraus de pedra conduz ao adro pavimentado fronteiro à fachada mais próxima. Há uma fonte de dois bicos alimentada pelos montes do sul e a simetria exige uma obra correspondente no outro

lado. O cemitério da Ordem esconde-se por traz da Igreja e o modesto Hospício dos Frades da Terra Santa — representa o papel de engaste do grupo.

Foi dito que o arquiteto de S. Francisco não usou como instrumento senão um compasso; não há uma só reta, a não ser a vertical; a fôrma escolhida é a oval, a divisão é em curvas e até mesmo os tetos de telha são arqueados. As dimensões são 240 por 64 palmos e a construção é tão sólida que as paredes contêm dentro de sua espessura os degraus do púlpito que têm cerca de tres palmos de largura. Uma inscrição na entrada principal indica a data do nascimento: 1774. A tradição local diz que a actual igreja foi construida sobre uma humilde capela que teve permissão de permanecer, tal como a cabana da velha sob o teto do Palácio de Anushirvan, o Justo. A fachada tem duas janelas, o frontão é coroado por uma cruz grega, de dois braços ou do Santo Sepulcro, e o tambor representa Cristo crucificado, S. Francisco recebendo os estigmas e muitos complementos. Sobre a entrada principal estão os instrumentos da Paixão e as armas do orago (11-A). O portal termina por um medalhão de Na. Sra. da Conceição em nuvens de pedra entre querubins bochechudos que desenrolam uma importantissima divisa:

"Tota pulchra es Maria, et
Macula originalis non est in te"

E' uma demonstração de como o dogma ibérico, outróra tão popular na Inglaterra católica, foi aceito pelo Brasil, e como será admitida rapidamente a doutrina progressiva da co-redenção.

11-A — Há no texto Inglês um trocadilho intraduzível. "The arms, literally and metaphorically, of the orago". Com effeito, as armas da ordem franciscana consistem em dois braços (arms) cruzados, N. T.

O material é excelente: uma bela esteatita, azulada e às vezes verde-maçã, que quando não está infestada pelos frequentes fragmentos octaédricos de ferro, tem um grande brilho. A escultura tem o aspeto de trabalho em madeira com difíceis altos relevos, fruto da habilidade de mãos (hibernicè) — de um homem que não as tinha, cujas obras encontraremos espalhadas por toda esta região da Província. E' conhecido geralmente por *Aleijado* ou *Aleijadinho*; alguns chamam-no *Inacinho*, outros *Antônio Francisco*. Seu trabalho se fazia com ferramentas ajustadas por um ajudante aos cotos que representavam os braços. Não é o único caso registado de atividade surpreendente de um tronco de homem ou de mulher. Sirva de exemplo a falecida *Miss Biffin* (12).

Os campanários, de 150 palmos de altura, são de fôrma esquisita e muito comum em Minas Gerais — paralelogramos que se tornam quasi cilíndricos com colunas colocadas rente aos ângulos. Os capiteis são extravagantes, parte coríntios e parte excessivamente compósitos. O estilo das torres é o que se poderia chamar de quadrado-curvelínco e não se recomenda senão pela singular excentricidade. Os povos jovens, como as crianças, deviam aprender que o génio começa pela imitação e termina pela criação; quando o último processo precede precocemente ao primeiro, os resultados estão fadados a ser sem gosto, desgraciosos e grotescos. O defeito principal dos campanários está nas suas cúpulas, simples fornos, que parecem copiados das casas de cupim ou dos ninhos do João de Barro. Deviam ser ambas demolidas e substituídas por algo de

12 — *Aleijadinho*, era, creio, o apelido de um pintor, *José Gonçalves*, que morava no Rio de Janeiro (*Pequeno Panorama da Cidade do Rio de Janeiro*, por *Moreira de Azevedo*, Rio: Paula Brito, 1861, Vol. I, pg. 77). Há dele uma biografia valiosa mas não consegui nunca obtê-la.

harmônico com o corpo da Igreja. São facilmente escaláveis. Uma barra de ferro as sustenta. O toque dos sinos é melhor que de costume.

Passando o elegante Tapavento, de belo lavor, doação da boa Sra. Lee, avistamos a nave da qual o Sr. Rodrigues afirma que "nada deixa a desejar". Permitam-me porém que murmure discretamente contra os vidros de cor e os painéis. Os tons azues e brancos parecem frios e brutos mesmo sob este sol glorioso, e as lindas madeiras de marcenaria do Brasil estão lavadas e pintadas para dar a impressão de um mármore disparatado. A balaustrada da galeria superior, em que estão suspensos os lampadários, é pintada de vermelho e do centro pende um imenso lustre com umas trinta e seis luzes, muito mais próprio para um teatro que para um templo.

O coro, como de costume no Brasil, fica acima da entrada. E' sustentado por um arco abatido, de vão tão largo e pesado, com uma tal corda, e com uma curva tão aberta, que merece o título de Manoclesca, como os da gloriosa Belém de Lisboa. O sienito, permite-o suster-se a despeito de todo o avançamento e as iniciais do desenhista merecem figurar ali.

Há os seis altares laterais do costume (13). Da capela mór, deve-se notar que tem o teto diferente da nave. Os degraus curvos e a pavimentação são de pe-

13 — Os altares da direita são: 1) S. Luiz Rei'do França, S. Boaventura, Sto. Antônio e o Menino Deus; 2) -S. Pedro do Alcântara, Sta. Quitéria e S. Bento (não confundir com S. Benedito); 3) Jesus crucificado beijando S. Francisco de Assis (padroeiro dos missionários que construíram S. Francisco da Califórnia) ladoado por S. Francisco de Paula e um Papa. Na base do altar, S. Francisco de Assis, morto. Os altares da esquerda são: 1) S. Francisco de Assis, S. João Nepomuceno e a Sacra Família; 2) S. Lázaro e Sta. Honra (que eram casados), S. Domingos e S. João Evangelista; 3) Sta. Margarida de Cortona, S. Roque e S. João Nepomuceno. O sistema de seis altares laterais parece ser generalizado em Minas onde algumas igrejas ficam sobrecarregadas para poder contê-los.

dra polida. O altar-mór e seus nichos laterais ostentam colunas torcidas e enguirlandadas de branco e ouro, muito esculpidas, lavradas e ornamentadas de querubins e serafins desagradáveis que o guia afirma serem de "Semblantes risonhos". O retábulo representa a Santíssima Trindade em tamanho natural. O Criador se distingue do Preservador por um manto vermelho e por um triângulo de ouro posto como corôa; uma pomba vermelha e branca adėja entre as duas figuras. Em baixo está uma grande imagem de Na. Sa. da Conceição, ladeada por Sta. Rosa de Viterbo e Sta. Isabel, Rainha de Portugal. "Tudo, diz o guia, infunde respeito". O que diria disso meu velho tutor Mirza Mohammed Ali, o Shirazi?

Os brasileiros herdaram em alto grau a arte da estatuária em madeira, em que excellam os paizes do Ebro. A obra prima daqui é a imagem de S. Pedro de Alcântara em andrajos, toda lavrada em um só blóco. A mais venerada é a do Senhor Bom Jesus do Monte Alverne de que se conta o seguinte caso. Estando a Ordem em grande necessidade simultaneamente de uma estátua e de dinheiro, abriu concorrência. Apresentou-se uma pessoa desconhecida e exigiu como arras sómente o material e as ferramentas de seu officio, avaliando o seu trabalho em uma razoavel conta redonda. No tempo devido apresentou o seu trabalho ao sodalicio e desapareceu. Homens impressionáveis supõem ser este escultor um peccador que seguiu este curioso género de penitência para salvação de sua alma. Esperavamos ver a imagem, mas as únicas informações obtidas do sacristão foram que "está na rua" — resposta geral que se refere aos arredores das cidades do campo.

Mais ao sul, dominando uma vista imponente, está a humilde capela do Senhor Bom Jesus do Bomfim. E'

precedida de quatro palmeiras e o morro acidentado está escassamente coberto de capim do campo e de graminha, amarelções de sede e de fome. Por este caminho, a 17 de Junho de 1842 entraram os revolucionários vindos de Elvas e tiveram a cidade à mercê. Um mês depois, os deputados provinciaes aqui se reuniram e solenemente aprovaram o movimento. O Presidente em exercício cometeu o erro fatal costumeiro, de deixar 500 homens às ordens de Alvarenga, um dos seus melhores officiaes, para defender a cidade, em vez de ganhar terreno. Finalmente aqui, a 7 de Setembro, a Sociedade Ipiranga se reúne para celebrar a festa da Independência.

Descendo o morro entramos no correio, uma das vias de civilização no Brasil. Encontramos uma sala e tres escreventes que jamais ouviram falar em entrega postal (14). E' uma pequena concessão numa cidade que, como a velha Ilchester, tem doze igrejas que queimam 4.800 libras de cêra por ano e onde há um aliaia-te especialista em fazer as batinas de padres.

14 — Até há poucos anos, os viajantes nos Estados Unidos queixavam-se do mesmo fato. O Correio do dois "pence" na Inglaterra data sómente do 1683, quando foi planejado por David Murray, de Paternoster Row.

CAPÍTULO XII

O NORTE DE S. JOÃO D'EL-REI

"Não há uma pedra posta pela mão do homem no centro de suas Cidades, que não exprima uma ideia, que não represente uma letra do alfabeto da civilização".

Sr. Manuel de Araujo Porto-alegre.

Completamos o circuito da cidade pelo lado norte com uma visita aos nossos compatriotas na rua da Prata, a Belgravia local, e a melhor rua do lugar. Encheram-nos de pequenos presentes, o Balanos tintinnabulum, especimens de ouro do antigo poço, ferro magnético, jaspe rolado pela água e um bocado da verdadeira formação de diamante da Bagagem (1). Trouxemos uma valiosa receita que eu chamei de "Pilulas do Dr. Lee" — uma simples semente de *Ricinus Communis* tomada de tres em tres horas, a terceira sendo geralmente sufficiente. Merece ele uma medalha da Sociedade Humana por tornar facil o que é para alguns quasi impossivel. Vimos a Azeitona da África, arbusto de quinze pés de altura, com uma flor semelhante ao chá e folhagem em forma de cúpula. Produz em todas as estações cápsulas redondas contendo umas cinco amendoas de tres faces do tamanho de cerca de um quarto de avelã. Proporcionalmente são mais oleáceas que a

1 — O Dr. Couto chamou este lugar de Nova Lorena, em honra de seu patrono, mas o nome não foi adotado pelo Povo.

Palma Christi (2). Um quarto de alqueire dá cinco garrafas de óleo claro e sem cheiro, próprio para fins culinários.

Vimos também a copal brasileira de que há grandes reservas em Minas e em S. Paulo; a que vimos é das proximidades de Oliveira, dezesseis léguas a noroeste. Este "breu", ou píxe, como é vulgarmente chamado é o produto de florestas extintas, compostas de várias *Hymeneas* e semi-mineralizadas pelo calor e pela pressão. Como o da África oriental, revela a pele de ganso ou a marca da areia; encerra frequentemente moscas e pedaços de casca; contem espíritos de vinho e quasi se dissolve no éter e no clorofórmio. Este verniz, que é de todos o mais duravel, foi exportado para a Europa no início do século, antes das costas d'África oriental e ocidental fornecerem ao comércio um artigo superior. Surgirá de novo em nossas praças quando o mercado de trabalho no Brasil se tornar regular. Os aborígenes costumavam fazer com o verde-vivo ou breu não maduro — o "chukazi" de Zanzibar — "labrets", ou ornamentos para os beiços, da cor do ambar brilhante; eram cilindros sub-cônicos, de um pé de comprimento e de um dedo de espessura, um tubo ôco de bambú enfiado na árvore servia de molde. Ficavam presos ao lábio inferior por um pequeno grampo e pendiam como braços de bombas sobre o peito do possuidor.

Vimos também especimens de *Vanilla* selvagem preparada pelos nossos hóspedes. As cascas são amarradas a uma linha e penduradas. Ficam a secar, expostas ao sol e ao ar, durante todo o dia, mas não de mais. Por duas vezes, com um intervalo, passa-se com uma pena óleo de Azeitona da África. Alguns abrem-nas e

2 — Só vi um exemplar no jardim de D. Maria Benedita e não o reconheci como produção da África.

introduzem açúcar ou sal. Esta valiosa produção é há muito conhecida no Brasil, uma lei colonial proíbe o seu côrte. O autor do poema "Caramurú", impresso pela primeira vez em 1781, assim o canta (Canto 7 — st. 47).

"A baunilha nos sipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua
Nasce em bainhas, como paos de lacre,
De um suco oleoso, grato o cheiro e acre".

Mas enquanto que os espanhóes exploravam a *Vaynilla* (*Epidendron Vanilla*), mesmo na idade do ouro e da prata, os portuguezes, especialmente os paulistas e mineiros, sistematicamente a desprezavam e nossos livros populares a ignoram. Comtudo a planta cresce selvagem, na maior parte do Brasil intertropical, e em alguns lugares aromatiza o ar. Parece, comtudo, que se reproduz naturalmente (3). As cascas que nos foram dadas em S. João, eram grandes, carnudas e muito escuras; conservaram a sua fragrância característica por vários meses.

Encurtamos nosso caminho pela ponte do Rosário para visitar o sul da cidade. A nossa esquerda estão as ruínas de "São Caetano", uma igreja que desabou em 1864, ou por volta desse ano, e que não foi restaurada. Sinal esperançoso! O velho provérbio — quanto mais perto da igreja mais longe da graça —, tem uma grande significação e por todo o Brasil, à idade da Fé deve seguir-se a Idade do Trabalho; ou melhor, as estradas construirão igrejas, mas as igrejas não farão estra-

3 — O Prof. Morren do Liège provou que os órgãos reprodutores da *Vanilla planifolia* têm peculiaridades que exigem fecundação artificial; no México este processo é executado por um inseto.

das. A peculiaridade desta igreja era uma capela mor, muito maior que a nave. Um certo Guarda-Mór, ordenou ao arquiteto que a fizesse assim e silenciava todos os que objetavam ser isto irregularidade com esta resposta: "Tudo quanto é mór é maior". A mesma igreja ostentava esta insolente inscrição: "O Rei depende de nós, e não nós dele". O autor que seguimos nota a propósito, quanto eram pródigos de fidalguia e de atitudes estes homens que, pela maior parte plebeus no velho mundo, compravam títulos e "fundavam famílias" no Novo Mundo. Metemo-nos pela Rua da Prata com dificuldade. Há às vezes uma calçada elevada nas ruas lageadas, mas tanto a calçada como a rua são igualmente atrozes. As escuras pedras de ferro, em forma de rim, são tão escorregadias como duras e o andar dos recém-vindos parece o de quem está praticando a amarelinha. O efeito sobre o artelho grande e o mínimo dos S. Joanenses deve ser visível. Não se remediaria todo ou grande parte do mal com algumas carroças carregadas de arcia ou macadame bem batido? Naturalmente não se vê um só veículo de rodas, o transporte de pessoas se limita à cadeirinha, à moda antiga, ou ao "Banguê" (4) um imenso palanquim carregado por dois burros. Em compensação a cidade é bem provida de água. Se se quizesse gastar, cada quarteirão e rua poderiam ter sua fonte. Atualmente há tres grandes chafarizes, e também nascentes cujas águas são preferidas pelos habitantes das redondezas. Algumas, segundo fomos informados, desapareceram. Também as chuvas que, como de costume nos planal-

4 — A palavra é Hindustani: — "Banguh" — Trata-se do Takbt — rawnn usado na peregrinação a Meca, mas de forma mais humilde e sem camelos. Publicarei um esquema desta liteira com camelos na minha "Pilgrimage to El-Medina and Mecca" (Peregrinação a Medina e a Meca) Vol. I, 305.

tos do Brasil, começavam a princípio em Agosto, agora adiaram o seu início para o fim de Novembro. A causa é provavelmente o desflorestamento.

A população joven nos contemplava com sobrançeria. Encaravam-nos fixamente com o desplante de dez cornoalhos. Tivemos os nossos retratos tomados mentalmente como se cada par de olhos pertencesse a um carcereiro. Em Barbacena os moços nos examinavam de boca aberta; aqui além disso eles estendiam a língua, não por brincadeira, porém, por mero espanto. Os cidadãos são tidos como altamente inteligentes, dados ao estudo, e sequiosos de informação. A curiosidade dos joveus promete bem — sem curiosidade não há pesquisa. Notamos muitas ermidas ou pequenos oratórios espalhados pela cidade. Por outro lado não há mercado fixo. E a quitanda ou res mercatoria (5) fica exposta nos usuais "Quatro Cantos", ou lugar onde se encontram quatro ruas. O lugar preferido pelos alfaiates é o agradável lado da sombra em plena rua. Compreendemos isto quando nos contaram que nos últimos quatro anos o mínimo de temperatura foi 42° (F) e o máximo 88° (F). Muitas casas estavam para se alugar e havia sinais de depreciação da propriedade em S. João desde o fim da sua segunda e última idade de ouro. Um "palacete" construído por 5.000 l. em um tempo em que a mão de obra valia menos da metade do seu preço presente vende-se agora por 750 l. Mas aqui como em toda a parte há tres avaliações distintas

5 — Na lingua Bunda, Kwitanda, — que os portuguezes escrevem Quitanda — é o mercado — e Standa significa venda, venditio, e tambem feira ou empório. Assim "à venda" seria alguma cousa como "Ela tem polta" que se tornou Stambul. No Brasil Quitanda não é o lugar da venda, mas invariavelmente a cousa vendida (Mon marché como diz o coziheiro francês) e quitandeira é a mulher que a vende.

que são: a do comprador (—), a do vendedor (+) e a do avaliador (\pm ou \equiv).

Avistando a Na. Sa. do Rosário, não foi preciso que nos explicassem que era o lugar predileto de devoção dos "Homo niger", tais extravagâncias e grosserias apresentava na cor e na forma. Não há campanários; a última torre foi demolida para evitar que caísse; o roubo de uma lâmpada de prata, pesando 900 onças, (e provavelmente por algum confrade) deixou a irmandade pobre. Os hamitas têm um cemitério melhor que a Igreja. Sobre o portão do recinto, bem situado, está um crânio, não dólico-cefálico, como deveria ser, sobre um distico:

"Eu fui o que tu és
Tu serás o que eu sou" (6)

afirmação sobre a qual, na qualidade de antropólogo, temos nossas dúvidas. Na base do Rosário vimos uma "Deusa Astréa", ou figura da Justiça, de pedra, meio decapitada, jazendo no chão; isto provocou um pouco de jovialidade. Atingimos então a Igreja Matriz, cuja padroeira é Na. Sa. do Pilar e que abriga as irmandades "dos Passos", do "Sacramento", da "Boa Morte", de "São Miguel", "das Almas" e de "Santa Cecília". Pouparei a sua descrição depois de S. Francisco. A construção data de 1711, exceto a fachada moderna, obra do Sr. Cândido José da Silva. Há seis capelas laterais e uma no sobrado para o Santíssimo. O Altar-Mór é, como os dois púlpitos, de madeira antiga, dourada, o seu teto é dourado, pintado e apainelado, ao passo que o da nave é um simples tunel ou meio barril. Por mais curioso que pareça, o templo está termi-

6 — Ainda não se instalou em S. João um ramo da Sociedade Antropológica de Londres.

nado. Como o Governo Provincial vota anualmente pequenas verbas para "Matrizes", estas geralmente estão sempre precisando de uma última demão.

Descansamos na casa do professor de latim do Liceu Dr. Aureliano Pereira Corrêa Pimentel. Que os gostos altamente literários ainda não morreram em S. João, pode-se provar pelo fato de estar este homem estudando hebreu e sânscrito. Furneceu-me ele gentilmente as sátiras, epigramas e outros poemas do padre José Joaquim Corrêa de Almeida (7), e recomendou-me para tradução a "Assunção" de Fr. Francisco de S. Carlos (8). Registrei alguns nobres traços do professor. Pouparei à sua modéstia a dor de os ver em letra de fôrma; mas há raros homens com encargos de família maiores que meios de subsistência, e que espontaneamente, reduzam o interesse sobre uma herança de cincoenta a cinco por cento.

O fim da nossa longa peregrinação era a Igreja de Na. Sra do Carmo, administrada pela Ordem Terceira desta invocação; seus principais bemfeitores foram o Barão de Itambé e o falecido João da Silva Pereira Gomes. A decoração da fachada, de esteatite lavrada, com iniciais de fantasia e querubins, trabalho do "Aleijadinho", as torres em quadrado curvelíneo, com as pilastras compósitas, os consolos internos e as colunas, eram como em S. Francisco. O interior foi forrado de cedro, lavrado por um homem que aprendeu sózinho, Sr. Joaquim Francisco de Assis Pereira,

7 — Rio de Janeiro, Laemmert, 1863.

8 — "A Assumpção da Santíssima Virgem" hoje obra clássica brasileira, publicada no Rio de Janeiro em 1819. O autor nasceu no Convento Franciscano da Imaculada Conceição a 13 de Agosto de 1783 e aí morreu, ou antes consumiu-se em mortificações a 6 de Maio de 1829. Teve em mira misturar os louvores da Virgem, com a descrição do seu "bolo palz", e foi certamente bem sucedido.

Certamente, a despeito de todas as nossas súplicas, será pintado de branco e dourado. É uma pena que a rotina impeça que se deixe au naturel; o aspeto deveria ser o mais brilhante possível mas a penumbra religiosa torna-se antes a delubra deorum.

Os Terceiros do Carmo hospedam os seus mortos melhor que os vivos; em catacumbas acima do sólo, a uns oitenta pés a oeste da igreja. A quadra do cemitério, medindo uns 400 palmos de perímetro, com muros de 28 palmos de altura tem bons portões gradeados com rainagens e com as iniciais do artista português J. J. F. (Jesuino José Ferreira). Uma pequena capela mortuária defronta a entrada. A disposição interna é em claustros como um Campo Santo de Pisa, em miniatura, e na espessura das paredes estão as filas de catacumbas. Pelo que parece são muito comuns os jazigos de família.

Havíamos trabalhado como cavalos durante todo o dia, e a volta para casa já nos alegrava. O professor Pimentel juntou conosco; nossos patrícios também lá estavam, e o resultado foi um banquete altamente satisfatório com um estouro musical de rolhas. São raras, realmente essas noctes coenæque deum. Separamo-nos ao soar das primeiras horas, planejando almoçar em Matozinhos pela manhã (9).

9 — Avisamos aos futuros viajantes, dispendo do mais tempo que nós que visitem a queda ou cachoeira do Rio Carandá o "S. Tomé das Letras" dezolte léguas a sudoeste e a nove léguas do Campanha. É descrita como uma pequena vila construída sobre a serra do mesmo nome. O nome literário vem de uma pedra que se avista da praça, e onde estão gravadas as letras: S. T. (São Tomé). Os que ali são eridos dizem que esta e outras formas curiosas, especialmente uma onça, perfeitamente delineada, são produzidas pelas raízes em decomposição e pela vegetação. O material, contudo, é a rocha de areia compacta, flexível ou não flexível (Itacolunito). A filtração de óxido de ferro produz entre as placas estas dendritos. Vi-os em cortes de estradas de ferro, perto de S. Paulo.

Antes de deixar S. João d'El Rei subi a sua Serra, de notavel mem6ria guiado por um Rio-grandense, o Capit6o Crist6o Jos6 Ferreira. Vê-se um belo panorama da cidade do alto do caminho de cerca de uns 150 p6s, que leva à Capela dos Mercen6rios, cuja irmandade, de negros e ind6genas tem o titulo de Na. Sra. das Mercês. Daqui, na dura encosta, pod6mos ver o Cemitério Geral coroando o morro à nossa direita, ao pé, a Velha Matriz, com a parte norte da cidade agrupando-se em torno, e abaixo de tudo o riacho que

picciol fiumicello

lo cui rossore ancor? mi raccapriccia,

enquanto no morro oposto, a igreja-exposiç6o, S. Francisco, orgulho do quarteir6o sul, completava o quadro.

Dalí, subindo um morro denteado de onde se extrai pedra, avistamos as antigas lavras de ouro. Era aqui o verdadeiro El-Dorado do El-Dorado, o fóco do fóco aurífero, todo perfurado e destruido por causa do ouro com poços, excavaç6es e córtes, agora cheios de areia e convertidos pelo tempo em despenhadeiros que fendem a serra em ângulos retos. O local de extraç6o do minério era a camada superior da rocha, daí se passou aos nívéis inferiores. Havia tambem uma formaç6o chamada Jacutinga, da qual falaremos adiante. Basta dizer aqui, que é de 75-84 por-cento de ferro micáceo, baseado provavelmente em ferro especular ou oligisto, com ouro puro em linhas e em buracos. A nossa esquerda fica Nossa Senhora do Monte, capela horrivel, semelhante aos templos coloniais das modernas colônias espaubolas, com duas janelas, ou antes duas frestas vermelhas servindo de janela e uma só porta parecendo uma face sem nariz. Perto

da Igreja do Carmo não encontramos sinal do grande xarco lamacento ou pôço dagua. Ali, no fundo da pedreira, diz o Sr. Walsh, os cidadãos costumavam procurar avidamente tesouros atirados ou enterrados, e indagamos em vão pelo reservatório do Dr. Such. Depois de visitarmos os trabalhos de água voltamos para casa pela Rua da Alegria, que até há pouco usava, disse o nosso guia, o nome "menos honesto" de Rua da Cachaça. Também entre nós a Grass Church Street se tornou Grace Church Street.

Vamos visitar a "St. John del Rey Gold Mining Company (limited)" que aqui iniciou suas operações. Podemos assim imagina-las in situ. Sua data de nascimento foi 5 de Abril de 1830. Em 4 de Maio c'ia enviada de Liverpool para o Rio dezenove homens só as ordens do comissário, o falecido Sr. Chas. Herring, Jur. O contrato (10) deu permissão para lavrar os terrenos minerais imediatamente ao norte da cidade. Os depósitos foram encontrados numa grande camada paralela a um vale de 1320 jardas de comprimento por 150 de largura e em pequenos veios partindo perpendicularmente dele. Os trabalhos nativos haviam consistido na abertura de um corte, e os mineiros haviam aberto, no reservatório do Dr. Such, uma pedreira irregular de 110 pés de profundidade. Mas as bombas de rodas com baldes, cada uma trabalhada por oito ou dez homens, fracassaram, e o pôço em breve se encheu de lama e de água até trinta pés da borda.

10 — Como garantia do pagamento dos direitos do ouro a concessão exigia um depósito da quantia de 50 contos de reis em apólicas brasileiras para serem utilizadas pelo Tesouro Imperial sem o pagamento de juros. Foram elas vendidas em 1834 por lb. 2713 13s. 11d.

Em Agosto de 1830 abriu-se uma vala horizontal ao ar livre, ladeada nos dois flancos por obras de cantaria em direção leste do riacho. Revelou-se o filão principal enquanto o seu curso cortava os veios transversais abaixo da profundidade atingida pelos primeiros mineradores. Além disso drenava as águas superficiais depositadas durante as chuvas. Nestes tempos a época da seca acima da terra começava em Abril e em baixo em Julho. Só havendo, pois, quatro meses livres. O pôço de S. João abriu-se pelo mesmo tempo em terreno favorável de minério, a oeste do tanque. A leste iniciou-se um segundo pôço para esgoto ou drenagem. Ambos serviam para ventilação, e eram providos de cabrestantes ou guindastes para carregar ou extrair material. Ergueram-se represas para assegurar a lavagem durante a seca, casas de moradia, armazens, escritórios e outras obras externas. O superintendente e agente da mina obteve direitos sobre cursos d'água. Começaram então as operações normais de explosões, pulverização e a jorciação na bateia (11) seguidas dos processos mais científicos de fundição e amalgamação da matéria pirifera, que foi remetida para Londres afim de se fazerem experiências.

11 — A bateia corresponde no trabalho de ouro ao *calbush* da Guiné e no pau da Califórnia e Austrália. No Brasil é de várias formas, tamanhos e espécies de madeira; geralmente é um prato circular de pedro, com 1 pé e meio de diâmetro, com uma concavidade de 3 a 5 polegadas e formando no centro do cone achatado um pequeno orifício (pião da bateia) no qual os diamantes ou a areia aurifera se deposita. Funciona com o movimento rotatório de costume, que exige alguma prática. A água e o sujo mais leve são lançados fóra com os dedos e pela inclinação. O lavador às vezes junta aguardente brata ou suco de pita, ou uma infusão de plantas chamadas capoeira e Itambamba, cousas que, pulverizadas sobre o conteúdo, da bateia são tidas como clarificadoras mecânicas, do mesmo modo que a água fria ou o conteúdo de um ovo clareia o café.

O total dos salários no primeiro ano subiu a £ 2.310. Os trabalhos porém não foram satisfatórios e em 1835 depois de haver sofrido um prejuizo de £ 26.287 18s. 4d. o Sr. Herring mudou-se para o Morro Velho. Assim terminou em S. João, a idade de ouro n.º 2, e desde esse tempo, a "Mãe do Ouro" (12) tem reinado com pouco embaraço. Nos últimos anos, uma pequena quantidade de metal precioso, cerca de £ 2.000 por ano, tem sido exportada pelo município.

A indústria da cidade está em nível decrescente. S. João tem um banqueiro, o Capitão Custódio de Almeida. Os tecidos de algodão e lã, lisos e listados são feitos a mão. São tintos com urucú anil (a famosa bixa orellana) e outras tinturarias que abundam na terra. São tecidos fortes e duram mais tempo que os tecidos feitos a máquina; mas são caros e a produção difficilmente chega para o uso de casa. Cresce tambem o chá. O que é preparado pelo Padre Francisco de Paula Machado, em sua chácara na estrada do Barro, para Oliveira, é comprado em quantidade em S. João e é apreciado no Rio de Janeiro.

Os cereais prosperam e as batatas abundam por toda a parte. As madeiras de lei (13) são de várias espécies mas são produzidas agora em pequena quantidade. A grande extensão e salubridade dos campos torna a criação a indústria favorita. As vacas são toleraveis, mas os cavalos e burros precisam de sangue

12 — Mãe do ouro é um gênio encantado que protege os tesouros virgens. E' antes extravagante que maldosa, mas às vezes faz um assassinozinho. Tambem os indios das ilhas de Manitoulin hereditam que Manitou proibiu a seus filhos a pesquisa do ouro.

13 — Chamam-se aqui assim as madeiras fortes porque no tempo da colônia não podiam ser abatidas sem permissão especial. O termo português "Madelra" vem do Latim "Materia" usado por Cesar e outros escriptores.

novo, e o mesmo se pôde dizer dos porcos, que produzem o famoso lombo e o toucinho. O queijo é também exportado. Há grandes extensões de terras baixas admiravelmente próprias para o cultivo do algodão que se pôde tornar uma fonte de riqueza. Exporta-se também uma pequena lã vegetal limpa ou não, juntamente com peles e couro, para pagar o sal, a principal importação (14). Deste indispensavel artigo uns 100.000 alqueires se importam anualmente para a venda e consumo, e são conduzidos por burros pertencentes aos plantadores e comerciantes.

A cana de açúcar fornece aguardente e vinagre com um pequeno saldo para o comércio. Em 1859 o município contava 48 Engenhos, 30 movidos a água e 18 por meio de bois. No mesmo ano a cidade contava 64 casas comerciais de produtos nativos ou estrangeiros, uma hospedaria, várias tabernas rústicas e quatro boticas. A carne secca (xarque) e o porco, são, como de costume, muito consumidos, e abatem-se quatro bois por dia.

No principio do século passado S. João tremeu deante da presença de um Familiar do Sto. Officio, nomeado pelo Inquisitor Geral, Cardeal Nuno da Cunha. Conta-se que um certo Padre Pontes, achou-se envolvido nas malhas do Santo Tribunal. Desejando mudar de condição, havia este sacerdote enviado os seguintes quesitos ao Vigário da Vara. (i. e. o Vigário

14 — A exportação em 1859 era de:

Industria	1.292:000\$000
Comércio	2.216:800\$000
TOTAL	3.508:800\$000

A importação em 1859 compreendia sal, ferro, cerâmica e mercadorias secas e molhadas de 2.305:000\$000. Havia por, a favor da produção um total de 1.202.900\$000 (€ 120.000 por ano, calculando o mil reis = 1 florim).

rio com poderes judiciários): "Pedro, sacerdote, quer-se casar com Maria, tendo uma dispensa de Sua Santidade para esse efeito. Pergunto: Póde Pedro, sacerdote, fazer isto?" O Vigário, homem inteligente, respondeu: "Para mim é caso virgem, mas se Pedro tem a dispensa póde fazê-lo". E Pedro, apresentando uma dispensa forjada passou aos fatos: casou-se com todas as honras perante o Padre Sebastião José de Freiria, servindo de testemunha o Padre Francisco Justiniano. O caso foi então divulgado, a farça descoberta. A Inquisição era naquele tempo um instrumento afiado e o ardente amoroso foi condenado à prisão com negras perspectivas. Conseguindo escapar, tornou-se "Dr. Vieira", e dirigiu-se a Roma onde, sendo o assunto tomado como brincadeira, foi perdoado. Os atores sofreram mais que o autor da farça. Ambos caíram nas mãos do Sto. Ofício, ou em, linguagem clara, foram enviados às masmorras, agora felizmente transformadas em teatro. O Padre Sebastião voltou à casa após justificar sua inocência. O Padre Justiniano continuou em poder do Santo Ofício e ainda agora não se sabe ao certo se foi relaxado, quer dizer, enforcado ou queimado, ou se morreu de morte natural, preso ou exilado.

CAPÍTULO XIII

SÃO JOSÉ D'EL-REI

"Capitania tão largamente prendada da natureza, em mui recursos uteis ao Estado e aos particulares, e tão caída até ao presente em desamparo e descuido".

Dr. Couto.

Era sábado — dia de esmolas, segundo antigo costume no Brasil. Para nós estrangeiros, portanto, um espetáculo interessante. A praça estava apinhada de estropiados de toda espécie. Alguns estavam com a roupa semanal limpa. Nunca havia visto tanta mendicância num lugar tão pequeno. Estava comigo certa pessoa que ainda acredita em lendas cavalheirescas e medievais sobre a esmola, dada, sem se saber, a individualidade de grão elevado no Reino Espiritual. Um desses pobres desgraçados poderia ser S. José ou alguém mais importante ainda. Todos os pobres portanto, ganharam cobres e o resultado foi uma brilhante reunião do Grupo de Esfarrapados, o dispêndio do dinheiro, sem que apparecesse S. José, mas com o apparecimento muito frequente de "S. Desafôro".

O Sr. Copsy aproveitando as férias do verão juntou-se ao nosso grupo. Não é coisa facil a um marido separar-se de uma mulher brasileira, sobretudo quando é joven e bonita: ela desconhece decididamente a boêmia inocente. Os gestos do companheiro, logo que elle chega de volta, são observados minuciosamente.

Mr. Copsy não ficou pois a vontade senão depois de passar o primeiro correço (1), onde Atra Cura ficou para traz já que os demônios e as feiticeiras não gostam de água corrente.

Chegando a Matozinho, o famoso subúrbio, almoçamos com o Dr. Lee e sua agradabilíssima esposa S. Joanense, cujas maneiras delicadas e hospitaleiras, conquistou-nos o coração no menor espaço de tempo possível. Vagueamos pelo belo e grande jardim onde a laranja é a mais banal das frutas e encontramos a espiiradeira (2) crescendo exuberantemente como no Egito. Uma rosa de folhas verdes, com pétalas não desenvolvidas, a verbena (*Verbena Virgata*, Sellow) era muito perfumada. E' um poderoso sudorífico, usado ex-

1 — Córrego — é pronunciado pelo povo "corgo" e às vezes assim escrito pelos poetas e pelos incultos. Os ingleses transformaram-no em "corg", pelo mesmo principio segundo o qual mato se transformou em "Mat", restilho em "restil", dono em "don", parde em "para", e doco em "doso". Seus ouvidos não distinguem a semi-elisão da vogal final. E aqui podemos ver a maravilhosa riqueza e a excepcional variedade da lingua Luso-latina que quasi desconhece termos gerais e cuja terminologia especifica pesa tão fortomente na memoria dos estrangeiros. O Córrego não deve ser confundido com o mangrãdouro (e o tipo menor, bebedor ou lebedouro), esgoto natural de um lago ou terreno alto, nem com o arroio (*flumina, nullus*) ou corrente intermitente da montanha. E' um tanto maior que o regato, que, por sua vez não se confunde com o rego. O grão seguinte é o ribeiro, cuja forma feminina, significa classicamente margem, como riba (ou ribanceira, margen, alta.) Em alguns lugares do Brasil é impropriamente applicado a grandes rios navegaveis, p. e., a "Itibeira do Iguape". Segue-se o rincho, o ribeirão e o rio que é arbitrariamente applicado aos grãos menores. Muitos rios grandes são meros regatos. Cada termo tem sua forma aumentativa e diminutiva, estas muito variaveis conforme a terra. As vezes estão ambas reunidas: extravagantemente, mas com uma significação especifica: "ribeirãozinho" p. e. significa uma grande "pequena corrente". Aplica-se a um curso d'água da classe ribeirão, mas pequeno dentro da sua classe.

2 — *Nerium odorum* ou Oleander. O nome é às vezes applicado ao estornutatório Ortólio do Mato (*Peltodon radicans*, uma das Labiadas?) O povo não admira muito a oleândria e ignora felizmente as suas qualidades venenosas.

terna e internamente como remédio para picadas de cobra. Como presente de despedida o Dr. Lee deu-me um mastim, respondendo pelo nome de "Negra", delgado de corpo, malhado nas costas, cabeça quadrada, ombros largos e imensas patas. Esta é a raça chamada em Minas "Cão de Fila", e vi exemplares que muito me fizeram lembrar os puros sangues bull-dogs ingleses, mas não os cães de brinquedo que usam este nome. "Negra" quasi chegou às cachoeiras do Rio S. Francisco até que fui compelido a abandoná-la.

Fazendo um saudoso adeus aos nossos excelentes anfitriões, metemo-nos pelo Vale do Rio das Mortes Grande. A corrente estava suja, possivelmente pela lavagem do ouro, e a Ponte de Sant Iago permanecia tal como fora descrita há trintanos passados, uma disparatada moldura de madeira, mal acabada, com teto de telhas e pavimentação de areia de sessenta jardas de comprimento. As autoridades locais compraram-na ultimamente por 600 l., passando ela assim a correr todo o risco de ruína; estes instrumentos de civilização deveriam, no estado atual do Brasil ser arrendados por construtores que se obrigariam a concertos regulares e sob a garantia de uma peagem moderada. A estrada estava especialmente ruim. Depois das chuvas deve ser quasi intransitavel. Já falei das vias de comunicação do Brasil em geral. Nesta província, as estradas imperiais são raras. Votou-se uma verba para uma estrada de rodagem para Goiaz, mas as Câmaras Municipais não chegaram a um acôrdo e a cousa não saiu da fase da papelada.

Passamos por muitas chácaras, agora em ruínas e lembrando os dias opulentos de S. João. Um lugar clássico fica a duas milhas abaixo da ponte, costeando a margem direita do Rio e no caminho ceste para a

Algoa Dourada. O local a'bandonado é conhecido como Vargem do Marçal Casado Rotier, um franco-português. Tem sido muitas vezes indicado para futura capital do Brasil.

A esquerda ergue-se a serra do Córrego, espigão sudeste da Serra de S. José. A massa denteada, de cal e pedra de areia, ainda conserva, segundo dizem, ouro e cristal de rocha. Em sua base acachapa-se "Córrego", um rude logarejo de miseráveis palhoças, ricas árvores frutíferas e pouco adiante, a Capela de Na. Sa. do Bom Despacho. Era um limpo logarejo quando o ouro se lavava abundantemente no corrego e havia uma pomposa festa anual. Durante os últimos 15 anos, tem estado em ruínas. Além das montanhas do norte ficam as Caldas ou Termas de S. José, mais conhecidas como Água Santa. Segundo o Sr. Copsy as fontes têm uma temperatura de 72° (F) e são ricas em carbonato de sódio ele as comparou com as de Buxton, 82° (F); são boas para reumatismos e ricas em muriato de magnésio e em soda. Encontram-se águas minerais em vários lugares de Minas, mas até agora os estabelecimentos balneários têm sido muito desprezados e os pacientes têm que suporta-las até mesmo sem hospedagem. Nos últimos tempos, porém, foram tomadas medidas enérgicas nesta matéria tão importante para o bem público. (3) Passamos então a Serra da Can-

3 — No Relatório anual do Presidente de Minas (Rio Tip Esperança, 1867) encontra-se a pg. 68 que se tomaram medidas para assegurar acomodações nas águas minerais de Caçambi no Município de Baependi e em "Águas Virtuosas", de Campanha. As águas de Baependi distribuem-se por nove fontes já conhecidas. "Contém, diz o Sr. João Augusto Horta Barbosa, ácido carbônico livre, carbonatos, sulfatos de base alcalina, traços de sulfato de ferro e ácido sulfúrico, provavelmente devido à decomposição orgânica e são muito estimadas

donga (4) massa jazendo ao sul da Serra de S. José, e profundamente esburacada, com imensos despenhadeiros e com crateras de um vulcão extinto. Do alto, vimos à direita do caminho a formação calcárea conhecida como Casa de Pedra (5) ou mais fantasiosamente "Gruta de Calipso". A Igreja da Trindade e a cidade de S. José singular e romântica surgiram então aos nossos pés. O vale é cortado pelo Córrego de Sto Antônio tributário do Rio das Mortes. Ainda que mais

nas profissões da pele. Segue-se a análise das águas da serra do Pied:

Acido Sulfúrico	0,072
Acido Carbónico	0,128
Clorina	0,032
Silica	0,043
Cal	0,145
Magnésio	0,035
Sodio	0,112
Mat. org.	
Ferro.	0,036
Alumen etc.	

TOTAL 0,630

em 1.000 gramas ou 1 lit

4 — A palavra significa na gíria portugueza, farça ou peça, donde o farçante é chamado candongueiro, intrigante. Valeu provavelmente da costa d'África.

5 — Nome comum de caverna. O Sr. Walsh (II. 223) visitou-a e descreveu-lhe o aspecto. Mr. Copsy coloca-a a seis milhas equidistantes de S. João e S. José, perto do Rio Elvas. O local é uma elevação da crosta terrestre isolada e calcárea de uns 300 pés, erguida sobre um mero brejo ou padi, e de perto de 140 jardas de comprimento. O tunel natural é um caso típico do leito do rio subterrâneo. O teto tem dentes de stalactite e dentes da serra, as paredes são trabalhadas e roindas pelo banho da Agua e o sólo é de barro ainda conservando ossos de animais extintos. As paredes-melas de calcáreo fino formam as curiosidades de costume. O "pólipo" da estilla gótica e a "Igreja", conduzem a uma passagem escura que abre sobre a "Gruta do Lustro". Atraz disso há uma coluna de cal e uma outra cavidade em forma de sala, esta última comunicando com o ar livre. Estou farto de visitar cavernas, desde as do "Mammoth" e de "Adelsberg", e não havia pie-ble que justificasse a perda de um dia.

alta que S. João (6) deve acumular calor no tempo quente, frio no tempo frio e úmidade no tempo úmido. Correndo de nordeste para sudoeste, eleva-se a Serra de S. José, que divide os vales do Rio das Mortes e do Carandaí; formando segundo dizem, um duplo sulco, bisectando o centro. A muralha perpendicular, de 200 pés de altura, ultra-ciclópica em arquitetura e torneando a 500 pés acima do vale, é um Jebel Mukattam, e não difere das Palissadas no Hudson. Há elevações com curiosas projeções, pontos agudos, picos, agulhas e tubos de órgãos, enquanto os destroços enciêm as terras baixas com feldspato e argila chistosa. É a primeira das muitas que então veremos, com suas linhas retas cortando a região, dividindo-a em vastos compartimentos e fornecendo-lhe ouro. O metal precioso é ainda lavado perto de Na Sa. da Conceição de Prados (7), abaixo do Ponto do Morro, a nordeste.

O calçamento da ingreme "Calçada" era ainda peor que o de S. João e alcançamos a casa do Sr. Robert H. Milward, a quem nossas cartas de apresentação haviam sido previamente remetidas, perfeitamente dispostos a apeiar. Mas não nos estava reservada esta sorte. Mr. Milward estava fóra e sua senhora não nos era visível ainda que nós lhe fossemos muito visíveis. Refizemos os nossos passos, atravez de um grupo de

6 — Isto se prova pela nossa continua subida em todo o caminho. O Sr. Gerber não dá a altitude que o povo geralmente diz ser 5.300 a 5.400 pés. Podemos reduzi-la a 2.600 pés, um pouco abaixo de Barbaena.

7 — Prados, a nove milhas de S. José parece que se vai tornar importante como uma das estações da futura estrada de ferro, via Lagoa Dourada para as cabeceiras do Rio S. Francisco. Atualmente, a especialidade da pequena vila são os trabalhos de seclero, mantido por 20 officinas e empregando 150 braços. Os apetrechos são vendidos em conjunto por 20\$000 rs. cada jogo.

"Jacubeiros" (8) alguns deles "Gente de casaca". (9) A única ocupação, desta gente quando não está fazendo sapatos parece ser jogar petéca (10) uma espécie de volante de mão, prezado pelos dois sexos. Não esperavamos encontrar frangos assados na hospedaria do Capitão Severino, mais conhecido como "Joaquinzinho" e não desapontamos. Felizmente para nós, porém, Sábado é dia de bife em S. José.

Emquanto o bife se preparava caminhamos para a encosta sul do vale e visitamos a Matriz dedicada a Sto. Antônio. Segundo os cronistas (11) é a mais bela e magestosa da Província; é bem situada, em face das montanhas, da cidade, dos vales ribeirinhos e das terras baixas do leste. De acordo com a tradição local, foi construída em cerca de 1710 por Marçal Casado Rotier e os sacramentos foram pela primeira vez administrados

8 — Jacubeiros do S. José, termo altamente adioso, equivalente a labrego, aplicado aos habitantes das vizinhanças de S. João. As discussões sobre a precedência das cidades são aqui importantes como sempre foram entre Perth e Dundee. Jacuba é um alimento desprezível e o Pe. Corrêa canta de uma má classe de gente:

"Nem agradeço a Jacuba
Que não comeria em Cuba"

É também usado por tropeiros e especialmente pelos remadores do Rio S. Francisco. O prato, simples consiste em fubá misturado com açúcar de rapadura e água fria. St. Hil. (III-1-27) omite o açúcar.

9 — Para distinguir dos que usam jaqueta ou mangas de camisa. Entende-se geralmente que esta roupa deve ser de fazenda grossa, invariavelmente preta.

10 — Em Tupi a palavra significa primitivamente, uma "batida". É explicada pelo dicionário como "volante" ou "sapapo" feito de folhas de milho. A frase "fazer petéca de alguem" significa usar de alguem como mão do gato. Os Botucudos tinham o foot-ball feito de pele de preguiça recheada. (Príncipe Mex. II, 274).

11 — Casal (Vol. II) e Pizarro (Vol. VIII) especialmente. Está visto que os mortos se enterram em terno e dentro dela. O costume não foi abolido em Roma e em Nápoles senão em 1809.

em 1715. Naqueles tempos de piedade primitiva, o rico fundador mandava todos os sábados à noite uma turma de 200 escravos, cada um carregando um cesto de terra aurifera; as paredes de taipa estão assim misturadas com ouro, como a taipa do palácio do Dahoman está amassada com aguardente ou sangue humano — *honoris causa*.

O estilo é o barroco ou jesuítico antigo e lembra S. Bento do Rio de Janeiro. E' porém mais primitivo, sem elegância e grotesco. A nave é retangular, com afrescos de arte muito pobre, santos de tamanho natural, Gregório e Ambrósio, Agostinho e Jerônimo, a Anunciação, os Magos e o presépio de Belém. O teto é um meio hexágono com painéis não mal executados. Há seis capelas laterais, a terceira à esquerda com uma grande cruz. Há dois púlpitos pobres e estreitos presos às paredes laterais, com canópias altamente ornamentais, lembrando aqueles "cavalheiros africanos" cujo único traje para falar é um chapéu alto e azul em forma de chaminé. À esquerda fica um coro de estranho formato, com lugar para o órgão, sustentando por curiosas cariatides e cornucópias e copiosamente enfeitado e pintado. O órgão é toleravel, e é de fato tido como o melhor em Minas. O organista deu-nos gentilmente uma demonstração de sua arte. Sob o coro há duas figuras de fantasia chorando sem causa copiosamente. Acima fica uma arandela para luz, uma águia heráldica de madeira em tamanho natural — mais ou menos como as que suportam nossas estantes do coro — cujo bico sustentava uma corrente de lâmpada. Há um destes animais jupiterinos em frente a cada altar.

A capela mór é uma massa de dourado e estuque. O teto listado apresenta uma abóboda quadripartida. Na parede da direita estão as Bodas de Caná, à es-

querda a Última Ceia; pinturas grandes, mas não respeitando a disposição habitual destes assuntos. O retábulo sob seu docel de madeira trabalhada representa Santo Antônio, sustentando a custódia, fazendo o milagre dos animais. (O povo, sem dúvida composto de "cépticos" e "infieis superficiais" recusara-se a adorar, mas eis que um burro antes violento, novo tipo de fé sem raciocínio, cáe sobre seus humildes joelhos. Traz à lembrança o antigo hino:

Cognovit bos et asinus
Quod puer erat Dominus.")

Tres degraus conduzem-nos no altar do Santíssimo, de madeira e ouro, bela peça com exceção sempre dos meninos gorduchos banhados em ouro, que fazem fugir o bom gosto. No altar está uma imagem de Nosso Senhor subindo aos céos.

Na sala dos milagres havia uma oferta votiva datada de 1747. Os homens, de cabeleira e longas casacas vermelhas eram irmãos selvagens do "Sir Plume, de caixa de rapé de ambar, justamente vaidoso" ("Sir Plume, of amber snuff-box justly vain.")

A sacristia continha o velho esguicho do costume, decorado com uma cabeça impossível, alguns quadros insignificantes e velhos genuflexórios de bela madeira preta, com assentos e altos encostos de couro bem trabalhado. Estes moveis são comuns nas igrejas de Minas. Alguns padres do interior dispõem deles e às vezes encontrei-os em casas de leigos. São pitorescos, mas, (em nome do conforto), quem se senta fóra do ângulo dorsal? Um banco seria preferível! A sala dos bens da igreja é rica em turíbulos, cálices e outros artigos da baixela eclesiástica; dizem que contem 1280 libras de

prata simples e lavrada. A parte mais grotesca é a capela dos Sete Passos, as sete principais estações da Paixão de Nosso Senhor, começando pelo Hôrto e terminando pela Crucifixão. As imagens são em tamanho natural, de madeira incarnada. Não pôde haver nada de mais parecido com um templo budista nestas terras, em que não brilha a arte budista.

Passeamos então pelo local e visitamos as celebidades menores. A Casa da Câmara, em frente à matriz, é certamente a melhor das 300 casas. Contamos além da igreja matriz: 1) a de S. João Evangelista; 2) a do Rosário; 3) a de Santo Antônio dos Pobres; 4) a Capela de S. Francisco de Paula e 5) a das Mercês, ainda em obras. Um total de 7. É uma razoável proporção para uma população de 2.500 almas. (12) Descendo a calçada, atravessamos uma pequena e bela ponte de pedra e caminhamos em curva, em direção ao principal chafariz. A entrada para a sua plataforma calçada data certamente dos dias da crinolina. A frontaria tem tres máscaras e dois bicos ainda coroados com armas de Portugal. Tudo se parece com os jardins do Hassan Negro, mas o local se prestaria admiravelmente para uma piscina.

Além disto só há terra vermelha, cortada e lavrada pelo pesquisador de ouro. S. José d'El-Rei (D. João V) era a mais selvagem solidão durante o século XVII, quando Paulistas e Tanbatéenses começaram a levar suas bandeiras até o vasto e misterioso interior. Guiados pelo bravo e enérgico aventureiro João de Serqueira Afonso, um grupo de exploradores em busca de índios e de barro amarelo alcançou as margens do Rio

12 — Em 1828 contava, segundo nos disseram 2.000 almas. Em 1864 a população do município subiu a 24.508 almas com 1.209 votantes e 35 eleitores.

das Mortes e fundou o Arraial do costume. Seus tesouros auríferos atraíram emigrantes e em 19 de Janeiro de 1718, cerca de dois anos antes de Minas Gerais ser elevada a capitania independente, tornou-se vila e municipalidade, sob o Governo de D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar. Em Junho de 1842 abrigou os insurgentes e em 1848 foi degradada a simples "povoação". Mas seu lema era "Resurgam" e em 7 de Outubro de 1860 reassumiu as nobre prerrogativas de cidade.

Em Abril de 1828 S. José se tornou a sede da "General Mining Association", que havia obtido três léguas de terreno aurífero e cujos negócios eram superintendidos pelo Sr. Charles Duval (13). Em 1830 um lote de terra foi também concedido à "St. John de Rey". Mas verificou-se que a água era muito abundante na mina e muito rara na superfície; consequentemente os pilões e as lavagens foram desaparecendo lentamente. Dois anos depois os diretores suspenderam as escavações desgostosas, a exploração foi comprada por Mr. Milward e a grama cresce agora abundantemente pelas ruas.

O comércio de S. José exceto em jacubas e petecas está paralizado. Teve outróra cinco fábricas de linho nativo, setenta tearas em que se teciam 30.000 metros de algodão da terra, belas cerâmicas de boa argila e oito fornos que produziam por ano 3.000 alqueires de cal. Em 1855 o juiz municipal calculou a exportação em 450:000\$000 e a importação em 250:000\$000.

13 — O Sr. Charles Duval, casado com uma senhora polonesa, é ainda lembrado na terra. Tornou-se depois Comissário Chefe do Gongo Soco e faleceu por volta de 1867. Walsh (II, 117-8) descreve largamente seu sistema de tratar os quartzos e as pirritas. Não tendo conseguido ver Mr. Milward, quem tem atualmente a seu cargo os trabalhos, nada posso acrescentar ou corrigir em suas informações.

A natureza em um de seus caprichos produziu em "S. José dos Jacubeiros" personagem não menos importante que José Basilio da Gama, antigo noviço dos jesuitas, favorito de Pombal, membro da Arcádia Mineira, autor do celebre poema épico, ou antes romance metrificado: o "Uraguai" — glória de sua terra natal. Como era de se esperar, porem, nestas circunstâncias, o lugar natal não registrou a data de seu nascimento que se supõe ser perto de 1740; os nomes de seus pais acabam de ser descobertos, e no lugar onde há sete igrejas não existe uma pedra em honra do maior poeta brasileiro.

Concluiremos este capitolo com seu "Exegi Monumentum."

"Serás lido Uraguai! Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna
Tu vive e goza luz serena e pura
Vai aos bosques da Arcádia e não reccies
Chegar desconhecido àquela areia.
Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,

Urna triste a Mireo não tudo encerra,
Leva de estranho Céu, sobre ele, espalha,
Co'a peregrina mão, bárbaras flores:
E busque o successor, que te encaminhe
Ao teu lugar, — que há muito que te espera!...

CAPÍTULO XIV

PARA A ALAGOA DOURADA (1)

"Aeris tanta est clementia ut nec nebula inficiens, nec spiritus hic pestilens, nec aura corrumpores; medicorum opera parum indiget" — Gerald — Cambr., Chap. 9.

As camas de S. José não eram macias. Havíamos combinado levantarmo-nos à uma hora da madrugada, mas a maior parte do nosso grupo passou a noite conversando sobre os velhos tempos. Os burros, porém, desgarraram e com o termômetro marcando 36° F. os negros sentem-se entorpecidos. Contudo conseguimos partir às 4.50 da manhã. O caminho atravessou primeiro trechos de florestas, ao menos assim pensávamos através da escuridão do pleno inverno. Era quasi como se caminássemos por uma infundável parede de pedra ligeiramente inclinada e escorregando para os dois lados. Começou então a tortuosa passagem da terrível Serra de S. José; se foi ruim a subida, pior foi a descida, e a rústica umidade da alta madrugada não era favorável ao exercício de nenhuma faculdade perceptiva ou reflexiva.

As 8 horas, terrivelmente sonolentos, enregelados e esfalfados, alcançamos o Rio Carandaí, o qual drenando a face ocidental da serra meridional ao norte de Barbacena, desemboca no Rio das Mortes Grande e li-

1 — Hoje Lagoa Dourada (N. T.).

ga-se assim ao Rio Grande e ao Paraná. O nome é trivialmente explicado pelo grito de quem avista um homem afogado: "A cara anda aí!" O termo é provavelmente Tupi e Cara-andaí significaria, garra do falcão, ou curya. No Brasil, como no Oriente há muita filosofia no folklóre, supersticiosa, fantasiosa, descritiva ou galhofeira. Assim, "araxá", cidade, assim chamada porque encara o sol (ara, dia; echa, o que olha para) é interpretada popularmente como "há de se achar", em alusão a um quilombeiro (2), ou ao ouro que se diz ser abundante.

Tendo almoçado na ponte do Carandaí, subimos a uma espécie de plateau, ou tableiro. Este tableiro era gramado e escassamente arborizado com pequenas árvores como o ilex e o arbutus das clareiras tirolezas; enquanto as ladeiras e as escarpas exibiam imensos e rubros côrtes produzidos pela água e a vegetação dos bosques de madeira dos campos mineiros. Em todos aqueles milhares de geiras quadradas, havia somente duas fazendas, bem servidas com pequenas correntes em pequenos vales. O caminho era todo de altos e baixos, nem mesmo os costumeiros pântanos variavam-lhe o aspêto. Por tres longas e mortais léguas

2 — Quilombo pôdo ser corruptela do termo quibunda que Fr. Bernardo Maria de Camacim (Lisboa, 1804) escreve no seu conhecido dicionário, *curiembu* (Ku Riembu), isto é povoar. No Brasil applica-se aos estabelecimentos no mato de escravos fugitivos e outros malfétores. Algumas destas vilas de quilombolas como a dos Palmares, passaram à história. "Calhambola", "Carambola" ou "Quilombola", a seguir o Príncipe Max. (I, 281) "Gayambolas", são variantes que só posso considerar como deturpações posteriores. Uma delas, porém, ocorre nas "Cartas Chilenas", a célebre sátira brasileira, as cartas do Draper em verso:

El manda a um bom caço, que lhe traga
A quantos quilombolas se apanharem
Em auras sargalhoiras.

nos arrastamos, até perto do pôr do sol. Após muitos "anathema esto", alcançamos um estabelecimento distante no topo de um morro, primitivo como uma taba tupi. (3) Depois, descendo um caminho escarpado e sinuoso, encontramos-nos em algo de mais civilizado, a Freguezia de Santo Antônio de Alagôa (comumente Lagoa) Dourada (4). Apresenta o aspeto de uma só rua, forma favorita das povoações à moda antiga no Brasil. Estas cidades compridas, trazem-me à lembrança as povoações do Gabão ou do Congo, cujo sistema perdura nos subúrbios de lugares civilizados como S. Salvador da Baía. Umas cinquenta casas térreas com imensos beirais, que lembram, vistas do alto, um imenso lance de degraus, estendem-se afastando-se de norte a sul, espalham-se pela margem meridional de um riacho que corta o fundo minúsculo. É esta uma das cabeceiras do Brumado, chamado pelos antigos Córrego ou Ribeirão do Inferno. Depois de seis ou sete léguas, desemboca no Paraopéba. Segundo alguns ele é a corrente principal. Estamos agora na bacia do S. Francisco. Dominando a rua-praça estão os destroços de uma igreja dedicada a S. João. É muito significativa tal como está — ruína antes de se tornar um edifício. Mais abaixo está a Matriz de Santo Antônio, velha e com o antiquado campanário: um vigamento de madeira separado. Há também, para a população de 600 almas e visitantes domingueiros, duas capelas para desafogo: a das Mercês e a do Rosário, sem torre.

3 — A taba é o *kranl*, ou aldeia indígena, coleção de casas, em português, cabanas. *Oerna* é o espaço vasto, em geral circular, circundado pelas casas.

4 — De acordo com o Dicionário Geográfico, *sub voce*, era no princípio Lagoa Escura. Dourada é às vezes erroneamente escrito "dourada", visto como o ditoso português ou são muitas vezes os, para grande confusão dos estrangeiros.

Passamos para extremidade oposta da vila dispersa e arranchamos em uma espécie de choupana que ostentava esta estranha divisa:

CASA HOSPERIA ASAO (sic) a palavra invertida.

Dom Miguel da Assumpção (sic) Chaves.

As tocas que serviam de quartos de dormir, estavam vergonhosamente imundas; o chão era de terra batida e os tetos em estilo mineiro, i. é. tiras de casca de bambú de cerca de uma polegada de diâmetro cruzando se em ângulos retos. Este tecido rústico tem suas vantagens; é barato, limpo e não fecha demasiadamente a ponto de impedir a ventilação. Nas construções melhores há padrões pintados e em mosaicos. As camas tinham como unica cobertura um pedaço de chita rala, de cor, coisa nada agradável com o termómetro a 35° (F.). Os habitantes em geral tiritavam dentro de finos "ponches" (5) ou capas. Está claro que não nos havíamos esquecido de trazer mantas de viagem.

Era domingo, 23 de Junho, véspera de S. João, talvez o dia santo mais antigo do mundo civilizado. Não é preciso quasi lembrar que se trata, da comemoração do solstício do norte, do Mundi Oculus, quando começa o "Dakhshanáyan". É a festa do poderoso Baa! (ou Bool - 1 Reis — XVIII — 22 — 24), o grande senhor, o marido da lua, o poderoso dominador da luz e do calor, o sol deste grande mundo, ciho e alma. Encontramo-lo com o nome de Bel e Belus na Assíria e na Caldéia, Bael na Fenícia, Bal entre os cartagineses,

5 — É o poncho da América Espanhola. É aqui um grande manto sem mangas e de fazenda grossa azul forrada de baeta vermelha. Quando a fazenda é boa esse vestuário de várias utilidades, é preferível a qualquer capa de borracha ou impermeável e protege do sol tanto quanto da chuva. As classes mais ricas usam poncho de fazenda branca quando viajam ao calor do dia.

Moloch (i. é. Malik, ou rei) entre os amonitas, Hobal na Arábia (Drs. Dozy e Colenso), Balder (Apolo) na Scandinávia, Belenos em Avebury e Beal na Irlanda, (6) A pira ardente é uma homenagem ao Mundi Animus, à luz solar. Assim, lemos no "Quatuor Sermoes", que "em honra de Sto. Antônio, o povo levantava-se em casa e fazia tres espécies de fogueira: uma era de ossos limpos e sem madeira e se chamava bon-fire; outra de madeira limpa e sem ossos, e se chamava wood-fire para em torno dela as pessoas se sentarem e andarem; a terceira era feita de madeira e de ossos, e esta se chamava fogueira de Sto. Antônio." Os veneradores do sol no norte da Inglaterra, nos condados centrais e da Cornoalha, acendiam no mais alto de seus montes e torres, na época do solstício, imensos feux de joie e os chamavam "Bar-tine." E neste momento,

6 — Bem sei que foi affirmado não serem quasi todos os Bels, Bals e Bills, que vieram tão à mão em auxilio da teoria de Bial, mais que formam de Bill, Bom, Bally, cidadão, Blic, árvore, Bealach, estrada, o Bill ou Beul embeccadura do rio. Mas os irlandeses veneravam certamente os corpos celestes juntamente com os morros, as árvores, os pões e as pedras. O ciclo de Bel "pequeno círculo de Belus" era o seu ano. Como poderiam eles ter omitido o sol, este objeto da adoração universal? Os "Balderabad" da Escandinávia são descritos por muitos viajantes, e Leopold von Buch encontrou-os no norte da Noruega. São vistos em ambas as margens do Báltico e se estendem pela Prússia e Lituânia. Não posso comprehender como um festival que é universal possa ser caracterizado como próprio dos cultos insulares. (Athanasium — N.º 2073 — 20 de Julho de 1867). O ponto mais avançado ao sul ao que encontrei fogos foi Gulmar na linda Tenerife: ali todas as pessoas chamadas João, levam no dia do meio do verão, oferecer bebidas a todos os seus amigos. A festa do solstício fez provavelmente o nome de S. João tão popular nas plagas batismaes através da cristandade: daí também o nosso Jones (i. é. John's o mesmo que Johnson) e Evans forma genitiva de um velho nome da Gales equivalente a João. S. João parece ter favorecido especialmente o paiz basco. Na sua fogueira coloca-se uma pedra que lhe serve de gonfluxório: na manhã seguinte descobre-se que ella conservou alguns de seus cabelos que se tornam naturalmente reliquias. O fogo é de heryas e aquelles que o pulsam não soffrem do sarna.

enquanto nós no coração do planalto do Brasil, assistimos à preparação e ao acender da fogueira os irlandeses semi-pagãos em Connaught, mesmo no Condado da Rainha, dansam em volta de outra e os seus filhos saltam sobre suas *Beal-tienne* (7) (fogueira de Baal) comemorativas. E as torres redondas em que os sinais de fogo se acendiam, os contemplam.

Vimos também aqui a demonstração da influência do clima sobre as grandes festas nacionais. O Natal — o *yeule* ou *yule* do norte — a festa do solstício do sul, tem pouca importância nestas latitudes. Nesta época o tempo está quente e chuvoso e as estradas estão más. O S. João é o tempo mais frio do ano, a temperatura está, então, agradabilíssima e as estradas em bom estado. O povo em toda a parte se reúne nas cidades das igrejas. Cada lugar tem a sua fogueira. Formam-se os grupos em passeio e o povo se senta durante toda a noite e renova alegremente o Mastro de S. João. (8)

A festa se mantém com a mais completa ignorância de sua origem. Perguntei de fato frequentemente a eclesiásticos europeus o significado da fogueira, mas

7 — Até bem pouco tempo as braças da fogueira eram espalhadas pelos campos a fim de produzir boas colheitas.

8 — O Mastro de S. João é um tronco alto e fino. As vezes deixa-se plantado e é sómente enfeitado; na maior parte das vezes, porém, é arrancado, descascado e replantado. Isto é feito mais ou menos uma semana antes da festa. Amarrado ao tope fica um catavento de cerca de dois pés quadrados de moldura leve com pano de algodão em que está pintada a imagem do santo. Entre os negros olo é frequentemente preto. Este mastro lembra ao viajante inglês nozso *wharf* ou *Mynole*. A fogueira da Etiópia era conhecida pelos indígenas do Brasil que a chamavam "Toriba", do *Tari*, feixe de lenha.

em vão. (9) Há brasileiros educados que indagam como se explica que se ande sobre a fogueira de S. João sem queimar os pés. (10) Está claro que a explicação está em que aqueles que passam pelas chamas o fazem sempre depressa e frequentemente com as sólas úmidas. As moças jogam o conteúdo de um ovo dentro de um copo d'água e observam na forma que ele toma as possibilidades do seu futuro. (11) Todas julgam de sua sorte na vida matrimonial torcendo papéisinhos que são abertos ou não pelo frio. Os homens incultos crêm que S. João dorme durante sua festa, e felizmente assim é, pois se ele acordasse destruiria o mundo. Pobre santo! Cantam longas canções começando com estes versos:

São João se soubera que hoje é seu dia
Do céu desceria com alegria é prazer. (12)

9 — Os equinócios, como os solstícios eram comemorados com fogos festivos comemorativos. "Easter day" ou "May-day", o *Holi* da Índia e o *Lu Deal* *teinne* Irlandês e também o *All-hallow-een* (31 de Outubro). E se o cristianismo tem uma origem astronômica, assim também a têm outras crenças adiantadas. Pois a religião, ou a crença de coisas invisíveis, começou na terra pelos assuntos materiais e terminou nos céus com o Grande Desconhecido.

10 — Trata-se visivelmente do legítimo *Bil teinne* Irlandês através do qual se conduz o gado e se pesam as crianças para resguardá-las das doenças do ano.

11 — Na Irlanda "Brideogh" de Sta. Brídget (Brígida), ou melhor Bríhíd, virgem vestal. Era feito na véspera dessa santa apócrifa pelas moças solteiras para o fim de descobrir seus futuros maridos. Assim as raparigas na Alemanha procuram vêr os seus destinos na véspera do Sto. André, de Sto. Tomé, de Natal e do Ano Novo. Antes da meia-noite na vigília do Sto. André, espalha-se chumbo derretido através das partes abertas de uma chave cujas guardas formam uma cruz, dentro de água, tirada de um poço na mesma noite e o metal toma o formato de ferramentas, denotando a profissão do futuro esposo.

12 — A gente do campo aprecia enormemente tanto o metro quanto a rima; o fim da primeira linha rima com a sílaba que termina o terceiro hemistiquio, mas a quadra termina sem rima. Deste modo são geralmente compostas as

E a festa de fogo é mais agradável no campo do que na cidade, onde o bimbalar de sinos começa antes de romper do dia. Fica-se surdo com os ridículos foguetes. Os moléques e negrinhos tornam as ruas desagradáveis atirando buscapés com que fazem o possível para ferir as pernas.

A vila é sem importância, mas sua situação é notável e seus habitantes dizem que é o mais alto arraial de Minas, assim como a serra das Taipas (13) é a mais elevada e o Itacolomi é o monarca das montanhas. Ocupa um dos mais altos plateaux — talvez o mais alto — não sómente de Minas mas do Brasil como se prova pelas águas que dele emanam para o norte e o sul do Império. E comtudo este *divortium aquarum* que separa dois dos maiores sistemas fluviais que se conhecem no mundo, é de altitude moderada, não excedendo 4.000 pés. Uma anomalia semelhante na natureza se vê com frequência na separação de bacias de mais importância como nos casos Rio Grande-Tocantins, Madeira-Paraguai, Nilo-Zambezi, Missouri-Colorado e o Indus-Bramaputra.

O nome, o leito e o traçado desta grande "Linha Divisória" ainda estão confusos. O povo, que é pobre em nomes gerais chama-o Espigão Geral (14). Distin-

"Modinhas", que podemos traduzir como "baladas" a quanto recitadas, como é costume, e não cantadas, aquella peculiaridade na consonância favorece uma queda da voz patética ou sentimental, adequada ao tema. E' interessante notar que o mesmo gênero de *couplet* ou *tripeet* também se pôde encontrar entre os *Sindhis selvagens*. Dei alguns exemplos no "Sindh e as Raças que habitam o Vale do Indus". (*Sindh and the Races that inhabit the Valley of the Indus*) pgs. 88 e 110.

13. — Alguns chamam "Alto das Taipas". E' a cadeia Norte-Sul ligando as alturas de Ouro Preto às de Barbacena. Burmeister a chama de "Serra de Barbacena".

14. — E' talvez mais geralmente conhecida como Serra da Alaga Dourada.

guem-no assim do Espigão Mestre, a noroeste, que separa o Tocantins e o Paranaíba do sul. O Barão von Eschwege ligou os dois com uma curva que entesta com o Vale amazônico, o Paraná e S. Francisco. Chamou o Espigão Mestre de "Serra das Vertentes", no que foi seguido por Burmeister, enquanto St. Hilaire segundo o costume francês dos departamentos preferiu chamá-la "Serra do S. Francisco e do Rio Grande". (15)

Este plateau montanhoso forma na parte oriental equinoxial da América do Sul a terceira serra transversa e a mais interior. As outras são a Serra do Mar e a da Mantiqueira. Correndo numa direção que grosso-modo se pôde dizer ser leste-oeste liga as grandes cadeias do norte com as do sul. Começa na Serra Grande, aliás do Espinhaço, a cerca de 0°30' long. Oeste do Rio de Janeiro. Corre depois numa paralela entre 20° lat. S. e 21° enviando grandes braços para o norte e o sul e então se tornando a Serra do Piumbi (16). Continua a caminhar para o ocidente num total de 180 milhas até que atinge a massa em forma de caixa chamada Serra da Canastra que fica a 3° — 3°30' de log. oeste do Rio e 47 de Greenwich. Alguns mapas, se-

15 — Um nome afilivamente comum no Brasil. Este Rio Grande é o formador oriental do Paraná-Paraguai-Prata. O Paraná é formado pela junção deste com o Paranaíba, que chama do Sul, para distingui-lo do Grande Paranaíba do Norte, no Maranhão e Piauí.

16 — A palavra quer dizer "água do plum" ou do mosquito. St. Hil. (III, I, 169) transforma-a em "água da andorinha" (mbiyui). Muitas de suas derivações, porém, são forçadas e tiradas de vocabulários. Assim ele deriva (III, I, 166) capitanga do guarani capyl-grama o pitfanga, chelro de ranço (T. D. Piteú, hácio, fortum). Ora, a palavra significa simplesmente capim branco. Assim também (III, I, 238) faz do Peripitanga. Junco fofo, quando é junco chato, do pitfanga chato e não pitfanga.

guindo Spix e Martius emendam a Serra da Canastra com a Serra Negra de Sabará e portanto ao norte da divisão de águas entre o Rio S. Francisco e o Paraíba. O sr. Gerber e a maioria prolongam a Serra da Canastra até a da "Mata da Corda" que fica a 17° de lat. S. e cujo último contraforte veremos no Rio S. Francisco.

CAPÍTULO XV

ALAGOA DOURADA (1)

"Cram bi-ba--bãmball-i-i!"

Canção báquica brasileira.

Logo que armamos as nossas redes nas tócas, onde devíamos dormir, saí e fui ao Palacete da Comissão (2), que abrigava os planejadores da grande futura linha de estrada de ferro, que fará cessar em breve o horrível desperdício de força atual entre os vales do Paraíba e do S. Francisco. Estava então de serviço o engenheiro civil Sr. John Whittaker, com os dois primeiros auxiliares Srs. Thos. Hayden e Chas. A. Morsing, além de outros subalternos. Estava tudo numa admirável confusão própria do trabalho; burros vagueando pela ária, selas penduradas nas paredes, caixas alinhadas pelo chão e aparelhos arrumados pelos cantos. Era o sinal da separação. Parte da comissão ia para o norte e parte para o sul.

No dia de S. João fizemos uma falha e fomos convidados para o lançamento da primeira corrente. Ao meio dia dirigimo-nos ao ribeiro à frente de um pequeno grupo de espectadores cujas mulheres e crianças espiavam das janelas, como de costume, os movimentos dos estrangeiros. A cavilha foi bem pregada, minha mulher deu o primeiro golpe, quebrando a garrafa.

1 — O nome atual é "Lagoa Dourada" (N. T.).

2 — Em português no original. (N. T.).

Lançou-se a corrente e tomaram-se as visadas para N. 74° O. e S. 73° E. A inauguração correu bem, desfaldaram-se bandeiras, a banda tocou o mais forte possível, bebemos com muitos vivas — pam! pam! pam! panis! — e hip! hip! hip! hurrahs! pela saúde do Brasil, da Inglaterra, e, especialmente pelo prolongamento da estrada de Ferro D. Pedro II; muitos discursos complementares se trocaram e a música escoltou-nos de volta até o nosso rancho.

A cerimônia realizou-se no lugar em que o Lago Escuro se tornou Dourado. A princípio, quando foi descoberto, o lago cobria as terras baixas em que ficam agora as casas. Para drena-lo os velhos mineiros resolveram praticamente o problema geográfico da ligação das duas vertentes. Por meio de profundos cortes em forma de canal, que ainda existem nos níveis mais baixos, desviaram as águas que alimentam o Carandaí, que corre para o sul, para o Brumado, que corre para o norte. Foi descoberta aqui a maior parte do metal precioso e há muitas tradições de sua primitiva riqueza. O Sr. Walsh (3) dá uma descrição das velhas lavras em abandono, refere-se a uma massa de ouro de quarenta libras que se verificou ser o núcleo comum de filamentos ramificando-se em todas as direções.

Com referência à linha a seguir pela estrada de ferro através do "Paiz Camponez", (4) tres direções foram ardentemente defendidas pelos seus vários partidários e a comissão teve ordem de estudar e planejar a seu critério. Os tres vales que pretendem tal honra são: do Pará, do Paraopéba e do Rio das Velhas.

O Pará passa a oeste do Pitangui, e cõe no S. Francisco, cerca de 19°30' lat. S. Infelizmente a

3 — II, 162.

4 — Em português no original. (N. T.).

grande serra divisória que precisa ser transposta via Santa Rita, Lage e Desterro avança em muitos contrafortes com numerosos e notáveis declives, exigindo longas voltas, tuncis, pontes, e outros trabalhos dispendiosos. Além disso, quando atinge o S. Francisco, este rio não é, de modo algum navegável, nem se poderá torna-lo atualmente.

O Paraopéba (5) que corre mais para o Oriente, é quasi paralelo ao Pará e apresenta algumas vantagens. Do Rio das Mortes ao Carandaí a distância é sómente de cinco léguas. O terreno em Alagoa Dourada é conveniente; a estrada correria daí pelo vale do Brumado e entraria pelo do Paraopéba após oito léguas. Esta linha passaria a quatorze léguas a oeste da actual capital de Minas através de campos em que floresce a agricultura, enquadrados por florestas abandonadas (6). Por outro lado, o Sr. Liais provou que o Paraopéba não fica, como o Sabará perto do meridiano do Rio de Janeiro, mas bem para o oeste, exigindo pois um desvio inútil. Além disso o Rio Paraopéba é praticável sómente por umas trinta, segundo outros, vinte léguas (7) entre a foz do Betim (20°10' lat. S.) e a Cachoeira do Choro, ou quedas da Lamentação (8), a 19°30' lat. S. Enfim, mais uma vez, como provou Liais, o Rio S. Francisco não pode ser considerado desimpe-

5 — Paraopéba, que o Dr. Couto escreve "Paropeba" e outros "Paroupeba", dizem, não sei com que fundamento, que significa "Rio da folha".

6 — Mto geral na maior parte atualmente.

7 — Os ribeirinhos do Paraopéba affirmam que elle é navegavel por canoas abaixo do Salto de Sta. Cruz perto da Congonhas do Campo, por quasi o dobro da distancia mencionada no texto.

8 — Lembra-nos etimologicamente o "Bah-el-Mandab" — Portão ou Lugar das Lamentações.

dido mesmo para reboques, da foz do Paraopéba até as terríveis quedas do Pirapóra. (9)

Durante a tarde andamos acima e abaixo pelas margens do pequeno Brumado. A bateia produziu aqui algumas lantejoulas de ouro; o dono da terra dizem que tira às vezes tres ou quatro florins por dia com ninguados lucros. O dia terminou como sempre terminam os dias entre legitimos ingleses — com um grande jantar oferecido pelo Sr. Whittaker, e ele o organizou admiravelmente bem. O bom vigário, Rev. Francisco José Ferreira, que havia dito a sua missa às 11 horas da manhã, ocupou a cabeceira da mesa; minha mulher ocupava a cabeceira oposta. Sentaram-se aos lados dezeseite brasileiros e oito estrangeiros. A comida constou como sempre de pratos de galinha e carne, feijão, arroz, farinha e molho de pimenta, — o que se chama Mexiriboca (10) — com queijo, cerveja, e Porto, dos armazens dos engenheiros. A única particularidade foi o sistema dos brindes, à velha moda de Minas. Imediatamente após a sopa, cada um fez uma pequena fala e cantou, com voz fanhosa, um pequeno trecho de canção sentimental, geralmente uma quadra e um estribilho. Por exemplo:

“Aos amigos um brinde feito
 Reina a alegria em nosso peito
 Grato licôr, alegre, jucundo
 Que a tudo este mundo
 desafia o Amor!”

9 — Não é aqui o lugar de tratar do Rio das Velhas, coisa que faremos no segundo volume.

10 — Mexiriboca é um termo burlesco como o inglês “Hodge-podge”, carne, arroz, feijão, farinha e outros ingredientes, misturados e comidos com colher.

Toda assembléia retomava alegremente a última palavra, e com um melancólico murmúrio prolongava "Amo-o-o-r". Ou então:

"Como é grata a companhia
 Lisongeira a sociedade
 Entre amigos verdadeiros
 Viva a constante amizade
 Amizade!"
 (Côro)

O Sr. Cipriano Rodrigues Chaves distinguir-se notavelmente tanto cantando (11) como discursando. Todas as espécies de saúde foram bebidas e rebebidas. Por fim foram propostos os nomes dos casados; os solteiros protestaram. Começou então uma guerra generalizada, amigável, mas furiosa. Os Centauros e Lápitas curvaram-se para manter a paz. Neste momento.

... "Toda a mesa

Com vivas e aclamações era uma perfeita Babel!"

Depois do jantar carregamos nossas cadeiras e tomamos café na rua. Em pouco tempo a temperatura se torna penetrante nestes vales dos planaltos brasileiros; formam-se pequenas camadas de gelo sobre cousas razas, e, em alguns lugares um prato de sopa cheio d'água gela durante a noite. Mudamo-nos para o rancho, onde o Sr. Copsy preparou-nos um "Crámbánba-

11 — O canto à mesa foi costume generalizado na Europa. Na velha Alemanha, após o jantar todos os convidados eram obrigados a beber mais um copázio. Creio que o costume foi introduzido no Brasil pelos invasores holandeses durante o século XVII. Não é conhecido na região costeira, em que a palração portugueza é a regra, mas alguns lugares do interior ainda o conservam. O que diria dele o porfisso autor da "Arte de Jantar"?

12" (12), *mistura nativa*, altamente recomendavel nestas altitudes geladas, de que provamos diversos copos. Não acendemos de novo a fogueira de noite, mas os homens em grupo de dez passearam pelas ruas e terminaram dando-nos uma serenata. Não nos separamos senão tarde e sentamo-nos até que "sat prata biberunt".

Passei muitos natais menos alegres na Alegre Inglaterra, e custaremos a esquecer a festa em Alagôa Dourada, no ano da graça de 1867.

12 — Darei a receita com as palavras do autor: "Derrama numa panela grande o fundo de uma garrafa de boa aguardente branca, junta uma quantidade sufficiente de açúcar, e quente o deixa fervendo. Junta gradualmente uma garrafa de pólvora e quando o fogo decrescer junta um pouco de canela e umas poucas fatias de limão. Apague o fogo e eis aí o perfêto Crâmbaball".

CAPÍTULO XVI

A CAMINHO DE CONGONHAS DO CAMPO

Vêm-se dentro campinas delectosnas
Gélidas fontes, árvores copadas,
Outeiros de cristal, campos de rosas,
Mil frutíferas plantas delicadas.

(Caramuru)

A alegria que ainda durou nas primeiras horas, sucedeu a tristeza, pela manhã. O Sr. Copsy foi obrigado a abandonar-nos, por compromissos profissionais. "Prodígio", a velha madrinha branca, saltou um fosso durante a noite e não foi seguida pelos companheiros, cousa rara. O inteligente animal, sem dúvida conservara agradáveis lembranças da boa alimentação nas últimas paradas e tivera a fraqueza de querer renovar o prazer.

Levantamo-nos às 4 da madrugada, mas não pudemos montar senão às 9 horas. Acompanhavam-nos os engenheiros; nem poderíamos, de fato, ir longe sózinhos. Não há nada mais fácil nos Campos, do que a "Errada" (1) que o povo designa com a expressão popular — "comprar porcos" (2). — A terra é frequentemente um emaranhado de caminhos — uma espécie de estrada principal de nenhum lugar para não se sabe onde. Quando se pergunta o caminho a resposta infalível é: "Não tem (pronunciam teng) ertada" (3) — e

1 — Em português no original. (N. T.)

2 — *Idem.*

3 — "

eis que num momento chega-se a um ponto em que quatro ou mais estradas se cruzam ou se encontram. O povo conhece cada polegada do terreno: não se perde e não pôde compreender que alguém se perca.

Além disso estamos agora num simples caminho de cavalos, sem comércio, comunicações ou conforto. Os poucos habitantes são naturalmente inteligentes, mas nunca se elevam acima de um semi-barbarismo. Se se pergunta a hora o inquerido olhará o sol e dirá 9 horas da manhã quando é meio dia. Se se quer saber as distâncias a resposta será provavelmente: "Uma légua se o animal do senhor é bom; senão, uma e meia" Koster divide sabiamente as léguas em grandes, e pequenas, e ainda léguas de nada. (4) que podem valer quatro milhas.

Atravessando a região do antigo lago subimos o morro do norte por um caminho fundo de barro vermelho e em breve desembocamos no Canipo. Aprecia longe no azul do nordeste a alta parede do Itacolomi. A superfície é muito acidentada: passagens estreitas, declives arborizados ou pantanosos, geralmente cortados pelo caminho em ângulo reto. As estradas de ferro deverão encontrar e seguir aqui, por força, o leito de alguma corrente, aliás será um perigo.

Depois de caminhar por cinco milhas, vadeamos um pequeno rio e comemos juntos pela última vez o nosso almoço. O momento não era solene. Nestas terras em que todos vagueiam, os homens não dizem adeus, mas até a primeira, "à tantôt" ou "até a volta" (pronunciando-se vorta); há muito que eu aprendera a substituir o adieu pelo *au revoir*. De fato, todos nós esperavamos encontrarmo-nos de novo, e alguns nos encontramos antes de o esperarmos. O Sr. Whittaker

montou então no seu burro, e acompanhado pelos menos carregados, seguiu seu caminho, enquanto nós seguíamos o nosso (5).

Gastamos duas horas para chegar a "Olhos d'Água" (6) assim chamado em virtude de um pequeno lago à esquerda. Descansamos numa casa de campo e encontramos as mulheres ocupadas com as velhas rocas, tecendo o algodão que crescia deante de suas portas; é esta uma ocupação tão generalizada por toda Minas quanto na antiga França. Logo que nos refrescamos com laranjas e bananas montamos novamente e avistamos muito no fundo de um romântico vale, uma Fazenda pertencente ao Padre Francisco Ferreira da Fonseca. Era um retiro encantador, encoberto pelos morros e adornado pelos luxuriantes chorões, palmeiras emplumadas e rijas araucárias. A Bombax (Paineira) ergue-se ousadamente com seu caule ligeiramente bojudo (7) terminando em ponta no topo e armada

5 — Deixo estas palavras tal como foram escritas. Encontramo-nos de novo mais de uma vez, com prazer o ser esperar o que estava para acontecer. Em 21 de Junho de 1868, o Sr. John Whitaker morreu no Rio, lamentado por todos os seus amigos, e por ninguém mais que por nós.

6 — Olhos d'água — termo provavelmente traduzido do árabe. No Brasil há muitos lugares com este nome.

7 — Outra espécie de árvore de seda-algodão, "le pomager ventru", assim chamada pelo seu prodigioso ventre grande, "Barrigudo", (*Chorisia* ou *Bombax ventricosa*, Arr.). Há no Brasil, como na África, muitas espécies desta árvore, algumas com casca rugosa, mas sem espinhos, outras com espinhos. As flores são cor de rosa claro ou branco e cor de rosa, e as folhas são como a florada da cabuca. As folhas ora são inteiras, ora têm um ou dois lobos. O tronco fornece uma goma viscosa e em algumas espécies o centro esponjoso fica cheio de grandes larvas que os selvagens costumavam comer. O fruto com o tamanho aproximado das peras grandes, possui um algodão de que ainda não se fez nenhum emprego sério. (N. A.).

São tres as espécies conhecidas: *Chorisia speciosa* (St. Hil.), *Chorisia bombacuca* e *C. crispiflora* (H. B. K.) — (N. T.).

de curtas, fortes, agudas e curvas esporas de galo, sobre as quais só as amazonas do Dhomei podem passar. As grandes folhas espalmadas espalhavam uma profusão de flores rosas e brancas parecendo as mais ricas tulipas. Em breve serão seguidas por pendões de utris mas ainda não utilizadas, cascas com algodão. A beira da estrada ficava a capela de Na. Sa. da Lapa; em frente havia uma árvore amiga: era uma magnífica gameleira, pirâmide de sombra verde e fresca, quasi eguallando o sicômoro de Halmalah, ou os macissos de figueira brava que adornam a borda oriental do Ugogo selvagem.

Pelo meio da tarde alcançamos Camapoão (8) distrito e riacho, o último atravessado por uma ponte perigosa. A capelinha estava em obras e algumas fazendas, grandes e pequenas demonstravam que a terra fornecia café e açúcar. Entravamos agora em terreno de formação cretácea, que corresponde à de São Paulo e espalhadas pelo caminho surgiam pedras escuras encrustadas no silex branco.

No fim da caminhada indagamos se havia um lugar para descanso. Mostraram-nos a coberta de um Rancho vazio, verde, em ruínas e anunciando febre e sezões. Um tal José Antônio de Azevedo recebeu-nos e mostrou-se um grosseiro bebedor — maroto vagabundo — e avarento, modelo de malcreação resmunguenta, e de rapacidade extorsiva. O velho miserável aterrou-nos. O viajante nestas terras fica tão acostumado com os modos afaveis e hospitaleiros do Brasileiro que sente profundamente estas pequenas demonstrações de grosseria que não seriam notadas num cam-

8 — Ou *camapuan*, tradução por "selas arredias", opõe-se a *camapirera* "peitos caídas". *Camu* significa o peito e *apuan* contraído em *puam*, redondo.

ponês, francês ou inglês. Pôde-se julgar como são raras estas más maneiras aqui, pelo fato de ser este Azevedo a única triste exceção à regra de gentileza e delicadeza.

Neste dia fomos muito atacados pelo carrapato (9) e compreendemos o gracejo popular, sobre o mineiro, isto é, de que é conhecido pelas suas botas privilegiadas e pela trapaça. Aquela praga é do gênero *Ixiódios* de Latreille e os entomólogos ainda discutem se há uma ou duas espécies. O povo afirma que o carrapato grande é diferente do miúdo, inseto pequeno e difficilmente perceptível. Spix e Martius são desta opinião e Pohl chamou ao primeiro *Ixiodes Americanus* e ao último *Ixiodes Collar*. St. Hilaire (III-II-32) e Gardner (293) acreditam que só há uma espécie que varia muito com a idade (10). E' o "tick" do vale do Mississipi e quando plenamente desenvolvido não é diferente do nosso "tick" de carneiro.

Este acáride visto numa lente apresenta uma cabeça armada de um tridente. Os dentes têm serra para dentro, as duas lâminas externas do ferrão quando penetram na carne, curvam-se para os lados, formando um triângulo com a base para fóra e para baixo, o que torna difficil livrar-se da praga. Os tres pares de pernas curtas e um de pernas longas são providos de afiadas garras e de ganchos fortes, o corpo chato é coriáceo e duro de esmagar; a cor é escura, castanho avermelhado, como o cimex (percevejo). O joven animal no inicio da primavera é um simples ponto, com

9 — Não carrapato, como escreve o Sr. Walsh, nem Carrapato, como diz a "Religious Tract Society". O primeiro nota que o inseto (II,8) em virtude de sua semelhança com o grão maduro da *Palme Christi* era chamado pelos antigos *Krotan* e *ricinum*. E' o vinchen do Paraguai, e tique da Guiana Francesa e o *ricinus* dos antigos niteres.

10 — Dizem que sua mocidade começa com a estação seca.

capacidade de aborrecer na razão inversa do tamanho. Cresce depressa e quando inchado com sangue torna-se pouco maior que uma ervilha.

Na maior parte de Minas e de S. Paulo o malefício é geral; parece que está no ar; cada folha de capim tem a sua colônia; aderem às vergõntes por montões, encontram-se miríades nos grupos de árvores. Magro e chato quando crescendo nas folhas, o carrapato pega o homem ou o animal que se esfrega, engorda rapidamente e ao fim de uma semana de boa vida cáe, plena cruoris. Os cavalos e o gado sofrem muito dos Ixiódios e chegam a morrer de esgotamento. O viajante ostenta em breve um cinturão de dentadas, como os "shingles" de Lancashire. O carrapato ataca os lugares mais inconvenientes, e a ferida maligna e irritante traz como consequência uma febre ricínia como a febre pulicidia da Rússia. Também na África Oriental o Dr. Krapf encontrou um "P' házi bug" (bezouro) que ele proclamou mortífero: era o papázi, que às vezes mata pelo ataque incessante. Na África Oriental eu costumava espalhar pólvora sobre o chão das cabanas e fazer saltar os animais antes de tomar posse delas. Durante o dia a distração da viagem torna o incômodo relativamente leve, mas quando deitado para dormir, o paciente é perseguido pelo arranhão e pela cócega do pequeno patife e o calor da cama aumenta muito sua tribulação.

O seu habitat favorito é a Capoeira, ou mato de segundo crescimento, onde o gado pasta. A vegetação baixa chamada "Catinga" e "Carrasco" são também bons campos de criação. As queimadas anuais dos campos destroem milhões; mas os Capões ou "bouquets de bois", servem de preservação e eles ficam incrustados nos galhos. O carrapato não existe em certas altitudes

Comtudo, quando subia o Pico de Jaraguá, perto de S. Paulo, dei com meus macacões tintos de cinzento. Abaixo de certas latitudes também desaparecem os Ixiódios. Gostam principalmente dos trechos frescos e úmidos nos planaltos secos pelo sol, onde representam o papel dos mosquitos da Beiramar quente e úmida; são menos comuns nos lugares secos e ensolarados. No alto São Francisco os carrapatos eram uma mortificação; quando desci o rio, pelo meio do caminho desapareceram de repente e reapareceram sómente por intervalos. E' difícil determinar regras precisas sobre a presença deles. A água lhes é fatal e os animais livram-se deles nadando em rios largos. Recomenda-se também aos viajantes que tirem a roupa iniestada e que a pendurem no calor do sol.

Se o estrangeiro, com o corpo pintado como onça ou cavalo de criança, manchado de rodéas vermelhas apela para um remédio, recebe uma dúzia de receitas. Todas visam o mesmo fim: provocarem uma retração das garras do inséto e impedir que a cabeça fique na péle. Sem isso, a consequência poderá ser uma chaga perigosa, que pôde durar meses e mesmo anos, provocando às vezes graves moléstias da pele. Alguns applicam pomada mercurial, outros cortam o corpo do inseto com tesouras, outros introduzem um alfinete vermelho de calor. O povo emprega o fumo, na ponta de um charuto, e quando o paciente está muito mordido, lavam-no com espírito de vinho e uma forte infusão de tabaco, seguindo-se um banho morno para retirar a nicotina absorvível (11). Em muitos lugares, quando afacado ao mesmo tempo por um enxame achei

11 — Encontrei no Brasil, um viajante francês dolorosamente intoxicado por uma fricção na pele com uma mistura de tabaco e aguardente indígena.

estes métodos muito lentos; o sistema mais fácil era arrancar os animais antes deles se terem firmado e lavar a irritação com aguardente da terra e água.

A solução definitiva do flagelo será limpar a terra das suas esfarrapadas e emaranhadas montas e matos, aqui chamados Mato Sujo substituindo-os por vegetação mais limpa. Há muitos pássaros comedores de carapatos; por exemplo, o gavião Caracára que exerce sua função no gado gentilmente. Infelizmente não são protegidos pela lei no Brasil.

O barbado decrépito, nosso hospedeiro, após biazonar sobre nós sua independência, dignou-se cozinhar algum feijão, arroz e cebolas que juntou à nossa cesta de provisões. Sua espelunca era nojenta como sua pessoa e sua cozinha ultrapassava os xiqueiros comuns, e no entanto era avaro e não pobre. Apesar de contar setenta anos de idade vivia com duas negras, havia somente uma cama na casa, e nenhuma provisão de cobertas; nem mesmo um copo de Cognac, o persuadiria de abandonar seu quarto. Estava idoso, precisava de seus cômodos e havia sofrido ultimamente de "amarelão" (12) uma espécie de icterícia comum aqui. Dificilmente obteríamos dele permissão para pendurar uma rede, com medo que estragássemos suas paredes de pau e lama. A conversa entre ele e suas belas durou quase toda a noite. Levantei-me de minhas cobertas na mesa vendo surgir em cena uma faca do mato e uma pistola automática. Minha mulher ficara acordada pela curiosa maneira de sussurrar, e a força de ouvir atentamente percebera estas terríveis e ameaçadoras palavras:

12 — Em português no original. (N. T.). Em português puro "amarelidão". Koster (II-19) alude a essa doença que ele identifica com a icterícia. Segundo ele os africanos ora muito sujeitos a esta doença no Brasil. (N. A.).

"Pôde facilmente matar a todos" (13). Armou-se imediatamente, e a "Negra" começou a uivar de simpatia. Está claro que nada aconteceu, o assassinio referido era provavelmente das galinhas de nosso hospedeiro cujo massacre ele temia fosse feito pelas nossas mãos. Quaisquer que sejam os aborrecimentos das viagens brasileiras por estes caminhos, o viajante está, em regra, perfeitamente a salvo.

Na manhã seguinte deixamos o velho Pongo que os tropeiros chamavam de "filho do Ganha-dinheiro" e "Neto do paga-me logo" (14) resmungando que havíamos roubado seus moirões e cercas para a fogueira. À luz da madrugada deparamos com um horrível buraco de lama que poria de pé o cabelo de um viveur; os animais atiravam-se nele ofegantes e "Chico", o moleque, atolou até que foi salvo. Paramos então junto a um largo fosso de onde se tirara uma porteira. Este procedimento violento é commum nos lugares mais selvagens do Brasil, e em S. Paulo me fez perder um dia inteiro de caminhada. As fazendas e plantações se espalhavam em torno; passamos por um estabelecimento limpo e branco, pertencente ao Sr. João Lopes Teixeira Chaves. Ele nos tinha sido descrito como "Homem muito brabo" (15) que, se lhe desse na veneta, teria recusado o pouso. Eu deveria ter tentado a experiência, e sem dúvida teríamos descansado confortavelmente; infelizmente não tínhamos nenhum brasileiro em nosso grupo, o que nos facilitaria tudo.

Esta parte do planalto é uma terra fria e vermelha: as araucárias tornam-se numerosas e luxuriantes, o feijão e as vagens amontoados nos terreiros em fren-

13 — Em português no original — (N. T.).

14 — Idem.

15 — Idem.

te às casas de fazenda, demonstravam que "mantimento" (16) é a principal indústria. Há sinais de criação de gado e porcos, descarnados e de pernas longas, remexem o sólo. Às 8 horas da manhã o panorama trouxe-me à lembrança um nascer do sol a que assisti do Pico de Tenerife. Aos nossos pés jazia um rio de águas prateadas, correndo e encrespando-se com um brisa ligeira; das margens distintamente delineadas avançavam cabos em fôrma de línguas verdes e cabeços de pedra, ilhotas com vegetação erguiam seus topos escuros da torrente branca e longe, muito longe, podia-se discernir vagamente a costa azul dos Estreitos. A decepção foi completa como o Bahr-bila-Ma, árabe, ou "mar sem água", e o Mrig-trikhná, ou "a sede do veado" do hindú (17). Ao descer verificamos que o que nos parecia água era a neblina, ou antes uma nuvem fina com vesículas distintas e palpáveis condensadas pelo sólo. Nesta estação o fenómeno se repete quasi todas as manhãs.

Atacamos então de frente uma estrada montanhosa, da qual partiam caminhos vermelhos, cerca de um quarto de milha de largura. Só viamos uma casa no cume, mas quando o alcançamos tivemos a surpresa de encontrar Suassuí, (18) uma rua de umas 300 casas,

16 — *Idem*.

17 — A Miragem. Os Arabes tambem a conhecem como "Bahr-el-Ghízal" — o mar dos leucos — ou "Bahr-el-Mejlín" — o mar dos doidos (que pensam beber nele), e o "Bahr-el-Ifrít", ou mar dos demónios.

18 — Suassuí, St. Hill. (III, 2, 262) faz Çunçu significar veado no dialeto indio de Aldela das Pedras. Assim devíamos traduzir "água do veado ou da caça". O célebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, interpreta a palavra indígena veado caça — Sua *nsú* (não poderá ser Sua *nsú*, caça grande?) — como "cabeça grande," mas prefere deriva-la de Çú, ruminar; Çú *nsú* seria então ruminante e seus filhos "Çunçu Merim" (não menor, no sentido de pequeno). Casal escreve "Suassuí"; Pizarro "Suassuí" e "Suassuí"; Spix o Martius

cercada com lixas largas de pavimentação rústica para evitar que o barro vermelho seja arrastado pela enxurrada, na direção este-oeste e fechada por jardins e hortas. No meio do caminho mais abaixo ficava a Matriz de S. Braz sobre uma elevada plataforma de pedra, duas torres com um par de sinos e uma fachada restaurada copiosamente caiada. As mulheres usavam casacos de bacia vermelha, o traje predileto de inverno e as crianças se escondiam atrás dos portais quando passávamos. O Senhor Antônio José Cardoso, do Hotel Nacional, deu-nos água quente, toalhas limpas e um bom almoço, tudo muito necessário.

As 11 horas da manhã montamos novamente e sentimos o calor do verão depois da madrugada fria e úmida. A subida mais próxima, onde fica a capela de Na. Sa. dos Passos e a escola da vila, forneceu-nos a primeira das muitas belas vistas do caminho percorrido. A estrada era uma áspera caminhada por sobre uma série de ondulações do sólo, divididas pelos riachos que alimer tam a principal corrente, o Paraopeba. Após uma breve hora atravessamos a ponte desse rio que estava vermelho pela lavagem de ouro; mesmo depois de desembocar no S. Francisco, dizem que conserva por algum tempo seu tom rubro. Perto da fazenda do Sr. Coronel Luiz Gonzaga encontramos uma dúzia de ciganos, todos homens, descansando, sem abrigo, no sólo, enquanto seus animais pastavam no capim da beira da estrada. Estes vagabundos misteriosos são raros em

"Sussuhy". St. Hilaire deriva-a (I-1-400) de "Cuchu" — petit perroquet", o ig ou y, água; "Rivière des petits perroquets". Walsh escreve "Sua Suel ou Sussuy", e ouviu a respeito dela uma história que lhe lembrou a Arca phœnœum — Era, pelo que parece um veraz devorador de patraças, este reverendo viajante. Burmeister prefero "Suassui". O Almanaque de "Suassuhy". Vulgarmente é escrito Sussuhy e Kassui. É traduzido "Corça com filho". Na provincia de S. Paulo há um *Sua-mirim* que se diz significar pequena corça.

São Paulo e numerosos em Minas onde são espertalhões, negociantes de cavalos e ladrões de galinhas, como em toda a parte, desde Kent até a Catalunha. São evidentemente uma gente a parte entre as raças que os cercam e seus longos e flutuantes cabelos se notam à primeira vista. Reservarei para outro volume uma notícia destacada sobre o "Cigano" brasileiro — objecto popular de medo, aborrecimento e superstição (19).

Atravessando o Piquiri achamos a zona muito mais adiantada. Produz várias espécies de mandioca e a variedade vermelha (Mandioca roxa) amadurece aqui em cinco meses. Havia grandes encostas verdes de grama (*Triticum repens*), e as moitas eram ricas em Tabiã, ciperácea trepadeira, que misturada com Capim Gordura novo faz uma excelente forragem. Esta planta é conhecida no Brasil como "Andréquiá", palavra mixta luso-india, que bem exprime seu poder de cortar (20). A estrada era margeada com maravilhosa vegetação de giesta dourada profusamente florida e lembrando não pouco a madresilva europeia. O povo a chamava "Flor de S. João" porque é mais bela em pleno inverno, quando as belezas florais são relativamente raras. Com justiça reclamou seu lugar na poesia:

"Outra engraçada flor que em ramos pende
(Chamão de S. João)" (21)

diz Sta. Rita Durão. Eram notáveis também, as néveas pétalas e as longas vagens do arbusto leguminoso

19 — Há tão grande ignorância do assunto que o *Anglo-Brazilian-Times*, geralmente bem informado, ignora a existência de ciganos no Império.

20 — Segundo o Diário do Capm. Speke (Cap. XIII). Mesmo o déspota de Uganda costuma reduzir os seus súditos criminosos a pedaços depois de mortos, não com facas, que eram proibidas, mas com as folhas de um capim de bordas afiadas

21 — Caramurú — VII — 36.

com folhas fendidas, (*Bauhinia forficata*, a mororó dos indios); é aqui chamada "unha de boi", ou, como alguns preferem "de vaca" (22). Outra bela vegetação é a poaia, espécie de ipecacuanha, "a plantinha junto do caminho", que ela adorna com suas corolas em forma de pequenas trombetas amarelas e vermelhas (23). Verifiquei aqui que nossos africanos nascidos no Brasil, haviam conservado o costume natal de barrar o caminho errado com um galho posto atravessado.

A pequena vila de Redondo tem uma capela dedicada a Na. Sa. da Ajuda, e melhor ainda, um encantador panorama. Além do primeiro plano de floresta e capim verde rompendo fortemente do chão vermelho de ocre, cor aqui chamada "sangue de boi", abre-se uma vale de encosta e sólo regulares, erguendo-se muito além até chegar a uma pedra rúde que domina o ar. Esta serra, agora para nós ao oriente e norte é chamada em alguns mapas "Serra de Deus te Livre" — certamente pelos perigos de suas veredas. É mais geralmente conhecida como "Serra do Ouro Branco", de uma cidade no seu principal caminho. — Vemos a sua linha branca em meio das encostas, entre Barbacena e Morro Velho. O monte principal fica por muito tempo a

22 — O Sistema prefero unha de boi a a classifica entre as plantas adstringentes e mucilaginosas.

23 — A poaia é, no Brasil, um termo genérico para esta espécie de rubiáceas. A verdadeira raiz emética é conhecida como Poaia Verdadeira, ou de boi. O Sistema deriva ipecacuanha de ipé-caá-goéne, "a plantinha perto dos caminhos" é antes a "plantinha que provoca emetismo" (goéne), e sem dúvida os médicos selvagens conhecem bem o seu uso. Sendo muito usada em alguns incômodos femininos, pode bem significar "a plantinha da mulher" (cunha). A palavra se corrompeu em Elicaquenha o P. cunha. Há várias espécies. Ipecacuanha preta (*L. officinalis* Arruda); a L. branca (*Vicia ipecacuanha*, ou *Pombalin Ipecacuanha* Vaudelii). (N. A.).

Há, do fato, várias espécies pertencentes às famílias das rubiáceas, meliáceas, vitáceas, asclepiadáceas e violáceas. A verdadeira é a *Evea ipecacuanha*, Stam. (N. T.).

vista, mas uma curva do caminho nos occultava este sitio.

Santo Antônio era primitivamente e é ainda chamado Ouro Branco, em opposição a Ouro Preto. Este é escurecido por um pouco de óxido de ferro (24). O primeiro tem uma liga natural de platina (25) — formação rara. Este novo metal descoberto só há dois seculos e um quarto, e hoje usado até para relojoaria, é encontrado em Minas, nas areias dos rios correndo sobre terras planas e morros baixos. Um pedaço pesando meia onça foi encontrado nas lavras, ou escavações do Barão de Itabira, perto de Mariana. Mais duro que o ferro e parecendo-se muito com o ouro, deu muito trabalho aos antigos descobridores que gastavam com ele o seu solimão, (sublimado corrosivo), e se admiravam de ver as barras de amarelo pálido, cujo toque era, comtudo, de 22 carats. O Dr. Couto conta que cerca de 1780, um desconhecido levou uma porção dele à casa de fundição do Governo em Sabará. Era excepcionalmente refractário, e como se partiu em dois pedaços e rachou-se em torno do timbre, o official declarou-o sem valor. O mineiro desapontado sumiu observando que ele nunca esperara ser valioso aquillo que ele possuia a ponto de poder carregar vários cavalos. Ainda que se conjecturasse vir ele de perto de Sant'Ana dos Ferros, o valioso depósito nunca veio à luz. O mineralogista Couto examinou a barra por ele encontra-

24 — Walsh (II, 125) diz que o ouro preto "contem uma mistura com prata, que lhe dá uma mancha escura pela oxidação, quando exposto ao ar". Não é exato.

25 — D. António do Ulhoa, viavel espanhol, viajando pelo Perú em 1748, fala da platina como o terceiro metal perfeito ou nobre. O nome dado originariamente ora "Platina", pequena prata, diminutivo de "Plata" — o que em português seria Prata e Pratinha. A europa, presumo eu, preferiu o bárbaro *platinum*, para assemelha-lo ao *ferrum* e *cuprum*.

da na intendência de Sabará; pesava trinta e duas oitavas, ou oito onças portuguesas, e era de platina com a quinta parte de ouro. Um jornal da terra atribuiu-me o redescobrimento da mina — gostaria que assim fosse.

Cerca de 3 horas da tarde, quando o passeio já se tornava agradável atingimos a crista de um morro e Congonhas mostrou-se-nos de repente tal como Trieste outróra, nos tempos das velhas diligências. A situação é, no lado sul, de um vale encantador, em oval, cujo diâmetro maior de nordeste para sudoeste, é formado pelo rio Maranhão (26). As águas argêntas percorrem um trecho de terra verde esmeralda, rica margem de pastagens, coisa rara em Minas, onde os vales são estreitos. Dentes e fendas de barro branco, vermelho e amarelo no leito superior são os únicos vestígios das minas outróra ricas. Para o norte há uma vasta e áspera elevação, réta como um paredão; é chamada Serra (de Nossa Senhora) da Boa Morte, nome de uma vila e capela com esta invocação. Seu ponto culminante é o Pico de Itabira, que agora vemos, e fórma aqui um semicírculo em direção às montanhas de Congonhas, bloco massiço a oeste. Para o nascente está a grande cadeia do Ouro Branco que difere estranhamente conforme os pontos de observação.

A primeira vista Congonhas pareceu ser toda uma igreja e convento. Surgiu depois uma segunda igreja do outro lado do vale riueirinho; era de duas torres e as cores eram branco, com as bordas negras, como a Na. Sa. do Monte, na Madeira, que os estrangeiros e os marítimos chamam o "convento". Casas caiadas, brilhando aos raios oblíquos do sol, se espalhavam em

26. Maranhão (que antigamente se escrevia Maranhum) é uma meada, um embarço, "arvoredo emaranhado", por exemplo significaria um "mata entrançada". O pequeno rio nasce a S. E. perto de Queluz e corre para o Rio Paraopeba.

linha no eixo transversal entre as duas igrejas. Desce-mos uma ladeira rochosa e calçada, do mais desagradavel declive, e em breve encontramos sob o teto do Alferes Gurgel de Sant'Ana que nos tornou para sempre gratos à sua pessoa, dando-nos banhos quentes, "café do fazendeiro" (27) e fazendo-nos esperar pelo jantar somente por tres horas.

27 — Café do fazendeiro é o que bebe o agricultor rico a mão a água de castanha, de Portugal, para não falar nos tras terras. O primeiro — coisa que não se dá com os demais — deixa uma mancha amarela quando salpicado fôta da chiesta branca.

CAPÍTULO XVII

CONGONHAS DO CAMPO (1)

Distante nove léguas desta terra
Há uma grande Ermida, que se chama,
Senhor do Matozinhos.

Cartas Chilenas IV.

Na. Sa. da Conceição, invocação aqui predileta da Bona Dea e da Magna Mater, é uma Loreto mineira. Não se pôde deixar de ficar atônito ao ver tal obra em uma povoação de 600 almas e, além disso, sem auxílio de milícias angélicas. As lavagens de ouro explicam as razões do fato. Um solar abandonado ostenta ainda o braço d'armas bem lavrado de algum velho fidalgo; além disso no começo do último século, os índios, ora

1 — Congonhas é chamada "do Campo", para se distinguir do "Congonhas de Sabará". O nome é comum no Brasil, tendo sido dado por tropeiros e viajantes a muitos lugares em que encontram as diversas variedades de *Hebe*, das quais a mais valiosa é o Mate, ou Herva do Paraguai, (*Ilex paraguayensis*, em que vive o St. Hilário que — III-II-249 — chatinadamente defende a forma antiga e incorreta *Paraguariensis*). Não descreverei a planta; isto tem sido feito por todos os escritores desde Southey. O termo brasileiro "Congonha" é genérico, compreendendo todos os arbustos do que se prepara o chá do Paraguai. E' também aplicado especificamente ao *Ilex* Congonha, comum em Minas e no Paraná. O Congonha Cimarrão é a simples infusão bebida sem açúcar. Cruúna é a Congonha de qualidade inferior. Em Luccock (p. 523) temos: "Congonha é, na escrita comumente substituída por Caacuncha. O nome deriva de uma planta, cuja infusão é tida como excelente remédio para incômodos de Senhoras". Assim confunde ele Iperacuanha com Congonha, que, na lingua Tupi é chamada Caa-mirim — a folha pequena.

extintos, estavam ainda na terra e trabalhavam voluntariamente, ou eram forçados a trabalhar na arquitetura eclesiástica. O viajante no Brasil encontra muitas vezes em lugares selvagens prédios sólidos e imponentes que não poderiam ser tentados nos dias presentes. A Igreja de Congonhas não tem patrimônio ou bens inalienáveis. Além disso perdeu ultimamente uma dúzia de seus poucos escravos e a opinião geral dos brasileiros esclarecidos é decididamente contrária ao emprego de escravos por parte dos sucessores dos apóstolos. De 11 até 14 de setembro é o tempo de sua Romaria, mixto de festa religiosa e peregrinação. Umas 7.000 almas hospedaram-se então nas casas que ficam vazias pelo resto do ano e as dádivas voluntárias de muita moeda de cobre e poucas notas sobem a cerca de £ 2.000 per annum, que valem aqui £ 20.000. A irmandade de Bom Jesus de Matozinhos distribue as esmolas entre o povo da povoação sagrada. Não havia melhor modo — diga-se com o respeito pela crença popular — de fundar uma cidade no Brasil antigo do que instituir uma Pedra Crescente, uma Cruz Curativa ou uma Imagem milagrosa (2). Estas cousas se arranjavam facilmente, como nós agora fabricamos água mineral de Spa esterrando pregos enferrujados com quássia e cobrando a entrada a seis pence.

Estando ausente o diretor do colégio, procuramos seu substituto o Rev. Padre Antônio José da Costa, filho de S. João; que aqui residia somente há um mês. Repreendeu-nos gentilmente por irmos para uma he-

2 — Estas imagens se chamavam "aparecido", de "aparecimento" na costa do mar, nos rios, nas cavernas et cetera. E' uma moda agora negar que os católicos adoram as "imagens". E' um truismo com relação aos educados; com a massa dá-se evidentemente o contrário. E se applicarmos a operação vulgarmente chamada contar narizes, quantos destes encontraremos em proporção com aquelles?

pedaria quando havia tanta hospedagem vasia para os verdadeiros crentes e tomando o seu molho de chaves, partiu para mostrar as celebridades.

Começemos pelo princípio. A ingreme e mal pavimentada calçada que descemos ontem tem um braço para a direita que conduz o estrangeiro à base de um alto monte sobre o qual está encantadoramente situado o Loreto. Em frente está a Igreja; para a direita ou oeste está uma longa fila de edifícios de dois andares, brancos no alto e amarelo ocre em baixo; o terceiro lado a leste da quadra do morro, é formado de casas mais pobres, de "porta e janela". São também quarteirões de peregrinos.

Subindo o morro — típico, penso eu, de "áspera e estreita passagem, e cortando o quarteirão", está uma avenida anã, de construções chamadas os Sete Passos, as Sete Capelas das Estações. As duas mais baixas são antigas, o par seguinte é moderno e tres estão ainda para ser construídas quando forem bastantes as contribuições dos fieis. Contêm duas das quatorze "estações de Roma", e, quando terminadas, o lugar será usado para enterramento das pessoas que o quizerem ou puderem. Nos primeiros tempos a bela pavimentação de pedra talhada em torno do templo custou um total de £ 40: agora uma só estação sai por £ 600. A despeza é somente de mão de obra, por que toda a terra é materia' de construção.

Estes oratórios são quadrados baixos de pedra sólida e caiada, com arremates nos quatro ângulos, cúpulas em forma de meia laranja e florões. Sem janelas e com uma só porta lembram a fórma mais humilde de "Kubbah", que protege e honra os restos dos Shaykh e Wali, na Arábia e no Sindh. A mais baixa, número 7, não tem inscrição e representa a ultima ceia. Imagens

de madeira, na maior parte simples máscaras, ou pei-
lhos sem entranhas nem espinha dorsal, vestidas como
turcos tradicionais do tipo mediterrâneo cristão, estão
sentados em torno de uma mesa ricamente servida de
chá (ou mate) potes, copos, licores e viandas. Nosso
Senhor está dizendo: "Um de vós me traiçoeirá".
Todos estão olhando com uma singular expressão de
horror e surpresa, exceto Judas, que se senta adiante
da porta, com horrível aspéto, e importando-se tão pou-
co em disfarçar a sua vilania quanto Iago nos teatros
ingleses. Minha mulher obedeceu ao costume da terra,
tomou a faca do prato de Judas e cravou-a nos seus
olhos, ou antes numa profunda fenda que se abre na
sua face esquerda e depois golpeou com ela seu om-
bro. Pobre Judas! que segundo os princípios israelitas
devidamente levados ao extremo, merece a gratidão
sentida da Raça Redimida.

A estação seguinte, a Agonia no Horto, apresenta
uma inscrição peculiar, que se supõe misteriosamente
ser grego. Eu a copiei para benefício dos gregos:

ETIOQ (sic) CTVS IΠQ (sic)

GONIQ FIOIXIVS

OIQBQT

A primeira das novas estações mostra o ardente
e um tanto irlandês, S. Pedro cortando a orelha do sol-
dado enquanto o Salvador se prepara para curar a fe-
rida. A inscrição *Tanquam ad latronem etc.* não me-
rece referência; os soldados pagãos merecem-na. Cer-
tamente tais guerreiros de nariz romano nunca pode-
riam ter existido a não ser que usassem as suas tro-
bas como o elefante usa a sua. Mas, grotescas como

são, e absolutamente desprezíveis como obras de arte, estas caricaturas de pau servem, não tenho dúvida, para fixar os assuntos firmemente no espírito do povo e manter uma certa espécie de devoção. As influências civilizadoras ou antes humanizadoras do serviço paroquial e das festas já foram referidas.

Entra-se na igreja por quatro degraus semi-circulares, protegidos por trilhos de ferro. Uma inscrição comemora aqui a origem da peregrinação:

MDCCLV

VADA

BUNA JESU MATUSINORA

PA RA BENED XIV

PRIMUS HIC CULTUS OBLATUS

A. MDCCLVIII

RA NA FA JUSEPHOA

TEMPLUM CONSTRUCTUM

MDCCLXI

TANOA REÆDIF

CUI FAXIT

ÆTER-

NITAS

No princípio não era isto senão uma rude cruz de beira da estrada sustentando uma tosca imagem de Jesus Cristo dedicada a N. Sr. de Matozinhos. Em cerca de 1700 começou a fazer milagres; o terreno foi consagrado e construiu-se uma capelinha, germen da presente igreja e do seminário.

Deante da entrada um duplo lance de largos degraus se afastam e se reúnem no adro, área calçada e espaçosa, tendo à frente uma bela balaustrada de pedra, dominando uma vista encantadora. Nos ângulos dos

lances dos degraus e por intervalos, em frente à plataforma, estão doze gigantescas figuras dos quatro profetas maiores (3). Alguns da dúzia designada odiosamente como dos menores não estão representados. Cada figura está vestida com uma roupa oriental convencional, sustentando um rolo em que está gravada uma passagem notável de seu livro, em latim e em letras antigas, grandes. O material é a esteatita das vizinhanças e o artista foi o omnipresente Aleijadinho, que de novo surge na fachada. O grupo tem um bom aspéto à distância e no Brasil a idéia é original: é comparável, pobremmente porém, ao Bom Jesus de Braga, perto de Porto e ao mais humilde dos santuários italianos.

A fachada é naturalmente, caída, com exceção da pedra escura dos cantos. Há duas janelas completadas por uma rosácea muito simples: duas pequenas aberturas abrem-se também nas torres de flâncio. Os campanários têm cúpulas e terminam com extensos arremates: uma esfera armilar suportando um anjo que sustenta uma cruz. A entrada é lavrada com flores em pedra sabão esverdeada, tão comum nestes lugares; os anjinhos e os instrumentos da Paixão estão executados melhor que de costume. As peças mais artísticas são as portas de madeira dura, macissa, lavradas em raios de alto relevo e pintadas de verde litúrgico. Vi este estilo pela primeira vez na velha Olinda e muito o admirei: alguns dos relevos atingem a cinco polegadas.

3 — A altura é pouco maior de 8 pés. À direita estão Jeremias, Ezequiel, Oséas, Joel, Naúm e Habacuc, tendo em frente Isaias, Daniel, Amós, Abdias, Jonas e Baruc, o escrito Assim os quatro "grandes profetas" não estão em ordem de precedência. Todos dizem que as estátuas são doze, mas numa nota que me deram assim os encontro descritos: à direita Ezequiel, Habacuc, Oséas, Joel, e Naúm; à esquerda Baruc, Daniel, Jonas, Amos e Abdias. (N. A.)

Faltam nesta nota os nomes de Isaias e Joremlas. (N. T.)

Não há muito que se dizer do interior. As paredes são apaineladas, têm afrescos de cores vivas e gravuras baratas penduradas. As imagens, porem, estão abaixo da crítica. Há quatro capelas laterais. A primeira à esquerda ostenta S. Francisco de Assis (o S. Francisco favorito do Brasil) e a segunda à esquerda, S. Francisco de Paula, que se diz ser uma cópia perfeita da estátua de Paris. A tribuna do órgão sobre a entrada principal, possui um pequeno instrumento e o coro à sua esquerda, avança pelo corpo da igreja. Há dois púlpitos de pedra nua colocados sobre animais góticos. Os querubins laterais são bem talhados, mas os doces são inferiores. Há dois confessionários em caixa e dois abertos. Os primeiros contêm geralmente um curioso banco furado. Os últimos às vezes se tornam portateis, são táboas com uma grade em forma de peneira, destinadas a separar o santo sentado do peccador ajoelhado. Talvez este antigo exercício religioso se modique num bom sentido nos tempos que correm, exigindo-se que o padre e o penitente sejam estranhos um ao outro. Como ambos, sem dúvida, se oporiam fortemente e detestariam esta medida, traria ela à confissão um prazer novo de mortificação.

A capela-mór tem um teto curvo pintado com dois curiosos afrescos — "A Trindade no Céu" e o "Enterramento de Nosso Senhor". Cá estão também as quatorze estações da Paixão. O altar-mór tem uma grande imagem de N. Sr. do Calvário; segue-se Sant'Ana guiando a Virgem, S. Domingos, Sta. Luzia, Sta. Verônica com o Véu e o soldado romano com a lança. Na base está um altar túmulo. Basta retirar-se um quadro, e fica exposto o Senhor morto, o grande objeto da peregrinação. É a efigie em tamanho natural de N. Sr. de Matozinhos — o Cristo mor-

to com anjos ajoelhados e rezando. Os crentes prostam-se diante dele e beijam-lhe a mão com imensa devoção, como se prova pelo abaulamento do chão em frente à imagem. De um lado fica um pequeno "presépio" ou a mangedoura de Belém. Quatro belos candelabros de prata maciosa iluminam o altar-mór e o corpo da igreja.

A sacristia tem o pequeno esguicho com o manustérgio, as gravuras, como o resto do edifício, e retratos de dois bispos de Mariana no teto. A leste fica a sala dos milagres — peça longa e baixa contendo centenas de ex-votos, placas comemorativas de curas ou salvamentos e modelos em cera de membros defeituosos curados. Conserva-se aqui a velha cruz primitiva de madeira em que está gravado:

INRI

(o crucifixo)

No. S. D.

MATVZINHOS

Do lado de fóra, a leste da Igreja, estão duas pedras enterradas na área, junto às paredes; pareceram-me granito quartzozo. Uma é a Pedra que Cresce, e que a despeito de atrair anualmente muitos beijos, aumenta constantemente; a outra não é dotada desse poder. Nosso reverendo guia notou sensatamente que não se responsabilizava pelo fato, mas que era possível, já que ao Creador nada se pôde opôr. Esta explicação, desde os dias do "numquid Deo quidquam est difficile?" é ainda corrente de Londres a Pequim;

infelizmente ela está completamente à margem da questão; ninguém nega que o Todo Poderoso tem o poder de fazer o que às vezes duvidamos que Ele faça. Em Iguape, na costa de S. Paulo há uma pedra irmã desta com qualidades semelhantes. Nos dois casos a parte que fica em torno do mineral está pisada, arranhada. Levam pedaços como reliquias e remédios. Daí possivelmente, o crescimento. Esta superstição inocente trouxe-me à lembrança, entre outras (4) a fenda — de um pé de largura — numa rocha de granito perto de St. Levans, que quando estiver suficientemente grande para deixar passar um burro e cabaz: fantasia grosseira — anunciará o fim do mundo, i. é., a terminação da presente "quiescent æra" da terra e o reinício de suas convulsões, se é que os convulsionistas, dizem a verdade.

Visitamos então o colégio que começou a uns trinta e sete anos. O seu fundador foi o falecido Pe. Leandro de Castro, Lazarista português, que também fundou o colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Sobre a porta está a data de 1844 comemorando o último acréscimo. O edificio é grande, com umas dez janelas de frente e umas quarenta de lado; mas nada vimos da curiosidade descrita pelo Sr. Luccock: "Atraz da Igreja há uma outra curiosidade religiosa — um jardim imitando o Paraíso em que Adão e Eva, sob a cruz, estão sentados junto de uma fonte em toda a nudez da inocência".

O atual director é o Rev. Padre João Rodrigues da Cunha, natural do Sabará, e o seu ordenado segundo fui informado é de 180 £ por ano. O Governo

4 — *Exempli gratia*, a veneravel Pedra de Londres, cheia de tantas lendas; sem dúvida essas pedras maravilhosas originam-se do "Tu es Petrus" etc.

Provincial deve contribuir com 400 £ por ano, mas o nosso guia queixou-se de que a assembléia não paga a subvenção há dois anos. Há sete professores e tres padres para o serviço espirital; os alunos, cerca de 60 a 70, usam todos batina. Não pôde haver melhor situação para um colégio. Durante os últimos tres anos, não se ouviu falar em médico nem boticário em Congonhas; e, como acontece frequentemente com os passageiros e os tripulantes de navios sem cirurgiões, a falta não se fez sentir. Está visto que, como de costume falaram-nos longamente a respeito de uma velha que viveu mais de um século.

Dizem que os Capuchinhos se propuzeram a tomar o encargo desta academia, mas exigiam uma condição impossivel. — Isenção da Lei civil e sujeição unicamente ao diocesano. Isto foi julgado — pro-caciter atque injuriose? — “Uma tendência à teocracia absoluta”, “reminiscência dos dias de Gregório VII e Inocência IV”. Os brasileiros sensatos têm aversão à Alma Mater eclesiástica, com seu curriculum de Trivium e Quadrivium, em que a mocidade é educada pelos esercizi spirituali no desprezo pelos assuntos do mundo, e em que a politica é subordinada à religião, tornando-se o Estado escravo da Igreja que impõe a crença indiscutivel, obediência cega, austeridade, ascetismo e abnegação, virtudes de todo inconvenientes para cidadãos de uma comunidade livre; clamam contra a filosofia feita escrava da teologia e das fantasias tradicionais usurpando o lugar dos ensinamentos da natureza; não desejam ver a razão humana representada como uma impostora e a liberdade de imprensa condenada como “dilúvio de tinta infernal” e setenta e oito outros “erros modernos”. Além disso não há poucos depoimentos de extrava-

gantes hábitos de hygiene em uso nestes seminários, tais como a mistura de salitre à ração. (5) Por outro lado não há dúvida quanto à excelência da disciplina e do ensino importados pelo clero regular da Europa nos estabelecimentos brasileiros. E aqui, não tendo títulos para emitir opinião sobre estes pontos em nenhum outro paiz que não seja o meu próprio, deixo esta grande disputa que não parece que se resolva dentro de muitos anos.

Descemos então o resto da calçada íngreme, passando à direita pela capela de S. José, em ruínas. No sopé está o pequeno rio Maranhão que outrora dividia as comarcas de Vila Rica e Rio das Mortes. E' atravessado pela ponte de madeira de costume. Na margem norte está a povoação de Matozinhos, em frente a Congonhas, "da mesma maneira que Gateshead, em relação a Newcastle-upon-Tyne". Tem uma Matriz dedicada a Na. Sa. da Conceição, com uma fachada toleravel, e perto da entrada um emblemático hrazão d'armas lavrado em pedra sabão. O interior estava ainda sofrendo reparos. Há trinta anos passados foi fulminada por um raio e um homem requereu o triste remanescente.

Visitei as antigas lavras de ouro e achei-as de pouca importância. Caldleugh deixou uma descrição desta indústria (6) que ainda prosperava em 1825. O metal precioso, de vinte e dois carats encontrava-se nos póros e cavidades de quartzo podre ou friavel, injetado em pedra verde. O Sr. Luccock encontrou

5 — Apêndice ao Relatório Presidencial de Minas de 1866 (p. 38). Documento muito arguto.

6 — Viagens (II-227). O Sr. Walsh (II-173) passou por Congonhas, descreve o chá do Paraguaçu, mas nada diz do templo ou das minas de ouro. Contudo ele havia viajado entre os turcos e havia escrito um livro sobre a Turquia,

pó de ouro “no barro chistoso e outros elementos componentes do solo”. O último continha o minério com “certeza igual e em quantidade quasi igual ao do predomínio do tom vermelho e qualquer dos matizes do castanho ou amarelo”. A matriz era esmi-galhada por pilões moinhos e o ouro liberto era forçado a escorrer pelo sistema ordinário, em cintas ou planos inclinados em que orifícios colocados em direção contrária à camada do pelo apanhavam as partículas pesadas (7).

Apresentamos os nossos melhores agradecimentos ao amavel vice-diretor; sua afeição e gentileza merecem toda a nossa gratidão. Antes de nos despedirmos deu-nos como lembrança um maço de palitos feitos com o afamado cipó chamado “cipó de saísa”. Porque será que o limpo e confortavel palito é ainda mal visto pelo preconceito popular na Inglaterra?

7 — Este antigo sistema está ainda em uso em Morro Velho. Reservo uma noticia malbr sobre ele num capítulo seguinte.

CAPÍTULO XVIII

TEIXEIRA

"São pois os quatro AA por singulares
Arvoredo, Açúcar, Agulha, Arca"

(Manoel Botelho de Oliveira).

Era manhã cedo quando saímos de Congonhas. Mais uma vez descemos o morro e atravessamos o Maranhão; rompemos então pelo pequeno vale do "Ribeirão de Santo Antônio", escoadouro da "Serra da Boa Morte". O solo era na maior parte de giz branco como o caolim e nas margens dos caminhos esburacados, outrora do mesmo nível que o terreno e agora afundados muitos pés abaixo, gastos por chuvas torrenciais e pelas pisadas dos homens e dos animais — ainda aparecia o barro duro e vermelho. A vereda através dos campos é abundante em vistas artísticas da terra selvagem. Congonhas, como uma pérola engastada em esmeraldas, permanecia por muito tempo à vista e a Serra do Ouro Branco brilhava no alto, dominando o ar límpido.

Nesta estação o tempo é regular como um cronômetro. As noites são frias e nevoentas nas terras baixas; nos níveis elevados frias e claras, com céos límpidos, planetas que fazem a lua parecer muito sem graça, e estrelas brilhantes que não se esqueceram de brilhar pelo fato de estarmos tão perto do equador. (1)

1 — Realmente eu muitas vezes pensei no Rio S. Francisco, mesmo quando o ar estava mais seco, que elas dançavam mais alegremente que de costume.

"A aurora vem em nuvens, mas as nuvens
Não ofuscam mas, realçam sua beleza"

Entre 9 e 10 horas temos os benefícios do astro do dia em sua plenitude: suas refulgências ignoram um fio de cirrus, ou uma vesícula de vapor. Depois de tres ou quatro horas de distilação solar, nuvens em forma de pacotes de lã e de rochedos acumulam-se no oriente; plainam alto na imensidade azul, depois coagulam-se como que formando dorsos de cavalos e terminam por entrelaçar-se com rubros liames, inocentes, porem, de trovões e chuva.

Às vezes preparavamo-nos para vento e chuva, mas todos concordavam que estes sinais indicavam apenas aumento de frio. Nem sempre é assim. Às 3 horas da tarde não há mais razão para nos queixarmos do calor e o pôr-de-sol é frio e claro, deliciosamente tranquilo e convida ao devaneio.

Depois de umas duas horas entramos numa terra de ferro, toda negra e pulverizada de vermelho com mica. O sólo mais escuro era uma degradação da misteriosa Jacutinga, e o castanho-amarelo avermelhado vinha da hematita, pedra de barro férreo, às vezes trabalhada em pedaços nodulares ou botrioidais; havia também martita compacta ou ferro magnético, que frequentemente apresenta especimens perfeitos da pirâmide dupla, e em alguns lugares uma crosta de amigdalóide quartzozo chamado "canga". A água ferruginosa corre esplendidamente como pedrarias sob um leito de minéreas. Só duas casas se avistam: a Fazenda do Pires, com sua avenida de araucárias, profundamente ensombrada nos morros e uma fundição de ferro pertencente ao Comendador Lucas Antônio Monteiro de Castro.

Começamos então a subir a Serra de Sto Antônio, um contraforte leste-oeste da Serra de Ouro Branco. O pequeno bloco fica numa paralela a cerca de trinta milhas ao norte do espigão geral ou Serra das Vertentes (2) E' uma massa de imensos montes de barro, listada aos lados com afloramentos de argila bem laminada, chistosa e ardosa de construção; as profundas grotas que separam os espigões estão repletas de madeiras de construção e de vegetação luxuriante, efeito dos cursos d'água e das neblinas noturnas. As extremidades brilham com rebentos e flores, na maioria cor-de-rosa e amarelas e o tapete de grama parece suficientemente macio para ser aparado a mão. Nesta estação a relva é uma superfície brilhante verde amarelada com manchas de cor desbotada e as bordas vistas contra a luz parecem usadas como veludo roçado. O caminho serpeia através dos flancos desses morros de barreiras, e um passo em falso teria como consequência uma queda de 250 pés. Nem um sinal de habitação surgia à vista a não ser umas ruínas sem teto em uma grotta à direita, que pareciam de casa mal assombrada. De fato o cenário era pouco comum, selvagem e romântico.

Do mais alto da orla da bacia vimos, muito abaixo de nós, uma corrente bifurcada atravessando os morros entre alas de vegetação grossa e intrincada. O braço principal correndo de oeste para leste era azul desmaiado; recebia um riacho, cujas águas, verde claro entram do sudeste. Drenam o declive norte da Ser-

2 — No mapa de Burmeister a Serra de Sto. Antônio é o Apice do ângulo formado pela Serra do Ouro Branco do sudeste e a serra da Cachoeira do nordeste. Assim, aparece como uma grande volta a oeste na Serra Grande ou do Espinhaço. No mapa de Gerber nem a forma nem o nome se encontram.

ra de Sto. Antônio, que separa aqui os vales dos rios Paraopeba e das Velhas (do norte) (3). Ambos os riachos são conhecidos como "córregos desconfiados" (4) e o ângulo do declive demonstra que suas enchentes são perigosas. Anastomosando-se quasi nas vizinhanças de uma ponte que foi derrubada por uma inundação em Janeiro de 1867, tomam o nome de Rio da Prata.

Aqui pois, sob nossos olhos está uma antevisão da tarefa que me tomará uns tres meses de navegação fluvial. O povo afirma que estes minúsculos riachos são as cabeceiras do Rio das Velhas. Como veremos, uma corrente mais volumosa vem de uma secção ou protuberância da Serra Grande (do "Espinhaço"), chamada "Serra de S. Bartolomeu" a umas trinta milhas a nordeste. O Rio da Prata, porem, pode gabar-se de uma extensão maior; fica na secção mais a sudeste da grande bacia cujo principal escoadouro é o Rio S. Francisco.

De um interesse indefinivel é a primeira vista de um rio recém-nascido nestas terras novas, sugestiva como a evolução de uma criança, com a diferença que a fonte deverá crescer até se tornar um rio, e a criança pode ser que nunca chegue a ser um homem. Um panorama desenrola-se perante os meus olhos. O pequeno fio d'água que tão modestamente corre pelo seu leito deverá transformar-se num rio de montanha com despenhadeiros, poços, cataratas e inundações que levarão tudo de vencida. Depois se alargará num rio

3 — Não se deve confundir com o Rio das Velhas do São Paulo, outro rio consideravel, visitado por Castelnau. Este último nasce perto do Desemboque, corre para noroeste e deságua no Paranathá do Sul, o grande braço do Paraná-Paraguai. O Rio da Prata. Daqui por deante sempre que falarmos de Rio das Velhas, entender-se-á que nos referimos ao do Norte.

4 — Em português no original. (N. T.).

magestoso, banhando terras desconhecidas, suas margens vestidas de pastagens e clareiras, com campos e florestas, servindo a humildes povoações e a poderosas cidades. Por fim lá muito ao longe alarga-se a boca e abre-se o porto, fervente de embarcações, anéis da cadeia de comunicações irmanando todas as nações e que deverão civilizar, se ainda não civilizaram, a humanidade. Junto a uma pequena fonte ocorrem-me estas imagens com um sobressalto de excitação, sem deixar de virem de envolta com uma fraca sensação de ansiedade. Quantos riscos e dificuldades a vencer, quantas dificuldades a serem resolvidas antes de cumprirmos nossa tarefa, antes que possamos ver as cenas que se devem suceder.

O Rio das Velhas, deriva seu nome, diz a tradição local, de tres velhas encontradas acoradas nas suas margens pelo explorador paulista Bartolomeu Bueno, o "Diabo Velho", quando topou com a corrente em 1701 em Sabará. A etimologia é um tanto fraca e manca. Os vermelhos, ensina o Sr. Rodrigues Valério, autoridade competente, chamavam-no "Guyaxim", e uma corruptela desta palavra, Guaicuí (5) ainda se encontra em mapas obsoletos. Isto significaria Rio da Velha, e provavelmente os primeiros exploradores traduziram-no erroneamente para o plural e em seguida seus descendentes inventaram as agora clássicas tres velhas.

Vadeamos os dois braços que fornam o Rio da Prata. Dentro deles a água parecia cristal. Os leitos e

5 — A palavra parece uma aglutinação de Golamim, velha (mulher) cunhã (mulher), e Ig (água). Poderia também ser Cacuaio-Ig, que teria a mesma significação Yves d'Évreux dá as seis idades da mulher: 1) Pettim, criança do peito; 2) Konguanntimlet, criança; 3) Konguantin, adolescente; 4) Konguanmoucou, mulher; Konguan, mulher 5) Konguanmoucouptre, mulher em pleno vigor e 6) Oantuy, velha.

as margens do vale ribeirinho estavam juncados de lascas de aluvião, pedras roladas na água e seixos. Os barros talcosos mais duros, são cortados de formas estranhas: algumas pareciam as bolas e ovos usados pelos fundibulários índios; outras não se distinguiam das nossas machadinhas rústicas senão ao exame de um entendido. Certamente deram elas aos aborígenes a idéa da ferramenta e eram fabricadas pela natureza tão artisticamente quanto as dos celtas, nas tribus costeiras para abrir suas ostras e conchas. Em outra oportunidade terei o que dizer sobre a Idade da Pedra no Brasil, que como toda outra região do globo até agora explorada, demonstra a existência da época (6), com todas as variedades, desde a paleolítica mais rude, com o cunho da rocha de areia, até a ponta de flexa bem talhada em cristal de rocha e o machado neolítico ou polido, rivalizando com qualquer machado celta. Além disso no interior longínquo ela não foi ainda bem vencida pela idade do ferro.

Galgamos dificultosamente a última encosta, muito vermelha, desta interessante bacia guiados por um mamelão que dominava a espinha. Uma outra grotta jazia em frente e abaixo de nós. O sólo, onde não era

6 — O Brasil tem uma "Idade da madeira" bem definida e os indígenas ainda usam lanças e espadas de madeira. Aprove-me per entrar a universidade e a ubiquidade da "Idade da Pedra" afirmada pelo famoso antropologista Sr. E. B. Tylor: "Researches into the Early History of Mankind, and the Development of Civilization" (Pesquisas sobre a história primitiva da Humanidade e desenvolvimento da civilização). Estes rudes machados são referidos em "Notes on the Antiquity of Man". (Notas sobre a antiguidade do homem) pp. 85 e 87 da Revista Antropológica (Anthropological Review) N.º 1 — Maio de 1863. Trubner & Co. A literatura sobre o assunto está se tornando ponderosa. Para mim, a era é especialmente interessante porque abarca o período em que os homens não tinham, ou — o que é quasi o mesmo — não sabiam que tinham almas. A alma, realmente, parece ter sido uma descoberta da Idade do Bronze.

cortado pelos esbarrancados ou fendas de água, apparecia no alto coberto de vegetação baixa, e, nas profundezas, com grandes tufos de árvores, prova de solo superior e bem mais abrigado que o do seu vizinho ao sul. À direita estava a pequena aldeia de mineração, "S. Gonçalo do Bação", com uma igreja branca e choças escuras. Em nível mais baixo ficava uma virente localidade chamada Teixeira, rica em palmeiras e bananas, milho, mandioca, algodão e a fibrosa planta baioneta — Iuca. Parecia o mais socegado dos lugares onde o homem poderia mais facilmente se deixar consumir pelo tempo.

O fundo do lado Norte era uma paisagem de quadro. Estamos agora em plena presença das grandes formações Itacolumita e Itabirita. O sol poente, com um doce de néveas nuvens listadas de vivo carmezim, lançava um brilho de ouro sobre as escarpas acasteladas de Itabira do Campo, — a rapariga de pedra do campo, — (7) que os homens da Cornoalha chamavam

7 — Dr. Couto, que encontrou cobre cristalizado em seus flancos traduz o nome: "Moça ou rapariga de pedra". St. Hilaire traduz Ita hira "plero qui brille". Yta, mais geralmente escrito Ita, apparece em muitas palavras compostas do Brasil vindas do aborigene e significa pedra, rocha, ou metal, especialmente ferro; enquanto "bora" ou "beráb" quer dizer queimar. A interpretação popular de Itabira é pedra pontuda. Castolnanu a chama "Itabiri", mas a perda de seus manuscritos obrigou-o a escrever muita coisa de memória. A distincção "do Campo" evita a confusão com "Itabira do Mato Centro", magnifico pico a nordeste. Veremos tambem Catas Altas do Campo em opposição a Catas Altas do Mato Dentro. Esta seçáo geográfica será tratada no capitulo 30.

Destas Itabiras, o leitor se lembrará, é derivado o nome de mineral Itabirito, rocha cor de ardósia, de quartzo e ferro com diversas variedades, frequentemente, puro óxido. Eschwege, pai da palavra, descreve o mineral como chisto ferruginoso, e o faz matriz de diamante. Nesta Itabira do Campo começa a mais occidental cordilheira de ferro, descrita nesta parte do Minas Gerais. Corre para Curral del Rei, atravessa o Rio das Velhas em Sabará, e perto daí forma a Serra da Piedada. Nas suas encostas mais baixas o ouro é abundante, na maior parte associado ao ferro.

de Pico de Cata Branca. Desde o início da jornada nós o havíamos visto. Parecia então um morro coroadado com dois blocos de alvenaria um tanto fora da perpendicular. Da orla da bacia do Rio Prata, olhando para noroeste, as pedras que recortavam a serra pareciam formar um único bloco. Vista daqui a cabeça apresenta um tridente de tres altas pontas escuras, mas voltando-nos em direção ao oriente veremos muitas vezes como que elevar-se repentinamente tornando-se único como a pedra da Chaminé do rio da Prata. Sua forma e aspéto trouxeram-me à lembrança muitas lendas meio esquecidas a respeito de fortalezas encantadas e de montanhas mágicas. Contam-se interessantes contos sobre as águas que jorram de sua base e sobre um poço cavado pela natureza em suas profundezas.

Passamos por um rancho, cujo proprietário, alto e de longas barbas, com um chapéu de feltro de abas largas caído sobre a testa, olhou-nos com mau humor e não se dignou a pronunciar uma só palavra em resposta a nossas perguntas sobre o descanso à noite. Este indivíduo, conhecido como João Militão, tem a fama de "valentão", e pior ainda, é tido como "capanga", bravo ou assassino profissional. Esta classe de gente, reliquias de uma era de barbaria, não está infelizmente extinta nas regiões provinciais do Brasil. O punho sendo ainda a mola principal da ação e o duelo sendo desconhecido, os homens utilizam-se dos serviços de rufiões, com pouco escrúpulo, e o inimigo é alvejado de detraz de uma árvore, como os senhores territoriais na Irlanda da última geração. Como a educação progride e as maneiras se abrandam pelo aumento do intercâmbio com o mundo, esta infelicidade, co-

mo o antigo Poderoso (8) se tornará obsoleta. Tratamos ao Sr Militão, pelo menos, tão rudemente quanto ele a nós, e na manhã seguinte civilmente já entrava ele em conversa conosco falando dos papagaios que estávamos caçando.

Felizmente encontramos hospedagem na porta seguinte, casa de José Teixeira, um seleiro. Não era rico evidentemente, mas amavel e atencioso. Sua mulher ajudou-o a nos tornar confortaveis suas pequenas camas de varas e palha. Apareceu-nos então o terceiro e último "morador" desta verde habitação, armado de espingarda e muito excitado. Pela estrada havíamos encontrado um pequeno cão branco, correndo sem propósito e parecendo esfalfado, um dos nossos deu nele com um chicote de caça; não gritou nem deixou a estrada; prosseguiu obstinadamente sem tentar atacar ninguém. Vendo sua pele úmida não suspeitei de hidrofobia, mas chegando a Teixeira, fomos informados de que estava com raiva há alguns dias e que havia mordido vários animais.

8 ~ Em português no original. (N. T.).

CAPÍTULO XIX

PARA COCHE D'AGUA

"Clima alegre, fértil e jucundo,
E o chão de árvores muitas povoado
E no verdor das folhas fulgor que era
Ali sempre continua a primavera.

(Eustáquios — por Fr. Manuel de Santa
Maria Itaparica).

À direita (ou leste), e a cerca de uma milha e meia do pico de Itabira, há uma suave elevação, onde ficam as minas e aldeia de Cata Branca. (1) Alguns pormenores com referência a seus primeiros sucessos poderão ser interessantes; pertencem agora a companhia de Morro Velho, e pode ser que surjam melhores dias para elas.

O terreno, pertencente primitivamente a pobres povoadores brasileiros e portugueses, passou às mãos do Conde de Linhares, que vendeu a concessão ao falecido Dr. Cliffe, anglo-americano. Este, homem de verdadeira energia transatlântica e confiança em si, repartiu seus direitos com a "Companhia Brasileira",

1 — "Cata" é, às vezes, erroneamente, escrita Calta. Deriva-se de "catar" quasi sinónimo de "buscar", mas com o sentido de caça. Os mineiros applicavam o termo a um fosso aberto na camada superficial até encontrar a matéria aurífera, qualquer que fosse a formação. Castelnau (1843) visitou a mina e deixou dela uma boa descrição histórica baseada em observações de M. Weddell. Minhas notas s^o e tomadas dos Relatórios da Companhia Brasileira, de 1832-37, modificadas por informações respeitáveis.

fundada em 28 de Janeiro de 1833. Durante o ano o superintendente, Sr. A. F. Mornay, completou a compra.

A propriedade mineira, incluindo as fazendas de "Santo Antônio" que foi comprada e "Aredes" (P. N.) que foi arrendada, jaz em boa situação, a 4.350 pés acima do nível do mar (2) a menos de duas milhas da Vila de Córrego Seco, a quatro milhas ou seis, pela estrada grande, da cidade de Itabira e a trinta e cinco da capital da Província. O solo é pobre, mas por uma légua em torno há grandes roças ou fazendas em terras de Campo que fornecem provisões a Ouro-Preto.

As encostas da Serra de Cata Branca foram lavradas de nordeste para sudoeste. A rocha encontrada descobriu-se ser quartzo granular micáceo com ouro visível, como na Califórnia. O corte era a N. 15° Oeste e a inclinação de 80° a 85°; em alguns lugares a estratificação era quasi vertical, em outros inclinava-se pelo declive da montanha e era geralmente irregular. O filão, estreito à superfície alargava-se abaixo de 6 a 18 pés e a maior profundidade alcançada era de 32 braças. A formação de quartzo era de muitas variedades, açucarado macio, duro esfumado, branco comum, e azul, que se verificou ser o mais rico; e as bordas eram de matéria dura, quartzosa difficil tanto de quebrar a mão, como de fazer saltar por explosivos. A extremi-

2 — Este cálculo é, sem dúvida muito exagerado. O Sr. Gordon, do Morro Velho, fez observações com um aneróide de Polissner na serra e não no pico de Cata Branca. Eram em 12 de Julho de 1864:

1 — Bar.	27,40	Term.	59°	11 A. M.
2 — "	27,37	"	63°	1 P. M.

Isto reduziria a altitude acima referida a cerca de metade. Segundo o Sr. Gordon também o Pico de Itacolomi de Ouro Preto fica rigorosamente a oeste de Itabira. Os mapas dos Srs. Burmeister e Gerber collocam o primeiro a este-sudeste (39°) do segundo.

dade sudeste era a mais produtiva. Na parte ocidental do quartzo encontravam-se as formações ferruginosas "Canga" e "Jacutinga". Esta última foi encontrada em cortes feitos abaixo da cumieira da serra, que é aqui uma massa de peróxido de ferro: os trabalhos porem exigiam ventilação e foram abandonados.

O filão, que não se poderia chamar de continuamente produtivo, é cheio de várias cavidades, tubos, canos e galhos, chamados pelos mineiros brasileiros "olhos", cercados de matéria macia, principalmente correndo verticalmente, e mais ricos em ouro livre do que de costume. Junto a estas bolsas, mas não espalhadas pelo veio, havia pequenas quantidades de pírita aurífera, ferro e arsênico. Uma pequena e bela areia amarela, óxido de bismuto, se estendia pelo meio do veio fornecendo ouro granular. Os melhores exemplares variavam de 21.75 a 22 carats, nosso ouro padrão.

O veio de Sto. Antônio fica paralelo e a leste de Cata Branca. A mina "Arédes", a 8 milhas a sudoeste ficava em baixo do pico. A serra é aqui coberta de pedras de quartzo duro, muito numerosas na base do grande veio. Assentam no barro comum, macio e de coloração variada da terra e são interseccionadas com linhas de quartzo açucarado, que forneceu certa quantidade de muito belo ouro. Esta formação se estende longe para o sul e oeste de Itabira. Abriram-se várias entradas e uma, o "Sumidouro" com bom resultado. Em "Arédes" havia também uma pequena formação de Jacutinga contendo ouro vermelho, algumas vezes carregado de paládio e acompanhado de óxido de manganéz. O sólo era bom e continha 1-2 milhas quadradas de terra arável que produzia os cereais da Europa.

O Sr. Mornay, depois Superintendente de Cocais e Vice-Diretor de Cuiabá, começou com o salário, além

de casa e todos os luxos da civilização, de 3.000£ por ano, e isto se pagava de um capital de 6.000 quinhões de £ 10. Em Novembro de 1833 foi substituído pelo Comandante Cotesworth, da Armada Real, que depois morreu em Liverpool. Como todos os superintendentes de serviço, então apreciados entre nós, era este um bom disciplinador, ativo e enérgico, doido por cavalos de passeio, até o momento em que se destruíam nas rabugices em torno das suas prerrogativas, que terminavam em lutas. Encontrando a mina como um imenso buraco teria ele que retirar to fork (3) a água que enchia os poços, planejar, (4) e medir tudo de novo. A mina começara com o sistema antiquado de pilagem, ou antes, esmagamento por meio de pedras horizontais de matéria dura, forte, quartzosa. Foi então instalado o melhor maquinismo do Império. Em 1835 além de trabalhadores assalariados, "Cata Branca" empregava 38 europeus, 76 negros e 34 negras.

Em 1844 a mina desmoronou. O solo se tornara escorregadio e a Jacutinga líquida não podia ser drenada por nenhuma força mecânica; o terreno não estava devidamente arborizado e os desmoronamentos laterais aumentavam até se tornarem enormes. O resultado final foi a morte de treze operários, sendo um inglês. Segundo alguns este número, foi maior. Segundo outros é exagerado.

A falência de "Cata Branca", uma das muitas, infelizmente, resultou de duas causas. Em primeiro lugar, havia uma ausência total de economia, e como observa o Sr. Moshesh com muita razão, e com peculiar aplicação a minas, até mesmo o ouro pode se

3 — "To fork" é reduzir a água ao nível conveniente até que a boca da mangueira possa ser vista.

4 — Os filhos da velha Kurnou costumavam chamar o todo-lito do quadrante (dial), daí o termo "dialling" significando plano de subterrâneos e medição feita de uma estação fixa.

comprar caro demais. Em segundo lugar, a mina era mal explorada. A Jacutinga era então uma formação desconhecida, mas os mineiros ingleses, especialmente, os de Cornoalha, estão crentes de que sabem tudo, e consequentemente, não se resignam a aceitar nenhum ensino. Os que não os julgam pelo seu próprio padrão são levados a supor que eles aprenderam pelos dedos alguma coisa de mineralogia e um nada de geologia. Mas desde o tempo de Howel ou Houel, "rei da pequena Bretanha", que eles têm sido mineiros nascidos do céu com ares de omni ciência. Quem poderá esquecer o discurso ingênuo de um chefe de operários que afirmou a Roberto Stephenson que era impossível que um habitante do norte soubesse alguma coisa de mineração? Eu vi um cornoalhês prático oferecer-se para fazer por £ 50.000 um serviço que um teorista, (quer dizer um profissional, educado nas escolas científicas) não poderia executar por £ 100.000. O Sr. Prático foi crido por um público prático — na Inglaterra ainda subsistem velhas superstições, o que faz com que homens facilmente mordam a isca — e a consequência foi que acionistas práticos em breve se encontraram diante do Tribunal!. O fato é que Tre, Pol e Pen são bons homens mas precisam tomar a sério o que foi asseverado um pouco a oeste, de sua terra, i. é. que —

"John P. Robinson

Disse que ele não entendia de tudo na Judéia".

Encontraremos estes mesmos males, despesa descuidada e falta de conhecimento preciso, na história de muitas outras aventuras mineiras. Daí o fato de, nesta terra de riqueza mineral sem conta, muitas companhias haverem chegado a triste resultado e tantas minas terem sido, para usar o termo técnico, trancadas.

Após uma noite agradabilissimamente tonificante levantamo-nos com a madrugada; de novo, porém, o velho cavalo lazarento havia desgarrado, os burros o haviam seguido e a aurora gloriosa espalhara calor antes que nos visse montados. O caminho caiu imediatamente no vale do rio da Prata (5) pequeno riacho num leito de areia e pedra, espaço muito vasto para a sua corrente reduzida. Vadeamos por seis vezes as límpidas águas que correm para o norte, cortamos a garganta de dois grandes vales cada um com seu escoadouro a oeste, engrossando a corrente principal e paramos para almoçar sob uma figueira nas margens do Córrego do Bação. O pequeno arraial deste nome, rico em verduras e frutas, ficava bem perto e os mineiros saíram de suas cabanas para nos verem e conversar. O vale quando o atingimos mais uma vez era coberto de areia solta e, como de costume cheio de montículos, formados pela terra escavada com barreiras de barro vermelho lavado. A outra arrancada em direção ao contraforte da esquerda foi animado pela beleza da vegetação e nossos ouvidos se deleitaram com o murmúro, vindo do vale, do fervilhar de abundantes correntes. Os pássaros eram mais numerosos; os papagaios tagarelavam de árvore em árvore, um bulhento picanço, chamado Pico-chão-chão, apitava no arvoredor, e os gaviões se espalmavam alto no ar sêco. Marchamos pois, com cuidado por uma horrível estrada de pedra calçada de calhaus, terra branca e poeira areenta, que se levantava em nuvens sufocantes. Um caminho esburacado de areia de pedra incipiente, e, aqui e ali, rudes paredes, indicavam que nos aproximávamos de uma povoação.

6 — No original está sempre "Plata". (N. T.)

Depois de cerca de seis horas seguidas de cavalgata, avistamos "Itabira do Campo" numa poncheira abaixo de nós. O rio que a divide, correndo de leste para oeste, é atravessado por uma ponte de pedra tolerável. As margens são usadas como terreiro de lavanderia, e ficam manchadas de branco, com a roupa e de preto, com as lavadeiras. Ao sul da "freguezia" ficam as capelas de Na. Sa. das Mercês e Bom Jesus de Matozinhos; ao oriente fica o Rosário. No centro da vila está a Matriz de Na. Sa. da Boa Viagem e Sta. Teresa. As igrejas comportariam toda a população, ainda que difficilmente com conforto; a maior parte das construções está em condições ruinsas.

Metemo-nos por outro caminho, íngreme e escorregadio: a rua de entrada. Havia ali boas casas, mas todas ostentavam sobre suas portas a Desolação do Entorpecimento. O calor do sol induziu-nos a apear numa venda do quarteirão de Sta. Teresa, cujo campanário com seu beiral de telhas e goteiras afastadas lembrava uma capela na Suíça. O povo era extremamente amavel e deu-nos café o mais rapidamente possível; tinham todos grandes histórias que contar, dos dias triunfantes, que se foram, em que collocaram os filhos, casaram suas filhas com ingleses e gozaram as volúpias do successo e da falência. "Itabira" prosperou com a mina de "Cata Branca" e decaiu quando ela fracassou. Os Itabirenses mantêm-se, unicamente com o mercado de Morro Velho. As lembranças dos tempos melhores difficilmente bastam para manter viva a esperança no futuro.

Prevenidos de que difficilmente poderíamos alcançar "Coche d'Agua" antes do cair da noite, e já conhecedores dos horrores dos cruzeiros brasileiros depois do escuro, numa direção desconhecida, partimos à 1 h.

da tarde. Nova estrada, uma volta para a esquerda e estávamos de novo no vale do Rio Prata. Era agora um fedelho na fase pior e menos governável: turvo, bulhento e razo. Seis milhas numa estrada boa, fóra do comum, levaram-nos a Mazagão, (6) a fundição de ferro do Cap. Manuel França. Deste lugar até nosso destino restavam sómente seis milhas, mas a ponte estava quebrada não há caminho pela margem esquerda, cheia de precipícios. Tivemos pois de ser conduzidos por uma volta inútil de uma légua e meia para oeste, noroeste e norte.

As subidas às elevações notavelmente escarpadas faziam-se por degraus de barro e pedra. O terreno, dos dois lados, estava coberto de mato sujo. Uma única casa, com um pequeno pasto, pertencente a um Pereira era a única prova de não estarmos num deserto. Só encontramos um grupo, provavelmente voltando de alguma festa de família, casamento ou batizado. As moças cavalgavam à frente de seus pais. E' assim que as fazem andar nas cidades antigas da Itália e do Brasil. O "Papai" e a "Mamãe", conservam a retaguarda e vão tomando nota com quatro olhos de todos os olhares dados e recebidos. Uma mocinha (belo tipo) de pele cor de castanha, cabelo preto azulado e olhar malicioso, vinha montada à moda masculina. E' um costume prudente, hoje obsoleto aqui, exceto entre os caipiras (7) e os escravos. Comtudo eu o recomendaria às mu-

6 — Esta palavra se espalhou pelas colônias portuguezas entre o Brasil e o Indostão, onde a escrevem *Mazaganam*, como se tivesse alguma conexão com "gaum" aldôia. O nome é marroquino e comemora a vitória cristã no porto de "Mazagan".

7 — Em S. Paulo prefero-se, "Caipira", em Minas "Caipora". O "Caypor", de Bates (I, 89), penso que é um erro de impressão. Ambos são corruptelas de "Caá" bosque e "pora", habitante. Assim a significação literal do termo é "homem do bosque" ou selvagem. "Tapuya-Caipora" seria

lheres que se aventuram pelos caminhos do Brasil; os silhões e saias oferecem realmente perigos não só às pernas como à vida.

Após trotar sobre o plateau (table land), que achamos muito pequeno, caímos por um outro caminho, longa e enfadonha descida, no vale do rio. Ao fim deste caminho os morros se inclinam para o sul e descem em ladeiras elegantes e gramadas para o norte. O caminho era um zigue-zague da pior espécie; de novo topamos o rio, já agora uma corrente na quente mocidade Aquilea,

Impiger iracundus inexorabilis acer,

uma torrente borborinhante, não bem amarela, mas dourada e escura, difficilmente vencida a nado ou a vau. Visto das encostas gramadas o correr da água era imponente, no meio dos alcantiaz é ensombrado de ár-

um Tapuya bravo; "abá-caçapora", *homme des bois*. Entre os aborígenes "caá-pora" (o não "caipora") é um espirito ou demônio que vive na floresta, um duende do bosque tido como malicioso, e gostando de roubar crianças que guarda num ôco de árvore. Em velhos autores encontramos Curupira; o velho Jesuita Simão de Vasconcelos interpreta a palavra como "demônio do pensamento", espirito da escuridão; outros "espirito do mal" em oposição a Jurupari ou Juruperi, o Demônio. Há evidentemente uma confusão física e metafísica. O Sr. J. d'Alencar explica Curupira por Curupira, criança índia e pira, má; era geralmente representado como um duende anão. Jurupari vem de Jurá, boca e apara, curvada. No uso popular Caipira se applica indifferentemente aos dois sexos e corresponde aos nossos "Essex Calves", "Kentish Long-tails", "Yorkshire Tikos" e "Norfolk Bumpkins". Um homem pôde, por espirito, applica-lo a si ou a sua família, mas os estranhos não o devem fazer. O nome civil para o homem do interior, "voyageur" (Canadá), "coureur des déserts" ou "Coureur des Bois", é "sertanejo" que os clássicos escrevem, sertanista, do Sertão, florestas do interior, "Far-West" termo que será explicado no lugar próprio. Southey (Explorations etc. III, 906) faz "Sertanejo", um habitante do "Sertão" o "Sertanista" uma pessoa occupada na exploração do "Sertão".

vores gigantescas, bosques suspensos e maravilhosas florestas virgens. Era uma cena que surpreenderia os admiradores da pobre e pequena Dart, a maravilhada Inglaterra do Sul. A ponte era pouco firme, mas aguentou-nos. Passei por uma angústia não pequena. O sol já lançava os últimos raios sobre os cumes das montanhas, tres pontas visíveis ao norte, espécie de "Tres Irmãos" iluminados pelo reflexo. A noite sucede de repente ao pôr do sol nesta altitude e nestas latitudes baixas. A encosta era desesperadamente longa, os burros estavam esfalfados, em alguns lugares, abriam-se aos nossos pés buracos de vinte pés.

Afinal, depois de muito forçar os olhos, descemos o último declive da estrada. O dia terminava antes que entrássemos, com não pequena satisfação em Coche d'Água. Encontramos então o Sr. L'pool que havia disparado na frente decidido a estar sob as cobertas antes de escurecer.

Ouso aqui dar alguns conselhos destinados a quem quizer viajar com comodidade. Subordine todos os seus pensamentos à sua pessoa. Não se deixe enfraquecer por nenhuma consideração para com o sexo ou a idade, deixando de tomar, ou ao menos tentar tomar, o animal mais forte, o melhor quarto, o último copo de xerez. Quando a cavallo, tome a deanteira, monopolize o caminho, e agrida a todos os que se aproximarem — provavelmente eles se conduzirão mais francamente daí por diante. Se um companheiro escolher um cavallo, um selim ou um freio, procure subtrai-lo — houve com certeza algum motivo para a escolha. Dé manhã, tome cuidado consigo mesmo; cubra a cabeça, embrulhe a garganta, encha as botas de algodão. A medida que o sol se levanta, descubra-se gradualmente — abra o guarda-sol e chupe laranjas, não omitindo to-

das as pequenas combinações de refeição que sua espontaneidade sugira. Nunca vá para hotel se houver uma casa particular dentro de uma légua, e acima de tudo guarde as notas. Enfim, se convidar alguém para jantar, tome nota da sua bebida na parede, olhando-o em face, de modo a poder dete-lo de outra garrafa. Sua excursão lhe custará assim 123 milreis, enquanto ao seu amigo custará no mínimo 750 milreis por cabeça.

CAPÍTULO XX

A MINA DE OURO DE MORRO VELHO

"Cultiva-se em Minas precisamente como se cultivava no tempo dos Paulistas o Emboabas".

(Rel. do Pres. de Minas Gerais para 1805 — Apêndice, p. 25).

A Vargem do Coche d'Agua (1), humilde nome para um humilde lugar, é assim chamada por causa de um poço de pedra ainda visível na casa, ora em ruínas do falecido Tenente Domingos Soares, pequeno plantador creoulo (2). O Dr. Couto (1801) mencioná-a como "sítio" e estação na antiga estrada ocidental de Ouro Preto para o que então se chamava Tejuco. É atualmente uma povoação de uns dezeseis casebres numa grotta em que cresce má cana de açúcar, boas batatas e comestíveis para a mina inglesa.

José Clemente Pereira, nosso anfitrião, havia sido presenteado por sua mulher com doze filhos que se multiplicaram em cincoenta netos e cinco bisnetos. A família enche o lugar. Estas "almas creadoras" e

1 — Caldeclough (II, 269) escreveu Coxo de Agua e o Almanak Coxo d'Agua. O leitor já terá notado que a etimologia (está assim no original, N. T.) já notavelmente rica lingua portugueza ainda não está assente. É natural tratándose de uma lingua falada desde o alto Amazonas até Macau e Japão. A cissão da letra final da particula genitiva é extremamente arbitraria.

2 — A expressão Creoulo ou Creólo applica-se no Brazil aos negros e cousas crescidas na terra, mas tambem a pessoas nascidas no Império, mas não de sangue mestiço.

cidadãos produtores para a comunidade crescem aqui, como em qualquer outra parte de Minas, em progressão mais geométrica do que aritmética. Voltarei depois ao assunto. Queríamos todos dormir como mortais merecedores de descanso; mas o ar da noite estava frio, úmido e penetrante, a pobre bisavó estava muito resfriada e Negra, minha cadelinha, ressonava terrivelmente até ficar completamente intoxicada pela cachaça, que nela derramamos de propósito.

Expliquemos o que é cachaça antes de entrarmos em casas civilizadas onde a palavra e a coisa são igualmente abomináveis.

Cachaça ou Caxaça, a cachass dos estrangeiros é a "tafia" dos escritores franceses, bela palavra propositadamente abandonada, como a espanhola "tortilla" que quer dizer "bolo". É a genebra, a "kwass" do Brasil. A espécie mais comum é destilada dos melãos refugados e dos pingos do açúcar clarificado, passados num destilador (3) velho como os morros e cheio de azinhavre. O óleo volátil peculiar ou éter não é retirado da superfície; o gosto é de cobre e fumaça — não Glenlivet (4) — em proporções eguaes, e quando a "catinga" ou fedor empesta o espirito não pôde mais ser tirado. (5) Teria aliás tanto valor na Europa como a aguardente de trigo do Canadá e a aguardente de batata de Hamburgo da qual se faz o verdadeiro Cognac. Há duas qualidades de cachaça: a

3 — Chamado arcaicamente alambique.

4 — Whisky escossês, que tem o nome do lugar em que se fabrica. (N. T.)

5 — Um processo mais cuidadoso evitaria provavelmente grande parte d'este inconveniente. Atualmente o aquecimento e resfriamentos imperfeitos da máquina rústica, causam a cor empírcumática. Nunca pude acender uma lâmpada de álcool com a segunda destilação. Muito menos com a primeira.

comum, feita da cana Caiena (6) e a "Creoulinha" ou "Branquinha" a velha produção da Madeira; a última é preferida como mais fria e menos prejudicial. A aguardente, disse o Dr. Johnson, é bebida de heroes, e aqui os homens bebem heroicamente sua Cachaça; o resultado é a hepatite, a hidropsia e a morte. Os estrangeiros costumam a se acostumar com o cheiro, mas o homem, uma vez dado a ela, pode contar com o "delirium tremens" e um túmulo precoce. O seu emprego licito é no banho depois de insolação ou para livrar-se do incômodo das mordidelas dos insetos. O hospedeiro brasileiro geralmente manda uma garrafa dela com a tina de água quente.

A "Caninha", ou "Cana" em espanhol, é um produto superior, feito do suco de cana fermentado em tubos azeños. É o nosso rum, e quando é guardado por alguns anos, especialmente debaixo da terra, adquire um aroma que lembra o da Jamaica. Os velhos viajantes preferem esta "Pinga" ao gin venenoso e aos cognacs alcoólicos que encontraram curso na terra; como a garrafa se vende por um penny ou dois, não há motivo para falsificação. Bebido com moderação, especialmente em manhãs frias e tardes úmidas, faz mais bem do que mal. O povo tem preconceitos contra a sua mistura e prefere o sistema chamado do

6 — "On a d'abord cultivé dans le canton la canne de Cayenne, mais quant on a connu celle de Toité, on lui a donné la préférence". (prince Max, I, 83). A maior parte dos escritores declarou que a Caiena foi trazida do "Otaheite"; em cerca de 1832 esta cana de Otaheite foi introduzida na Louisiana e Flórida que tinham primitivamente a cana de fita (Ribbon cane), a "creoula" do Brasil. O autor acima citado conta que nos seus dias a qualidade mais comum era chamada "aguardente de cana" (em opposição à água ardente do reino, i. é., rum, gin, cognac etc.); quando melhor destilada "aguardente de mel", e a melhor "Cachaza" ou "Cachassa", (ambas as grafias são erradas. Estas expressões são hoje completamente obsoletas.

"Kentucky drink" ou do "midshipman's grog" (do guardamarinha) (7). Derrama-se em louvores a ela, declarando que refresca o calor, aquece o frio, seca o úmido, e umedece o seco. Quando é que o homem precisou de um pretexto para um góle?

O "Restilo" é, como o nome o indica, uma redistilação seja da Cachaça, seja da Caninha, e isto tira o aroma desagradável do espírito do melaço. Esta forma é pouco conhecida em S. Paulo; em Minas é a bebida popular e o lavrador chama-a jocosamente Vinho Brasileiro; é preferida, com razão, às más bebestragens importadas por enorme preço da "Península". Há ainda uma terceira distilação, o "Lavado". Dizem que é tão forte e tão anidro que se é atirado para o ar desce em pequenos borrifos e quasi se evapora. Não é distilado, porém, em cal morta; nunca se torna assim alcohol absoluto. (8)

Os efeitos desta aguardente sobre a população e a frequência das "cachaçadas", ou brigas por bebedeira, muitas vezes terminando em tiro ou em facada, serão encontrados e noticiados nas páginas seguintes.

Eram 5,15 da manhã, de Sábado, 19 de Junho de 1867, nona etapa desde Barbacena e décimo sexto dia desde a nossa partida do Rio de Janeiro, quando chamaram-nos para partir, e medir a nossa última

7 — O Sr. Walsh (II, 8) dissorta gravemente sobre "Cachaça": "informou-me nesse hospedeiro que tra um saudável e excellento cordial quando tomado puro; mas proveu-me contra sua mistura com água". Apesar desse claro aviso o viajante experimentou-o então misturado e proclamou-o uma bebida de nenhum modo desprezível.

8 — O restilo é o melhor afim de conservar especiees para colleções, mas ataca as cores delicadas da cobra coral, por exemplo. E' por isso que se torraram correntes descoladas er'ôneas. Se se usa cachaça, o liquido precisa ser mudado após alguns dias.

marcha. Uma bruma espessa e branca tornava pouco nítidos os contornos da lua. E' isto aqui um sinal de frio e não de chuva. Nosso escoteiro (9), porém, conhecia cada polegada do terreno; seguimo-lo com plena confiança sobre uma ponte há pouco concertada, morro acima e morro abaixo como azeite de palma, e atravez de raros e pequenos trechos planos onde o vale, que aqui rodou de leste para o norte, se alarga. Chamo de novo por gentileza de vale a este sulco que parte a cadeia de montanhas em duas serras meridionais; à sua direita apinham-se os contrafortes mais occidentais da "Serra Grande", ou do "Espinhaço", emquanto o fianco oriental da serra, ligando o pico de Itabira com o seu cume irmão, Curral d'El Rei, guarnece a esquerda.

Lúcifer rutilava no ceu, entre o crescente e o horizonte, brilhante como deveria ser o arauto do sol nos planaltos do Brasil, e o ar se tornava sensivelmente mais frio. A luz pálida e amarelenta da madrugada tornava-se fracamente verde; em pouco, rubros reflexos riscavam os trechos das regiões de nuvens, e o alegre Cardeal (10) começou a chilrear suas matinas. Lá estava de novo à nossa esquerda o pequeno riacho, o fedelho de ontem, o quente joven da véspera, já agora transformado em Rio das Velhas, e com os sinais da sua idade média: uma respeitavel torrente, correndo rápidamente tres milhas por hora, espaiando-se largo como o Tamisa em Richmond, sem desconhecer a canoa e prestes a receber e ver estabelecido o vapor. Dr. Couto chama-o o "Vermelho Rio", mostrando que as margens eram então muito lava-

9 — Em português no original. (N. T.)

10 — Um bolo Tangara (*Tanagra episcopus*), aqui chamado Cardinal.

das e lavadas por ouro; agora são de cor amarela de lama.

Uma hora a cavalo, terminando com uma ladeira a pino, levou-nos ao arraial e freguezia de "Sto Antônio do Rio das Velhas" (11). Seu dia de nascimento é ignorado. Deve ter sido no tempo em que Batataí (12), o Soco, o Engenho de Água e as Minas de Papamilho davam abundantes produções de ouro. Em 1801 tinha cem casas, em 1820 a população foi avaliada em 1200; em 1847, o Sr Silva-Pinto (13) deu-lhe 1.086 e o Almanaque (186—) aventa 1.300, cálculo baseado nos 115 votantes e tres eleitores. Actualmente conta cerca de quarenta e cinco construções, espalhadas pela margem direita do rio. Encontramo-la uma vila de mortos, adormecida; em vão os burros estacaram espontaneamente na costumeira venda e no rancho particular da Companhia. A pequena Matriz estava silenciosa, muda, e também a capela filial — não tínhamos nenhum desejo de perturbar os seus écos. A vila tem lojas e oficinas; alimenta e cultiva "alguma cousa", mas o preço do transporte impede a exportação. No Domingo, quando a freguezia se reúne para discutir seus escândalos e para cumprir a sua devoção, galvaniza-a uma espécie de vida e, às vezes, um mineiro de Morro Velho embriagado anima-a com um espetáculo, terminando com uma "dança de todos os personagens".

A hora seguinte se passou numa estrada lama-

11 — Allás Sto. Antônio do Rio Acima, assim se distinguindo do Sto. Antônio do Rio Abaixo, outra vila.

12 — Este nome, comum nas províncias de Minas Gerais e S. Paulo, significa que os torrões de ouro aí encontrados eram tão comuns como as batatas doces.

13 — O trabalho deste cavalheiro foi-me prometido em Ouro Preto. Infelizmente quem prometeu esqueceu de manter a promessa.

centa que na época das chuvas se transforma na matriz de uma pequena mina de ferraduras. Foi ultimamente concertada e em parte renovada pelo Engenheiro Civil Gerber, de Ouro Preto. Os tropeiros, como de costume, preferem os velhos caminhos familiares, consequentemente ambos os caminhos são abomináveis. Ao fim da légua surgiu-nos, na margem esquerda, uma igrejinha caída, Sta. Rita. No rio havia pilastras, outrora uma ponte, construída por quem desconhecia a arte e o mistério da construção de pilares. Além deles fica a Mina do Morro da Glória, pertencente a cinco proprietários; as piritas bem esmagadas por seis cabeças das velhas "câmpas" brasileiras, contém $5/8$ de onça de ouro de 21 carats, por tonelada. Aqui fica também a Mina do Morro de Sta. Rita, outrora lavra aberta, agora desmoronada, bem fechada e inexplorada.

Dizem que Santa Rita fica a uma légua de Morro Velho, se assim é, trata-se da légua mais comprida que já percorri. Em frente dela, a Estalagem, um grande rancho, conduz à Mina de Sta. Rita, de propriedade de D. Florisbela da Horta, viuva que explorou sua propriedade com a energia brasileira dos primeiros dias. Esta lavra ou lavagem, que é ainda às vezes lavrada, é em parte de pirita, e contém também óxido de ferro castanho aurífero, com folhas de quartzo. O ouro é extraído de uma rocha aberta como uma pedreira, depois esmigalhada e finalmente coada. A perda de negros era grande, o Dr. Walker, terceiro superintendente de Morro Velho informa-nos que num tempo excepcionalmente curto, vinte e quatro dos quarenta homens acostumados morreram de disenteria e inflamação do peito.

O leito do rio é aqui entulhado de lagedos em forma de túmulos e massas de arêia, grossa e fina, e em geral cheio de vegetação fina, tecida pela mão do Tempo desde 1825, quando estas lavras entraram em decadência. A matéria dura, ferruginosa, aqui chamada marumbé (14) escurecia o solo. Voltamo-nos então bruscamente para a esquerda da estrada de Sabará e atravessamos o Rio das Velhas pela ponte de Sta. Rita. Tem 270 pés de comprimento, com nove arcos sustentados por armações ou cavaletes. As vigas são reforçadas e impedidas de se curvarem por meio de correntes diagonais. Construída em 1853, foi frequentemente reparada pela companhia inglesa; em 1859 o Sr. Gordon, deu-lhe a última demão; desde então dois postes sustentadores cederam, fazendo uma feia curva. Um arrimo, ou peça de sustentação de madeira, colocada sobre a peça do extremo remediará o defeito. Mas a Câmara municipal gastaria os domingos de um ano inteiro para pensar e discutir a matéria.

Alem da ponte, surgem aqui em suas afirmações a energia e o capital do norte. A tres milhas de Morro Velho, começa a propriedade de "Fernão Paes", comprada em 1862 pela grande companhia por 11.583 libras. As minas, na maior parte piríticas, são as de Gaia, Guabiroba (valioso terreno), Samambaia, Serviço Novo, Mato Virgem, e outros depósitos menores. Os novos proprietários abriram uma estrada de vinte pés, lançaram uma linha de troles, para trazer minério aos pilões e abriram um rego atravez de um solo muito duro; o lugar do pilão foi excavado, o viga-

14 — O Dr. Couto opina que esses marumbés ou marumbis, que ele escreve "marombés", são minério do cobre, do espécie cinzenta. Mas com certeza ele estava com o cobre na cabeça.

mento está se armando, de modo a começar o trabalho imediatamente e a velha casa grande à direita do caminho foi reformada para os mineiros ingleses; suas vozes nortistas e fortes acolhiam nosso guia desde longe.

Corremos numa pequena distância pelo vale do rio abaixo. Espraia-se este para a esquerda; e apresentava aqui sinais ora de um sossobro, ora de uma enchente regular até o sopé do morro. Parte deste terreno pertence à companhia e parte não, o que, para falar moderadamente, deve ser uma atrapalhação. Vencemos então uma elevação de barro vermelho, serpeamos por uma inclinação abaixo, de formação semelhante, e vencemos um outro espinhaço justamente chamado "Monte Vidéo" (15). Esta Bela Vista dá-nos a primeira visão de nosso destino e alegra-nos o coração. Bem em frente, altêa-se o paredão terminando no pico do Curral d'El Rei, ostentando sua cruz de madeira. Num horizonte mais próximo e mais baixo, ergue-se Morro Velho, também coroado de cruz e sustentando em seus ombros escuros "Tini-buctoo" e "Boa Vista", os bairros negros, caiados e de telhados vermelhos. (16) Aos nossos pés está a concavidade ocupada pela pequena cidade de Congonhas, cuja situação é uma mistura irregular de altos e baixos, semeada de igrejas e vilas, com jardins e pomares e embelezada com a linha do rio de prata. Na cadeia da direita está a fazenda da Bela Fama, em que a companhia mantém a sua grande tropa de burros usados no transporte de mercadorias e provi-

15 — A derivação popular é Montem Video — "Vejo um monte" e não Monte Video, Anglicê.

16 — Aqui chamados pelo nome africano "senzalas".

sões. À esquerda estão outras cadeias e outros picos que veremos agora para melhor apreciarmos.

Não pôde haver nada mais suave do que este panorama numa manhã bela e clara. Mas os que primeiro desceram na bruma de Monte Vidéo, estremeceram à entrada da Staffordshire Brasileira — uma terra Negra. O leito da estrada tinha a angulosidade de uma cumieira. E em pleno barro vermelho há uma mancha de chisto argiloso finamente pulverizado ou lama pegajosa, cousa que de longe parece um vasto manto. A matéria corante é uma insignificante porção de piritas de ferro sem ouro; o barro é útil pelos pigmentos de plumbagina corada. Na Europa este mineral é empregado na produção do ácido sulfúrico e para servir a muitos fins tecnológicos.

Tanto a fita vermelha como a fita preta podem ser evitadas abrindo-se uma estrada de 1,25 milhas pelo vale do rio, abaixo da ponte de Sta. Rita, e margeando então o Ribeirão de Morro Velho (17). O último é o curso d'água principal, o zig-zag natural, e o melhor modo de se aproximar da grande mina, que certamente merece uma estrada de rodagem em vez do caminho de burro atual.

Um caninho profundo, escavado, com remanescentes de pedra de uma ladeira antiquada, algumas cabanas, a pequena capela do Bomfim e a casa grande de um contratador de carvão de lenha, conduzem à cidade. Entramos ruidosamente pela ponte do ribeirão retinindo pelas pedras escorregadias em forma de rim, com suas negras camadas de ferro, que pavimentam a pequena e adormecida velha povoação. Rara-

17 — Primitivamente Ribeirão do Congonhas, que correndo do oeste para leste, foi desviado para o serviço e drena a mina Inglesa. N. A. (Congonhas de Sabará é a atual cidade de Nova Lima. N. T.).

mente desperta-se aqui antes das 8 horas da manhã, enquanto a poucas centenas de jardas adiante, centenas de homens trabalham noite e dia; os poucos cidadãos em pé, estavam provavelmente meio despertos, pareciam de muito mau humor e nem um chapéu foi tocado com os dedos.

“Nossa Senhora do Pilar de Congonhas de Sabará” — (os noíes aqui são compridos, parece que na razão inversa da importância do lugar ou da pessoa nomeada) — ainda que muito sonolenta, é passavelmente limpa, e apresenta uma tal ou qual aparência de prosperidade. A praça principal tem algumas casas de dois pavimentos ornamentadas e os dignitários locais deram-se ao trabalho de construir o essencial à vida de uma cidade brasileira: (18) o teatro, decrépito ainda que sómente com cincoenta anos de idade. A Matriz, reformada pelo falecido Fr. Francisco de Coriclano, apresenta uma fachada de tres janelas e um frontão encimado por uma cruz; os campanários têm tetos suíços em rabo de porco nos cantos, voltados para cima, segundo a moda de Macau, na China. Será possivelmente uma derivação inconsciente da imagem ardentemente adorada pelos pagãos de Pomeco e Tlascalla. Na porta de entrada há uma bela tela pintada com as cenas da paixão. A nave tem as quatorze estações da cruz encrustadas na parede.

O comércio floresce em vinte lojas, incluindo um laboratório e algumas farmácias. Os homens do interior do Brasil, com os do Oeste dos Estados Uni-

18 — Creio que o Brasil, com cerca de um terço da população da Inglaterra, tem o mesmo número de teatros — 166. Só poderemos falar mal deles quando tivermos feito progredir os nossos.

dos, não são como os bananas da costa: (19) ainda usam a pílula do jantar dos nossos antepassados, e os "persuasores peristálticos" do Dr. Kitchener. Não pode isto em parte correr por conta do espírito tao tenax proposit, com que ambas as nações arrostraram guerras durante anos, quando nós soluçamos aborrecidos da luta e afligimo-nos de saudades de casa após poucos meses de campanha? O boticário nestes lugares não é nunca pobre. Drogas de má qualidade que valem 200 £ dão-lhe 2.000 £, e lhe garantem a subsistência. E' curioso contar: há homens que têm tratamento gratuito pela companhia e preferem a "Botica".

Congonhas se restabeleceu da "décadence et abandon" em que St. Hilaire a encontrou há quarenta e sete anos. Construída pela mineração, caiu com a mineração, e pela mineração foi ressuscitada. Em 1830 abrigava 1390 almas; em 1840 cerca de 2.000, com tres igrejas, uma inacabada em ruínas; em 1847 (Sr. Pinto) 913, não incluindo Morro Velho, está claro; em 1864, 6 eleitores, 211 votantes e 4.000 almas, incluindo 1.000 mineiros. Desde aí o número, por certo, não caiu.

Da praça, voltamo-nos à esquerda, forçados por uma feia e pedregosa ladeira, que se eleva ousadamente em frente, atravessando a elevação que separa os vales de Congonhas e Morro Velho. Na estrada parcialmente calçada havia um belo armazem e o Hotel Congonhense, onde o Sr. Gehrcke, velho alemão falando inglês, empregado da Companhia, recebe os que não têm cartas de apresentação. Há aqui

19 — Os "alfacinhas" (cocknoys) do Rio de Janeiro, são assim chamados pelos ousados Paulistas. O uso abundante de purgantes no interior é assinalado, pelo "Sistoma".

também um italiano pintor de retratos, vive de sua arte. Muito acima de nós à direita, está a Igreja do Rosário, cheia, mesmo sem haver festa. A fachada escura e sem torre do templo em ruínas, tem um aspecto sombrio. As suas pedras lembram trechos de baluarte; uma corôa de Portugal inacabada e um lugar vazio para as Quinas, em baixo, narram a sua história. A nave e a capela-mór rebrilham com a caiação, a ornamentação é pobre e de cores vistosas, ao gosto dos negros.

Mais abaixo, à direita, fica o armazem dos Senhores Alexander e filhos, que fabricavam a própria cerveja — chamada "Inkermann". O açúcar de rapadura dá-lhe um sabor mais agradável do que a mais picante cevada escocesa e já escorregou em muita gente forte com a mesma facilidade de uma caneca russa.

A cerveja, que o antigo Egito, mesmo sem conhecer a branca, preferia visivelmente ao vinho, devia ser fortemente protegida em Minas em oposição às bebidas espirituosas, especialmente a cachaça. O Sr. Henry D. Cocking, do Departamento dos Ferreiros, faz cerveja em casa; precisa, porém, importar o lúpulo. A julgar pelo sucesso dos alemães no oeste de S. Paulo, aqui também florescerá o belo tônico. Em frente aos Srs. Alexander fica o grande rancho de Mello & Co. em que os mineiros pretos fazem suas compias; adiante fica o hospital velho com seu jardim ocupado agora pelo capitão mineiro Andrew, e pelo Sr. Antônio Marcos da Rocha, outrora empregado da companhia Gongo Soco, e hoje "Explorador de Matos e Florestas" em Morro Velho. A estrada é protegida por troncos de árvores colocados obliquamente, atravessados, e recobertos de barro para servirem de escoadouro da água. É este artifício muito comum nos

planaltos do Brasil, e em alguns lugares, especialmente em S. Paulo, os cavalos devem passar por cima de um tronco a cada passo.

O panorama próximo se torna aqui mais do que belo. A descida corre por uma avenida de coqueiros, cujas drupas grandes, como uma vintena de cachos de uvas, se penduram de seus pescoços. De cada lado fica um prado de capim de Angola (*Panicum guineense*). Cada folha é verde forte com oito polegadas de comprimento, por uma e meio de largura. É plantado em moitas à maneira da cana, e na estação fornece tres toneladas por semana de forragem doce e succulenta. Infelizmente este belo lugar é um verdadeiro fóco de difteria. Acima do prado e dominando um morro vermelho-amarelo, fica o presbitério do Reverendo Armstrong, branco e limpo como sua gravata. As janelas de arcadas maravilhosamente finas e uma cruz ultra original distingue a capela das vilas espalhadas e das filas de casas.

À direita, próximo à margem do Ribeirão, os montes e bancos de minério cinzento indicam os "Trabalhos de Praia" (20). Uma pequena linha de bonde, de 800 jardas de extensão cortando as colinas e cruzando um par de pontes, com um pesado aterro e cortes, na extensão de 788 braças quadradas, liga-os aos serviços centrais e transporta aos pavimentos, já em fragmentos, a "mina pobre" para ser explorada no caso de um acidente fechar as minas superiores. Também "bicames" (21) ou canais, com grande carreira de inclinação, conduzem o pó do minério ou refulgos depositados. A máquina que os beneficia corre

20 — Voltarei a estes trabalhos de praia no capítulo 26

21 — Do "bicam".

põe-se igualmente de duas rodas e pilões abrigados sob uma comprida construção coberta de telha.

Subimos um pequeno monte — último —, gratias! — e passamos por um limpo bungalow anglo indiano, ocupado pelo Sr. James Smyth, superintendente do departamento negro. Do outro lado do barranco do ribeirão ficam barracas escuras indicando as escavações de Mingú, piritíferas como o veio principal. Adiante ficam o grande novo Hospital e o quarteirão médico em que residem os Drs. M'Intyre e Weir.

A "Tranquillity House" (casa da tranquilidade), tem a mais bela das perspectivas, porem, mais belas, ah! bem mais amáveis são os encantos de "Galashiels" diz o Dr. Weir, que, com filial reverência pendura à sua parede uma gravura da sua rústica aldeia escocesa. Ainda adiante fica a capela católica, literalmente coberta de cruces. Como isto escandalizaria os primitivos cristãos! O norte do vale é o "Morro Velho"; uma linha vermelho-escuro na sua encosta do sul mostra o lugar em que os proprietários brasileiros acharam o primeiro ouro e algumas cabanas foram soterradas por uma barreira. A grande cruz negra foi erguida por Mr. Gordon, para aliviar o fardo de sua gente. Antigamente, em dias ordenados pelo padre, o povo fazia peregrinações por tres ásperas milhas até o alto de Curral d'El Rei. O Morro Velho ostenta um magnífico panorama, mas no mato sujo, o rei dos carrapatos instalou sua corte, e aí ficará até ser expulso pelo capim Baama, ou outra vegetação imigrante semelhante.

Deixando para a esquerda, numa elevação, o grande barracão branco da companhia superintendido pelos Srs. George Morgan e Matthew, encontramos a

“Casa Grande”, que não se deve confundir com as “Casas Grandes”, do Vale de Gila. Aqui fica a sede da Superintendência, com telhado vermelho, pintada com o amarelo oficial, com trepadeira, e tendo em frente uma varanda construída para receber Sua Magestade o Imperador. Para oeste, e em ângulo reto, fica o sobrado, que serve de casa dos hóspedes, e onde pretendíamos demorarmo-nos em visita por uma semana, mas onde devemos agora gastar um agradável mês em passeios, numa vadiação proveitosa, “a melhor das bençãos terrenas”. Este anexo para hospedagem é sempre encontrado em todos os estabelecimentos à moda antiga no Brasil e nas cidades do interior. Ainda agora, ninguém toma casa em que não haja quartos separados onde amigos e estrangeiros possam ser hospedados.

O panorama espanta meu olhar estranho. É uma mistura do Petrópolis brasileiro e do Neilgherry Ootacamund; há algo de inglês, nos cottages limpos, tendo à frente canteiros em filas e o ribeiro escuro, cor de ardósia; um tom de Suíça no céu alto e claro, e as malhas amarelas dos caminhos dos dois lados do vale. Mas, estaremos mesmo nas proximidades da grande mina? Onde estão os sinais do costume, a fumaça venenosa, a vegetação de verde fuliginoso? Em torno de nós só há pontos de verdura variada, aqui, uma fila de gigantescos aloes, como a socotrina, cujas bandas auri-verdes deram-lhe no Brasil o nome de Arbusto da Independência. Ali está um cedro, único sobrevivente de sua antiga e nobre raça, provando que este vale foi outrora coberto, como o resto do paiz, de floresta virgem. As esplêndidas corolas brancas níveas da *Datura*, chamada pelo povo “Figueira

do Inferno" (22) dependuram-se de massas virentes de doze pés de altura; o uso fatal das sementes, tão comum na India, em que uma casta de envenenadores profissionais é chamada "Dhaturiyah", cabe aqui aos negros. As melastomáceas, de várias espécies, variam de tamanho, de um simples arbusto a uma árvore alta. A Flor de quaresma, ou Lentem flower (*Lasiandra mutabilis*) (23) é linda em cachos brancos, côr de rosa e roxos. As brácteas côr de malva da *Bougainvillea* brasileira, aqui de tamanho descomunal são dominados pela *Fuchsia* selvagem, brilhante, de flores do mais vivo escarlate, enquanto as mais humildes produções da Inglaterra são igualmente derrotadas pela maravilha e o esplendor dos trópicos.

Como viajamos durante quatro horas, estamos esfomeados como caçadores, e assim, com mais um olhar de admiração para as exterioridades, dissemos "au revoir" ao nosso bom chefe dos cavalos e aos burros e entramos na casa hospitaleira. Após a mais calorosa recepção, sugerimos um almoço, que não se fez esperar.

22 — Este o "tromboleira" são os nomes geralmente dados a todas as variedades da *Detaria Estramonium* ou *Stramonium*. O arbusto comum é a *Brugmansia candida*. Foi provavelmente introduzida em Minas, vindo do Hindustão.

23 — A casca desta árvore é usada para tingir de preto.

CAPÍTULO XXI

NOTAS SOBRE A MINERAÇÃO DE OURO EM MINAS GERAIS

"Quando a população for mais considerável e os Brasileiros souberem explorar as suas minas de maneira regular, obter-se-ão lucros que não se poderiam conseguir hoje sem fazer imensos sacrificios".

(Eschwege — *Pluto Brasiliensis* — 78).

Secção I

OURO

Os viajantes brasileiros da época pre-californiana, St. Hilaire (1) e Walsh, por exemplo, crendo firmemente que a mineração deve sempre ir para o Demônio, entusiasmavam-se em gabar estas tolas pseudo-virtudes: o desprezo do ouro, a frugalidade, a simplicidade, a satisfação. — "La pauvreté, sa mission dans

1 — "As minas de ouro descobertas por alguns homens audaciosos e empreendedores; enxames de aventureiros estabelecendo-se em busca das riquezas anunciadas, com todo o excesso de esperanças e de desejos: uma sociedade formada no meio de todos os crimes reduzida a uma aparência de ordem pela lei militar e amolecida pelo sol ardente e pela efeminada indolência do clima; alguns momentos de esplendor e prodigalidade, uma melancólica decadência e ruínas — eis uma breve história da Província de Goiás: tal é o curso dos acontecimentos em quasi todos os paizes possuidores do ouro". (St. Hil. III, t. 368-9).

O sentimentalismo é, por se, irrefutavel; é para o senso comum o que a metafisica é para a fisica. Mas o estimavel autor se esquece de que Goiás, exemplo do Brasil interior, teria

l'église", e assim por diante. Moralizavam como S. Paulo e Plínio, ad libitum, sobre os malefícios que o ouro tem feito à humanidade, e especialmente sobre os males que a exploração do ouro trouxe a Minas e outros lugares, revolvendo uma vasta extensão de terra, e desviando a indústria de pesquisas mais profícuas e duradouras. Adotavam o ponto de vista sentimental do metal. Mamon, ainda olhava para o ouro pisado do pavimento do céu. Lembravam que "somente o ouro move a paixão", "auri sacra fames", "aurum irrepertum", "et sic melius situm", "auri sanies" e a "ruína para a raça humana", enquanto esqueciam que o minério precioso é um simples produto de comércio como madeira, trigo e vinho. Esperavam provavelmente que os homens cultivassem miseráveis batatas quando em suas terras cresciam guinéos em ouro e diamantes. Queriam provavelmente que o camponês atirasse ao rio o ouro e o diamante, de acordo com seus princípios filantrópicos. Citavam a decadência das cidades e vilas de mineração como se a causa da ruína fosse o terem desorganizado as entranhas da terra — um "desígnio da Providência." — Mesmo o civilizado Castelnau lamenta "as frioleiras da vaidade humana", que dão valor ao diamante, ignorando o fato de não ser ele mais do que uma moeda do mais alto valor e uma cédula indestrutível.

Mais ajuizados em sua geração foram os escritores brasileiros, que consideravam o mineiro, como

permanecido um luxurioso desperdiçoso, dominado por índios canibais, se não tivessem as suas minas atraído os colonos. Ignorava ele o fato de terem os esforços daqueles homens lançado os fundamentos de uma vasta superestrutura de progresso, dominando a ferocidade da natureza e libertando a posteridade da servidão das necessidades meramente animais? Assim em nossos dias a Califórnia deserta, tornou-se, pela mão dos pesquisadores do ouro, a grande produtora de vinho do Oeste.

o lavrador, um dos pilares gêmeos do Estado. Atribuíram eles com razão, a decadência dos cogumelos que foram os estabelecimentos minerais, à ignorância da ciência física, e aos manejos de um sistema político destrutivo. Antevêm o dia em que a mineração profunda deixará mais terras à agricultura. Também sabiam eles que a terra é aqui uma droga, e que os terrenos minerais são, em regra, impróprios à agricultura. E repelem as objeções contra as minas de ouro e mineração tão rapidamente quanto se fossem levantados contra minas de carvão, cobre ou chumbo.

Estes capítulos mostrarão espero, que a exploração de ouro e diamantes não está senão no início em Minas Gerais e mesmo em todo o Brasil. Martim Afonso de Souza, depois de tocar em Pernambuco, ancorou em 12 de Agosto de 1531, ao largo da ilha de Cananéia, agora chamada Ilha do Abrigo. Aí encontrou um certo Francisco Chaves, conhecido como o "Bacharel", de quem se diz ter trintanos de vida na praia. Foi este que lhe informou abundar o ouro num interior não remoto. O grande navegador despachou a 1.º de Setembro do mesmo ano um grupo de oitenta homens, comandados por Pedro Lobo. Esta primeira bandeira (2) foi destruída pelos bárbaros carijós e tupis; uma

2 — "Bandeira" é primeiramente, um pendão; secundariamente, uma tropa sob um pendão. A palavra ganhou larga aceção em S. Paulo, que, entre 1550 e 1750, enviou para o interior estes temíveis comandos que exploraram e conquistaram o interior. Southey (I, 43) deixou uma narração lamentavelmente truncada da primeira bandeira: "Martim Affonso fez uma infrutífera expedição para o sul do interior, em busca de minas, da qual voltou com perda de oitenta europeus". O grande capitão, que parece nunca haver fracassado, velejou de Cananéia em 26 de Setembro de 1531, explorou o Rio da Prata e não voltou ao norte até Janeiro de 1532. No "Discurso preliminar" anteposto pelo Sr. J. B. Eyriès às viagens do "João Mawé", lemos (p. XVI) "Foi em 1577 que se encontraram as primeiras minas deste metal". É comum o erro de se afirmar que o ouro foi encontrado em Jaraguá, montanha à vista da cidade de S. Paulo.

segunda partiu para punir os selvagens, e assim a extração seguiu-se rapidamente à descoberta do precioso minério. Contudo, pode-se dizer com razão, que durante estes tres séculos e um quarto, nada se fez em comparação com o que resta a fazer. Na Califórnia, sabemos pelo Sr. J. W. Taylor que "não obstante a eficiente aplicação da força hidráulica e outras máquinas aperfeiçoadas, a produção de ouro de lavagem (3) decresceu de sessenta milhões de dolares em 1853 a vinte milhões em 1866". Na maior parte da Austrália também, as superfícies de lavagem se esgotaram e os homens de picão e bateia tiveram que ceder lugar às companhias com máquinas e grandes capitais. O Brasil tem ainda muitos depósitos não descobertos, mas sua grande riqueza jaz profundamente encerrada no sub-solo.

As explorações de ouro de Minas Gerais, e especialmente as de Morro Velho, corrigem um erro popular. Lembro-me, como, há alguns anos, um notável presidente da Sociedade Geológica costumava comparar a formação do ouro com uma mão com os dedos voltados para baixo, supondo-se que, com os outros metais, se dá o oposto: pouco em cima e muito inferiormente (4). A Generalização do Dr. Couto é também, creio eu, baseada em dados insuficientes, quando sustenta a crença favorita de Lehmann (5): de que o

3 — Os depósitos de ouro não são mais sujeitos a se tornarem empobrecidos na profundidade do que os veios metalíferos comuns. (Mr. J. A. Phillips, "A Mineração e Metalurgia do Ouro e da Prata" — *The Mining and Metallurgy of Gold and Silver* — Cito de uma revista). O mesmo erro, parece, prevalecer com referência aos depósitos de estanho da Cornwallha.

4 — *Art. des Mines* (J, 11). A teoria sustentada no Brasil era de que o barro macio e amarelo secava gradualmente, amadurecia, e aumentava em ouro.

5 — As falhas e deslocações que cortam e interrompem os veios metalíferos, e que são consequentemente posteriores em data, frequentemente os interseccionam em ângulos retos.

sol é o principal agente da alquimia do ouro, asseverando que as minas jazem aqui nos flancos orientais das montanhas e raramente em outras direções. Por outro lado, aqui, como na Cornoalha, a tendência de uma direção leste-oeste dos veios metalíferos já foi notada. E' explicada popularmente pela direção "geralmente para oeste das correntes voltaicas, ligadas à direção em geral meridional da agulha magnética". No Brasil também as cadeias de montanhas auríferas são geralmente meridionais. Plínio (XXXVII, 15) está pois certo quando assegura que o diamante, (se é que o seu hexaédrico "adamas" não é o corindon e sim o legítimo diamante), é quasi sempre encontrado próximo do ouro. E podemos notar ainda que, nesta região do Brasil, pelo menos, o ouro é invariavelmente acompanhado de alguma forma de ferro. O mesmo se pode dizer dos diamantes.

Os depósitos de ouro de Minas Gerais podem ser divididos em três formações, todas produto de rochas primitivas e metamórficas. (6) São elas:

- 1) Quartzo ou ouro de cascalho (7)
- 2) Jacutinga; e
- 3) Formações piríticas

Todos os exemplares de ouro de quartzo que me foram mostrados lembraram-me imediatamente os da

3 — Os veios de quartzo aurífero na costa do Pacifico provaram que os depósitos de minérios, não se confinam na época siluriana, como sustentava Sir Roderick Murchison, mas também se estendem ao período jurássico. Não encontrei fósseis que pudessem determinar a data das rochas de Minas.

7 — Cascalho, ou "pedra de cascalho", quando grande "cascalhão", é uma pedra áspera composta de diversas variedades de quartzo e que se supõe matriz do ouro e dos diamantes. Posso sugerir que seja, o "segullo espanhol", o Segullum do Plínio: os dielenários, porém, geralmente derivam do de "quassus" e "calculus", fazendo o sinónimo do "pedregulho". E' sempre arredondado e rolado pela água, opondo-se ao gorgulho

Califórnia e da costa da Guiné, e os trabalhos que vi no Rio de S. Francisco eram os mais rudes de se descrever. Os brasileiros dividem-nos em tres espécies. O primeiro é o Ouro do Rio ou do Córrego. É ora suito, ora depositado em camadas de seixos, ora em bolinhos e batatas de quartzo, pedra de areia, granito, gnais, Ta-columita, chisto talcoso, ou o conglomerado charado "Canga" (8). Este ouro, sendo depositado em épocas diversas pela "chuva e pelos rios" estende-se na superficie até doze e mesmo vinte pés abaixo dele. Em regra, porem, se exauria em pouco tempo. A segunda

anguloso, do qual falarei agora. Alguns autores usam o termo, talvez corretamente, com grande latitude. "Cascalho é compacto de fragmentos angulosos de quartzo e mineral de ferro argiloso, a que os mineiros chamam pedra de Canga" (José Bonifácio — Viagem Mineralógica, p. 9). Assim Southey (III, 53) explica "cascalho" como sendo "solo de pedras duras em que o minério está incluído", e adiante (II, 669) "um composto de substância terrosa e pedra". Ambas as definições são igualmente incorretas. O "Cascalho" pode ficar seja sobre o fundo de pedra que fica no fundo da formação no'uniãna, quer sobre o barro comum da terra, quer ainda sobre a areia solta chamada "desmonta". (A respeito desta veja o cap. adiante sobre as lavras de diamante no Rio das Pedras do Sul, aliás Jequitinhonha). Há sub-divisões do "cascalho" como "cascalho de taboleiro" encontrado nas margens dos rios e em terras altas; este é às vezes arredondado ou anguloso. O "cascalho do vole do Rio", vem do rio e é sempre rolado pela água. Também o "cascalho corrido" é o muito trabalhado pela água, em opposição ao "cascalho virgem" quando em forma de pedra de pudim.

8 — Não confundam esta palavra com a "Canga". É evidentemente uma mutilação de "Acanga" (cabeça -- em tupi). Assim encontramos os nomes de lugares "Cala canga", (cabeça de macaco) e Tapanhá Acanga, cabeça de negro; de Tapanhuma, (corruptela vulgar), negro ou negra. John Maye (II, 24) escreve erroneamente "Tapinhos canga" e diz: "canga é o nome do quartzo ferruginoso". Vimos que José Bonifácio, emprega-a para fragmentos angulosos de quartzo em ferro argiláceo. É um termo geral a qualquer pedra recoberta de ferro e daí chamada "pedra de capoto" em S. Paulo. O Dr. Couto declara que foi frequentemente applicada ao que é realmente cobre da cor de oca.

Vemos em Plínio (XXXIII, 21) uma allusão a estas formações superiores; o "aurum que é assim encontrado a flor da terra é chamada pelos romanos "talutium".

formação era chamada "Ouro de Gupiara", ouro do teto, termo interpretado de várias maneiras. (9) Aqui o minério era misturado com o barro superficial, geralmente vermelho, raramente preto; era fácil e rapidamente extraído. A terceira espécie de ouro era chamado "Ouro de Pedreiro", ouro em pedra, e supunha-se ser fornecido por pequenos veios de quartzo ramificando-se pela rocha. Esta era, pois, a única verdadeira mina: todas as outras eram simples ouro de lavagem.

Na Jacutinga, como no quartzo, o ouro é visível e frequentemente livre. Mas o minério precioso é tão miudamente e mecanicamente disseminado nas formações piríticas, que parece ser outro metal. Esta é a natureza da Mina de Morro Velho, e esta, por muitos anos que não de vir será a pedra aurífera explorada no Brasil. Meu relatório será um tanto enfadonho. A pesquisa profunda do ouro nas piritas de arsênico e outras, é, porém, tão interessante, e a dificuldade de separar o minério precioso é tão grande, que cada bocado de

9 — Creio que esta palavra é uma corruptela do tupi *Copilara*, que o dicionário dá como "alpendre, varanda, abrigo ou toldo". O povo do Rio S. Francisco ainda o usa para um teto coberto sustentado por postes, sem paredes. José Bonifácio (*Viagem*, 8), escreve *Gupijara* (no que é seguido por Castelnau) e o traduz por "cascalho superficial", que segue conformemente as irregularidades do sôlo. St. Hilaire (I, 1, 247) afirmou com razão "chama-se cascalho de *gupijara*, por causa da semelhança que oferecem, a forma e a posição da sua camada com as verdadeiras *gupijaras*, pequenos tetos triangulares que avançam acima das empenas das casas". Ele teria dito com mais justeza: "ligados à parede das casas de residência". Em Gardner encontramos "*capijara*" corrompido em "*copial*", varanda; mas este bom naturalista e viajante observador, dava pouca atenção à língua. Burmeister prefero "*Gupijara*" corruptela comum em muitos lugares do país. O Sr. Harry Emanuel (pg. 56) dá "*grupijara*" como sendo um "depósito" de aluvião cuja superfície demonstra ser o leito abandonado de uma torrente ou rio" quando, pelo contrário, refere-se às bordas do mórro como goteiras. Observo que o excelente homem de letras Sr. J. de Alencar (na *Iracoma*, p. 100, e em outros trabalhos) escreve "*Copiar*", e Moraes (Dicionário da Língua Portuguesa) "*Gopijara*".

informação tem seu valor. As descrições dos minerais serão tiradas pela maior parte do "Annual Assay Report", (Relatório Anual de Verificações) para 1861, util trabalho do Sr. Ferdinand Dietzsch, principal "Reduction Officer" da Companhia do Morro Velho.

O minério aurífero produzido por esta mina é composto de ferro magnético e piritas arsênicas contidos numa rocha de quartzo. O peso específico do filão oscila entre 3,8 e 4. Os minerais que o compõem podem ser tomados na seguinte sucessão com relação às suas propriedades metálicas e valor relativo. (É preciso ter em vista que as formações se transformam uma em outra quasi imperceptivelmente).

1 — Piritas arsênicas ou "mispickel" (10). Não constitue uma grande parte do mineral, mas é o principal portador de ouro. Alguns especimens forneceram quando submetidos a ensaio de vinte a quarenta oitavas (11) por tonelada. Na maior parte das vezes está

10 — Segundo Berzélius ($\text{Fe. S}^2 + \text{Fe. As}^2$) ou ($\text{Fe S}^2 + \text{Fe As}$). As proporções são registradas diversamente, e. g.

Ferro	35,94	36,00
Arsênico	42,88	42,90
Enxofre	21,03	21,10
	<hr/>	<hr/>
	100,00	100,00

11 — As antigas medidas de ouro portuguezas, ainda conservadas são:

2 1/2 grãos	=	1 vintem	
5 vintens	=	1 tostão	ou tustão
32 vintens	=	1 oitava	(= 1 1/16 drachm avoirdupois de ouro da país) nome que os inglezes dão à libra de dezessis onças.
8 oitavas	=	1 onça	
8 onças	=	1 marco	
2 marcos	=	1 libra	

O peso popular do ouro é a oitava = oitava parte de 3.6742 da nossa onça de Trola, e 164 oitavas = 1 lb. de Trola.

Não posso comprehender porque as companhias inglezas de mineração no Brasil persistem em mandar grã-

misturada com matéria magnética piritífera fornecendo de dezeseis a vinte oitavas de ouro pelo ensaio e cinco a dezeseite na redução. É o mineral comum, branco, prateado ou cor de aço, brilhando com brilho metálico, lindamente espalhado em pintas e salpicos, com um peso específico, quando puro de 6.20. O mineiro brasileiro chama-o de antimônio, palavra que o Dr. Couto explica significar piritas de cobre, com ferro e enxofre, cúbico ou hexaédrico, bem cristalizado e com o tom de ouro pálido. A gente do povo diz que "há muito fogo nele". É evidentemente sujeito à combustão, quando ligado a outros corpos, como se demonstra pela velha experiência de fazer vulcões artificiais enterrando na terra uma pasta composta de limalhas de ferro e enxofre, amassados com água.

2 — As piritas de ferro comum (marcial) (Fe. Su.²) Marcasita ou Mundic são mais abundantes que o número 1, mas muito inferiores em produção de ouro. Especimens quasi puros, com uma pequena mistura de quartzo, dão 11 oitavas por tonelada, a pedra amarela da mina da "Quebra Panela", ao oeste, dá somente seis e quando os grãos dos cristais maiores são embutidos no quartzo, a percentagem é ainda menor. Uma superabundância de piritas de ferro é quasi tão antagônica ao ouro quanto uma preponderância da massa de quartzo. Um mineiro operário comparou esta com o sólo e aquela ao adubo. É capaz também de combustão espontânea quando decomposta pelo contato

des relatórios calculados em oitavas em vez de onças e libras. Que pode haver de mais ridícula do que algarrismos como 8 oitavas (= 1 oz.), 16 oitavas, e assim por diante?

A oitava, é natural, varia com a qualidade do ouro e a taxa de camb.o. A do Morro Velho, de cerca de 19 carats, está agora (Julho de 1867) valendo 38454, e a onça 278632.

com a umidade. O mineral tem o brilho metálico comum e a cor amarela de latão; é encontrado em pequenos salpicos de metal bem difundido, em cubos e em massas cristalizadas, cada face de meia polegada e mais de largura. Ainda que se embacie rapidamente, os ignorantes frequentemente confundem-no com o ouro e é disseminado em grandes depósitos pelo vale do S. Francisco e nas Províncias de Minas e S. Paulo. Meus distintos amigos, o Comendador José Vergueiro, de Ibi-caba e o Deputado Antônio de Souza Prado, doutor em direito por S. Paulo, mostraram-me especimens dele.

O primeiro encontrou-os dentro de sua propriedade perto de Rio Claro, o fim visado da estrada de ferro de Santos e Jundiáí, e o último trouxe-os da Caveria do Paranapanema a cerca de oitenta milhas directas a oeste-sudeste da cidade de S. Paulo.

3 — As piritas de ferro magnético (12) ou proto-sulfureto de ferro, formam a maior produção de matéria pirítica, mas na análise mostram pequenas quantidades de ouro, raramente excedendo 1,50 por 2 oitavas por tonelada. Surgem na forma usual hexagonal, às vezes folheada maciça e de belo brilho amarelo.

4 — O quartzo matriz é geralmente branco ou acinzentado, às vezes enfumaçado, azul-preto e preto. O quartzo puro e sem piritas, era primeiro tido como nunca contendo ouro; mas, recentemente alguns pedaços (seis segundo uns, outros dizem dois ou tres divididos em seis), foram encontrados com o minério pre-

12 — A fórmula é $(\text{Fe. Su}^2 + 6 \text{ Fe. Su.})$ ou $(\text{Fe}^2 \text{ Su}^3 + 6\text{Fe Su})$. As proporções variam, o. c.

Enxofre	36.5	40.4
Ferro	63.5	59.6
	<hr/>	<hr/>
	100.00	100.00

cioso encravado neles. O quartzo é geralmente misturado com piritas de qualidades altamente auríferas. Quando ele constitue a matéria principal (como no oeste da Baía e nos campos do Campeão), o composto produz uma bela média. Foi logo notado que o minério aparece frequentemente pobre em piritas, mas que a substância produz tanto quanto 3,66 oitavas por tonelada. Em alguns lugares o quartzo é invadido por "capel" substância dura, branca e pobremente quartzosa, entortando grandemente as rochas contíguas continentes e apresentando, em cavidades, piritas de ferro magnético, ferro spatoso e piritas de cobre cristalizado.

5 — O chisto argiloso, algumas vezes clorítico (micáceo), na maior parte talcoso, (ácido silício e magnésia), chamado pelos mineiros ingleses "Killas". É amorfo ou laminado, geralmente de cor triste e escura, e extraordinariamente duro; atravessa a rocha que a contém em alguns lugares e avança no filão, por meio de dentes, ou pequenos ramos, "cavalos" ou grandes massas, e "barreiras" ou paredes divisórias. Grande parte dele não tem piritas auríferas, e mesmo as porções altamente carregadas raramente fornecem mais do que duas ou tres oitavas de ouro no ensaio, ou meia ou tres quartos de oitava nos trabalhos. A produção é visivelmente má quando as "killas" e "quartzos" excedem as piritas, média, quando são equivalentes; e boa, quando as piritas são dominantes (13). A argila chistosa é separada tanto quanto possível do minério antes deste ser levado aos pilões, e assim a massa completa do mineral é elevada a um nível superior ao da matéria recebida da mina. Como os quadros abaixo

13 — As vezes, contudo, o mais rico minério não contém mais do 50 % de piritas.

mostrarão (14) a grande quantidade de matéria sem valor causa um grande atrazo nos lugares de pedra britada e os "killas" pilados juntamente com pedra rica, ocasionam uma grande perda de belo ouro livre.

O ouro diariamente tratado nos trabalhos de redução é derivado de uma íntima mistura desses minerais. As formações mais raras são:

— Espato calcáreo, comumente chamado "espato pérola". Este sistema de carbonato de calcio é encontrado em romboedros modificados, duros mas podendo ser clivados, geralmente brancos e cristalinos, mas às vezes de um delicado róseo, com a aparência de mármore. Vi um exemplar dele, aderente ao filão em sua transição para o "Killas".

— Pedra de ferro espática ou carbonato de ferro. Aparece em romboedros obtusos, com as faces frequen-

14 — Cerca de 300 ton. de matéria, mais nas chuvas, menos na seca, pagam as despesas diárias da mina: 400 ton. dão um bom lucro. Durante os seis meses, de Março a Agosto de 1866, temos o seguinte cálculo:

Mineral retirado da mina, total de . . .	53.698 tons
Durante os seis meses anteriores . . .	46.629 "
Durante os seis meses terminados em	
Agosto (1865)	40.014 "

Os "killas" rejeitados nas oficinas centrais mas tratados novamente nos trabalhos de Prata, subiram a 23.383, tons ou 43 % da quantidade retirada.

Durante os seis meses anteriores .	17.108 tons.	35.6%
Durante os seis meses terminando		
em agosto de 1865	12.117 tons.	30.2%
O fornecimento médio do ouro por ton.		
retirado foi de	5.974 onças	
Durante os seis meses anteriores . . .	6.328 "	
Durante os seis meses terminando em		
Agosto de 1865	4.885 "	
A produção média do ouro por tonelada		
pilada foi de	11.048 "	
Durante os seis meses anteriores . . .	9.388 "	
Durante os seis meses terminando em		
agosto de 1865	6.458 "	

temente curvilineas. Alguns pedaços de cor amarela suja, ficam erectos e parecem escamas de peixe.

— Clorita. É encontrada em grandes massas de cor verde cobreado, às vezes mancha com um pequeno e leve tom verde o cristal de rocha adjacente. Morro Velho contem cloritas de ferro, mas não ouro. Não é isso porem o que se dá em toda a provincia de Minas.

— Aragonita, em cristais brancos vesiculares. Exemplares curiosos apresentam piritas magnéticas de ferro aderindo à superficie.

Traços de cobre cristalizado e amorfo, encontram-se no filão e na rocha que o contem, mas não foram examinados.

A prata em Minas, como alhures, é a liga geral do ouro (15). A Mina que os jesuitas lavraram antigamente perto de Sorocaba, era, segundo alguns, deste "electrum"; outros pensam que seria galena altamente argentifera. O minério de Morro Velho contem prata em combinação química com outras substâncias e não é extraída no local. Prevaleceu outrora a opinião de que a prata atingia a proporção de 16.50% do filão. A barra contem $19\frac{1}{8}$ a 20% de prata.

Secção II

O SISTEMA BRASILEIRO DE MINERAÇÃO

Portugal, extremo occidental das conquistas romanas, permanece até os dias que correm, o mais romano dos países latinos. Sua língua se aproxima de perto da

15 — "Em todo ouro há alguma prata em proporções variadas: um décimo em alguns casos, um oitavo em outros". Plácio, do certo modo constata uma generalidade. Erra sómente na proporção.

linguagem da antiga dominadora do mundo. Seu povo ainda conserva a ousadia e a perseverança que degeneraram frequentemente, em pertinaz obstinação; o turbulento amor à liberdade; o materialismo e a falta de espírito artístico; o conservantismo e o anor da rotina; a superstição e a cobiça de "aumento territorial" que caracterizava os primitivos conquistadores do mundo. Mesmo nos dias de hoje, o viajante em Portugal encontra com espanto a vida doméstica de Roma, sua poesia e literatura, suas artes e ciências. A fôrma arcaica de civilização se estendeu também ao Brasil; aqui, ainda que tão afastada do seu centro étnico e misturada com uma variedade de elementos discordantes, é facilmente reconhecida.

O admirável velho naturalista Plínio, narrandonos como o "ouro é encontrado", descreve tres modalidades diferentes. A primeira é a lavagem do minério do ouro das areias de águas correntes; o segundo é a abertura de poços ou a pesquisa entre os destroços de montanhas; e a terceira ("que ultrapassa os esforços mesmo de gigantes") é a abertura de galerias numa longa extensão. O seguinte esboço da mineração no Brasil, mostrará como o sistema romano mudou pouco desde o ano do Senhor de 50.

A primeira exploração consistia numa simples bateação da areia aurífera tirada dos leitos dos rios e isto veremos que é praticado até os dias que correm. O método seguinte era já a "lavra" ou lavagem superficial. O humus era retirado com a enxada e o barro vermelho de ouro ou o "cascalho" aurífero (pedra e areia) era cortado em quadras por valas pouco profundas. Os lavradores escolhiam sempre um plano inclinado. O curso de uma corrente era conduzido então às valas por meio de bambús cortados ou troncos de ár-

vores vãos. Esta simples lambedura de água arrastava pelos canais — canalicium ou canaliense de Plínio — o ouro livre que era detido por torrões de capim ou coadores; estes eram depois lavados num "coche", a areia era então bateada numa gamela ou carumbé (16). Assim terminava o simples processo. Um pequeno progresso nesses trabalhos de rio foi obtido pelo emprego da canôa, um lozango de tijolos, telhas ou coberta tosca que facilitava a lavagem da lama preciosa. No extremo oeste esta indústria ainda se mantém. Desaparece com a extinção destes depósitos superficiais de ouro, que mais ou menos sempre existiram em todo o país conhecido, de formação antiga. O efeito desta lavagem era deixar a terra "caput mortuum de pertinaz esterilidade", que só pode ser curada pela adubação (17), operação que ultrapassa as atuais condições do Brasil. Outros sistemas selvagens de lavagem serão anotados nas páginas seguintes, quando se apresentem, no rio ou na estrada.

À "cata" ou poço já me referi; desses buracos o ouro em pó e em bocados — os pelagae e palacurnae de Plínio — foi extraído, depois do que, o terreno se considerava trabalhado. Este sistema, como a lavra,

16 — A "gamela" usada na lavagem do ouro é maior do que a "batôa" (descrita no cap. 12), chata, redonda e sem o buraco no centro. A "Carumbé" ou "Carumbela" é uma pequena gamela. Segundo St. Hilaire é o termo índio para "casca da tartaruga". No campo a proteção dorsal do tatu é ainda usada como bolsa ou cabaca.

17 — Diz-se que mesmo nestes solos semelhantes a tijolos, o café e açúcar, a mandioca e o milho por qualquer preço, podem crescer em buracos cheios com uma mistura de terra e adubo. As covas são abertas com intervalos de seis pés, têm um pé de diâmetro e mais ou menos o mesmo de profundidade. Não tive oportunidade de ver um campo de ouro assim tratado.

constituia especialmente o trabalho do Garimpeiro (18) o contrabandista e franco-atirador. O primeiro melhoramento que exigiu mais braços e especialmente o trabalho escravo, foi o que se chamou "talho aberto" ou socavão. Alguns destes trabalhos, o "Carapucuú" em Jaraguá, por exemplo, perto de S. Paulo, são extensos; mas as margens não têm inclinação suficiente, não julgaram necessário o estacamento e as margens pouco marcadas despencaram, soterrando alguns negros. Suas almas ou fantasmas — muito temidos no Brasil — infestaram o local e em breve afugentaram os mais bravos corações.

Os mais empreendedores tentaram o serrilho, que nós traduzimos como "shaft" (19); era, porem, geralmente um plano inclinado, uma mistura de poço e galeria. O metal precioso foi atacado com cargas meio de pólvora meio de serragem; os escravos transportavam em baldes ou em pratos de madeira a matéria aurífera a um moinho de água movendo, às vezes, um par de pilões calçados de ferro sobre uma pedra dura

18 — Escreve-se algumas vezes como se pronuncia — Grampo. É o "Gambusino" espanhol tornado popular pelo Sr. Gustavo Aimard e o Capitão Mayne Reid. O Garimpo é o lugar onde ele trabalha. A palavra é ainda empregada depreciativamente a qualquer lavra em pequena escala. O termo "Garimpeiro" corresponde ao inglês "night jossicker", homem que aproveita as horas do escurecimento para furtar rios e rios de ouro superficial. Segundo os dicionários, que descrevem "garimpo", "garimpeiro" é uma palavra brasileira. Moraes sugere ser ela uma corruptela de Atipeiro, do arípat, apanhar pérolas caídas do pilhas apodrecidas de ostras na areia.

19 — "Shaft" (poço) é aqui empregado para as aberturas à superfície, quer perpendiculares, quer não; o *whale-shaft* traz o minério à superfície; os "sinkings" são excavações para baixo, "levels" (do nível) quando horizontais ou quasi e "risings" (elevados), as que sobem. O *adit* (passagem) ou *adit-level* (passagem-horizantal) é o principal túnel do escoamento, aberto à superfície no local mais baixo e conveniente; "levels" geralmente são galerias horizontais escavadas em veios metalíferos e "cross-cuts" em não metalíferos.

e chata. Os trabalhos se faziam sob uma coberta, sempre colocada, para melhor vigilância, perto da casa do proprietário. Depois da "batêa" ou gamela haver funcionado, experimentava-se às vezes uma amálgama rude, como na Califórnia primitiva, e o mercúrio perdido era rehavido pela compressão atravez do couro. Passava pela retorta colocando-se a amálgama numa vasilha de latão aquecida, coberta com folhas verdes. As últimas, quando crestadas, eram mudadas com os glóbulos sublimados na face interna. Mas o mineiro brasileiro sempre se descuidou do estacamento e das paredes; ligava pouco à iluminação e à ventilação. O Davy e o Geordie eram igualmente desconhecidos dele; ignorava as bombas em larga escala e assim, quando sua mina se inundava, era compelido a abandoná-la. Rude, porem, como era o seu sistema, veremos que foi adotado por todos os melhores mineiros ingleses dos dias presentes e que os últimos se contentaram com poucos e insignificantes melhoramentos.

Secção III

A MINERAÇÃO INGLESA EM MINAS

A primeira companhia inglesa data de 1824 e foi conhecida como a Gongo Soco, ou "Imperial Brazilian Mining Association". As excavações, pelas quais passaremos agora, eram a 19°58'30" de Latitude Sul e 43°30' de Long. Oeste (20), a cerca de quarenta e oito

20 — As observações foram feitas pelo Sr. William Jory Herwood, membro da Sociedade Real e da Sociedade de Geografia, Commissário-Chefe das Minas de Ouro do Gongo Soco, Cata-Prata, etc. etc. Este cientista é ainda vivo, creio eu. Seus trabalhos foram impressos na Phil. Mag. 1846 — XXVIII — pgs. 364-6 e na London, Edin and Dub. Phil. Mag e Journal of Science, Junho de 1848.

milhas a noroeste de Ouro Preto e vinte e quatro milhas a sudeste de Morro Velho. As medidas barométricas feitas pelo engenheiro de minas austríaco Sr. Vergílio von Helmreichen, colocam-na a 3.360 pés acima do mar no Rio de Janeiro. Gongo Soco ficava no então município de Caeté; hoje no de Santa Bárbara.

O primeiro proprietário era o Coronel Manuel da Câmara de Noronha, que a explorou pelos meados do último século. (21) Seu filho Isidoro, que morreu na pobreza vendeu-a em cerca de 1808 por 9.000 cruzados ao comendador e Capitão-mór José Alves da Cunha, português e ao seu sobrinho por afinidade, o Barão de Catas Altas. O primeiro, em cerca de 1818, abriu galerias no filão verdadeiro, nos flancos do Morro do Tijuco; e diz-se que, antes de 1824, extraiu em um mês 480 libras de ouro. O Barão herdou a propriedade, comprou por negociação particular todos os que tinham pretensões sobre ela e ofereceu-a à venda.

O Sr. Edward Oxenford, que havia viajado pelo Brasil como mascate, ou comerciante itinerante, voltou à Inglaterra, advogou a compra e foi mandado pela Associação para examinar o local, em companhia do Sr. Tregoning, como primeiro capitão de Minas. Os pareceres foram favoráveis. O Barão cedeu os seus direitos por £ 70.000 (outros dizem 80.000), e a sanção do Governo Imperial se obteve em 16 de Setembro de 1824, com a condição de receber o "quinto anual" — porcentagem estranhamente alta, de 25 %, de ouro extraído. Isto se encerrou ao fim do ano de especulações de 1825, em que uma das 999 especulações foi a "Potosi, La Paz, and Peruvian Mining Association". Co-

21 — O Sr. Walsh está equivoocado quando afirma que foi um português chamado Bitturcourt, (sic) o pai de Isidoro, quem primeiro lavrou as margens do Rio Gongo.

mo esta "grande et belle entreprise" terminou com pouca honra para o nome nacional, o leitor poderá ver nas vivas páginas do Sr. Edmond Temple. (22)

Em 1825 Gongo Soco foi visitada por Caldcleugh, que não pôde entrar na Mina, por estar ausente o proprietário. Em Março de 1827, o primeiro superintendente, Capitão Lyon, assumiu a direção. Este é o Tenente Lyon, da Armada Real (23) que viajou até o Fezzan, onde Mr. Ritchie, chefe da missão, morreu de anciedade e febre biliosa em 20 de Novembro de 1819. Ele também comprou as terras de Morro Velho ao seu proprietário, o Padre Freitas e vendeu-as à "Companhia de St. John Del Rey". A especulação prosperou. Em Dezembro de 1827, o quinto, pago em Ouro Preto foi de £ 20.982. Gongo Soco se tornara uma aldeia inglesa nos trópicos, com sua igreja e capelão consagrado pelo Bispo de Londres e as 40 mãos primitivas haviam subido a 180 ingleses, ajudados por 600 trabalhadores livres e pretos. (24) O Sr. Walsh, que visitou o local em 1828, traça uma agradável descrição, e do sólo diz ter produzido já 736 libras de ouro.

Em 1830 o Capitão Lyon foi substituído pelo Coronel Skerret, que por judiciosa disciplina militar man-

22 — "Travels in Various Parts of Peru, including a year's Residence in Potosi" (Viagens em várias partes do Perú, inclusive um ano de residência em Potosi) por Edmond Temple, Cavaleiro da Real e Distinta Ordem de Carlos III. Em 2 volumes. Colburn e Bentley, 1830. A narrativa faz com que se core pela Potosi & Mining Association.

23 — O Dr. Gardner chama-o "o viajante do norte".

24 — Durante o primeiro ano, quando a maior profundidade era de 3 braças, os empregados, inclusive 40 ingleses somavam 450. O maior numero era de 217 europeus, 200 brasileiros e 500 escravos. Quando a mina quebrou havia 14 europeus e 447 escravos.

teve a mina em ordem rigorosa; introduziu o excelente sistema de fazer dos negros seus próprios feitores ou fiscais. O Coronel Skerret saiu porque o salário não foi aumentado de £ 2.000 para £ 3.000; a Companhia, como acontece muito, mostrou-se econômica em palitões e dissipadora de grandes somas, e assim perdeu um valioso servidor. O declínio e queda do estabelecimento começou imediatamente.

Depois do Coronel Skerret veio o Sr. George Vincent Duval em 1840-2. Por esse tempo foi visitada pelo Dr. Gardner, que a descreveu como uma espessa camada de Itacolumita ferruginosa, com uma inclinação de 45° e baseada sobre chisto argiloso, contendo grandes massas de pedra de ferro. Sobre o Itacolumito jaz uma camada de Jacutinga aurífera, de 50 braças de espessura e sobre esta, de novo o Itacolumito. A cerca de meia milha para o sul da mina, encontrou uma camada de cal cristalizado e altamente estratificado, aflorando no mesmo ângulo e na mesma direção que as outras rochas. Ele visitou sete das nove galerias, cada uma separada por sete braças, e assim viu 294 dos 378 pés. Estas galerias, abertas através da macia Jacutinga eram de quatro a cinco pés de largura e de cinco a seis de altura; eram fortemente sustentadas com vigas de dezoito polegadas das mais duras madeiras brasileiras, com tudo as barras se quebraram e se esmigalharam pelo peso. O veio principal corria de leste para oeste; havia, porém, muitos ramais que davam ouro em cachos, chegou-se a extrair 100 libras num dia. O rico minério era lavado e pilado em almofarizes. Era concentrado primeiro pelas panelas comuns, depois pela amalgamação; o material mais pobre era mandado

para os pilões-moinhos e então lavado. O Dr. Gardner achou a maquinária daqui inferior à de Cocais.

Evidenciou-se então a verdade do axioma mineiro "Mais vale um padrão baixo e uma alta produção, do que um alto padrão e uma produção baixa." De 1837 a 1847 o governo brasileiro reduziu liberalmente o seu quinto a vinte por cento. A Jacutinga é essencialmente uma mina de catavento; ao contrário daquelas em que a matriz é a pedra. Póde ser rica hoje e sem valor amanhã. Não se podiam seguir as linhas e o custo dos postes e espeques cobrindo pé por pé, era enorme. Assumiu então o comando o Sr. Henwood, que foi sucedido por um comité composto do Sr. John Morgan (senior), Dr. Flood e outros. Este governo republicano encerrou o caso e forneceu uma valiosa lição. Em 1850 o Governo enternecidamente diminuiu suas pretensões para 10 %; em 1853 para 5 %; e em 1854 os estrangeiros foram colocados no mesmo pé de igualdade com a indústria nacional e trabalharam sem taxas. O grande capital, muito grande, com efeito, no principio, tornou-se insufficiente, e entre 1854-6 a Companhia gastou totalmente o fundo de reserva que havia acumulado durante anos. A água entrou; a ganga se ensopou até os fundamentos e os trabalhadores se afogaram, por culpa de ninguem, mas somente do escoamento. Em 1857 o Comendador Francisco de Paula Santos, a quem se deviam 150 contos, embargou os negros, como tinha o direito de fazer pela lei brasileira e se tornou então possuidor da propriedade mineira. Gongo Soco morreu, profundamente sentida; havia-se espalhado pelas minas ramais de Boa Vista, Bananal ou Agua Quente, Socorro, Campestre, Catas Altas, Cata Preta e Inficionado; havia alimentado e povoado a re-

gião por trinta léguas em redor e havia rendido perto de £ 1.500.000. (25)

Seguiu-se (em abril de 1830) a "St. John Del Rey" de cuja origem já dei uma narração. Em 1836 foi transferida para Morro Velho ainda que conservando o nome que apparecia no contrato original da companhia. Este nome errrado lembra a "Mina de Exter" em Truro. Observo, contudo, o complicado barbarismo que a distingue de uma outra mina de S. João notando somente que tais palavras híbridas deviam ser banidas de todos os nossos mapas. Durante dez anos após a sua mudança a "St. John" pouco fez e frequentemente este pouco estava na direção errada. Em 1845 seu imposto foi baixado de dez para cinco por cento; em 1855 uma redução de um por cento per annum foi feita até a extinção da taxa e depois de 1859 foi libertada do onus. Durante este ano começou a produzir cinco oitavas por tonelada, quando antes havia dado duas. O leitor verá agora por que razão.

Na devida ordem, vieram depois a "Cata Branca" (1832-3), com o Morro das Almas, na Municipalidade de Ouro Preto; a grande companhia de Cocais (1833-4) (26) inclusive os seus ramos Cuiabá, Cacté e Macaúbas com sua vizinha Brucutú e a Companhia da Serra

25 — Os dados geralmente fornecidos mostram uma renda nacional de umas £ 333,180, assim expressa:

Pagamento do Imposto no tesouro	£ 310,777	} Segundo o Tto. Moraes £ 338.180
" dos direitos de exportação	£ 22,403	

Segundo o Tto. Moraes esta companhia extrahiu 34,528,092 libras de ouro (20 — carat) assim discriminados:

Despezas	£ 1.013.253
Renda	£ 1.388.416
Lucro	£ 375.163

26 — Gardner, Cap. 13. De alguns detalhes no Capítulo 41.

da Candonga, no Serro do Frio de curta existência, que acabou após dois ou tres anos. Excetuando Cocais que ainda existe, estas associações duraram até 1844-5 e 1850. As falências atingiram o mercado de Londres e a mineração de ouro no Brasil não era olhada com simpatia. Aqui como alhures na América do Sul, os vastos tesouros prometidos por Montesquieu, Robertson e Humboldt, não foram realizados ou antes foram realizados num certo grau e desviaram-se.

Depois de 1859, quando já Morro Velho havia reabilitado a especulação no Brasil, — o que lhe trouxe críticas quando merecia todo o elogio, — outras companhias surgiram. Minas teve cinco: a "Este Del Rey", incluindo as Lavras do Capão e Papa Farinha perto de Sabará (27), a Paciência e S. Vicente, perto de Ouro-Preto; a "Norte Del Rey", no Morro de Santa Ana, inclusive a Mina de Maquiné; (28) a "London and Brazilian Gold Mining Company" (limited) em Passagem, perto de Mariana; a "Companhia Roça Grande", no município de Caeté e a "Santa Bárbara-cum-Pari" (29) no Município do mesmo nome. Há uma sexta — "Montes Aureos Gold-Mining Company Limited", estabelecimento no Maranhão; mas vejo que já está no mercado. O capital total destes estabelecimentos é geralmente avaliado em £ 600.000. Somente duas, as Minas de Morro Velho e Maquiné já pagaram as despesas até agora; a mina da Passagem não pagou, mas provavelmente pagará e o resto foram falências, uma dúzia e meia de perdas para dois e meio sucessos.

No Brasil uma mina de ouro pode começar a funcionar assaz economicamente. Os proprietários de la-

27 — Cap. 41.

28 — Cap. 34.

29 — Cap. 29.

bras que se supõem exaustas, geralmente as vendem barato, e muitos se contentarão com uma boa porcentagem nos lucros. A soma de £ 46.000 é suficiente para adquirir o material e as viaturas, para a construção e para erguer um jogo de pilões, digamos trinta e seis de cabeça que preparam durante as doze horas, cinquenta toneladas de minério sobre grades de boa largura. Tomando a média de produção do outo como cinco oitavas por toneladas, isto produziria anualmente £ 10.000; a mina pode ser posta em devida ordem dentro do terceiro ano em deante quando deveria começar a pagar. Este facil esforço de prudência experimentaria sua capacidade boa ou má, sem prejudicar seriamente os acionistas, tão frequentemente vitimados sob o presente sistema descuidado, e sem dar ao paiz uma imerecida má reputação nos mercados da Europa.

Depois de ler uma série de relatórios (30) estou apto a descrever o caminho atual de "erguer" uma Companhia Inglesa de Mineração Limitada (parecem ser assim os lucros) nesta secção da califórnia brasileira. Um comissário chefe, quasi feito por si, um dos famosos homens com vinte anos na terra e conhecedor da língua, começa por expor perante o público britânico uma sinopse das vantagens que caberão aos acionistas. Sua experiência deve desenvolver os seguintes pontos lisongeiros em sete capítulos. Não suponham os meus leitores, pelo tratamento Democrítico do assunto, que não estou falando seriamente. Já o velho Rabelais escreven: "En ycelle bien cultre goustre trouverez et doctrine plus absconce"; e ninguem la-

30 — Posso especialmente recomendar o Relatório da Companhia de S. João Del Rey, Tokenhouse Yard, agora apresentado semestralmente na assembléa de proprietários. O sistema é excelente o dá numa vista dolhos toda a informação necessária.

menta mais que eu a deshonra que tal charlatanismo trouxe para o nome inglês no Brasil, para não falar em outras partes da América. Eis como se apresentam, em regra, ao público, as perspectivas da empresa:

1 — A mina em questão é situada num bom distrito central, perto da capital e de outras grandes cidades — o “astu” é aqui uma simples aldeia européia. Se não for assim colocada pela natureza, poderá facilmente assim se transformar pelo simples processo de diminuição de distâncias.

2 — As pastagens, o fornecimento de madeira combustível e, especialmente, a água, são abundantes e da melhor qualidade.

3 — O minério, o veio ou o filão, a formação e as características minerais em geral, são semelhantes aos da “St. John Del Rey”. Póde ser bom inventar nomes muito sonóros tais como “West Del Rey” ou “South Del Rey”, pelo mesmo princípio pelo qual até os últimos anos chamou-se a todo carvão de “Wall’s End”. Se for preciso alguma comparação odiosa, póde-se fazer uma alusão às falências do Gongo Soco, de Cocais e Cuiabá.

4 — O primitivo possuidor brasileiro fez uma grande fortuna antes de desmoronarem-se os trabalhos e os mineiros se afogarem. Não há nada, porem, que não possa ser feito “por uma companhia inglesa e por mineiros da Cornoalha”.

5 — O filão tem dez a quinze pés de largura no campo; é tão superficial quanto possível, está situado em um vale de modo que a facilidade de drenagem pelos escoadouros e aberturas é excepcional.

6 — As casas de residência estão num estado de grande lapidação, necessitando quam primum uma “Ca-

sa Grande" para o Sr. Comissário ou despesas semelhantes.

7 — Este campo esplêndido para trabalhos mineiros deve se provar que é imediatamente remunerador para os acionistas; é um "negócio de realidades e algarismos", — "um emprego de capital e não uma especulação". Finalmente, se as pretensões são de ordem superior, deve haver diamantes e outros depósitos, do que o relator se abstém de falar.

Assim, forma-se a Companhia, o dinheiro se gasta, nada se faz, e, no devido tempo o resultado será a dissolução. Na moderna Minas o provérbio espanhol é enfaticamente verdadeiro:

"Uma mina de prata traz miséria, uma de ouro — a ruína"

Nada é mais simples do que sugerir um remédio pronto e eficaz para este estado de coisas lamentável. O simples exercício da indução e da dedução, da razão e da experiência, mostra a necessidade de se obter um acurado conhecimento antes de meter-se nestas especulações. Não devia haver nenhuma dificuldade em encontrar um homem de confiança suficientemente versado em mineração e mineralogia, e, para falar claro, que não aceite os subornos que, por certo lhe serão oferecidos. Seu relatório deveria ser final, sem nenhuma consideração às insignificâncias dos negociantes locais e logistas — todos, naturalmente, comerciantes e cavaleiros — que esperando aproveitar-se da despesa, prazerosamente fornecem opiniões doiradas com referência à nova mina.

Dizem que os ingleses em caminho da Índia deixam a consciência no Cabo e se esquecem de retomá-la de volta. Eu não sei onde os europeus depositam estas mercadorias incômodas quando arribam ao Brasil, ou

se buscam recobrá-las quando de volta para casa. E' comtudo uma triste verdade, que, nesta terra, a honestidade parece ser o artigo menor da bagagem de um aventureiro. Nas minas, como nas estações de ferro, do Brasil, a culpa, a causa da falência, reside, repito, não nos brasileiros, mas às nossas portas. Houve os maiores desgovernos, tanto aqui como no estrangeiro. Preferiram-se os interesses privados aos públicos; em certos casos notórios, um sistema de saque foi organizado; planos impossiveis singraram aavez do mercado, os mais simples especuladores transformaram-se em ricos, a economia foi completamente desprezada e o dinheiro foi enterrado como si se esperasse o seu crescimento. O resultado mais lamentavel foi a falsa convicção na Europa de que a semente do capital não pôde ser semeada com vantagem no Brasil, quando não há outro paiz que bem dirigido, possa fornecer melhor produção.

A mina de Morro Velho abriu um novo capitulo na história provincial, mostrando que, mesmo sob circumstâncias adversas, muito pôde ser feito por homens de honestidade e energia, combinadas com o conhecimento prático e científico da profissão. Poderei terminar este esboço exprimindo minha convicção de que quasi matamos a galinha dos ovos de ouro, e que até se mudar radicalmente o presente processo é melhor deixar o ouro nas entranhas da terra. Por outro lado, tenho algo a dizer sobre a attitude do Brasil no presente assunto.

"O que paga ao Estado a mina?" perguntam os mais bem educados. "Estes estrangeiros carregam todo o ouro para fóra de nossa terra", diz o povo que veria impassivel um casebre cobrindo uma mina de ouro. O Tenente Morais fala de sete companhias inglesas

“explorando em proveito da Inglaterra as riquezas incalculáveis que a natureza escondeu no solo do Brasil” (31). Ele calcula que entre 1860-3, a Mina de Morro Velho deveria ter enriquecido o tesouro com “perto de um milhão de francos”.

Mas na sua política altamente liberal o governo brasileiro esteve energeticamente certo. Os educados e o vulgo, que encaram somente as quantias pagas no momento e que imaginam que estes enormes benefícios indiretos nada significam, estão igual e expressivamente errados. Não tivesse sido dispensado o imposto Imperial de Morro Velho e outros estabelecimentos, e estes se teriam arruinado. Os que estavam no poder, felizmente tiveram a coragem de sustentar a política do “do ut des” em oposição à política do “cão na mangedoura”, que é dos paizes semi-civilizados.

O “Brasileirismo” no Brasil e o Americanismo nas repúblicas hispano-americanas, apparecem no seu aspecto mais agudo quando gabam sua terra, vaidade ainda mais vã do que a de louvar o nascimento de alguém. O “torrão abençoado” (32) já passou a categoria de ridículo. O sol, a lua, as estrelas, são motivos de fanfaronice popular. “Não tendes uma lua como esta em França”, ouvi um brasileiro dizer a um francês. “Não, foi a resposta, temos uma velha e pobre lamparina, quasi gasta, mas ainda é bem boa para nós”.

31 — “Rapport partiel sur le Haut San-Francisco” (Relatório parcial sobre o alto São Francisco) — Paris, Paroch, 1866. Este official calcula que entre 1860 a 1863 (quatro annos), a Mina de Morro Velho deveria ter pago ao Tesouro brasileiro um milhão de francos (400 contos ou £ 40.000). Ele os teria lançado todos fóra na fantasia de um canal entre o Rio Preto e o Lago Paranaguá, de modo a imitar o Hudson-Champlain.

32 — Em português no original.

Dai haver prodigiosos e elevados discursos com referência ao Império magnificante, à maravilhosa terra do Cruzeiro do Sul, com a sua imensa riqueza e seu esplêndido destino. Qualquer que seja este último, as riquezas ainda estão no sólo e a nação é sem dúvida pobre. O capitalista, é um truisino dizê-lo, não vai arriscar dinheiro numa terra longínqua, emquanto puder lucrar o mesmo em sua terra; e os muitos riscos a que se expõe devem elevar a sua porcentagem de lucros.

Concluo, pois, que se o Governo Brasileiro ouvir este mau conselheiro — a Voz Geral — não merece melhor fortuna do que a que coube à mineração e às estradas de ferro inglesas no Brasil.

Até agora, porem, repitamos, o Governo no caso revelou uma excepcional sagacidade.

CAPÍTULO XXII

A VIDA DE MORRO VELHO

“A melhor ocasião de que eu posso dispor para amadurecer um plano comercial, ou planejar uma viagem por mar, é a hora da pregação na Igreja, quando o sacerdote está falando. Longe do ruído de trabalho, sob os macios sons do sermão, nada tenho que perturbe minhas meditações”.

(Frank Do-ige — citado no “Pregador Modelo” pelo Rev. H. Taylor).

Minhas notas tomadas na Rainha das Minas Mineiras não serão, espero, desinteressantes. Mostrarão o que é a vida dos ingleses no coração do Brasil e fornecerão alguns detalhes sobre um lugar digno de estudo.

A bela localização do estabelecimento é uma baía irregularmente conformada, de cerca de tres quartos de milha de comprimento por meia milha de largura. O vale estreito termina ao oeste num beco sem saída. (Voltaire proíbe-nos de o chamar cul de sac) — formado por um terreno elevado. Os morros circunvizinhos elevam-se de 700 a 900 pés acima do Ribeirão. Esta torrente, correndo para leste, rola uma caudal impetuosa durante a estação das chuvas; na parte seca do ano a escassa água, grossa de pirita e de pó de minério arsenico, deve ter um efeito deletério. A terra em torno foi toda desflorestada e a vegetação é uma mediocre capoeira; a maior parte do humus foi dre-

nado pelo Rio das Velhas abaixo, e o sólo frequentemente bom foi muito empobrecido. A beleza romântica do panorama ainda permanece, e, nos dias brilhantes o sol e o ar fazem do colorido um prazer para os olhos.

Para o noroeste ergue-se o Morro Velho, que se tem como o lugar onde primeiro se trabalhou, tendo por traz a magestosa Curral d'El Rei, alcançando 270' da Casa Grande. A noroeste dos poços modernos estão as primeiras escavações feitas pelos "antigos". (1) A cerca de uma milha a leste e além do Morro do Mingú está o Morro Novo. Este último tem um veio quartzoso, alcançando "sul 60º leste"; foi dado como pobre, mas poderá ainda produzir bastante. Realmente, na maior parte dos lugares há pedras de ouro num horizonte apertado; mas a questão é a seguinte; pagará a exploração?

Situado num espaço apertado e repleto, o centro dos trabalhos fica no flanco ocidental do vale; aqui estão as imensas rodas d'água; os compridos e escuros tetos cobrindo o chão britado, coberto de minério cinzento; casas de máquinas e pequenas construções em forma de quiosques caiadas de branco onde os guarda-freios se sentam para controlar a velocidade das rodas motoras com aparelhos de mão. Mas não há forno de aço expelindo o fumo fuliginoso de dia e vomitando lígubres chamas à noite; as árvores não estão envenenadas e os lábios não têm gosto de preparados químicos. O estrondo e o ruído dos pilões não é barulho desagradável de dia, e nas horas sombrias o canto das rodas d'água trouxeram-me à lembrança os esportes de outono com ondas e mergulhos na praia de Scheveningeu.

1 — Em português no original N. T.

As construções se estendem do lado norte do Ribeirão pela elevação da margem até uma altitude de cerca de 450 pés: aqui estão os mais altos bairros negros, Timbuctoo — lembra longinquamente o que poderia ser a mãe-patria, e aqui vivem os negros de Cata Branca. A meio caminho acima estão as várias feias entradas para a mina grande; e abaixo espalham-se as dependências, tenda de ferreiro, pilões e escritórios da mina. Este lado do rio é um tanto menos íngreme que o outro. Uma construção em evidência e caiada é a cozinha dos negros; a parte oriental é destinada ao Padre Petraglia. Bem ao alto e colocado em separado está o paiol de pólvora e perto dele o cemitério onde tres europeus se enterraram durante nossa estadia de um mês. Uma pequena ponte (da casa de amalgamação) cruza o flanco sul, em que fica a casa de amalgamação. Uma rampa pedrenta sobe para as cocheiras bem acima, e a 60 ou 65 pés, na maior elevação fica a "Casa Grande". O morro que fica por traz desta é ocupado pelo armazem da companhia (2) e perto dele, espalhado por uma milha mais ou menos, fica o quarteirão ocupado pela maior parte dos funcionários. O médico, o assistente do almoxarife, o capelão católico e o capitão encarregado da mina moram na margem norte.

Em regra as casas são confortaveis, com largas varandas e dependências tropicais semelhantes. Mas a situação é insalubre; em frente o alto Morro Velho, o "bêco sem saída" a oeste e as altas serras ao norte e ao sul devem impedir a circulação. A situação baixa tem um clima oposto do que deve ser um clima aqui: o sol castiga de dia; a noite traz, de repente, o frio, e, como se queixam os habitantes do planalto do Brasil,

2 — O nome próprio é *armazem*, mas é chamado geralmente *venda*.

as quatro estações do ano da Europa vêm e vão em vinte e quatro horas. Os escritórios centrais e as residências dos funcionários poderiam facilmente serem transportados para terreno mais alto, por exemplo, para o nível um pouco acima do armazem da companhia. Muitos sem dúvida dirão que o lugar é muito longe do seu trabalho, mas eu sustento que isto é uma vantagem. Todos confessam que durante os primeiros meses de residência fizeram regularmente exercício e gozaram a melhor saúde. Depois os trópicos os venceram; o passeio diário a cavalo ou a pé tornou-se um fardo, os nórdicos se tornaram "caseiros" (3) e o resultado da inércia no Brasil é o fígado doente. E' preciso muita coragem moral para o passeio solitário para a saúde em um caminho em que cada planta ou calhau é familiar à vista; mas a alternativa pôde ser assim exposta — inevitavel doença do fígado, perda de energia, perda de memória, perda de nervos, perda de saúde, e mesmo perda da vida. Egualmente difícil é a mudança de lugar que eu em vão propuz em Sierra Leone e em Bathurst. Nestes hospitais de isolamento o homem se contenta em que o deixem sozinho para morrer. Tem horror à ideia de mudança como o passageiro enjoado detesta toucinho gordo, ou os velhos ingleses não querem saber de "uma nova visão do assunto"; propor qualquer alteração é ofender-lhes pessoalmente e eles odeiam com razão, o intrometido que o faz.

Morro Velho é colocado em situação sub-tropical, a 19°58'6", 7 de latitude Sul e aproximadamente a 43°51' de longitude oeste de Greenwich (4). A altitude

3 — Em português no original. N. T.

4 — A latitude foi tomada com um círculo refletor pelo Sr. Henrique Dumont, Eng. Civil. O Dr. Walker com um altimetro deu a altitude 2.300 pés; o Sr. Gordon dá 2.332 e

é a da cidade de S. Paulo, um pouco acima de 2.000 pés. A estação seca começa, de acordo com a regra do hemisfério sul, em Abril e termina em Outubro. Durante este periodo o termómetro oscila entre 61° e 72° F. e o ar contem de 0.811 a 1.000 de umidade (higrómetro de Mason). A água raramente é mais fria que 39° F. A geada, porem, aparece nos telhados e na grama. A seca queimaria os campos se não fosse a densa neblina da manhã, frequentemente se adensando numa chuva miúda que arripia o corpo. A névoa desaparece primeiro dos lugares baixos, iluminados pelo sol de 9 às 10 horas da manhã. (5) Vem depois uma grande e súbita mudança de temperatura. O Dr. Birt com quem tracei conhecimento "en passant" na Baía, achou que durante os dois primeiros anos do seu serviço esta diferença na sombra subia a 20° e 23° F. As observações do Dr. Walker dão durante quatro meses e meio um mínimo de 46° e um maximum de 80° (6).

Há geralmente chuvas do solstício chamadas Chuvas de S. João. As primeiras mariposas aparecem pelos fins de Julho e as últimas no princípio de Maio.

outra observação com o simplesómetro — ar 68°, liquido no tubo 59° e termómetro anexo — deu 3.411 pés. Eu tomei no primeiro andar do "Guesten House" 2.233 pés (B. P. 208° temp 63°).

5 — No relatório do Dr. Walker de 1850, lê-se que estas neblinas "cobrem mesmo os cumos nas alturas". Creio não ser bem assim.

6 — Para Março — term. mín. 65° Max. 80° Simp. de Adlo 27,90 — 28,40.

Para Abril — term. mín. 49° Max. 68° Simp. do Adlo 28,22 — 28,59.

Para Maio — term. mín. 46° Max. 68° Simp. do Adlo 28,17 — 28,60.

Para Junho — term. mín. 49° Max. 72° Simp. do Adlo 28,40 — 28,66.

Para meio-Jul. — term. mín. 47° Max. 70° Simp. do Adlo 28,56 — 28,75.

O sol está no apélio a 2 de Julho, o tempo mais frio nos planaltos do Brasil. Esta temperatura nos lembra os resultados obtidos pelo Dr. Blanc em Mágdala, na Abissínia.

Agosto tem umas poucas quedas bruscas. No principio de Setembro os camponeses começam a queimar seus campos, a grande andorinha (7) sul-americana aparece e o sabiá (*Turdus Orpheus*, Lin), a kokila da Terra de Ouro, que não é, porém, o "pintarroxo americano", anuncia-se na estação seca com sua música. "Pela mesma época", diz o Sr. Henwood, então de Gongo Soco, "o beija-flor cessa o seu canto suave e monótono, que durante a estação fria pode-se ouvir de qualquer bosque baixo e abrigado nos meios dos campos entre Gongo e Catas Altas".

As "trovoadas" (8) às vezes acompanhadas de pesadas cargas de granizo anunciam as chuvas tropicais que atingem o máximo em principios de Novembro. Como em geral no Brasil, a descarga varia muito. Por dez anos a média foi de 68,28 polegadas; a menor de que se tem lembrança foi de 51,57 em 1863. A média entre 1864-6 foi de 63.00 (9).

Pelo fim de Janeiro ou em principios de Fevereiro, há um agradável intervalo de tempo, como o nosso verão de S. Martinho; é chamado o "Veranhico", pequeno verão: durante uma quinzena ou tres semanas, as chuvas cessam e surge o sol sem nuvens. Viajei pela Provincia de S. Paulo durante o Verão Indiano (9-A)

7 — A andorinha é também conhecida pelo seu nome Tupi Taperá ou Majol. O primeiro não se deve confundir com Tapéra que T. D. traduz como Aldeia velha, ou *affio abandonado*, o nota que segundo Pison, também quer dizer andorinha, o que é um engano.

8 — Em português no original. (N.:T.) Estas trovoadas não se devem confundir com o "tornado" Africano, palavra que nós corrompemos applicando a um meteoro muito diferente.

9 — Eis os dados referentes a tres anos:

Em 1864	chuva =	61,95	polegadas
" 1865	" =	61,98	"
" 1866	" =	65,14	"

9-A — *Indian Summer* — Período de calor no fim do outono ou principio do inverno, caracterizado por um céu límpido e por uma atmosfera nevoenta. Ocorre em Outubro e, mais fre-

de 1867: acima da cabeça tudo delicioso; abaixo dos pés, tudo detestavel.

A única cousa de bonito na Casa Grande era o exterior. O seu terreiro é um espaço plano lançado com caminhos bem calçados com tentativas de gramados, um terreno anglo-tropical. A barra dessa margem gramada na face norte e dominando o vale do riacho é adornada com laranjas, limas e a *Poinsettia* sempre brilhante. Para leste estão cercados de terra, outrora um montão de imundícies, agora brilhantes com café e bananas. Atraz numa garganta funda com a sua corrente irrigatória fica o jardim. A parte superior ostenta árvores e flores estrangeiras que sofrem aqui de duas pragas: — A formiga das plantações, que os velhos portuguezes chamavam de rei do Brasil, e que é um perfeito liberal; (coisa que aqui significa ignorante) — estraga o produto da terra, mas devora o estrangeiro — e a "herva de passarinho", semelhante ao agárico, com seus ramos amarelo-avermelhados, parecendo correntes e mais fatal às árvores. A forte trepadeira abraça com a raiz o tronco da árvore e lança dentro garras que penetram a casca e chupam a seiva. É difficil de se matar. Se é cortada, renova-se, dizem, e a semente é frequentemente depositada nos galhos superiores, especialmente pelo "Bemtevi" (10).

A horta, dirigida pelo Sr. Fitzpatrick, que é habilidoso em todas as coisas, desde matar um carneiro até colher um ramallete, fornece excellentes saladas e couves. Os rabanetes são um tanto duros e lenhosos,

quentemente, em Novembro. O termo é de origem americana, mas também usado na Inglaterra, onde, quando o fenómeno ocorre em Novembro, é também chamado *St. Martin's Summer*, e quando em Outubro: *St. Luke's Summer*. (N. T.).

10 — Poqueno en'o divertido e desprozível. (*Lanius pítangua*), cujo grito barulhento significa, "Bem te vi" ou "Bem-vindo seja". É referido por todos os viajantes brasileiros. O príncipe Max. (I, 63) também dá o nome *Tectivi*.

a batata não medra. Há nove anos Morro Velho tem uma sociedade de horticultura, com o necessário presidente, diretoria e tesoureiro; reúne-se nas primeiras semanas de Fevereiro e Agosto, e dá como prêmios instrumentos uteis. A Sra. Gordon, que viveu na Jamaica, introduziu a "cassarrep", e sua "pepper-pot" eguala qualquer "curry" e supera facilmente "a palm oil chop". Os brasileiros em geral jogam fóra o suco da mandioca venenosa, do qual tantos empregos se podem fazer. Todos os livros antigos têm um capítulo "em que se declara quão terrível é a água da mandioca", e que nunca deixa de dizer que ela produz raízes com que as boas mulheres dos índios, e — (isto vai sotto-voce, mesmo algumas brancas) — se livraram de seus maridos. No entanto, é interessante dizer, os selvagens sabiam como evaporar o princípio ácido e volátil; concentravam o suco com o *Crumari cumbari*, ou *cumari*, o *capsicum frutescens*, pimenta de caiena selvagem, e faziam a *Cassarrep* (11) que chamavam *Ticupi* ou *Tucupe* (12). Este "tempero", que pode ser comparado ao soy do Japão, é ainda conhecido, segundo

11 — Eis uma receita para se fazer "cassarrep". Considero uma boa ação torna-la pública: — "Para um galão de salmoura de carne salgada junte 2 galões de suco de mandioca (venenosa) que deve ser mais fresca possível. Ferva a fogo lento em panela de barro durante cinco ou seis horas. Depois da terceira hora junte uma libra de grãos de pimenta seca sem moer, 1/2 libra de grãos de pimenta, 1/4 de libra de maizis, 4 nozes moscadãs moidas no almofariz e 2 onças de cravo. Se não ficar bem forte junte pimentas da Caiena intolras. Passo por uma peneira fina, engarrafo e lacro. "Pepper-pot" é simplesmente carne e legumes postos em "Cassarrep". Devo ser fervido diariamente, quer seja ou não usado e a perda compensada, juntando-se outro tanto de cassarrep (um cálice de vinho cheio mais ou menos) e tantas pimentas quantas preciso. O vaso deve ser um pote chato de barro mais poroso que se emboha facilmente de Capsicina.

12 — O *Tucupi* é ainda usado em regiões amazônicas em que permanece o sangue vermelho. Ouvi dizer que os animais que levam muito tempo para mastigar podem comer mandioca impunemente cujo suco venenoso se avola da boca.

fui informado, pelos homens do interior das matas no norte do Brasil.

A Casa Grande é a velha casa do Padre Antônio Freitas, naturalmente modificada e ampliada. Caldwell (II,275) descrevendo o velho e seu sobrinho, Pe. Joaquim, nota que a mulher do Padre era muito bonita, com olhos negros, "bela e gorda" (13). O padre, após ter tido a delicadeza de instalar D. Silveria na elegante fazendinha de Santa Ana, na estrada de Sabará, morreu em Congonhas, mas durante a quaresma reaparece na sua casa querida, e toma livremente o que quer do armário. Assim, Pedro, seu escravo, de cabelos grisalhos, com sua fé simples africana de fetiches, põe carne sobre a mesa, e muitas vezes vê o fantasma passando de quarto em quarto. Pessoas sem caridade são de opinião que o bom do padre foi transferido para um local onde não se permitem exercícios físicos, mas as doutrinas variam em assuntos tão graves e obscuros.

Os alojamentos do Superintendente, repito, deveriam ser mudados. Ficam junto à corrente. É um dos mais quentes, mais frios e os mais úmidos dos edifícios. O armazem da Companhia foi outrora a Casa Grande; poderia voltar a esta honra. Não há nada mais contrário à prosperidade da mina do que uma frequente mudança de funcionários dirigentes; e o clima combinado com as influências peculiares do lugar exige toda a atenção para a saúde. Uma vez que se consiga um homem valioso é preciso conserva-lo vivo.

13 — "Rem gorda" a gordura entre todos os povos indígenas do sul, inclusive os brasileiros, equivale à beleza. Possivelmente a mistura do sangue mouro é a causa do gosto — quem poderá esquecer a viúva do Clapperton. Zuma, a pipa ambulante? Feia, velha, magra, são o positivo, o comparativo e o superlativo das ofensas dirigidas à mulher do mediterrâneo.

A nordeste da Superintendência e meio escondida pelos arbustos, fica a "Biblioteca da Estação" como diríamos na Índia; por fóra um pequeno octógono coberto de telhas e caiado. Há 920 volumes, oitocentos para empréstimo e o resto para fins escolares. O bibliotecário é o capelão, clérigo licenciado pelo Bispo de Londres. Nas estantes encontram-se alguns bons livros de consulta; infelizmente faltam quasi todos os de interesse local, como Spix e Martius e o Jornal de Lyon. Deveriam ser encontrados e os delinquentes condenados. Alguns passos alem da biblioteca levam aos escritórios da Companhia. Aqui às 9 horas da manhã diariamente reune-se a conferência dos officiais. Considero este sistema pior do que um conselho de guerra. Aqui tambem, no primeiro Sábado de cada mês é pago o vencimento dos mineiros brasileiros e trabalhadores livres e escravos. Os europeus recebem seu dinheiro de dois em dois meses, avisando-se o dia por anúncio.

O único passeio normal em Morro Velho ou seus arredores é pelo "Rego de Cristais". Arriscando-se a muitos geitos dolorosos, sobe-se o morro do armazem e penetra-se na vila de "Retiro" construída sobre uma encosta bem drenada. Surgem aqui casas de campo de aspéto brasileiro. Erguem-se, fileira após fileira, cada uma precedida de seu terreno ajardinado. Estes são os bairros dos mineiros ingleses e suas famílias. O aluguel varia de \$500 rs. a 1\$500 rs. por mês. Outras estão localizadas em Mingú, atraz do Hospital, tres famílias (em Agosto de 1867) moram perto do caminho da praia e algumas estão junto a Congonhas. A companhia construiu, alem da vila do Retiro, casas de campo para os mineiros brasileiros e alemães. Mas o arranjo das casas é geralmente pobre e pôde ser melhorada sem muita despeza e grande proveito.

Entrando pelo portão topamos com o Rego ao longo de cuja margem direita o Sr. Gordon lançou uma boa estrada. Aqui, nas tardes quentes, o jovem mineiro da Cornoalha transporta-se para o banho. A água nasce no Morro das Cabeceiras, a perto de quatro milhas pelo seu curso, junto da serra que conduz ao distrito de Paraopeba (14). Esta parte da terra é elevada. A extremidade sudoeste do "Morro das Quintas", aliás "do Ramos", eleva-se a 1.200 a 1.300 pés acima do rio e a sudeste há um pico mais alto, o Morro do Pires. Antigamente o rio desembocava através de Congonhas; foi comprado pelo Capitão Lyon, e conduzido em um canal para mover a mina. É uma das muitas correntes que coletam as águas dos riachos adjacentes. Ondina é pois compelida a mover enormes rodas, a elevar o minério, a leva-lo e a depositar através dos canais o refugio da Praia. O processo é dispendioso, cobrindo cerca de vinte e nove milhas, e as barracas estão continuamente sofrendo enchentes, quedas de barreiras e o mineiro da margem, "parvula... magni formica laboris". O rio Cristais atravessa o vale de Retiro, por entre lavaadeiras, em torno de um morro até a cisterna receptora. Depois passa pelo alto, numa das mais belas obras do estabelecimento, da profunda garganta chamada "Críminoso". Sifões de ferro invertidos mergulham nas profundezas e fornecem 2.000 pés cúbicos por minuto acima do Ribeirão; que finalmente drena para fóra a água. (15)

14 — O Rio Paraopeba corre do outro lado da serra perto de onze léguas a oeste do Rio das Velhas e aqui os leitos dos dois vales são quasi paralelos.

15 — Comprimento dos Cristais da cisterna a cisterna — 740 pés 6 poleg.

Altura da estrutura, da superfície da água — 81 pés 6 poleg.

Diferença de nível nos lados opostos — 23 pés 11 poleg.

Altura dos tubos da parte mais baixa até a extremidade superior da descarga — cerca de 120 pés 9 poleg.

Voltando do passeio passamos pela capelinha protestante. Em regra é razoavelmente frequentada na estação seca, quando a freguezia pode contar 100 almas, ainda que Tregeagh às vezes se queixe de ter perdido todo o gosto pelas orações. Os mecânicos sentam-se à direita, os mineiros à esquerda. Achei o canto como o das igrejas do campo na Grã Bretanha. Ocorreu-me a questão seguinte: porque hão de cantar salmos e hinos, homens incapazes de modular a mais simples canção? Não tendo ouvido a litania inglesa por muitos dias, não pude deixar de pensar na frase do Dr. Newman, o Oratoriano, isto é, que o "Protestantismo é a mais triste das religiões possíveis, e que a lembrança das cerimônias anglicanas faz o homem estremecer". Certamente ela poderá ser modificada para melhor, mas haverá meio termo entre o dom da razão semelhante a Deus e o não-racional de Roma? (16)

No domingo seguinte fui experimentar o Padre Francisco Petraglia, que fica do outro lado do Ribeirão da Boa Vista. A capela foi licenciada pelo Reverendíssimo Bispo de Mariana. Seu primeiro titular foi um português; em Agosto de 1860 foi sucedido pelo presente, Garibaldino aposentado. Minha mulher ficou muito escandalizada por ouvir dizer que o altar estava sem pedra; mas a igreja não foi consagrada e nela se passa, o que se chama "communier en blanc". Os ornamentos não são ricos, a custódia é uma simples caixa

O primeiro jogo de tubos tem o diâmetro interno de 14 poleg.

O segundo 12 poleg.

Grossura do ferro na parte superior — 5/16 poleg.

dita do ferro na parte inferior — 3/8 poleg.

A pressão na parte inferior — cerca de 45 lbs. por polegada quadrada. Este aqueduto altamente civilizado foi orguido pelo mecânico chefe Mr. Rouse.

16 — "A forma racional do pensamento deve ser necessariamente a última de todas" (M. Cousin. Curso de 1828. pg. 28).

de relógios com raios de metal e há falta de uma pia com hissopo para a aspersão da igreja e para guardar a água benta. O padre não despreza os jovens sem importância, e é muito querido por todos exceto aqueles que se ressentem da inensa superioridade de seus fogos de artifício sobre o produto nacional.

A missa foi celebrada às 10,30 da manhã e encontramos um pequeno ajuntamento, na maioria de negros, em torno da capela. Uns poucos brasileiros chegaram a cavalo; haviam provavelmente enviado na frente os animais ou andado duas ou tres milhas para apanhar os cavalos que usaram para 200 ou 300 jardas, do mesmo modo que os Beys mamelucos, não atravessariam mesmo uma rua a pé. Houve algum atrazo devido à coleta de esmolas para a cera ou para a fábrica eclesiástica em geral. Uma mesa com montes de cobres ficava no interior da entrada ocidental em frente ao enorme altar. Era dia de pagamento e cada um, a medida que entrava, fosse homem ou mulher, ajoelhava-se, beijava a estola que se lhe oferecia e entregava a sua moedinha. Um sacristão caréca dirigia com olhos espartos, o olhar, perscrutador, a cada moeda. Ou então com tom zombador e olhar de revez e de indescritivel escárneo e mofa, corrigia os poucos bravos que não quereriam "emprestar ao Senhor", ou que emprestavam com demasiada prudência. O satirico Sr. Antônio Marcos dizia que em cada teto de capela há um buraco pelo qual a pinga (17) se filtra nos bolsos sacerdotais. Terminada esta cena pouco decorosa, entramos todos.

17 -- A palavra usada foi pinga, donde se deriva o verbo *plagar*, tomar um trago; frequentemente usada, como *plifar*, tomar uma cachimbada. A ideia lembra o provérbio basco: "Ongossenc gulçon bat hille ines seguin ollea-barnera et esta gueros hautéo atera". (A avareza tende matndo um homem buscou nullo na Igreja e desde então nunca mais a doizou!)

Os brancos tomam posição na frente e os pretos atrás; os homens de pé e as mulheres se agachando no chão. Este antigo costume ainda se mantém em lugares do campo, somente as cidades mais civilizadas do Brasil admitem bancos. Todos estavam em vestes domingueiras; a capela era um canteiro de tulipas com altos estames negros e uns raros estigmas castanho-claro. A conduta do rebanho foi comtudo, honrosa; a cantoria foi melhor em ritmo e em harmonia e havia mais fervor do que no estabelecimento rival. Talvez seja porque o officio é curto e o sermão mais rápido. É verdade que em matéria de homelias o bom Sr. Armstrong não precisa de um medidor de sermões. Padre Petraglia inculcou muito severamente a Fé, a Esperança, e a Caridade e pediu esmolas para um S. Sebastião de porcelana branca que furado de setas ocupava uma mesa bem perto: aqueles que não quizessem "se humilhar com a terra" eram todos burros e cachorros (18). Era esta uma linguagem apropriada a inteligências deturpadas. Infelizmente o Reverendo esqueceu o Italiano e não aprendeu o português, fenômeno aqui comum e não pouco embaraçoso para a compreensão hamítica.

18 — O estranho molindro o respeitoabilidade dos velhos portugueses impedia-lhes de pronunciar a palavra indelicada eho pelo mesmo principio que um camponês do Malta quando fala da sua mulher diz sempre "com licença do vossa presença". Ele profertia peis cachorro baixa corruptela do latim *ca-tulus* e fez com que os filhotos, como os estafotas e os tamboreiros, cumprissem o dever dos mais velhos. Assim tambem todas as línguas néo-latinas temaram o nome do cavallo não de *equus*, mas de *caballus*, cavallinho. Um molindre semelhante pode ser observado no nosso inglês filisteu do século presente. Esboce-se por exemplo a figura feminina. Pôde-se falar em solos, mas não em peitos; em estômago e em baço mas não em barriga nem em rins. Creio que se fala em pernas, mas não em coxas; pode-se referir certamente a tornozolos, mas não a barrigas da perna. E assim por diante.

CAPÍTULO XXIII

PASSADO E PRESENTE DA MINA DE MORRO VELHO

"O Brasil não possui nenhuma mina de ouro". (Diccionario de Uro — sub voce).

A Mina de Morro Velho foi primeiro explorada em 1725 pelo pai do Pe. Freitas que a comprou com 150.000 cruzados, hoje 600 libras de nosso dinheiro, mas naqueles dias era soma muito diversa. O Pe. vendeu-a, como foi dito, ao Capitão Lyon, e o custo total da propriedade foi £ 56.434 12s. 7d.

A noticia mais antiga sobre ella data de 1825, quando Caldwell visitou a "mina de ouro de Congonhas de Sabará". Ele a descreve como uma imensa abertura quasi atravez do coração da montanha, cuja camada superior, revolvida pelos primeiros mineiros, não passava de destroços de quartzo, ferro, e terra vermelha. O filão era uma massa muito inclinada de chisto chlorítico aurífero, intersecionada por veios de quartzo, em que o ouro residia em piritas ferruginosas e arsênicas. As paredes da mina estavam incrustadas com cristais brancos e aciculares, um sulfato impuro de alumínio. O Padre fazia saltar o seu minério, e quando tinha pouca pólvora usava o método Anibaliano de estalar as pedras, mas com água, e não com vinagre. O metal era socado em cinco pilões cada vez mais fortes, que produziam 25 a 36 oitavas por

dia de ouro pobre, raramente excedendo de 19 carats. A obra principal era o veio Vinagrado, assim chamado pela cor avermelhada da pedra, e dizem que o proprietário extraiu dela em dois meses 24:000\$000. Isto se fazia com setenta escravos, cada um recebendo 1 1/2 oitava de ouro por semana.

Gardner, memoravelmente mal recebido pelo Sr. Goodair, Superintendente de Cocais, foi bem recebido em Morro Velho pelo Sr. Crickitt, comissário chefe em exercício em substituição ao Sr. Herring. O viajante passou aí um mês em 1840 e deixou um interessante relato da mina em seus primeiros dias. Encontrou o veio aurífero aparecendo em argila de cor cinzenta, chisto, e consistindo de rocha quartzosa, misturada com carbonato de cal e fortemente impregnado de ferro e piritas de cobre e arsênico. O filão, cuja direção geral era de leste para oeste tinha cerca de sete braças de largura, um pouco a leste dos trabalhos centrais. Aí se dividia em dous ramos correndo para oeste. Tanto quanto haviam sido explorada mais profundamente, extendiam-se para leste. As ramificações divergiam gradualmente, tomavam uma direção nordeste e então corriam paralelamente cerca de 100 pés uma da outra. A quantidade retirada variava de 1.500 a 1.600 toneladas por mês, e cada uma dava uma média de 3 a 4 oitavas e um máximo de 7. O "ziilerthal tirolês", processo de amalgamação de pilões rodantes foi experimentado em Gongo Soco e aboliu a bateia. Aqui não deu resultado. O arsênico formava com o ouro uma liga que tornava difícil a operação e a perda de mercúrio era excessiva. A ustulação e a calcinação do minério também tinham sido abandonados por se terem revelado perigosos os vapo-

res do arsênico. Dizem que um negro morreu por causa deles quando trabalhava com a areia de refugo.

Os primeiros relatórios da presente Companhia descrevem o corpo principal da massa metalífera como ocupando o flanco meridional de uma alta montanha, cujo contorno segue em linhas paralelas: na extremidade leste curva-se para o norte e se torna muito pequena para ser digna de se explorar. A mina consistia em tres trabalhos contiguos no mesmo filão. A parte mais oriental era a "arsênica", com dez braças de profundidade: no centro ficava a principal abertura chamada o Baú (1), enquanto a oeste, tambem a dez braças de profundidade, ficava a ora deserta Quebra-Panela, assim chamada pela sua superfície desigual.

O Sr. Herring procurou instalar com todo o empenho possível um escoadouro para drenagem da mina em nivel mais baixo, aplicar o maquinismo para drenagem e retirada dos detritos, abrir poços no filão e quebra-lo pela extração. Como garantia contra desabamentos a manutenção das arcadas provou bem. Ele tambem instalou arrastres ou trituradores (2) cada qual trabalhando por sua vez nas 24 horas, quatro toneladas de refugo de areia. Com uma média de vinte e sete cabeças de pilão, a produção em Dezembro de 1835 foi de 27 lb. 11 onças de ouro. Em 1838 abriu-se uma comunicação entre o Baú e Quebra-Panela. O Sr. Herring propoz que se chamassem "Minas Reuni-

1 — Baú, do francês Bahut, mala de viagem. No Brasil é applicado a muitas formações tais como uma rocha quadrada erguendo-se da água ou uma pedra cúbica sobre o cume de uma montanha. Nas Minas é o buraco em que a drenagem se acumula e forma um poço: é assim eposto a cachoeira, terreno em que a água despenca e não se afunda. Das muitas minas grandes terem um Baú e uma Cachoeira.

2 — Explicamos no capítulo 26, esta organização.

das" mas os antigos nomes se mantiveram por força da tradição. Em julho 1838, os primitivos trabalhos de Gambá (3) renovo ao norte do veio principal e jazendo a oeste das "Minas Reunidas", se aclararam e o "Vinagrado" foi abandonado. Ao mesmo tempo, a "Cachocira", ou secção oriental do veio principal se abriu. Então se descobriu o fáto importante de que toda a massa do filão jaz mais para baixo numa direção aproximadamente leste, e que a inclinação leva-o para frente cerca de cinco pés e dez polegadas em cada seis pés que se aprofunda.

Em 1847, após seus longos serviços, o Sr. Herring foi para a terra e faleceu. Morro Velho perdeu todos os seus comissários na primavera da vida. Foi sucedido pelo Sr. Georg D. Keogh, outrora secretário da companhia, homem ativo e enérgico, mas sem conhecimentos práticos. Em seu tempo (1846) o Sr. Thomas Treloar tornou-se o capitão principal da Mina e a companhia enviou um capelão, o Rev. Charles Wright, que recebeu visivelmente instruções no sentido de não se ocupar de conversões, mas de abrir uma escola para os meninos dos empregados europeus.

Em 1855 o Sr. Thomas Walker, doutor em medicina, tornou-se Superintendente. Homem amavel e respeitavel, tinha horror à responsabilidade e confiava muito nos outros; assim, como a produção de ouro o prova, seu governo não foi muito bem sucedido. Este tambem morreu e em 1858 o Sr. Gordon assumiu o cargo. Não mais se permitiu a avaliação privada de ouro e a vanglória de se terem livrado de tres superintendentes e de virem breve pelas costas o quar-

3 — Gambá, em francês *Sargue*, é um marsupial brasileiro, que desempenha o papel de raposa (*Dedelpbis carnivorus* ou *Azarel*). E' applicado a um negro ou a uma mina em sinal do opróblio.

to, foi muito desmoralizada. As perspectivas da mina então melhoraram e a consequência foi um dividendo (4).

4 — Eis um extrato o ouro produzido pela Mina de Morro Velho sob os seus vários superintendentes; minha informação vem da melhor fonte, os relatórios anuais da Companhia:

Sr. Herrling (1837-47)

Em 1837	Morro Velho	produziu	41,861	oitavas de ouro
" 1838	"	"	60,472	" " "
" 1839	"	"	63,842	" " "
" 1840	"	"	76,908	" " "
" 1841	"	"	70,946	(— 68 lbs. 1 onça de Trola)
" 1842	"	"	92,744	oitavas de ouro
" 1843	"	"	127,834	" " "
De 1.º de Março de 1844	a 29 de Fev. 1845	— M. V. pr.	124,432	oit. de o.
" " " " 1845	" " " "	" M. V. pr.	128,615	" " "
" " " " 1846	" " " "	" M. V. pr.	154,584	" " "

Mr. Kengh (1847-1855)

De 1.º de Março de 1847	a 28 de Fev. 1848	— M. V. pr.	175,439	oit. de o.
" " " " 1848	" " " "	" M. V. pr.	230,136	" " "
" " " " 1849	" " " "	" M. V. pr.	270,488	" " "
" " " " 1850	" 10 " Mar. 1851	— M. V. pr.	278,654	" " "
" 11 " " " 1851	" " " "	" M. V. pr.	324,279	" " "
" " " " 1852	" " " "	" M. V. pr.	363,761	" " "
" " " " 1853	" " " "	" M. V. pr.	372,679	" " "
" " " " 1854	" 11 " " 1855	— M. V. pr.	364,428	" " "

Dr. Walker (1855-1863)

De 11 de Março de 1855	a 21 de Mar. 1856	— M. V. pr.	346,031	oit. (*)
" 21 " " " 1856	" 20 " " 1857	— M. V. pr.	307,281	" " "
" 31 " " " 1857	" 19 " " 1858	— M. V. pr.	261,247	" " "

Mr. Gordon (1858-1866)

De 20 de Março de 1858	a 18 de Mar. 1859	— M. V. pr.	285,615	oit.
" 19 " " " 1859	" 18 " " 1860	— M. V. pr.	263,214	"
" 19 " " " 1860	" 19 " " 1861	— M. V. pr.	428,166	"
" 20 " " " 1861	" 20 " " 1862	— M. V. pr.	543,637	"
" 21 " " " 1862	" 22 " " 1863	— M. V. pr.	529,193	"
" 23 " " " 1863	" Mar. de 1864	— M. V. pr.	476,005	"
" Março de 1864	" Mar. de 1865	— M. V. pr.	247,663	" (1)
" Março de 1865	" Mar. de 1866	— M. V. pr.	522,119	"

(*) Em 7 de Março cerca de 170 toneladas caíram de um teto e da parede Sul da Mina de Baú. — Os furadores e carregadores do balde todos escaparam.

(1) Em 13 de fevereiro um desabamento de "killas" se deu na da Cachoeira, e em 19 de abril oito mineiros morreram nas obras da Cachoeira.

É facil superintender na Inglaterra estabelecimentos que foram explorados por muitos anos, quiçá por gerações; muito diversa é a situação nestas regiões onde todo o peso cai sobre um par de ombros. Os diretores de futuras companhias se quizerem beneficiar os acionistas, em vez de promover amigos e parentes, deveriam ser tão cuidadosos na escolha do Superintendente como o foram na escolha do engenheiro relator. Na mina deveria aquele possuir o poder absoluto de um coronel comandando um regimento francês (não um inglês) e receber relatórios diários de seus officiais, em vez de reuni-los em conselho; deveria ter poderes para fazer e desfazer todos os atos de seus subalternos, e seria de esperar que tomasse sobre si toda a responsabilidade. O subalterno deveria ter permissão para mandar suas queixas contra seus superiores, e, se incapaz de sustenta-las, ser logo demittido.

É agradável ver as excellentes installações de Morro Velho entre gente tão deficiente em capacidade de organização e administração como os ingleses, ao menos no Brasil. Citemos, por exemplo, uma certa Estrada de Ferro Anglo-Brasileira que consistia em quatro pequenos reinos independentes. O Sr. Superintendente não podia dar uma ordem, e, portanto, nada superintendia. O Sr. Engenheiro-chefe dirigia a estrada. O Sr. Engenheiro-mecânico era o senhor supremo de uns poucos carros e planos inclinados, enquanto o Diretor do Transporte que era tambem, — é interessante dizê-lo, — o Sr. Almojarife, reinava tão absolutamente como os seus chefes vizinhos. Os brasileiros assistiam a isso com espanto. Mas o Sr. Gordon é irlandês e a "individualidade do individuo" é menos criticada, menos tirânica nesta secção da raça celtica do que na anglo-bretã.

Vimos que as tres grandes minas formam uma única continuação da mesma linha do mineral. A Quebra-Panela é a mais occidental, segue-se o campo do Campeão, assim chamado por causa de uma pessoa, e não no sentido comum mineiro; no centro fica o Baú, dividido em leste e oeste, enquanto acima do Baú e no extremo leste fica Cachoeira (5) também tendo duas secções. O Baú e a Cachoeira são de facto uma só mina. Os primeiros trabalhadores deixaram uma grande cunha ou barra de chisto argiloso entre elas, mas isto, após devido estudo, foi tirado em 1860.

A largura do veio varia de quatro a seis pés. A direcção geral do que foi lavrado é de oeste para leste com variações para o norte. A inclinação é de 45° , elevando-se a um máximo de $46^{\circ}30'$ ou 47° . A direcção horizontal é de sul 82° oeste para sul 58° leste. Os planos de clivagem do chisto argiloso são ora transversos ora paralelos ao veio. Em algumas secções das paredes da mina elles atingem 36° a leste, mas a média é mais a leste. A direcção é de Sul 46° leste, e a inclinação em ângulos que variam de 43° a 70° . Alguns trechos das paredes verificou-se que eram de terra e pouco firmes, mas nos primeiros relatórios os defei-

5 — Em Julho de 1837, a profundidade vertical da Mina da Cachoeira era de 180 braças
 a profundidade na inclinação do veio 264 "
 comprimento da escavação (L. e O. do poço) 66 "

A largura da escavação variava de 6 a 46 pés, média 29.

A profundidade vertical do Baú é de 179 braças.

A profundidade na inclinação do veio 207 braças.

Comprimento da escavação (oeste do poço ou parte mais baixa do poço) 60 braças.

A largura da escavação oscillava entre 11 a 80 pés com uma média de 44 pés.

tos foram muito exagerados. A inclinação inferior do veio mineral é de 6° no Baú e 8° no meio da Cachoeira. Sua inclinação varia de sul 82° leste a sul 58° leste e a inclinação de 42° a 47°, mas sempre paralelo à estria. A parte mais rica do veio está ainda na parte leste de Baú. Póde haver matéria rica aninhada a sudeste e nesta direção estão se fazendo cuidadosas pesquisas. Muito se esperou da extremidade oeste, mas um poço aí aberto deu muito pequenos resultados.

Durante a parte do ano entre Setembro e Março de 1866 a 1867 o produto liquido das minas foi de £ 49.131 (6). Mesmo depois de feitas todas as deduções, ainda restam para dividendos £ 54.434 e os Di-

6 — Eis os dados entre 23 de Março e 21 de Setembro de 1866:

9 dias do Março produziram	19.627	oitavas
Abril.	50.046	"
Maijo	60.154	"
Junho	52.076	"
Julho	48.405	"
Agosto	52.018	"
Setembro (21 dias)	82.028	"

TOTAL 314.652 "

	£	s.	d.
O lucro liquido do trabalho foi de	50.506	9	8
Juros do dinheiro não empregado	1.570	0	0
Balanço dos lucros não divididos	743	11	11

TOTAL £52.880 1 0

Deduzem-se as despesas em Londres £ 1.193 10 3

Resta para o dividendo £51.686 4 0

Durante este meio ano 7.000 toneladas se extraíram a mais sobre o meio ano anterior ou 52.698 para 46.629 e esta foi a maior quantidade jamais extraída. Por outro lado ela tinha 41.6, e a última somente 36.6 de argila chistosa sem valor.

retos "tiveram a satisfação" de propor o pagamento de £ 4 s. 5 por ação, livre de imposto e independente dos 10 % levados como de costume para o fundo de reserva. Nestas prósperas condições deixei a mina. Mas, pouco depois, na noite de 21 de Novembro de 1867 um incêndio rebentou e a despeito de todos os consideráveis esforços causou muito prejuizo.

CAPITULO XXIV

A VIDA EM MORRO VELHO (Continuação)

"Ipsa quo barbarica aliquid praesentit honesti".

Uma cena interessante e muito própria para uma fotografia é a Revista dos negros, que se realiza todos os sabados. Quando lá estávamos cerca de 1.100 dos 1.452 esperavam no terreiro em frente à Casa Grande. Ambos os sexos estavam descalços — em toda a parte no Brasil é este um sinal de escravidão. As mulheres precedidas por um grupo de doze raparigas, estavam formadas em colunas de seis companhias. Estavam com as vestes domingueiras, saíotes de lã branca, com uma barra estreita e vermelha em torno do último terço; chale de algodão listado de azul e branco e um lenço de cabeça brilhante, geralmente vermelho, amarrado em torno da carapinha. Na extrema direita, perpendicularmente à coluna estão as mulheres de "bom comportamento". O distintivo do primeiro ano é uma larga barra vermelha em torno da bainha branca, substituída por galões estreitos, um para cada ano, até que o número místico de sete (1) concede a liberdade. Vimos dez mulheres e outros tantos homens requererem oficialmente as preliminares da alforria.

1 — O prazo do costume é de 10 anos, mas foi humanamente reduzido.

Enfileirados por traz das mulheres, os homens estavam vestidos de camisa branca, ceroulas de lã azul desbotado, barretes vermelhos — Turcos e Escosseses — e calças de algodão. Os homens de casaco, como são chamados os bem comportados, ficam na extrema esquerda formando um ângulo reto com os batalhão de amazonas. Usam casacos sem rabo de sarja azul, debruados com punhos e golas vermelhos, coletes brancos, calças com listas vermelhas nas costuras e os barretes do costume; cada um tem uma medalha com o selo de Morro Velho e o distintivo da liberdade próxima. As crianças que têm idade para comparecer à Revista são vestidas da mesma maneira, decente e confortavel; oferecem um grande contraste com os negrinhos que se chafurdam em torno.

Os escravos respondem à chamada feita pelos chefes dos respectivos departamentos. Feito isto, o Superintendente, seguido do Gerente, do Gerente auxiliar dos negros e dos dois oficiais médicos, percorrem as companhias e inspecionam minuciosamente cada individuo. Verifiquei que quasi todas as peças eram nascidas na terra; havia somente um "Munjo-lo" (2), caracterizado pelas tres cicatrizes de sua raça; as outras "pessoas em serviço" chamavam-no "pagente".

Após a inspeção abriu-se diante da porta uma mesa de pagamento e as meninas e crianças recebiam sua ração de pagamento e sabão. Os tres cobres (\$120) dos primeiros tempos subiram a 6-8 para os empregados nos pilões, os carregadores de pedra ganham 12 "dumps". Por trabalhos extraordinários ou

2 — Raça conhecida das terras a leste do Congo. Sr. Hilaire escreve a palavra Monjojo, confundindo assim a gente com uma máquina inanimada.

alem das horas (3) o pagamento pode subir a 16-20 cobres. Cada um recebe por semana meia libra de sabão; este artigo custa à companhia entre 300\$000 rs. e 400\$000 por mês ou anualmente 360 l., a 480 l. Os homens e mulheres casados são pagos no escritório público. Os primeiros antigamente recebiam quatro cobres, agora recebem o dobro, e por indústria podem ganhar de 8 a 10 patacas, cada uma de 8 cobres. A média das recompensas e pagamentos suplementares pagos aos negros sobe a 1:600\$000 por quinzena ou cerca de 3.840 l. por ano.

Feita a chamada, ambos os sexos e todas as idades vão à Igreja. O dia é então deles. Os industriosos cuidarão de sua casa e jardim, dos porcos e das galinhas, lavarão e cozerão ou buscarão água, madeira ou capim para vender. Os vadios e dissolutos guardarão o dia santo à moda africana: deitando ao sol, fumando, e se for possível, bebendo e fumando canhamo, como os selvagens meio-corrígidos da Sa. Leone. Dina, aqui como em toda a parte, é proverbialmente louca por bugigangas e belos retalhos. Terminada a parada, ela se livra de seus trajes regulamentares e reveste-se de uma roupa estampada vistosamente e um chale esplendoroso, invejado por todos os espectadores.

Certa vez os negros mostraram-nos o que no Hindustão se chama "tamaska", na Espanha e Portugal uma "folia", no Egito e Marrocos uma "fantasia" e aqui uma "congada". Um grupo de homens, após passear pelo estabelecimento veio à Casa Grande. Vestiam-se, ou imaginavam estar vestidos segundo o

3 — Chamado tecnicamente "fazer horas".

estilo da Casa da Agua Rosada (4) descendente do grande Manikongo, senhores hereditários da terra do Congo. Mas as toilettes ainda que vistosas com sedas e setins de côr eram puramente fantasiosos, e alguns usavam o Kanitar ou corôa de plumas na cabeça, a Arasvia ou a franja da cintura e traziam o Taccapè ou tomahawak, de origem vermelha. Todos estavam armados com espada e escudo, excepto o rei que, em sinal de dignidade, trazia ceptro, um pau grosso e forte. Êste velho, mascarado, de barba branca, maxilar trêmulo, voz vacilante e modos rabugentos era habilmente representado por um joven negro de Sabará. À sua direita sentava-se o Capitão da guerra, Primeiro ministro; à sua esquerda o joven príncipe, seu filho e herdeiro, um negrinho sem interesse. Está visto que havia um palhaço da corte Dahoman e a patuscada consistia em dar nele ponta-pés e cachações como se fosse um dos nossos palhaços ou arlequins.

A peça era a representação das cenas que mais agradam esta pacífica e afavel raça negra; ordens para uma caçada de escravos; marcha acompanhada de muita correria em torno e ruído de espadas, que todos empunhavam como facas de açougueiro; surpresas, arrastamento de prisioneiros, instruções para matar ministros e guerreiros poltrões, envenenamentos e antidotos, — enfim — a "África selvagem". Sua Magestade usava largamente de seu bordão malhando todo o mundo realisticamente. Os discursos eram fei-

4 — Parece brincadeira este título de água de rosas adotado por negros retintos, mas é legitima história. Uma interessante narrativa da dinastia e um esboço sobre "Nicolau, Príncipe do Congo", foram publicados ultimamente por M. Valdez (Vol. II — Cap. 2 — "Seis anos da vida de um viajante na África ocidental". Six years of a Traveller's Life in Western Africa — Hust & Blackett 1861)

tos em tom meio cantado: a língua era Luso-Hamítica, e havia um esboço de cadência e rima. A matança do inimigo e o beber o seu sangue eram os tópicos prediletos, variados com alusões ocultas ao superintendente e seus hóspedes. Após meia hora receberam uma gratificação e se foram mostrar as habilidades em outro lugar.

As cerimônias do Domingo terminaram com a chegada de cinco casais trazendo outras tantas peças negras recentemente batizadas para receber o prêmio da fertilidade. O pagamento da progênie é uma boa idéia; em regra a moça escrava brasileira diz: "O que pode uma cativa (5) fazer com crianças?" Em Morro Velho, pelo contrário, as negras desejam descendência porque são temporariamente afastadas do trabalho. Infelizmente quando a segunda criança está para nascer, a primeira é abandonada e o médico raramente chamado até que morte esteja às portas. O objetivo é criar somente uma criança e estar pronta para exportar outro quando preciso. Assim os livros do hospital (6) para os primeiros seis meses de 1867 mostram que o número da morte de negros dobrou a dos nascimentos: com um total de 1.452, nasceram 16, e morreram 32 (7).

5 — Cativo (fem. cativa), sufixo do "escravo" ou "escrava", opõe-se a "forro" livre, do Árabe. Um termo similar a comprar escravos é "resgatar", por que oficialmente eles se supõem assim salvos do assassinato de seus capturadores.

6 — Desde dezembro de 1866, o Dr. Weir manteve um registro de nascimentos e mortes de todos os negros e brancos, não incluindo os brasileiros livres, que trabalham no estabelecimento. Antes desse tempo, registravam-se os nascimentos, mas não as mortes.

7 — Castelnau (I, 184) é da opinião que o número de nascimentos não equilibra o de mortes dos escravos no Brasil e eu concordo plenamente com ele.

Os senhores da "raça occipital" ficam num estado de incrível riso sardônico — "*patulis stant rictibus omnes*". As mães, com maravilhosas correntes de ouro, são conduzidas por uma grande e negra Meg Merrilies, que parece onipotente sobre o seu rebanho negro. Cada mãe recebe um mil-reis, uma garrafa de vinho e um pouco de bons conselhos do Superintendente. Quando termina a cerimônia o engraçado do grupo, que está sempre à frente nestas ocasiões, propõe tres vivas e uma saudação ao Sr. Gordon e todos partem com grande entusiasmo.

Uma revista de escravos se dá diariamente na sala grande do "Rancho dos Negros", que se alumia durante a estação escura. O sino toca às 5 da madrugada; meia hora depois os ajudantes brasileiros, na presença do Sr. Smyth, chamam os nomes, primeiro dos homens, depois das mulheres, e finalmente dos recém-vindos, que tendo às vezes tendência à rebelião, estão sendo domados. O almoço é cozido durante a noite e cada trabalhador leva a sua comida.

Também visitei o hospital que está sob a guarda da Senhora Holman, a matrona, e examinei os relatórios remetidos mensal e anualmente aos diretores. O edificio está tão bem situado quanto os outros, é limpo e novo, espaçoso e conveniente; os médicos moram ao lado. Contudo os negros têm a ele horror, como os Sepoys da Índia, e preferem morrer em suas choças; em consequência disso muitos deles são trazidos para lá quando já moribundos. Há um quarto para os brancos, mas os ingleses são geralmente tratados em casa e obtêm licença por doença se for julgado necessário deixar o trabalho.

Penso que os relatórios médicos, colocam-se num ponto de vista demasiado favoravel quando declaram

que a população negra de Morro Velho é "em regra saudavel". O Dr. Roberto Monach notava em 1843: "Quando consideramos a constituição dos negros, a estrutura modificada (?) de sua pele, executando uma maior extensão de função que nos europeus e notamos a quão extensas e abruptas mudanças de temperatura estão continuamente expostos num clima muito variavel (8), a grande falta de cuidado e a natureza de suas occupaões, pode-se afirmar que a mortalidade é pequena, circunstância que oferece a melhor prova de que se toma todo o cuidado para preserva-los em boa saúde." Em 1846 "uma circunstância notavel" foi assinalada isto é, que em 14 mortes 2 somente eram de negros ingleses de Cata Branca, 2 eram dos 244 negros da Companhia e 4 eram dos 141 alugados de brasileiros. Foi dito que a disproporção provinha de que a boa vida, após um passadio pobre era uma brusca mudança: contudo, muitos atestaram que os negros melhoram em carne, cor e aparência pessoal após poucos meses em Morro Velho. Em 1848 o Dr. Birt nota que "na Inglaterra a porcentagem de mortes, incluindo toda a população, não é menor de 3 %; a nossa é de um pouco mais de 2 ½ por cento" (9). O Dr. Thomas Walker, "Médico do Exército", que em 1850 elaborou um relatório sobre as condições sanitárias dos negros de Morro Velho, encontrou-os dizimados pela pneumonia, doença muito comum e traiçoeira nos planaltos do Brasil. Lamentou não ter podido empregar

8 — A irrigação do plateau central Africano, ou bacia alta, notei ser menos regular do que a do Brasil. Em outros pontos os climas se aproximam; o'avelmente. Muitas vezes me lembrei do Usagara na Serra do Mar, e de Unyamwezi em Minas Gerais e S. Paulo.

9 — Para o cálculo official da média de mortalidade, vido apêndice 1, secção A.

mais largamente o bisturi, deante do qual os negros pareciam instintivamente desmaiar, e assim às vezes salvando suas vidas das garras da ciência (10).

Dos Relatórios evidencia-se que cerca de cada dez anos há uma mortalidade anormal produzida pela "natureza do clima e situação local, e pelas condições sociais e peculiaridades na constituição dos negros". As doenças do cérebro e das entranhas são graves; a disenteria e a pleurisia fazem muitas vítimas, enquanto a pneumonia é às vezes epidêmica, e muitas vezes latente, conduzindo a um rápido desenvolvimento. Dos 50 homens e mulheres hospitalizados vários sofriam de úlceras malignas nas extremidades, agravadas talvez pela água pirítica que se diz crear gangrena nas feridas. As repugnantes "bôbas" ou *pians* raramente conhecidas em europeus do norte, são aqui tão comuns quanto na costa da Guiné; o povo tem horror à moléstia e diz que "não se pôde dizer: tive bôbas" (11). Aquilo que Caldeleugh chama de ligações atôa (12) entre os escravos, são energeticamente reprimidas pelo Superintendente, e os funcionários dão o exemplo de conduta boa e escrupulosa; comtudo, como em São Leone, também aqui, a maioria dos casos é de origem venéria, e mesmo as crianças nascem com a corona veneris. Mal tal é o negro

10 — Seu trabalho foi publicado no 21.º relatório anual da Companhia. (Londres — R. Clay, Broad-street Hill).

11 — Em português no original. N. T.

12. — Palavra que leva a caminho errado frequentemente os estrangeiros no Brasil, aparecendo como nome de plantas e outras coisas. D' rigorosamente "a toa" no sentido literal, a reboque; a significação secundária é, sem governo, sem utilidade, impensadamente, e o sentido popular é ruim, sem valor, sem importância, "uma coisa a toa", fica assim sendo um adjetivo.

em qualquer parte fóra de sua terra, e nela mesmo, onde os europeus fizeram colônias.

"Que cena prodigiosa verá então o futuro:

As cadeias, semi-humanas, riscando mar e praia
Parecendo humanas aos poucos filantropos,

Um grupo monstruoso, horrendo, disforme e fétido,
Machos, todos bestiais, e fêmeas, todas pérfidas.

Luxúria, perjúrio e superstição mancham a terra;

Tal fortuna, "Sã Leone" fez de ti

Paraiso dos negros e inferno dos brancos!" (13)

As mulheres que estão para ser mãe são retiradas do trabalho e enviadas para o hospital no quarto mês. Depois do parto são dispensadas de qualquer serviço pesado e trabalham às vezes durante seis meses no departamento de costura. Os que conhecem as condições das mulheres de Lancashire, das mulheres da Cornoalha, que ajudam a explorar as minas de estanho, e das mulheres dos trabalhadores do campo ingleses em geral, saibam que a mãe escrava é muito mais bem tratada nas minas de Morro Velho. As crianças, guardadas por uma mulher mais velha, brincam debaixo de um telheiro coberto, numa grande praça do bairro de Boa Vista. Mas o negro no Brasil é um exótico; está fora do seu centro étnico próprio; é difícil mante-lo vivo, como o próximo quarto de século o provará e, quando criança, exige todo cuidado de

13 — Não é a forma empregada por Camões, no Canto V, Est. 12. Como o meu amigo, o autor das "Excursões na Africa Ocidental", adotei a forma negra "Sã Leone", que é uma simples corruptela de uma palavra já corrompida.

seus pais (14). O plantador brasileiro que não quer ver o número de seus escravos diminuir, permite que as crianças fiquem com suas mães e que a última fique fóra de trabalho por dois e até tres anos.

Uma das visitas mais interessantes de Morro Velho é ao Departamento de fiação de algodão do armazem da Companhia. Os braços são de negrinhas e mestiças, muitas vezes livres; trabalham por tarefa e alimentam-se e alojam-se por si. São pagas no final de cada mês, na média de 0\$300 a 0\$400 por libra de algodão tecido e cada uma consegue cerca de 4 ou 5 libras por semana. O material é trazido das regiões secas que ficam a oeste do distrito de Diamantina e das margens do Rio das Velhas, especialmente Santa Quitéria, no Município de Curvelo. A planta que os índios chamavam "Aninuú", é de semente preta, preferida no Brasil antigo, à herbácea. Os fios são separados mais facilmente pelo simples arco do hindustão, ainda usado. Pensa-se que a fibra é mais forte e mais facilmente tecida. Uma arroba (32 lbs.) de semente de algodão, valendo 0\$100 a libra, produz depois de tecida 7-8 libras de fibra limpa, cujo valor eleva-se a 0\$400 e 0\$500. Durante os tres últimos anos os pre-

14 — Não há nada mais errôneo do que a afirmação de St. Hil. (III, II, 72 e outras passagens), de que no Brasil a raça negra "tend à se perfectionner". Também na Europa pensa assim o instruído e excentrico Dr. Knox: "De São Domingos (o negro) expulsou o celta; da Jamaica expulsará o saxão; e a expulsão dos lusitanos do Brasil é sómente questão de tempo." Como nos Estados Unidos, a emancipação aniquilará a raça africana, que, com muito raras excepções, é viavel como escrava, recrutada de sua pátria, mas não como livre, em terras occupadas por sangue superior. É impossivel deixar de notar a curiosa contradição pessoal do Dr. Knox, que ameaça com a extinção os Anglo-Americanos (para não falar em outros), porque estão transplantados de seu habitat conveniente e ao mesmo passo promete um poderoso e produtivo futuro aos africanos debaixo das mesmas circunstâncias.

ços subiram em vista do aumento das encomendas do Rio de Janeiro, e, como as páginas seguintes o provarão, o Brasil, e especialmente a Província de Minas com sua irmã S. Paulo, tem em suas terras algodoeiras uma mina de riqueza que só pede maquinismos e vias de comunicação.

A semente é retirada dos fios com uma *charkha*, um simples brinquedo: dois pequenos cilindros de madeira lisa e dura, de cerca de um pé de comprimento, da grossura de um pau de vassoura, colocados muito juntos num quadro reduzido e movidos em sentido contrário por manivelas (15). Estas são movidas por duas crianças, enquanto uma terceira coloca o algodão que passa pelos rolos e sai livre. Vi depois um aperfeiçoamento nesta rude e veneravel máquina de mão: uma roda d'água movida por meio de polias e correias, com oito jogos de cilindros, cada um servido por um escravo. Este mecanismo limpava 96 lbs. por dia. Juntando-se um saco para fornecer o algodão, um açoutador para tira-lo e um fole para transportar o fio, com um par de mãos pôde-se fazer o trabalho de oito.

Em nenhum setor a nacionalidade demonstra suas diferenças e peculiaridades mais notavelmente do que na maquinária de limpar o algodão. A do Brasil é a Hindú dependem principalmente dos instrumentos da natureza e do melhor de todos eles: os dedos. Os ingleses inventam bons, caros e sólidos mecanismos bastante seguros, mas tediosos, vagarosos e quasi insuportaveis.

— "E a traça do *verme* vagaroso plana sobre todos".

15 — Há muitas variedades dessa máquina, muitas tem sómente uma manivela.

As invenções dos americanos, as populares serras cilíndricas, por exemplo, são baratas, pobres, faceis de manejar e trabalham com a velocidade de um trem de ferro, mas cortam a fibra em pedaços. Creio que o velho cilindro do Brasil, com certos melhoramentos, se tornará superior a qualquer das invenções até aqui.

O Capitão Joaquim Felizardo Ribeiro, cuja fábrica fica a cerca de tres milhas de distância, contratou o fornecimento de uma quantidade fixa de pólvora, à Companhia. Desta pólvora, uma quantidade no valor de £ 200 por mês é gasta nas explosões. Ele produz o carvão de lenha dura; recebe da Inglaterra, a bom preço, o melhor enxofre e salitre e prepara a mercadoria nas quantidades e nas proporções necessitadas pelo estabelecimento. Mr. Gray, inglês, faz a espoleta de segurança que é sempre carregada com pólvora ingleza. As outras espoletas são manejadas por negros. O óleo explosivo ou nitro-glicerina, não foi ainda, penso, experimentado.

Os armazens da Companhia contêm também o teatro que é sempre muito concorrido e que merece louvores do moralista como um prático agente civilizador tal, como Salt Lake City quer que ele seja. O Sr. Wood, ajudante pro tem na seção de Redução e o Sr. White Junior, eram as estrelas ao tempo da nossa visita. A casa é uma sala comprida com duas filas de bancos; à esquerda ficam os funcionários; à direita sentam-se os mecânicos e mineiros com suas mulheres, tendo em frente as crianças. O palco é uma plataforma cercada em opposição a uma orquestra elevada na outra extremidade; tínhamos todas as espécies de divertimento — cantores negros, e todas as últimas canções cômicas. Após ouvir os gritos e gargalhadas

que acolham cada farça barulhenta, o autor modificaria o seu velho dito:

Anglica gens
Optima flens
Pessima ridens.

Assim, leitor, é a vida em Morro Velho, no coração do Brasil. Pretendíamos, como disse, passar aí uma semana, tal, porém, foi a cordialidade com que os nossos camponeses nos receberam e tal a sua delicadeza e hospitalidade, que não nos podemos afastar antes de terminar um mês.

CAPÍTULO XXV

MINA ABAIXO

Ao meio dia nani

E' meia luz, e ao por do sol a mais negra noite.

O Sr. Gordon providenciou tudo para que descêssemos em segurança. A Sra. Gordon também, que nunca se havia aventurado no sub-solo, gentilmente consentiu em acompanhar minha mulher. Determinou-se que o Sr. L'pool e eu desceríamos antes e receberíamos os demais no fundo do poço. O Sr. James Estlick, capitão encarregado da mina (1) pôs-nos devidamente vestidos, com botas pesadas, para proteger os tornozelos, e um chapéu duro, de couro, para proteger a cabeça das pedras que caem, ou livrar-nos de levar uma estocada úmida com um torrão de barro; o resto da toilette eram roupas velhas para o uso das quais, meu primo irlandês considera Roma como o lugar mais importante. Um pequeno grupo de trabalhadores da superfície acompanhou-nos até a boca do plano inclinado de Walker, um buraco quente e desagradável levando à mina da Cachoeira. O negrinho Chico deu uma olhadela no poço profundo e escuro, torceu as mãos, deu as de Vila Diogo, gritando que nada neste mundo grande e imenso o faria entrar em

1 — O Superintendente prefero não ter um capitão chere da mineração e neste ponto penso que ele está certo. Há quatro capitães que mudam toda a semana tomando o serviço do dia e da noite.

semelhante inferno. Ensinaram-lhe ultimamente que ele é um ser responsável, com uma "alma imortal" e ele estava começando a acredita-lo de um modo um pouco rude e teórico: aquilo não lhe pareceu certamente um lugar para onde vão os bons negros.

O Sr. John Whittaker, que chegou em Morro Velho exatamente a tempo de ser um dos do grupo e o Superintendente, pensaram ser infra dig. descer de outro modo que não fosse a pé (2). Comtudo Geordy Stephenson não despresou sempre a cesta. Os mineiros correm para cima e para baixo como gatos, preferindo muito as escadas, porque assim dependem de si e não da corrente; o estrangeiro gastaria umas quatro horas e no dia seguinte, ou dois seguintes, seus joelhos ainda lhe lembrariam o feito. Eu preferi, apesar de todos os perigos falados, o grande balde de ferro que pesa quasi uma tonelada e carrega uns dezenove quintais de minério; os cornoalenses chamam-na de "kibble" e os brasileiros de "caçamba" (3). Pende de um mecanismo e corre num poço de madeira calçado de ferro, tombando num ângulo de cerca de 46°, e é descido e elevado por uma rede motora movida a água. Há dois freios, que os de Cornoalha chamam drags, na máquina tratora afim de parar o movimento subitamente, e no caso da corrente arrebentar, há um travão no qual, porem, não se deve confiar. A grande tina despenha-se veloz e irremediavelmente para cima e para baixo "como uma onda" desde que os fortes pregos não afrouxem e o negócio se transforme num desastre; o destino de um homem

2 — Por meio de escadas para entrar o suít, incluindo o espaço em torno delas.

3 — Não se confunda com a palavra angolosa "cacimba", significando poço d'água, perfurado em geral num leito de rio seco, muito comum no baixo São Francisco.

precipitado neste abismo de escuridão aparentemente impenetravel pôde-se imaginar. Quando a caçamba atingiu a estação comum, onde termina o poço, molas automáticas destacam-na do maquinismo; desce então verticalmente e se enche de pedra.

Os accidentes têm sido muito raros na Mina Grande; poucos precisaram do epitáfio: —

“Aqui jaz o corpo de Jan Trenow
Morto no sub-solo, como, não sabemos”.

Não houve perda de vida entre 1.º de julho de 1865 e novembro de 1867. Os desastres resultaram principalmente da quebra de correntes feitas desonestamente, pois deviam durar dois anos e muitas vezes arreventaram após seis meses. Os elos se abrem devido à soldadura imperfeita das ligaduras, a leve camada da superfície exterior gasta-se rapidamente e disso resulta perigo iminente. A principio experimentaram-se cabos de ferro e fracassaram; uma fabricação melhorada e condições diferentes de aplicação tornaram-nas agora seguras. Em circunstâncias normais, porem, um passeio na caçamba não é mais arriscado do que a descida de qualquer dos quatro terríveis planos inclinados, estes escorregões mortais, que fazem tremer o estrangeiro, na estrada de ferro de Santos a S. Paulo.

O balde estava então suspenso sobre o abismo e encontrantos nele um assento de madeira rústico, bastante confortavel. Fomos avisados pelos homens do poço de que não olhassemos para baixo; visto que o brilho das faíscas e os pontos luminosos movendo-se além na profunda escuridão abaixo causam vertigem e enjôo. Bem que olhamos, porem, e nenhum de nós

sofreu com a prova. Conselho mais util foi o de conservar a cabeça e as mãos bem dentro do balde, especialmente quando passassemos pelo balde que sóbe. Nós batemos de leve e empinamos pelo meio sómente uma vez, contra um canudo de ferro redondo colocado para desviar a "caçamba". Os que nos seguiram tiveram tres destas colisões que os fizeram agarrar-se às correntes, passando momentos de medonha aflição. Eles haviam descido numa caçamba com excesso de corrente. Um rapaz esperto, Zacarias Williams, um dos rapazes do trabalho em baixo, manteve-se à nossa vista, descendo a pé tão depressa quanto despencavamos em nosso novo veículo.

Não pude senão me maravilhar com as poderosas traves (4) que ia encontrando a medida que aumentava minha capacidade de ver na escuridão — madeira nos esteios, madeira nos buracos; madeira nos caminhos, nos patamares e nos lugares de descanso; ma-

4 — As madeiras de primeira qualidade são:

Aroeira	Canela Vermelha	Landim
Angelim	Cangerana	Moreira
Brauna parda	Folha de bolo	Massaranduba
" preto	Gençalo Alves	Peroba Vermelha
Balsamo	Ipê	Liquorana
Caebano	Jacarandá, Tãa	Tinta
Cieupira (Sicupira)	Jacarandá Cabluna	Tamboril
Cedro	Jatobá	

Entre as de segunda ordem conhecem-se:

Angico	Canela amarela	Golaboira
Angá	" preta	Mangue
Bagro	" sassafraz	Olco Vermelho
Cabul	" loura	Pinheiro Vermelho
Canaffstula	Cieupiruna	Peroba branca
Cochoa	Colta (Açolta) Cavallo	Vinhatico
Catoá	Cambentá	

O custo de 5 pés cúbicos da primeira qualidade é de 2\$; do de 2.ª, 2\$; de 50 pés cúbicos de 1.ª, 60\$; do 2.ª, 45\$; do 100 pés cúbicos da 1.ª, 190\$; de 70 pés cúbicos da 2.ª, 70\$.

deira nos tejadilhos (para proteger das quedas de pedra), nas plataformas para depositar o minério, para reforçar as paredes ou para defender os trabalhadores. Tudo era da melhor e mais dura madeira, e difficilmente se concebe como num ar tão úmido poude pegar fogo. A imunidade das cidades e vilas brasileiras resulta principalmente do uso das madeiras rijas em vez de nosso pinho. O aspéto era o de uma vasta floresta subterrânea, mas uma floresta devastada por terrivel enchente e batida por toda a parte por cataratas em todas as direções com uma selvagem confusão. O imenso labirinto, difficilmente precisaria dizer, não era destituido de um plano, muito visivel a um segundo exame. O desmoronamento era terrivel. Logares havia em que os mais fortes troncos dos gigantes das florestas brasileiras haviam sido rachados ou esmigalhados. Estes foram immediatamente tirados e substituidos por outros. O trabalho nunca se deixa ficar atrazado. Tudo precisa se manter tão acieado quanto seguro e o trabalho de pedreiro é tão cuidadosamente vigiado como o madeiramento. Após um pequeno prazo um ponto se torna fraco, outro perigoso, a água penetra, as obras da mina se achatam e então há algum desmoronamento.

O espectáculo explica porque os ciumentos da mina ameaçam-na com a extinção da madeira para combustivel e esteios. Disso, porem, não há perigo presente. Todo o distrito de Paraopeba está ainda intacto e o Rio das Velhas fornecerá grandes quantidades por muitos anos. Encontraremos carvão no caminho de Sabará e, em grande quantidade em Macacos, ao sul do estabelecimento de Morro Velho.

Nesta parte do Brasil, a madeira nova, e especialmente a de pequena grossura, não devia ser cor-

tada durante a estação chuvosa. O povo aqui a deruba de Maio a Agosto, preferindo Junho e evitando, como eles dizem, "os meses que não têm R" tal como nós evitamos as ostras nos meses que o têm. A razão é facilmente compreensível; na estação fria, quando já se está na seca, a seiva deixa o tronco e volta ao solo. Não é tão fácil explicar a crença popular de que a madeira cortada no minguante da lua não está sujeita ao bicho (5); mesmo os índios não abatiam árvores para suas canoas quando o satélite estava na cheia. Na Inglaterra, penso eu, nossos antepassados que não queriam ficar carecas, não consentiam que se lhes cortasse o cabelo quando a lua estava crescente. A ação lunar, a despeito do cepticismo nórdico, é em toda a parte nos trópicos, uma questão de fé. Podemos trata-la como magnetismo, como efeito de electricidade latente, ou simpatia cega de uma força desconhecida, ou melhor ainda, como o *εροζη* de De Quincy ou julgamento suspenso.

O madeiramento faz honra ao Sr. John Jackson, que é o capitão dela encarregado. E' trabalho na maior parte por contrato a tanto por acha. Os homens que se incumbem do trabalho em vez de pagamento, recebem velas e cada par dispõe de um grupo de 30 a 40 negros. Bater nos escravos seria o mesmo que nós batermos no condutor do trem. Um homem bran-

5 — "Ha que cumpro nos minguantes serem derrubadas" Silva Lisboa, Annaes III, 153. Tenho o prazer de ver que a questão da influencia lunar foi considerada nos últimos anos como coisa ainda não assentada. O Dr. Winslow aduz a evidência para provar que no concernente ao seu effecto sobre os loucos, muito se pode dizer contra ou a favor. Com referência ao seu effecto pernicioso sobre as vigas de madeira, estamos agora informados de que os raios lunares contêm luz polarizada que carboniza e são pela antagonicos aos raios solares que oxigenam

co que bate num negro é aqui muito justamente multado.

Fizemos uma fácil descida através dessa avenida de madeira de grandeza monstruosa e um pedaço de estopa acesa atada à corrente da caçamba mostrava-nos todos os seus aspétos. Não havia "rattle his bones over the stones" (6) e o passeio levou cincoenta minutos. No fim a caçamba balançou como um navio e desceu perpendicularmente até que fomos recebidos por Mr. Andrew, o capitão de serviço nas excavações. À noite o Sr. Williams o substituirá. Nossos olhos estavam desacostumados à nova luz e procurávamos observar o sistema de drenagem da água, aproveitando estarmos no poço, que, para reunir o escoamento, era cavado um pouco abaixo dos mais profundos trabalhos. Há duas bombas, uma na Cachoeira, outra no Baú, cada uma com cinco jogos de cilindros de compressão, movidas a água. As varas do Baú têm 649 pés e duas polegadas do centro do eixo do cano curvo até o meio do eixo na superfície do fiel. Uma mangueira, da mais profunda excavação, enche-se por meio de uma bomba de sucção que alimenta uma cisterna acima; mais acima o sistema continua por meio de cilindros de compressão até que a água é levada através do poço de sucção à superfície. Isto é um melhoramento decisivo sobre a bomba brasileira, e o "macácu", que perpetua a velha "hund" ou "hudslauf" dos mineiros de Freyberg.

Mrs. Gordon e minha mulher vestidas com calças holandesas castanhas, blusas com cinturão e bonés de mineiro desceram então delicias com a via-

6 — "Rattle his bones over the stones!
He's only a pauper whom nobody owns!
(The Pauper's Ride — Noel) — N. T.

gem de caçamba. Os operários tudo fizeram para evitar o pânico; mostravam luzes nos tétos, falavam e saudavam-se quando passavam e, foram tão atenciosos como numa sala de visitas. Foram recebidas nas minas com amigáveis saudações e vibrantes "vivas" (7). Reurimo-nos então aos Srs. Gordon e Whitaker que sentiam o que os mineiros peruanos chamam "Macolca" (8). Logo que nossa vista se tornou um pouco felina lançamos um olhar em torno. Mais uma vez o enorme madeiramento sob as vigas, ou para leste do poço chamou a atenção de todos.

A mina era totalmente nova para mim e totalmente diversa das abafadas galerias e dos sujos labirintos de baixo montões pelas quais eu havia muitas vezes me arrastado como um reptil ou quadrupede. A altura vertical era de 1.134 pés e a largura de 108 pés; sem paralelos nos anais da mineração. Lembrava uma caverna, uma imensa pedreira, uma caverna mammoth erguida do horizontal para o perpendicular. Olhando para leste, onde o veio se inclina e se curva um pouco para o norte, ergue-se diante de nós uma escura subida, semeada de luzes, brilhando como vagalume sobre um alto terraplano; alguns espalhados pelos níveis mais baixos, outros fixados mais alto, com suas lâmpadas de óleo de Ricino (9), abrandadas pela distância. A prova usual, de acender uma vela, não revelava nada de anormal na atmosfera; o ar estava livre, a ventilação era excelente e o hidrogênio sulfuroso só pôde ser encontrado após a explosão. Muito agradável aos ouvidos do acionista

7 — Em português no original. N. T.

8 — Uma sensibilidade dolorosa nos músculos, particularmente na parte anterior da coxa.

9 — Nesta mina todos os trabalhos do sub-solo são iluminados a óleo de Ricino.

deveria ser o alegre canto do cortador de pedra e a violenta alegria do furador.

Quando chegamos houve um silêncio. O Superintendente fez uma pequena fala e apresentou os visitantes; seguiram-se vibrantes aclamações e vivas que soaram estranhamente no abismo, nas entranhas da terra. Está visto que nossos pés estavam sujos e precisavam ser esfregados. O sólo estava úmido e a lama escorregadia. Moviamo-nos como se estivéssemos subindo as Pirâmides, ainda que o sólo fosse de nível bem diferente. Virando-nos para oeste subimos uma ou duas excavações que levam da Cachoeira à Mina do Baú. Corria aqui um pequeno riacho mansamente, que, em poucos dias teria afogado os antigos (10). A água era ligeiramente ferruginosa, talvez do contato com os instrumentos de ferro; não oxida, porém, ou corrúe demais os metais. Medindo sua temperatura em vários níveis sucessivos o Sr. Gordon verificou ser a água mais fria no fundo da mina do que na superfície. Impediu cuidadosamente os elementos de erro provenientes da temperatura animal, luzes, fogo e a temperatura mais elevada dentro dos poços. Muitas observações induziram-no a duvidar da existência deste inexplicável, e realmente inconcebível calor observado primeiramente pelo Sr. Cordier e outros (11) no centro da terra. É sempre um prazer ver as

10 — Chamam "antigos" aos que precederam os avós ou os bisavós da raça atual.

11 — O incremento gradual de calor supõe-se que varia muito segundo a natureza da rocha. A diferença de fato se determinou ser aproximadamente de 12 para 35 metros por um 1° (centígrado). Podemos aceitar a média de 1° Far. = 6/9 Cent. a 70 pés — 54 pés (Ansted) a 90 pés (Herschel). Uma milha de profundidade usualmente representa 117° (F) = 66° (C); a duas milhas a água ferve, e a 2.700 metros torna-se vapor, a 3.000 metros o enxofre se funde, e a 5.500 metros o chumbo se derreteria e a 9 milhas todas as substâncias es-

velhas, as altamente respeitáveis verdades, veneradas pelo tempo da nossa infância, esmigalhadas e lançadas aos ventos. E' satisfatório aprender que não sabemos tudo sobre a paralaxe do sol; e que temos mesmo alguma cousa a aprender sobre a lua. E' um prazer desaprender que, a despeito dos ensinamentos dos poços artesianos e dos vulcões, dos terremotos e fontes termas, estamos habitando uma espécie de casca de ovo universal, uma sólida crosta, uma casca de laranja de materia má condutora, uma bomba recheada de elementos imaginários. As ascensões aventureiras dos balões do Sr. Glaisher abalaram seriamente a hipótese de Humboldt do decréscimo de temperatura na elevação. Esperemos que o Sr. Gordon possa desmascarar esta pretendida calorificação, traga auxilio à teoria do sólido esqueleto rochoso e assim alumie outro trecho obscuro aos olhos da intelligência (12).

tariam em brazo e a 30-40 milhas toda materia está em fusão ou em incandescência. O que pôde pôr haver a 300-3.000 milhas abaixo da superficie?

Segundo o Tenente Morala (pg. 42), a temperatura à superficie do Morro Velho é de 75° (F), e no fundo de 81° (F) e elle nota que a opinião gera: considera-a muito quente. Elle admittê a média annual de temperatura do Morro Velho de 20°65 Cent e isto dá:

Temp. 7ms abaixo da superficie . . .	20°65 (C)
Temp. no fundo da mina . . .	27°22 (C)
Diferença . . .	6°57

A profundidade é então de 264m.6 (i.e., 271m. — 6 ou 7) o que dá 1° (C), para 40m.27 de profundidade.

12 — O Sr. Gordon está, creio eu, prestes a publicar os resultados dos seus trabalhos. Entretanto, deu-me permissão para usar um extrato, que será encontrado em Apêndice I (Secção B). Os quadros demonstram grande irregularidade tanto na água como no ar. O Dr Julius Schvaroz, o antropologista húngaro, também atacou, penso eu, o "calor interno", e suplantou a doutrina do fogo central por um argumento completamente novo. (Rev. Antrop. Julho-Outubro, 1867, pp. 372) A teoria do esqueleto, com poros e cavidades contendo fluido igneo está, eu creio, ganhando terreno.

A medida que avançamos o teto da Cachocira, especialmente em torno do poço do esgoto e na secção do meio, parecia se aproximar consideravelmente com protuberâncias que provocavam admiração. Afinal, parte da parede suspensa ao norte estava um tanto bombada e defeituosa, enquanto muito chisto argiloso havia aparecido no lado sul. O veio havia assim de algum modo, se contraído e diminuído. Contudo a resistência natural do teto revelou ser necessário um pequeno auxílio artificial e foi-nos mostrado o resquício da barra ou lingua de chisto argiloso que separava as duas grandes minas e que foi deixada por muito tempo como esteio. Para o futuro, a canga e o material sem valor será deixado na "Cachoeira" evitando assim o trabalho e a despeza de seu transporte para cima e sendo empregado nos lugares da excavação em que até agora por segurança, gastou-se muita madeira.

Olhando agora para oeste, o imenso palácio das trevas, escuro em longa prespectiva apresenta-se com um aspeto tremendo; acima de nós parecia haver um céu sem atmosfera. As paredes ou eram negras como túmulo ou refletiam fracos raios do brilho da luz na superfície polida e úmida, ou se abriam em projeções monstruosas, em parte revelando e em parte escondendo os recessos cavernosos e tenebrosos. Apesar das lâmpadas a noite nos oprimia como um peso e a única medida da distância era uma centelha aqui e ali brilhando como uma estrela isolada. Realmente dantesco era o golfo entre os imensos flancos da montanha que pareciam ir cair a todo o momento. Tudo parecia mudado até mesmo o timbre de uma voz familiar, o ruído agudo da triste batida do martelo sobre o ferro perfurante e deste na pedra chocava o ouvido, golpes soavam regularmente como marcando o ritmo do canto

selvagem do britador. Outros sons conhecidos, pareciam estranhamente complicados pelo éco; eram o borbo-rinho da água no caminho subterrâneo, o tinir das pedras de ouro atiradas nos baldes e o ranger da corrente e da caçamba. Atravez deste inferno passam gnomos e gênios à maneira de fantasmas, figuras meio despidas, embuçadas pela neblina. Aqui homens escuros, brilhando com suor em rosário, suspensos por correntes em posições que pareciam horríveis; ali eram eles balouçados de lugar para lugar como Leonardo; acolá subiam por cordas acima como Trogloditas; adiante andavam sobre andaimes, os quais só de serem olhados, de baixo, fariam um temperamento nervoso ficar vertiginoso. Só este espetáculo nos satisfazia amplamente. Era um lugar:

“Em que os pensamentos eram muitos
e as palavras eram poucas”

mas o seu efeito se conservará em nossa retina mental enquanto nossos cérebros exercerem suas funções.

Ao fim de duas horas deixamos esta caverna catedralica listada de ouro e passamos incólumes do minério aos gramados.

CAPÍTULO XXVI

O NASCIMENTO DA CRIANÇA

..... longao.

Ambages, sed summa sequor fastigia rerum.

Acabamos de ver que a pedra é enviada à superfície pelos enchedores de baides. Toda a preparação, desde o minério até a barra está agora a cargo do Oficial da Redução, Mr. Dietsch, cujo departamento emprega cerca de 550 mãos. Vamos acompanhar este "parto" e testemunhar o nascimento da criança.

O embrião é colocado em vagonetes ligando as minas aos terreiros de britação. São estes em número de quatro; grandes cobertas arejadas, completamente resguardadas da chuva e do sol. Começa aqui o primeiro processo de pulverização mecânica. De cada terreiro é incumbido um feitor ou fiscal, e sob suas vistas os malhos quebram as pedras maiores em pedaços do tamanho de uma mão fechada. As mulheres, na proporção de quatro para um homem, reduzem-no então ao tamanho de um macadame médio de cerca de uma polegada $1\frac{1}{2}$ quadrada, bastante pequena para passar pelas tremonhas que alimentam as caixas dos pilões. Os martelos têm longos cabos com cabeças de aço em forma de losango, pesando $1\frac{1}{2}$ lb. e uma mulher de primeira categoria quebra uma tonelada e meia por dia. Elas aprendem facilmente a pegar e separar o minério rico do pobre; o último não tem brilho metálico nem iridescência. Uma superabundân-

cia de chisto e quartzo causa às vezes demora que se aproveita para descansar. Cada britador deve encher um ou dois canudos de madeira contendo 16 pés cúbicos, e durante seis dias reserva-se uma quantidade para o sétimo. Os homens trabalham somente emquanto está claro. Os industriais podem terminar a tarefa na sexta feira à tarde, e têm assim o seu sábado livre. As mulheres e crianças são poupados e geralmente podem largar se quizerem às 2 hs. da tarde. Elas sofrem com a poeira da pedra, mas isto poderia ser facilmente remediado com ventiladores.

A primeira vista o emprego de 350 mãos na britação parece uma fastidiosa perda de energia. Mas não é facil aperfeiçoar este sistema que se mantém desde 1767. As estradas, como já mostrei, são incapazes de suportar maquinismos pesados. O emprego do vapor foi repellido, apesar da água não ser de maneira alguma muito abundante. O martelo britador a vapor de Bagg, foi experimentado e fracassou. Agora o Superintendente está para instalar uma outra invenção poupadora de trabalho, a máquina de esmagar pedra de Blake (1) de que vimos uma parte na praça de Barbacena.

Para uma pulverização posterior a pedra britada precisa ser pilada. (2) A quantidade tratada nas oficinas centrais é de 200 a 210 toneladas por dia, mais nas chuvas, menos na estação seca. Meia onça de ouro por tonelada paga o trabalho e, pela atual cotação, cerca de uma onça por tonelada é uma produção alta-

1 — Os brasileiros chamam-na "comedor", por causa do seu lábio movediço ou queixada.

2 — O minério pilado entre Março e Agosto de 1866 attingiu 29.037 toneladas. Durante os 6 meses precedentes 29.543 toneladas. Durante os 6 meses que terminaram em Agosto de 1865 — 30.268 toneladas.

Em junho de 1867 foram piladas cerca de 6.020 toneladas.

mente remuneradora. Também, como disse, para pagar as despesas (400 L.) é preciso extrair diariamente trezentas toneladas de material e para pagar dividendos, 400. Isto dá uma fácil visão do trabalho executado.

O minério pobre, como vimos, vai pelo tramway para a praia. O material rico, britado, é atirado numa fileira de canudos de madeira, que abrindo-se por baixo, descarregam em vagonetes que correm num tunel. Estes carros são impelidos para degraus de pilões e são descarregados em declives de madeira cercados, que vão a um reservatório geral que, com o auxílio de um elevador central, alimenta todos os seus pilões por um dia e uma fração. Os degraus são regulados por meio de tremonhas, com braços ponderados que agem como molas. Os pilões, divididos em secções de tres cabeças cada uma, são movidos pela simples e velha roda d'agua (3) e um eixo horizontal, cujos dentes ou partes salientes erguem 60 a 78 vezes por minuto os varais verticais arrumados em filas, como barras de cabrestante ou os pilões de uma dona de casa africana. Cada pilão tem uma cabeça de ferro da terra pesando, quando novo, cinco a seis arrobas, o resto do instrumento dá um peso total de

3 — As rodas variam de 35 a 50 pés de diâmetro. São 10 nas officinas centrais, 1 é. 6 para os pilões, 1 para os trituradores, e 1 para a amalgamação. Os pilões estão em baterias de 3 cada uma e quatro na Praia. Nas officinas centrais há 6 fogos (ou 136 cabeças), chamados o Addison, Herring, Powles, Lyon Cotesworth e Suzannah. Na praia há 2 baterias (56 cabeças). Assim o total é de 191 cabeças, distribuidas por 61 baterias.

A praia tem 2 rodas grandes a cujo centro vai a água do encontro. A maior, de 32 pés de diâmetro e 9 pés e uma polegada de largura, move os pilões de lagarta, 32 cabeças e 2 trituradores; a menor, de 26 pés por 7 e 8 polegadas, move a Illingsworth, de 24 cabeças e 4 arrastres. Os pilões da praia não se alimentam automaticamente, e trabalho manual substituo a tremonha.

234-288 libras; e cada cabeça custa de 26\$000 a 27\$000. Depois de seis meses mais ou menos, elas se tornam muito gastas e são mudadas, (como as calças usadas dos irmãos mais velhos, para o mais moço), para a Praia. O Superintendente importou cabeças de aço da Inglaterra, cada qual avaliada em 106\$300, mas nenhuma durou tanto quanto as chapas de ferro de Minas.

A celha ou caixão em que os moinhos funcionam são caixas de madeira forradas de ferro para receber um golpe de 380 libras; são de 26 a 30 polegadas de comprimento por um pé e 18 polegadas de largura. Todas são protegidas de pôpa a prôa por grades de cobre com 6.000 a 10.000 buracos por polegada quadrada e erguidas 20 a 23 polegadas acima do caixão para evitar que o pó fino passe para fóra: de uma pequena distância vê-se a lama cinzenta e a água surgindo em torno da cabeça do pilão. Uma celha horizontal derrama por um orifício acima da grade água suficiente para manter a carga úmida em cada bateria; uma vez por semana as grades, que podem entupir-se, precisam ser mudadas e a areia do ouro lavada. Os trabalhadores dos pilões são divididos em duas turmas, trabalhando noite e dia por semanas alternadas.

Este sistema de pilões perde o ouro livre, que, quando muito finamente laminado, é por demais leve para afundar e flutua para fóra com o pó do minério. O Sr. Thos. Treloar, cuja experiência em Cocais, Gongo Soco e outros lugares dá títulos respeitáveis à sua opinião, declarou que 7 a 8 por cento desse ouro em laminas finas desaparece. Evidentemente o único remédio é trata-lo novamente até conseguir o depósito.

Começa então o processo de concentração. A celha que alimenta o caixão fornece água suficiente tam-

hem para lavar a matéria pilada e pulverizada pelos condutos de madeira. Estes substitutos dos regos de terra e das canôas são planos de madeira de 26 pés de comprimento divididos por espeques em estreitos compartimentos de tres pés de comprimento por 14 polegadas de largura, com um ângulo de inclinação de uma polegada por pé. Cada compartimento é assoalhado com um pedaço oblongo de pele de boi parcialmente curtido, ou com um cobertor quando falta couro. Substitue o antigo torrão de capim do sistema brasileiro. O cortume fica perto, ao norte da Ponte de Ribeirão.

O princípio é o seguinte: o ouro pesado, mas invisível, da areia argilosa adere ao couro ao passo que a parte mais leve e terrosa é levada embora. O pelo fica no sentido contrário ao curso da água, mas as pequenas linhas transversais das rugas, que o tempo e o uso traçam na superfície são de maior importância. Cada tonelada de minério passando pelas peles deixa um terço a um meio de um pé cúbico de areia rica, e cada pé cúbico produz cerca de 2 onças de ouro.

As mulheres pela maior parte vigiam as bicas e fazem o leve trabalho de observar o maquinismo, acomodar as peles e regular a água; se isto for descuidado, a areia se torna sobrecarregada, o ouro flutua e passa. As peles são divididas em tres superiores ou da cabeça, duas médias e duas da cauda. As primeiras, sendo as mais ricas, são lavadas de duas em duas horas numa das sete principais caixas de areia cujas chaves são guardadas pelos feitores. O cofre grande é dividido em tres compartimentos. As peles são primeiro lavadas nos dois compartimentos laterais, são então puxadas atravez da "caixa de natação" ou es-

paço central, e vão finalmente às bicas. As peles do meio e da cauda são lavadas de quatro em quatro horas e as últimas precisam ser repassadas (4) antes de ficarem suficientemente ricas para se misturar com as peles da cabeça.

Assim a areia mais rica fica pronta para amalgamação. Mas a matéria mais bruta que passa pelas peles listadas ainda contem uns 30 por cento de ouro. Por meio de condutos de água vai a um engenhoso aparelho automático, chamado separador ou classificador, adotado há uns quatro anos e muito preferível aos velhos "nós de concentração". É uma celha de madeira de 12 pés de comprimento por 2 1/2 de largura com quatro canos perfurados em baixo. Nestes, o material a ser lavado é gradualmente depositado; as partículas mais pesadas assentam primeiro, onde há mais derrame de água, as mais leves por último, onde há menos e o residuo de pó de minério impalpável corre por uma celha aberta em forma de trapezio para a corrente comum, o Ribeirão.

Os quatro funis descarregam os seus conteúdos em círculos moedores de madeira, pavimentados de pedra e com cerca de 8 pés de diâmetro. São os arrastres ou trituradores (5) protegidos pelos seus telhei-

4 — São concentradas nas calças das enudas, largas colhas cheias d'água; estas quando es fundos se abrem, lavam as areias pelas peles mais uma vez. As calças são aos pares, ficando uma fechada para lavar as peles enquanto a outra descarrega a areia.

5 — Pedras de "arrastar". No México este sistema rude ora usado para a amalgamação; aqui serve sómente para triturar. Há tres jogos, a Routh, que recebe as lavagens dos pilões de Addison o Herring. É uma pequena construção a sudoeste do principal lugar de britação. Há também os arrastres do serração de madeira numa construção destacada; elas tratam novamente a areia sómente quando não funcionando na sarragem de táboas. O terceiro são os arrastres do amalgamação, ligados à roda de amalgamação.

ros. Uma roda d'água movimentava dois braços horizontais que arrastam por meio de fortes correntes quatro pedras, cada uma pesando uma tonelada; a pedra do filão é preferida para esse fim já que o quartzo não móe bem. Após uma completa trituração a areia passa sobre as estrias dos arrastres, é recolhida em caixas na cauda e fica então preparada para a caixa de amalgamação.

Mas mesmo após este segundo processo achou-se necessário depois reduzir o residuo que contém ouro disseminado. Até 1855 este residuo era atirado no rio; em 1856 começaram os trabalhos da praia e em 1858 estavam prontos para funcionar. Lançou-se uma represa no Ribeirão para produzir uma queda d'água. A areia dos arrastres corre pela margem direita num canal de 500 pés de comprimento, 1 de largura e 9 polegadas de profundidade. E' então levada ao alto por um conduto que passa atravez de um tunel no morro sobre o qual fica a casa de campo do Sr. Smyth, e é finalmente conduzida por bicas para os trabalhos mais baixos. Cae então numa série de peneiras que separam a matéria grossa da fina e produzem 160 a 170 pés cúbicos de água por minuto. A areia é então novamente pilada com uma substância mais dura para ajudar a moagem. Usava-se a princípio o Cascalho — que contém quartzo e ferro, areia e depósito aluvionais do Ribeirão. Usa-se agora quartzo e chisto argiloso e verificou-se que o quartzo sem piritita é o melhor. Nos principais trabalhos, a rica areia de cabeça (headsand), que vimos em parte desentranhada da pedra matriz entra em nova fase. E' mantida cuidadosamente úmida e protegida da atmosfera em tanques de lavagem debaixo d'água; evitam-se assim a florescência e a pulverização do mercúrio. E' levada

das caixas para a Casa de Amalgamação em gamelas de madeira; os carregadores são geralmente vinte com um reforço às segundas feiras. Este trabalho ao ar livre é saudável mas nos processos posteriores utilizam-se as mãos mais jovens e fortes, visto como a "lavagem" afeta sem duvida a saúde. Planos inclinados para transportar a areia e outros processos econômicos foram propostos: o Superintendente, contudo, visivelmente preocupa-se mais em apresentar um belo balanço e tem pouca propensão para fazer experiências custosas e precárias.

A areia é primeiro depositada para medição em caixas contendo cada uma 16 pés cúbicos. Há 16 delas e cada uma comunica por meio de um funil com seu Freyberg ou cilindro de amalgamação cujo conteúdo é o mesmo. (6) A areia é molhada e uma pequena roda faz com que o cilindro rode durante meia hora na média de 13-14 revoluções por minuto. O Freyberg então é aberto; se a massa estiver muito úmida o mercúrio não se misturará bem com a areia; o extremo oposto dividirá o azougue muito finamente. Quando a massa está em boa consistência, adicionam-se 50 a 60 libras de mercúrio (7) a cada cilindro, que deve conter 32 onças de ouro.

Antigamente a operação do cilindro durava 48 horas antes que as partículas livres de areia ficassem

6 — Experimentaram-se seis sistemas diferentes — pás de ferro, tubos, motores etc., mas o cilindro rotativo foi finalmente preferido; os outros deram resultados inferiores, com maior perda do mercúrio.

7 — Em 1846 a perda mensal do azougue foi de 36 a 70 libras. Em 1866 o consumo foi de 1.091 libras ou 39 onças por pé cúbico de areia amalgamada. Em maio de 1867, 5.200 libras foram utilizadas em amalgama, dando uma perda de 95 lbs. ou 0,11 libras por pé cúbico. O preço do azougue em Morro Velho é sómente de 1\$500 por libra e é mais barato jogar fora o material usado do que trata-lo pelo sódio.

em contato completo com o mercúrio. Agora a média é de 24 a 26 horas: o tempo é mais curto na época de calor e o ouro mais rico pede maior trabalho. Após 24 horas uma amostra do cilindro é lavada na bateia para ver se ainda resta algum ouro livre. Nas minas brasileiras a primeira bateada é sempre concedida aos estranhos, para dar boa sorte.

Quando a mistura lamacenta está amalgamada e parcialmente líquida é descarregada do cilindro na celha recebedora colocada imediatamente abaixo, e aí afunda, libertando-se da água. O objetivo agora é separar gradualmente o mercúrio e o amálgama do resíduo mineral, a areia e outras impurezas. A massa é lavada em um "lavadero" ou "saxe", uma máquina composta de 10 celhas, cada uma de 16 polegadas de comprimento e 17 de profundidade, alternadas e funcionando sobre rodas com movimento horizontal para deante e para traz. Cada compartimento está carregado com uma camada de mercúrio, de 340 a 460 libras, formando uma camada de cerca de uma polegada de profundidade. Duas ou tres polegadas acima do azougue fica uma abertura pela qual a areia e a água que restam são expulsas pelo movimento. O mercúrio livre sóbe e pode ser tirado para o serviço, enquanto o amálgama afunda pelo seu maior peso específico. Cada compartimento em 8 horas separará seus 16 pés cúbicos. (8)

A quarta operação é a limpeza ou separação do ouro do amálgama; isto é feito tres vezes cada mês, após períodos mais longos ou mais curtos de

8 — A areia lavada do último compartimento corre sobre anéis e a qual as pedras contêm porções desgarradas de amálgama e "lisa"; esta última é composta de varios óxidos, de mercúrio aljofrado dividido em partes minúsculas pelo sulfato de ferro e pelo ácido sulfúrico livre.

10 ou 12 dias. A parte superior do lavadeiro é tirada, põe-se água fervendo em cada compartimento pois assim o metal é mais facilmente separado. Então a superfície do amálgama é coberta com uma camada de areia grossa de $1\frac{1}{4}$ para $1\frac{1}{2}$ polegada de espessura. Depois de ter jogado fóra a água quente, a areia é facilmente escumada e o azougue fica limpo. O amálgama é então por meio de fortes torceduras filtrado através de cones de lona do mais forte linho da Rússia, como coadores de café com fortes anéis de ferro nas bocas; os sacos são em seguida tratados para retomar um pouco de ouro. O mercúrio líquido é pois recolhido numa vasilha prontamente preparada: o metal é considerado puro, mas um exame atento revela o ouro finamente difundido. E o que resta é ainda impuro com areia mineral. Quantidades da massa pesando de 14 a 15 libras são esfregadas em almofarizes com água fervendo, que enfraquece a liga mercurial e com sabão da terra, que tira as impurezas. Junta-se então mercúrio. O amálgama fluido é passado de uma vasilha em outra, ambas de ferro quente e a escoria da superfície ou espuma assim que sóbe é retirada. Aplica-se novamente água quente e sabão até desaparecerem as impurezas e o metal torna-se brilhante como a prata.

Agora bolas de amálgama pastoso, pesando 15 ouças a 1 libra são amassadas em forma de ovos, esprimidas, torcidas e batidas em pele de camelo até que não apareça mais metal livre. O residuo é um sólido contendo 42 por cento de ouro argentífero (9) e 57-58 por cento de mercúrio com algumas impurezas, principalmente areia mineral. Depois disso as bolas,

9 — Há poucos anos a proporção do metal precioso era sómente de 37 a 62-63.

cuidadosamente pesadas são passadas pela retorta da maneira usual. A operação se completa após seis ou sete horas. Mas o ouro está ainda impuro com ferro e arsênico e não tem ainda a forma conveniente. Precisa do quinto modo de tratamento — o metáurgico.

O minério precioso é agora misturado em cadinhos de argila refrataria feitos pelo Sr. Payen de Paris. Cada um é carregado com 12 1/2 lbs. de liga e 1/4 de libra de flux (substância para auxiliar a fusão), borax e bicarbonato de sódio em proporções eguaes. E' então colocado numa fornalha de ar (10) aquecida com carvão de lenha e uma chaminé ou cano de 26 pés de altura assegura os graus de temperatura necessários. A fusão completa se dá em cerca de 45 minutos. Os cadinhos (11) são pegados com pinças e o fluido dourado é derramado como uma barra de sabão num molde oblongo de ferro fundido previamente aquecido para expelli a úmidade, e ligeiramente untado.

Assim nasce o bêbê e é posto no berço

Nasce, contudo empelicado. A pele é preta com a escória dos sais fundidos, que dissolveram a matéria impura da carga de ouro. A superfície é quebrada com um martelo e verifica-se que a barra perdeu, devido aos cadinhos e outras causas, de 6 a 8 oitavas ou 1/2 por cento do seu peso original. As barras são lançadas tres vezes por mês e 14 num dia constituem um

10 — Em 1862 construíram-se um pequeno laboratório e um gabinete de ensaios perto da Casa de Amalgamação. Contêm dois fornos altos de boa solidez, forraes com placas de ferro fundido, dois fornos de capela, de pedra e cal, um banho seco; uma câmara de mistura de ouro e uma câmara de pesagem, separados.

11 — Após 3 ou 4 misturas os cadinhos ficam gastos, são então socados para se reaver o ouro das pequenas rachas de materia) e em pequenos glóbulos na superfície da argila porosa.

belo trabalho. Cada uma pesa 1600 oitavas e calculando-se a 7 s. a oitava, o valor será de 560 libras (12).

E agora o nascido precisa ser enviado para casa. De dois em dois meses as barras são levadas para o escritório da Companhia, e são aí pesadas pelo oficial da Redução na presença do Superintendente. São então aparafuzadas em pequenas e sólidas caixas de uma bela e dura madeira amarela—"vinhatico", cada caixa contendo tres barras, e seladas com o selo da companhia. Os pequenos pacotes são arrumados em outras tantas malas de transporte e são entregues à tropa de ouro. Esta é comandada pelo Sr. Geoge Morgan, Jun. um experimentado viajante, por cuja gentileza para com minha senhora na sua volta, sou muito grato. Ela não teria hesitado em viajar acompanhada somente por negros desarmados: há poucos lugares onde isto pôde ser feito em perfeita segurança, mesmo na América civilizada.

12 — Adota-se o processo soco nos ensaios bem cuidados que são necessários para se descobrir a perda nas operações e o valor do minério tratado durante as divisões. O primeiro passo é a análise, matéria delicada e importante, injustamente desprezada pelos mineiros não científicos da cornualha. Tres vezes por dia, com intervalos de 4 horas, 20 polegadas cúbicas, tiradas de cada caixa são colocadas nos cilindros até que as partículas minerais se depositem. As "separações" ou espécimens dos diferentes velos são examinados no laboratório após cada divisão. A amostra é secada num banho de azeite e uma carga de duas onças é pesada fora. Recobe então o fundente: 500 gr. do óxido vermelho de chumbo, duas gra. de bicarbonato de soda, uma de borax, uma de sal comum e um pouco de carvão de lenha. A fusão se procede num cadinho de argilla, com uma pequena vara de ferro que faz com que o chumbo permaneça ductil e o arsénico se separe do enxofre e se reuna no alto. A operação é sempre controlada por uma segunda experiência. Quando os conteúdos se liquefizeram no forno são despejados num molde de ferro onde as escórias do fundente e os metaloides e minerais, arsénico, enxofre, ferro, alumínio, silício e outros se separam. Finalmente o cadinho e a mufla são usados e a calote de ouro argentífero é a prova necessária.

O Sr. Morgan anda armado e escoltado por dois tropeiros-guardas que têm permissão para usar pistolas; o resto são guias sem outras armas senão suas facas. Nada poderia ser mais fácil do que dispersar a pequena escolta; alguns tiros de qualquer encosta poriam todos os animais em confusão e muito tesouro poderia ser tomado sem efusão de sangue. O fato de nunca um tal atentado ter se dado para roubar fala muito da honestidade do Mineiro, especialmente numa terra em que a policia é meramente nominal. Conta-se que, há muitos anos um salteador foi capturado depois de uma curta e bem sucedida carreira de banditismo; foi mandado para o Rio de Janeiro, ostensivamente para julgamento, mas foi acidentalmente morto no caminho. Sua morte produziu um excelente efeito; se ele tivesse chegado ao Rio teria escapado pelo mesmo principio segundo o qual Big Elk ou Cão Malhado depois de haver escalpelado algumas dúzias de brancos foi festejado e adulado em Washington.

Assim embalada, a criança embarca para a Inglaterra. Ela faria bem em ficar no Brasil onde tal população infantil é muito necessária.

CAPITULO XXVII

O MINEIRO BRANCO E O DE COR

"Nunca existiu comunidade alguma florescente e próspera de uma das diversas raças da família europeia em latitude mais baixa que 36°." Mr. Crawford — "Trabalhos da Soc. de Etnologia" — (Transactions — Ethno Soc.) Vol. I part. 2 pg. 364.

Pode-se dizer em verdade que, como campo para o homem branco, nenhum paiz eguala o Brasil. Nos tempos coloniais o orgulho do povo entregava suas filhas aos portuguezes pobres, *pedibus qui venerat albis*, mas que podiam se tornar importantes. Em tempos passados os caixeiros e artífices casavam-se, em regra, com as "primeiras famílias". No mais democrático dos impérios, nesta "monarquia cercada de instituições democraticas", nesta "república disfarçada em império", todos os brancos, e não todos os livres, são iguais, tanto social como politicamente. Todos são, para falar como os espanhois "tão nobres como o rei, mas não tão ricos". A aristocracia da pele é tão forte — a despeito do princípio governamental "todos são iguais" — que nada póde substituir a sua deficiência. (1) Cada "branco" é tão bom quanto o seu vizinho, pelo mesmo princípio pelo qual cada re-

1 — A raça no Brasil sendo muito misturada, as allusões a cor em sociedade são consideradas de mau gosto. Os estrangeiros, porém, em breve notarão que as famílias de pure sangue se orgulham d'isso acima da medida.

bento dos bascos tem igual direito à "fidalguia". Isto, como é natural, decorre inevitavelmente da presença de uma raça inferior e uma casta servil. Daí resulta que a sociedade conhece duas divisões, e duas somente, livres e escravos, ou seus sinônimos branco e preto. (2) De onde, aqui, como nos Estados Unidos, observarmos a insolência desnecessária com que o proletário europeu se alegra em afirmar sua independência. Fui interpelado por um marinheiro inglês, desertor, que nunca tinha visto na minha vida, nestes termos: "Burtin" etc. etc..

Nas grandes cidades atlânticas do Brasil, e somente estas são em regra conhecidas pelos estrangeiros, há secções do mercado de trabalho em que a concorrência floresce, e em que, graças ao partido liberal, há uma grande e crescente rivalidade de estrangeiros. Tal não se dá no interior e nas pequenas cidades. Em nenhuma outra terra poderá um honesto trabalhador manual ficar em tão boa situação com tão pouco dinheiro ou habilidade. Os serviços de uma util mão, qualquer que seja sua especialidade ou habilidade serão solicitados imediatamente, pelo preço mais alto possível, e terão sempre procura. Será somente por sua culpa se o emprego não lhe conduzir à fortuna e ao que podemos chamar de posição. Convencido deste fato, onde quer que ouvisse um estrangeiro queixar-se de ter fracassado no Brasil, e atacar seu povo e suas instituições, tinha como prova positiva para mim que ao paiz caberia todo o direito de queixar-se dele — de fato ou é um relaxado, um bebedor ou um vadio; ou incorrigivelmente deshonesto; ou finalmente, para ser caridoso, um homem insuportável.

2 — "Meu branco" — e o tratamento de civildade usado pelos índios e africanos.

Isto infelizmente está longe de ser a crença comum, (3) mas minha experiência pessoal de perto de tres anos, durante os quais estudei cada grau da sociedade desde o palácio até o casebre, autoriza-me a formar uma opinião independente.

Morro Velho sózinho fornecerá muitos exemplos de homens que vieram como simples mineiros e mecânicos e que pela indústria, sobriedade e boa conduta, sem auxílio de educação ou talento, alcançaram posições que num país mais velho não poderiam ser alcançadas numa só geração. Alguns progrediram a ponto de se tornarem superintendentes de companhias de mineração; outros são capitalistas locais, e há muitos exemplos de sucesso em menor escala.

Na mina grande, além dos funcionários, há (junho de 1867) oitenta e seis mineiros ingleses e cinquenta e cinco trabalhadores e mecânicos; o total geral de brancos, incluindo as famílias, é de 343 (4). Os contratos são feitos na Inglaterra, geralmente por seis anos, renováveis pelo consentimento de ambas as partes contratantes. Os salários dos mineiros e mecânicos variam de £ 8 a £ 10 por mês de 25 dias de trabalho; os homens de maior habilitação recebem mais. A passagem do estrangeiro custa £ 28 16 s. e é paga pela companhia. Durante os tres primeiros anos há um aumento de salário, dependendo da boa conduta, de 1 £ por mês. Os homens são estimulados a fazer contratos, e o princípio de "sem progresso não há pa-

3 — Os estrangeiros são naturalmente bastante inclinados a exagerar a inveja do povo e a se queixarem de um acordo contra eles. Mas deixem que os queixosos tenham um país europeu e acharão, estão convencido, mais obstáculos em muitos, menos em muito poucos, do que no Brasil. Os sindicatos e outras organizações de classe de super população, são de certo, desconhecidos.

4 — No apêndice 1, Secção O, o leitor encontrará um "Sumário Geral da Lista do Local", para junho de 1867.

gamento", assegura a duplicação da quantidade de trabalho realizado por conta do proprietário. Eles facilmente colocam suas economias a 10 e a 14 %; remetem dinheiro sem despesa para o Rio de Janeiro, e nos bancos há cerca de £ 3.800 de pequenas economias.

Cada mineiro é obrigado a um depósito de £ 50. O mau comportamento acarreta a sua confiscação, deduzindo-se mensalmente £ 1 para o "fundo de penalidade". Descontam-se oito shillings por mês para a possibilidade da passagem de volta, que custa £ 25; quando, porém, um homem cai doente antes da terminação do seu compromisso, a Companhia paga a sua volta e o salário cessa do dia de sua saída da mina. Isto devia se tornar obrigatório em todas as associações inglesas no Brasil, evitando-se a degradação de ver os nossos patricios, depois de serem demitidos por algum funcionário, vagar sem domicílio, sem amigos, descalços e em trapos. No meu tempo não podíamos levar para casa um criado nativo da Índia sem depositar a quantia de sua passagem de volta. Ou uma lei semelhante se faz pelo nosso Parlamento Imperial, ou os nossos desgraçados compatriotas serão tratados como "desgraçados marinheiros." (5)

5 — Eu proporia que mesmo os homens demitidos por má conduta fossem mandados para a sua terra por conta das Companhias que os empregaram. Isto exigiria mais circunspeção no engajamento de empregados com bons certificados. Em regra o trabalhador inglês perde a cabeça durante os seus primeiros poucos meses no Brasil. Ele se vê livre de todas as distinções de classe, vê-se olhado como igual e mesmo recebido pelos que na Inglaterra ele saudaria tocando o chapéu à beira da estrada. Consequentemente torna-se grávido, encara o seu superior e antes de ter aprendido a linguagem ou o caminho da prosperidade ele se desvia não para morrer de fome — não se morre de fome no Brasil — mas para comer o pão da mendicância, bebendo e provavelmente roubando.

Quando os mineiros trazem as suas famílias para Morro Velho, não há contrato para as crianças, cujo trabalho portanto pertence aos pais. Os recentemente chegados obtêm crédito no armazem dos Srs. Alexander & Co., e, como me foi mostrado, o aluguel da casa atinge a uns poucos shillings por ano. O trabalhador em regra conserva os gostos ingleses, que o Sr. Francatelli e outros ignoram: desdenha sopas de baratas, ri-se do pé de couve, quer pato, peru, vinho do porto e xerez. Quer o melhor de tudo e em quantidade. Aspira passar o melhor possível assim como sua mulher. No caso de transgressão de ordens, por pequenas faltas é multado, pelas maiores demitido. O total das multas é exposto na conferência diária dos funcionários e um aviso é exibido na ponte. Vi uma multa, que, sozinha, atingia £ 3 3s.; isto é realmente humano, já que pôde salvar o réo da perda de uma excelente posição.

O trabalhador inglês pôde fazer aqui somente de dois terços a tres quartos da sua tarefa normal na Europa; ele tem pequeno trabalho manual e os quatorze a vinte mineiros que ficam ao mesmo tempo abaixo do sólo, agem em geral como inspetores e padrões para os negros. O dia é de oito horas e somente cada terceira semana hã serão.

O inglês, de um modo geral, tem bom aspéto aqui e goza de saúde toleravel, sem, contudo mostrar a cor da pele que tem na sua pátria. O Brasil é o mais salubre dos climas tropicais tanto quanto eu os conheço; e os muitos doentes do pulmão que, condemnados à morte pelo doutor na Europa, cá encontram força e bem estar, certamente concordarão comigo. Mas o homem robusto da zona temperada necessita

de acimação e falta-lhe a preponderância do temperamento nervoso que será a parte de seus filhos.

Alguem hade supôr que Morro Velho é um paraíso para aqueles que na Inglaterra levaram a vida dura de mineiros. Mas ainda que os trabalhadores estejam em geral, creio eu, satisfeitos, não é da natureza humana, especialmente da natureza do homem britânico, evitar a resmungação na transição do "pão, cevada e nabos cozidos" para a carne e aves. Há casos de saudades da casa; uma inglesa definhou e morreu de nostalgia durante a nossa visita à mina, e falou-se em mandar para os seus ares natais uma outra que parecia de geito a terminar do mesmo modo. A embriaguês é relativamente rara, a aguardente e a genebra obtêm-se difficilmente e o cheiro da fatal cachaça contem muitos do seu perigo. Sendo em geral do mesmo condado, os homens conservam a sua pronúncia peculiar e não poucas de suas superstições. A "Dowsing", por exemplo, a adivinhação das minas por meio da varinha mágica, atravessou o Atlântico, ainda que a aveleira usada na forma de rabdomância da Cornoalha ainda não cresça no Brasil.

Em nenhuma outra parte do Brasil encontrei os ingleses tão prósperos como em Morro Velho; as miseráveis pequenas colônias de alemães e outras dispersadas pelo Império, deveriam ali buscar sugestões e preferir um estabelecimento de 3,000 a 10 de 300 almas. A apatia que persegue os anglo-scandinavos nos climas tropicais, transforma-se aqui numa quantidade de energia pouco inferior ao de sua habitat normal; a dipsomania se modifica, senão se cura, pela ocupação, pela sociedade, divertimentos e disciplina; e, finalmente, eles estão em regra toleravelmente satisfeitos com o exílio, porque estão ganhando di-

nheiro e podem razoavelmente falar em rever a velha terra. Custe o que custar, eles sabem que podem voltar à casa. Está claro, se for homem sensato, (6), sua casa será para sempre no Brasil, e se for um bom homem, trará tantos amigos quanto puder trazer. O homem que fracassa no Brasil parece-me um soldado raso encanecido — a culpa deve ser de alguém e provavelmente se encontra nele.

Passemos agora ao mineiro pardo de "raça frontal".

A princípio os brasileiros livres mostraram uma decidida indisposição para trabalhar em Morro Velho; eles nunca haviam conhecido um empregador regular e um pagamento sistemático, sem o qual não pôde haver mercado de trabalho. Não gostavam do trabalho de broca, acostumados como estavam somente a uma lavoura inconstante, e isto mesmo quando tinham energia ou estímulo para atingir a esse grau. Em 1846 a proporção dessa classe de trabalhadores era de 20.23; em 1852 subiu a 112.79. Em pouco se penetraram de que o trabalho de uma semana significa uma semana de pagamento, que o trabalho e a remuneração estavam em constante relação. Foram então construídas casas para eles nos terrenos da companhia, cujo aluguel seria fixado em \$500 rs. por mês, quando um trabalhador ganha aqui a média de 1\$500 por dia. A classe aumentou rapidamente até um total de 786, isto é 734 homens e 52 mulheres, que recebem um pagamento um pouco menor; algumas poucas crianças, apesar da resistência cega das autoridades

6— Especialmente um sensato homem da Cornonilha, que conheço o estado de crise de seu condado, onde uma excessiva emigração para terras mais esperançosas provocou a diminuição dos casamentos, o declínio da quota de nascimentos e o aumento da mortalidade.

provinciais, são empregadas em trabalhos leves, tal como recolher as ferramentas para reafiar. A lista dos habitantes para junho mostra um total geral de 906 almas (7). São empregados nos departamentos mecânico, de redução e outros. Os perfuradores são atualmente quasi exclusivamente brasileiros livres. Como os seus irmãos brancos podem trabalhar além do tempo, o trabalho diário sendo de oito horas, o que nos lembra os quatro oitos, a moderna versão do "frango dominigueiro no cozido".

"Oito horas de trabalho, oito horas de folia
Oito horas de descanso e oito shillings por dia"

A metade ou dois terços deles fazem um ou dois dias extra, pagos durante a semana. A tarefa é de dois buracos por dia, após o que ficam senhores de seu tempo; a média de profundidade é de quatro palmos, mas isto pôde ser modificado pelo capitão de serviço, de acordo com a natureza da rocha. Trabalham aos pares ajudados por um menino; o último carrega o furador, um ferro que varia de comprimento de 1 a 4 pés. Usam o martelo com habilidade e os acidentes na mão são raros.

Os trabalhadores livres trabalham com muito mais energia e inteligência que os escravos. A principal queixa dos empregados é a sua irregularidade; nos Domingos, feriados e dias santos, ou perto de um terço

7 — A proporção pode ser julgada pelos algarismos seguintes:

Funcionários	22
Trabalhadores europeus	143
Nativos	906
Negros	1.450
TOTAL	2.521

do ano, nada fazem senão passear pela terra, jogar forte e "caçar" mulheres. (8) Entre esta classe a bebida cresceu muito nos últimos anos, e por mais de uma razão, devia-se incentivar o casamento.

Não se pode esperar que os hábitos inconstantes herdados de gerações possam ser totalmente mudados em poucos anos. Há uma ampla evidência de progresso no fato de nem as minas nem as estradas de ferro se queixarem de falta de braços (9). Além disso, uma raça de habéis e práticas mãos está se desenvolvendo, e se acostumando "confortavelmente" a trabalhar como os moços nos distritos de estanho da Cornoalha. E a "extraordinária riqueza mineral jacente" da terra, uma vez explorada pelos seus possuidores, perpetuará e aumentará a classe. Não se precisa agora senão de uma civilizada Escola de Minas.

E aqui vemos distintamente diante de nós a extensão da escravidão neste magnífico império. O negro

8 — "Caçar", é o termo da gíria brasileira.

9 — Tenho o prazer de ver que meu enérgico amigo Sr. J. J. Aubertin, Superintendente na Província de S. Paulo, depois de uma estadia de oito anos chegou exatamente à mesma conclusão. "Agora, na nossa estrada de ferro não podemos realmente dizer que jamais sentimos falta de braços; contudo quando a princípio começámos havia certamente uma indisposição, falando geralmente, para o trabalho. Mas, pouco a pouco, quando um ou outro descobriu que uma semana de trabalho realmente significava o pagamento de uma semana e que o trabalho ali estava e os patrões também, permanentemente, para pagar o dinheiro pelo trabalho, o trabalhador começou a compreender melhor a sua verdadeira posição. Um contou ao outro como era o negócio, como a remuneração pelo seu trabalho brilhou na sua mão no dia do pagamento e como ele realmente ganhou o seu pão e independência; e a falta de inclinação cedeu lugar à disposição e todos quizeram vir e aprender a trabalhar e ganhar dinheiro como seus amigos estavam fazendo. (p. 5. "Onze dias de viagem na província de S. Paulo"/ Londres 1866). Eleven day's journey in the Province of São Paulo — Igualmente na E. de Ferro da Baía e S. Francisco, onde da vez, entre 1858 e 1866, de 3.700 a 4.000 homens se empregavam o trabalho livre se tornou necessário pelos termos da concessão.

importado, o cativo, o proscrito, o criminoso da África, melhoraram muito sua sorte atravessando o mar. Mas à classe superior que o admitiu, ele fez um mal incalculavel, de muitas maneiras, tanto moral como fisicamente, principalmente predispondo-o contra todo trabalho e sobretudo contra o melhor de todos os trabalhos nas terras moças — a Agricultura. Onde os negros trabalham, todo trabalho se torna servil, consequentemente o povo não possui "camponeses valentes, orgulho da sua terra." Assim se dá em todas as terras em que a instituição moribunda ainda permanece; há uma classe conhecida na União do Sul como "brancos sem importância" (mean whites) e no Brasil chamada de "Vadios" ou "Capadócios", vadios vagabundos. Não há dúvida de que os "mean white" muitas vezes são apresentados como mais desprezíveis do que são, e que a importância da classe foi por motivos partidários muito exagerada, mas nada demasiado forte se pôde dizer contra a classe dos Vadios. Vivem às vezes a custa dos trabalhadores cujos sentimentos humanitários e católicos não permitem enxotar um vagabundo da porta; mais frequentemente os vadios profissionais podem infelizmente explorar o trabalho de um, dois ou poucos escravos, homens ou mulheres. E' assim um consumidor, não um produtor, e ao passo que aumenta a população introduz nela miríades de males. Algumas dessas casas de mulatos desgraçam a humanidade. (10)

Mas aproxima-se rapidamente o dia em que o vadio será compelido a trabalhar como os outros homens livres. Já no Brasil há ramos importantes de indústria material em que o escravo é somente usado quando há

10 — Os que acharem esta linguagem demasiado severa consultem St. Hil. (III, II — 242-4). Este excelente autor fala sobre o testemunho de um alto funcionário brasileiro o ainda que tivesse escrito em 1820, a pintura ainda é verdadeira.

necessidade premente. Como exemplos poderei citar as minerações de diamante e ouro, a navegação dos grandes rios do interior e a criação de gado que cada ano se tornam mais importantes, especialmente para o emigrante europeu. No presente momento, ousa afirmar, o negro é absolutamente necessário somente para a agricultura e mesmo aí está meramente como provisório até que a imigração da Europa se estabeleça como corrente forte e copiosa. Os grandes proprietários, alguns possuindo 3.000 e 4.000 cabeças, olham com horror para qualquer medida brusca e prematura que despovõe suas imensas plantações de café, cana, tabaco e algodão. As notícias que lhes chegam dos Estados Unidos do Sul não são próprias a lhes acalmar e a importância deles, garante-lhes a consideração do país. A atitude deles é legítima, mas esta classe altamente inteligente será a primeira a saudar a chegada dos trabalhadores brancos.

O emprego do trabalho livre em uma grande escala muito fará para remediar um mal que data no Brasil de tres séculos. O grande soldado e estadista Martin Afonso de Souza com maravilhosa preciência política expediu em 1532 uma ordem no sentido de nem mesmo para "resgatar" (11) índios poderem os homens brancos penetrar no interior, sem permissão expressa dele ou de seus locotenentes; e esta permissão deveria ser dada com grande circunspeção, e somente a pessoa de boa reputação. Este embargo foi desajuizadamente revogado em 11 de Fevereiro de 1544, enquanto ele servia na India, por sua mulher D. Ana Pimentel. A consequência foi uma imediata dis-

11 — "Resgatar", em linguagem clara — comprar como escravo. Tirei-o da pg. 70 das "Memórias para a História da Capitania de S. Vicente", pelo célebre Fr. Gaspar da Madre de Deus.

persão dos colonos, que se espalharam pelo paiz entre o Atlântico e as raizes dos Andes, e do Prata ao Amazonas, aniquilaram os aborígenes em vez de acostuma-los ao trabalho, e trouxeram tantos escravos que muitas casas em S. Paulo podiam contar 500 a 1.000 cabeças. Os bons resultados foram maravilhosas adições à geografia e imensas descobertas de tesouros. Por outro lado, os colonizadores brancos se descentralizaram a tal ponto que resultou disso o semi-barbarismo, e o homem das matas, que não queria ouvir o tiro da espingarda de um vizinho, deixou a riqueza das regiões marítimas totalmente inexploadas. Até os dias presentes a "Serra do Mar", à vista do oceano, está na maior parte coberta de florestas virgens; sabe-se que contem extensos depósitos minerais, mas em raros casos tem algum ponto deles lavrado. No presente estado do Império, a centralização em torno de pontos de orientação sobre grandes linhas de comunicação, tanto fluviaes como ferroviárias, será um beneficio para o paiz.

CAPÍTULO XXVIII

O MINEIRO NEGRO

Considerações Gerais Antes de Deixar as Minas

"Assim como o índio é morto pela aproximação da civilização a que em vão resiste, o negro perece na própria cultura a que serve como um humilde instrumento".

Conde Oscar Reichenbach.

Passarei agora a considerar se a raça, o clima (1), a religião ou o estado social ou os tres fatores combinados, deram origem ao tratamento excepcionalmente humano do escravo no Brasil; mas posso garantir que em nenhuma outra parte mesmo nas terras do oriente, tem o "rude jugo" tão pouco fel. Minha experiência jamais me mostrou um caso de crueldade exercida sobre escravos, e somente ouvi falar de uma severa sova. Por outro lado conheço muitas consequências terriveis de demasiada in-

1 — Uma das boas generalizações de Humboldt entre tantas infelizes é a afirmação de que "a facilidade de se aclimatar parece, estar na proporção inversa da diferença que existe entre a temperatura média da zona tórrida e a da terra natal do trabalhador ou colono que muda de clima" (Viagens. I cap 2). A distância pôde ser tomada no sentido moral, e racial; os que habitam latitudes vizinhas misturam-se em regra intimamente e quando no estrangeiro sentem-se mais em casa de que povos cujos lares são mudados para pouco adiante. O senhor de escravos inglês em regra mantém-se a distância do Africano; o brasileiro, como seu antepassado português, admito nele uma familiaridade muito maior e o resultado é deploravel.

dulgência. Ultimamente, em Araraquara, na Província de São Paulo, um negro Benedito, esteve para ser enforcado pelo bárbaro assassinio de seu senhor; o carrasco recusou-se a funcionar, e o criminoso foi simplesmente transferido da forca para as galés. Frequentemente encontro condenados acorrentados, praticamente sem penalidade, um escravo de um vizinho, que levado pela paixão esfaqueou sem motivo até matar um negro seu desconhecido, e na presença de muitos testemunhas, bebeu como vampiro o sangue de sua vítima, acompanhado por um companheiro de assassinio que por um capricho matou o indefeso velho Prior do Carmo. E' pois com algum desprazer e muito espanto que leio as seguintes linhas traçadas por uma pena tão bem informada: (2) "A Virgínia era um paraíso comparada com Cuba e o Brasil. Um toque de macieira no senhor, um ar de piedade na senhora, haviam sido suficientes para pôr mesmo os piores plantadores de sangue inglês acima das brutalidades que eram diariamente praticadas nas cidades espanholas e portuguezas mais ao sul". Muitos episódios poderiam sem duvida, ser coligidos de relatórios consulares obsoletos, das páginas de velhos viajantes e dos escritos de homens que correram pelo paiz, acreditando em tudo que ouviam, como o Sr. Jacquemont, descrevendo "após umas férias de doze dias" uma região oito vezes maior que a França, sua capital, sua marinha, seu tráfico costeiro, seu comércio, suas finanças, seu governo, sua sociedade e sua

2 — "New America", Vol. II — Cap. 31 — Estudou o illustre autor o Código Negro, ou as leis provinciais das Ilhas Inglesas de escravos? Já em 1815 o Príncipe Maximiliano de Wied podia dizer dos escravos do Brasil, "são tratados geralmente com bastante doçura".

condição servil. (3) Mas as relações entre o senhor e o escravo foram modificadas pela opinião pública e, essencialmente, pelo progresso da civilização. Nos dias presentes o negro brasileiro não precisa invejar a liberdade de morrer a fome de que gozam os pobres na maior parte do mundo civilizado.

O escravo no Brasil tem pela lei não escrita, muitos dos direitos de um livre. Pode-se educar e é mesmo impellido a isso. E' regularmente catequizado e em todas as grandes plantações há um serviço religioso diário. Se atacado em sua vida ou em algum membro, pode-se defender contra o seu senhor ou qualquer branco e um proprietário demasiado áspero ou o feitor sempre correm um risco consideravel de não morrer na cama. E' casado legalmente e a castidade de sua mulher é defendida contra o seu proprietário. Tem pouco medo de ser separado de sua família: os instintos humanos e os princípios religiosos do povo são fortemente opostos a este ato de barbaridade. Tem toda a possibilidade de se tornar um homem livre: a libertação é tida como dever católico, as comunidades de padres se envergonham de manter escravos, e sempre que há uma guerra o afri-

3 — Neste sentido, um dos que mais ofenderam o Brasil foi o falecido Sr. Charles B. Mansfield ("cavalleiro e bacharel, de Clare Hall, Cambridge"). Seu estilo vivo e conciso, seu João Bullismo, e a ampla evidência de boa intenção em todo o mal que cometeu, fez com que o "nobre trabalhador", como o chamou o editor, fosse muito lido, crido e acolto, e isto aumenta o grau de sua ofensa. As cruzas e absurdos de um homem não viajado, que após uma vida sedentária e um mês no novo mundo, teve a audácia de escrever um capítulo (N.º 4) intitulado "Brasil: Crímo — Economia Política — Colonização — Escravidão — Comércio", foi devidamente respondido num "Ensaio Crítico" pelo Sr. A. D. de Pascual, Rio de Janeiro, Luemmer, 1861. — Mas dos milhares que se embeberam do veneno, quão poucos jamais verão ou ouvirão falar do antidoto?

cano é resgatado e mandado para se bater lado a lado com os recrutados brancos. Um antigo costume permite-lhe comprar sua liberdade pelo seu trabalho e empregar sua propriedade na libertação de sua mulher e seus filhos.

Tenho um espaço muito reduzido para um assunto tão importante e que leva tão longe como a escravidão no Brasil. (4) Mas pode-se notar brevemente que é difícil que haja um homem educado no país que não a deseje de boa vontade vê-la abolida se poder encontrar para ela um substitutivo. Todos olham para o futuro, para o grande dia da imigração e do trabalho livre. Todos também estão prevenidos do fato de que a imigração e a escravidão dificilmente podem co-existir. O mesmo se dá com os Ingleses, que através do Império, excepto nas grandes cidades em que podem alugar criados, compram, mantêm, deixam e alugam escravos a despeito da última e ab-

4 — O leitor curioso encontrará uma excelente publicação sobre a "Extinção da Escravidão no Brasil", de um ponto de vista prático, escrita pelo Sr. A. M. Perdigão Malheiro, traduzido pelo meu amigo Sr. Ricardo Austin, membro da sociedade dos Antiquários de Londres, e publicada na Revista de Antropologia, N. 20 (Janeiro de 1868). O autor, cujos estudos dão às suas observações o maior respeito, estima o número de escravos entre os extremos de 1.400.000 e 2.500.000; em 1864 — Em 1850 o número era de 4.000.000. Estes números deviam acalmar eficazmente o ânimo inflamado dos emancipadores. Se, porém, os negros devem se extinguir, porque então declará-los imediatamente livres? As medidas que estão para ser adoptadas presentemente são as seguintes: libertar todos os escravos pertencentes a eclesiásticos, taxar pesadamente todos os escravos da cidade e vagabundos, evitar que os grandes possuidores de escravos sejam empregados em posições importantes do governo e satisfazer a Europa, fixando um termo definido para a solução final do problema. Por fim, poderemos observar que os Srs. Kiddor e Fletcher calcularam a emancipação em um milhão de escravos nos quinze anos de 1850 a 1866, enquanto as produções do país cresceram numa proporção de 30 por cento.

surda lei de 1843 do respeitavel Lord Brougham. (5) E para beneficio dos desgraçados de pele oxidada, condenados pela filantropia a morrer aos milhares em Achanti, Dahome e Benim, para não falar em um cento de outros Aceldamas e Gólgotas africanos, ousou esperar que o continente negro possa tambem ser admitido ao beneficio da imigração. Sob todas as circunstâncias o "coolie" negro temporariamente engajado no Brasil se beneficiará: confinado ao trabalho do campo, não admitido à casa, e olha-lo como um estrangeiro na terra, ele beneficiará os outros.

Há alguns anos, quando a "queixa dos negros" (Negro's Complaint) ainda soava aos ouvidos do público, quando o "irmão negro" era um simples motivo literário e um caça-niqueis na Inglaterra, quando o negro de sentimento e teoria havia estragado e esbulhado o negro de razão e prático, e quando neste ponto somente, a ignorância gritadeira não permitiria ao conhecimento abrir os lábios, diversas invenções altamente atrevidas e infames circulavam sobre todos os estabelecimentos ingleses de mineração no Bra-

5 — Surpreende-me ler no Principe Max (I, 220) a maneira fria pela qual elle conta como o Sr. Freyress compra e leva embora um rapaz 'nôto. É realmente um ato vil, escravizar quem nasceu livre. "É" um fato atterrador e deploravel, e capaz de fazer balçar a nossa opinião sobre a natureza humana, testemunhar a rápida adopção pelos europeus que deixam seus próprios palzes animados dos melhores e mais generosos principios com referéncia a seus semelhantes, das máximas e práticas dos mais duros senhores de escravos. (Notas sobre o Tráfico de Escravos, por W. G. Ouseley, Londres, 1850). É mais filosófico procurar explicar a causa do que se aterrar ou deplorar fatos, simples sinais de que não os lomos devidamente. Quanto a mim, sempre que vejo um homem deixar a Inglaterra pela primeira vez cheio dos principios normais, superlativos e transcendenciais sobre o fato de manter pessoas a seu serviço, espero que surja uma reacção e que os seus negros em breve se queixem de sua no'avel e desrazoavel crueldade. Por esta causa, em parte, o senhor de escravos na Carolina do Sul não gosta do feitor Yankee.

sil. (6) O benevolente caluniador que desejava engrossar o seu próprio nome e o empregado demitido que queria satisfazer sua vingança, alcovitavam o preconceito popular e estenderam-se unctuosamente sobre as "condições adinâmicas" do trabalhador negro e o seu "cruel e mortífero tratamento" pelo branco. Isto foi levado a um tal grau, que os directores da Grande Mina foram obrigados a enviar ao local o Dr. Walker, cujo excelente relatório poz a questão nos devidos termos. Mas ainda hoje, sempre que um official é demitido por insubordinação ou incapacidade, a primeira ameaça que ele faz é dizer qualquer cousa sobre os senhores de escravos.

Passo agora ao meu depoimento sobre o mineiro negro tal como o encontrei em Morro Velho.

Sem incluir 130 crianças filhos de negros alugados, que não estão sob contrato, o estabelecimento comprehende 1.450 cabeças, assim distribuidas:

Negros da companhia 254 (109 homens, 93 mulheres e 52 crianças); negros de Cata-Branca 245 (96 homens, 87 mulheres e 62 crianças); negros assalariados por contrato 951.

Nestes números pudemos ver uma modificação das declarações de St. Hilaire: "o trabalho das minas

6 — Vide uma "Carta introdutoria ao Sir Thomas Fowell Buxton, Baronet, sobre os temíveis horrores da moderna escravidão, como é praticada pela Associação Imperial Brasileira nas suas minas em Gongô Soco". "Pensei algumas vezes", diz o Sr. Trollope, com grande verdade, "que não se podia ser tão maligno tão sanguiscedento, como um filantropista confesso o que quando o ardor filantropista se refere aos negros, assume então o mais profundo tom da veneno o sêdo de sangue". Sirva de testemunho a multidão sem dúvida bem intencionada que se ajuntou para clamar pelo sangue do Governador Eyre.

não convem às mulheres"; (7) isto pôde ter sido verdade no sistema antigo, mas não agora. Geralmente no Brasil os homens são preferidos nas plantações de açúcar, as mulheres naquelas em que nasce café, e como são desejadas para os trabalhos domésticos não é tão fácil alugá-las.

Os negros da Companhia, consideram-se a aristocracia e olham de cima todos os seus irmãos. Tanto eles como os de Cata-Branca distinguem-se pelo número na vestimenta; os alugados usam também M. V. marcados nas suas camisas. O estabelecimento gasta mensalmente £ 1.400 em contratos: não é preciso notar que vantagem isto deve trazer aos grandes proprietários da redondeza. Assim, o Comendador Francisco de Paula Santos deixa contratados um total de 269 (inclusive 173 crianças), seu genro Sr. Dumont 145 (97 Adultos e 48 crianças), e a Cocais ou Sociedade Nacional Brasileira de Mineração contribue com 142 negros e 13 crianças.

Os números dados abaixo mostrarão a média dos alugueres; (8) roupa, alimento e tratamento médico ficam por conta da companhia. Geralmente o contrato é de tres a cinco anos, durante cujo período o escravo não pôde ser liberto. Em regra o Superintendente aceita somente homens robustos que tenham

7 — Viagens, III, 1, 329. Ele exaggerou o fato. Ao alugar negros o Superintendente previne aos proprietários que as mulheres devem ser acompanhadas por um número superior de negros, e assim vemos que de 951 alugados 602 são homens e 349 mulheres.

8 — Aluguel anual de escravos de 1.^a classe — homens 220\$ — mulheres 100\$000.

— Sem pagamento no caso de morte ou fuga — homens 230\$ — mulheres 110\$000.

Aluguel anual de escravos de 2.^a classe — homens — 150\$ — mulheres 76\$000.

— Sem pagamento no caso de morte ou fuga — homens 160\$ — mulheres 75\$000.

passado por um exame médico, mas aceitará os de saúde duvidosa por contratos anuais. O escravo é seguro por uma dedução de 10\$000 a 20\$000 por ano por um período fixo; e se morre antes do prazo expirar, o proprietário ainda recebe seu dinheiro -- há atualmente oitenta e nove casos dessa espécie. O pagamento cessa somente se o negro foge; é pago de tres em tres ou seis em seis meses, e os contratantes podem obter um ano adiantado, com um desconto de 10 por cento.

No que tange ao trabalho, todos são classificados de acordo com a força em primeira, segunda e terceira classe de negros. Em 1847 foi dada permissão para trabalhar além do tempo, quer dizer, além de nove horas e quarenta e cinco minutos, aos de primeira classe. Há uma outra divisão, em negros de superfície e do sub-solo. Os primeiros são ferreiros e mecânicos, especialmente carpinteiros e pedreiros, que trabalham de 6 da manhã às 5 da tarde, com uma hora e quarenta cinco minutos de intervalo para o almoço. Os mais velhos e menos robustos são transferidos para jardineiros, apanhadores de madeira e capinadores.

O dia de trabalho normal em Morro Velho é o seguinte:

5 da madrugada — Alvorada tocada pelo gongo, e meia hora depois, a revista.

6 horas da manhã — Trabalho.

8.15 da manhã — Almoço.

9h. — Trabalho.

12.30 h. — Jantar.

1.15 — Trabalho.

2 horas da tarde — Mudança da guarda. Explosão na mina.

5.30 da tarde — Fim do trabalho, dos artífices.

8.30 — Volta para os alojamentos.

Os escravos cozinham a própria comida e ceiam em casa. Sábado é meio feriado; deixam o trabalho às 2.30 da tarde e saem às 9 da noite.

Os trabalhadores do sub-solo são perfuradores, limpadores de excavações, homens de trem, que empurram os vagões, enchedores de balde e homens do madeiramento: são divididos em tres corpos, que entram na mina às 6 da manhã, 2 da tarde e 10 da noite. Nos domingos os grupos mudam de logar, de modo que, somente uma semana em tres há trabalho nocturno. Uma avaliação por alto dá para o número das turmas na mina ao mesmo tempo, 620, incluindo todos os braços. Quando o trabalho termina, eles vão para os vestiários e encontram banho morno em todas as horas. Vestem então suas roupas de cima e deixam a roupa de trabalho para se secarem seja ao ar livre, seja por meio de canos, no tempo de chuva. A precaução é absolutamente necessária, ainda que muito difficil e trabalhosa para ser aplicada com rigor; os mineiros ingleses burlam-na, e os brasileiros livres são os mais teimosos, ainda que estejam bem prevenidos de como são fatais as roupas molhadas.

Os negros moram em duas aldeias situadas a meio-caminho entre o fundo do vale e o Morro Velho, propriamente dito. Assim escapando à malária poupam a fadiga quando vão ou vêm do trabalho. Começam o dia com café ou chá de Congonhas. A ração semanal alem de sal e verduras, comprcende: 9 libras de farinha de milho, 4 $\frac{1}{2}$ a 5 libras de feijão; 13 $\frac{1}{2}$ onças de banha e 2 libras de carne verde. A carne de primeira custa aqui aproximadamente 3\$00 a arroba, ou dois dinheiros a libra, e os trabalhadores

compram ao preço do custo, as cabeças e os cascos, os fígados e os meúdos dos bois mortos para o serviço do estabelecimento. Os mais industriosos têm seus jardins e lavouras: criam aves e porcos, engordados com farelo, que recebem gratis. Uma parte eles comem; o resto vendem para obter quinquilharias e pequenos objetos de luxo. "Carne Seca" e farinha se fornecem quando o médico manda. As mulheres com filhos pequenos têm direito a adicionar alguma coisa aos seis décimos de prato de refeição: uma quarta de feijão e duas onças de banha. As crianças quando desmamadas têm direito a meia ração. Todos os artigos são de boa qualidade, e quando não, faz-se uma queixa ao superintendente dos negros.

A bebida não é dada todos os dias, nem pôde ser trazida para o estabelecimento. Um negro bem comportado pode obter um gole uma vez por dia, com licença do feitor chefe ou superintendente. Cada chefe de departamento tem uma reserva de "restilio", que pôde distribuir à discreção e o capitão da mina pode dar um gole a qualquer negro que chega molhado de seu serviço. E', porem, difficil corrigir a tendência extrema do africano para licores destilados, que neste ar leve e excitante atinge prontamente a cabeça, e em breve se torna fatal. Os negros se delicias tambem com o "Pángo", aqui chamada arirí, a bem conhecida Bhang (*Cannabis sativa*) da India, e da costa leste e oeste da Africa. São capazes de pagar prontamente até 1\$000 rs. por um punhado desse veneno.

Nunca vi negros tão bem vestidos. Os homens têm duas roupas por ano — camisa e nuacação de algodão para o calor e de lã para a estação fria; os de baixo recebem, alem disso, uma grossa camisa de lã; e um chapéu forte para proteger a cabeça. Cada um tem um co-

bertor de algodão, renovado anualmente, e se sua roupa fica usada ou rasgada, o superintendente fornece outra. As mulheres trabalham com camisas de fazenda de lã fina e saias de material mais forte; usam geralmente lenços no pescoço, cobrindo assim o peito e um ombro, segundo a moda das "minas". (9) No inverno ainda uma capa de tecido vermelho grosso, se junta na roupa da revista.

O escravo trabalhador é recompensado com presentes em dinheiro; tem permissão para sair fóra dos limites, mesmo até Sabará, é promovido a cargos de confiança e de maior pagamento; é feito feitor ou capitão de sua própria gente; nas Revistas usa divisas e distintivos, honras e procura alcançar a liberdade (10).

Os principais castigos são multas, que os negros, como os indianos, detestam especialmente; as penalidades, que sobem agora a 400\$000 rs. são destinadas a

9 — Expliquei no cap. 7.

10 — Foi-me permitido verificar a lista official dos negros candidatos á alforria (de accordo e com as instruções expedidas pelos directores em Janeiro de 1845); e de ja tomamos os seguintes números:

O Sr. Keogh collocou na lista de alforria:

Em	1843	negros	e	negras	4
"	1849	"	"	"	4
"	1851	"	"	"	"	2
"	1852	"	"	"	"	2
"	1853	"	"	"	"	3
"	1854	"	"	"	"	2
										.16	
TOTAL										Dr. Walker.	
Em	1855	negros	e	negras	2
"	1856	"	"	"	"	3
"	1857	"	"	"	"	2
"	1858	"	"	"	"	4
										.10	
TOTAL										.10	

fins caritativos, e um fundo de garantia especial destinado a sustentar os velhos e os enfermos. Outras penas são, as seguintes: não ter licença para vender porcos, aves e verduras; prisão dentro do estabelecimento ou encarceramento numa cela seca, com táboas, como uma guarita de soldado; os fugitivos são postos a ferros.

Antigamente o superintendente e o capitão-chefe, que exigia obediência completa de 500 mãos no departamento do sub-solo, podiam ordenar o açoitamento. Isto foi abolido, creio que sem bom efeito. Cada chefe de departamento pode ainda determinar um "Palmatório" (11) mas precisa comunicar e narrar o castigo ao Superintendente. Somente o último pode ministrar os açoites com o re lho de couro rasgado brasileiro; isto é reservado para a bebedeira contumaz, a desobediência a ordens, a rebeldia e para os trabalhadores furtadores. A lista das punições é remetida cada quinzena e em regra é pequena. Notei especialmente o comportamento educado e respeitoso dos negros de Morro Ve-

				Dr. Gordon.
Em	1859	negros	e negras	10
"	1860	"	"	16
"	1862	"	"	5
"	1863	"	"	6
"	1864	"	"	2
"	1865	"	"	41
"	1866	"	"	18
TOTAL				92

Desses, 6 perderam o favor por intoxicação, 2 morreram na mina e 14 faloceram.

11 — A primeira "palmatória" vista por mim no Brasil, foi na casa de um inglês. É um "remo", de madeira dura e escura, mais ou menos como a usada no jogo de "knurr and spell" com um braço quasi de um pé de comprimento e um círculo chato de tamanho de cerca de uma ostra grande na extremidade útil que é perfurada com buracos. Na mão de gorilla que têm os negros, difficilmente faz o efeito daquela "rattan" que o meu velho tutor, Sr. Glichrist, gostava tanto de aplicar nas mãos róseas e brancas dos seus pupilos.

lho, que invariavelmente tocam os chapéus para um branco estrangeiro e estendem as mãos para a benção. Não são atrevidos, nem servís, nem desagradáveis e, na minha opinião, não há melhor prova de que são bem e humanamente tratados. Reconsidero formalmente aqui uma opinião que adotei sem pensar baseado no pior dos fundamentos: "a aceitação geral". O negro não pôde viver na presença do homem civilizado: o Brasil prova que, a menos que seja recrutada de sua pátria, a população negra não é mais viável que a dos índios vermelhos. Sua lei e "manifesto destino" é o de todos os selvagens (12).

Resumem se rapidamente as estatísticas de Morro Velho, nestes tempos atingindo seus maiores dias de ouro. A companhia completou o seu 37 anos, e durante os últimos seis pagou passante de 10.000 libras de impostos ao Tesouro Britânico. A atual despesa do estabelecimento é, em números redondos, de £ 146.000 por ano, e a renda da £ 230.000. Como mina, não tem paralelo no Brasil; a excavação desceu a zonas inatingidas por outros trabalhos, e, como se viu, sua extensão não tem rival. Emprega diretamente 2.521 almas; indiretamente o dobro deste número.

Além de 343 ingleses em Morro Velho há pelo menos 500 de nossos homens espalhados pela Província de Minas. Estão todos destituídos de proteção; seus casamentos podem ser contestados nos tribunais civis,

12 — Pela excessão de mortes sobre os nascimentos, a população negra em todas as antilhas inglesas, baixa todos os anos numa diminuição de 4 em 1.000; em Tobago, a diminuição anual é de 16 por 1.000. O Coronel Tulloch nota: "antes de um século, a raça negra estará quasi extinta nas colônias inglesas nas Índias occidentais" (Rev. Antropologica — "Anthropological Review" — Agosto — 1864 — pg. 169).

(13) o consulado mais próximo para registro é o do Rio de Janeiro, e o custo de uma viagem de ida e volta não custa menos de £ 50. Há as mesmas dificuldades no que toca a testamentos e heranças, especialmente no caso dos funcionários das companhias e os médicos ingleses que moram nas partes mais remotas da província. Os governos francês, espanhol e português têm vice-consules ou agentes consulares em Barbacena e Ouro Preto, posto que nenhum salvo o último tenha muitos constituintes. Nós esperamos provavelmente até o fim para seguirmos o exemplo.

E agora, adeus a Morro Velho, lugar que achei esplêndido de descrever, trabalho mantido dia e noite no calor dos trópicos e no coração do Brasil.

13 — Uma lei intitulada "Lei para legalizar alguns casamentos realizados em Morro Velho no Brasil" e "para ser chamada para todos os efeitos como Lei de Casamento de Morro Velho de 1867", remedeia parte do inconveniente, mas uma representação qualquer remediaria tudo.

CAPÍTULO XXIX

PARA ROÇA GRANDE (*)

"Palz do gonto o de prodgijos cheio
Da América feliz porção mais rica",
(Caramurá — 6, 49).

O Sr. Gordon havia se oferecido gentilmente para me mostrar um veio de matéria combustível de substância discutida. Organizou ele tudo para a excursão: os animais eram dez, permitindo uma mudança para cada um de nós; nosso Camarada (1) ou principal homem, era um tal Joaquim Borges, e "Miguel" já velho conhecido, era auxiliado por um estúrdio e escuríssimo preto, João Paraopéba, nome tirado do rio mais próximo, como o de Lord Clyde. O Superintendente era seguido pelo seu criado Antônio, imponente na alegre indumentária mineira, chapéu alto e lustroso e botas de cano alto, viradas com goma guta amarela; um grande copo de prata, respeitável artigo de luxo e os-

1 — Ou melhor camarado (sio) ou companheiro. Em Portugal a palavra é geralmente empregada para designar um criado mais velho (soldado). Em algumas regiões do Brasil é o tratamento familiar dos amigos, "meu bom camarada"; o termo é empregado geralmente pelo homem livre que se presta a auxiliar, como se diz na Nova-Inglaterra, e não a servir. Assim, se é empregado na iluminação das lâmpadas da cidade, se intitulará "camarada da luz". O camarada, cujo nome nos lembra a "camaradagem" ou fraternidade dos velhos piratas, é um personagem muito importante, e extremamente complicado nas viagens pelo Brasil.

tentação, pendente de uma corrente do ombro. O Sr. L'pool acompanhava-nos e a viagem devia durar onze dias.

(*) Eis um itinerário aproximado de Morro Velho a Ouro Preto:

Morro Velho a Raposos . . .	1 h. 45 m. = 5 milhas	} 14 milhas	Total do percurso do 1.º dia 28 milhas em 8 h. 45 m.
Morro Velho a Morro Vermelho	2 h. 40 m. = 9 "		
Morro Velho a Gongo Soco . .	3 h. 20 m. = 10 "	} 14 milhas	
Morro Velho a Fábrica . . .	1 h. 0 m. = 4 "		
Fábrica a S. João do Morro .	1 h. 0 m. = 4 "	} Total do 2.º dia, 17 milhas em 5 horas.	
Fábrica a Brumado	1 h. 0 m. = 4 "		
Fábrica a Catas Altas . . .	3 h. 0 m. = 9 "		
Catas Altas a Agua Quente .	0 h. 45 m. = 2 "	} Total do 3.º dia, 26 milhas em 6 h. e 45 m.	
Catas Altas a Fonseca . . .	3 h. 0 m. = 12 "		
Catas Altas a Inficionado . .	3 h. 0 m. = 12 "		
Inficionado a Bento Rodrigues.	1 h. 0 m. = 4 "	} Total do 4.º dia de viagem, 20 milhas em 5 h. e 45 minutos.	
Inficionado a Camargos . . .	2 h. 0 m. = 5 "		
Inficionado a Morro de Sta. Ana	2 h. 15 m. = 8 "		
Inficionado a Mariana] . . .	0 h. 30 m. = 2 "		
Mariana a Passagem	0 h. 30 m. = 2 "	quinto dia	
Passagem a Ouro Preto . . .	1 h. 0 m. = 4 "	sexto dia	
Ouro Preto a Casa Branca .	3 h. 20 m. = 12 "	} Total do 7.º dia, 23 milhas em 7 h. e 20 m.	
Casa Branca a Rio das Pedras	4 h. 0 m. = 11 "		
Rio das Pedras a Sto. Antônio	3 h. 15 m. = 9 "	} Total do 8.º dia, 13 milhas em 4 h. e 45 m.	
Sto. Antônio a Morro Velho .	1 h. 30 m. = 4 "		
Total	41 h. 50 m. 133 milhas		

A 10 de Julho de 1867 partimos às 9 da manhã, que pôde ser chamada a hora de viagem das famílias nesta estação e virando a leste passamos pelo arraial chamado Praia do Bom Será. Consiste em seis filas de cabanas, com estacas fincadas no sólo, sustentando um teto de telhas e uma cerca de madeira: desta maneira muitas vezes, antes de aparecerem as paredes laterais já a cumieira está acabada e as portas e janelas colocadas. O processo seguinte consiste em fazer as paredes com ramos, metendo-se o barro por entre eles. Esta curiosa maneira de construir é chamada "Pau a pique", ou "parede de mão", por causa da necessidade de esfregar a lama. Onde o adobe ou o pisé é conhecido, substitue os pausinhos e o barro. Aqui moram os furadores, brasileiros livres, que, como uma população mineira mais a leste, ficam embriagados às vezes, e ainda que não atirem um pedaço de tijolo, apupam rudemente com lábios roxos o viajante estrangeiro.

Passamos então o Ribeirão, por uma ponte sem importância. O leito aqui se alarga, e, por toda a parte, apresenta sinais de trabalho: uma florescência peculiar, branca, que dizem parecer fosforescente à noite, marcheta os escuros montes de refugo. Isto foi examinado pelo Dr. Walker que "descobriu não passar de sulfato de ferro, que se torna branco quando privado de sua água de cristalização". O Dr. Birt também opinou ser um "sulfeto de ferro impuro, ou as brancas caparrosas de comércio, como se vê perfeitamente pelo ácido gálico, que o transforma, quando misturado, em tinta". Mas o Sr. Reay extraiu uma grande proporção de piritas arsênicas do minério em geral e especialmente do Baú. A "matéria branca" é de fato um sublimado de arsênico, e, como se verá, os barqueiros pensam encontrá-lo por todo o curso do Rio das Velhas. Mais

adiante na Praia estão os trabalhos pertencendo aos Srs. Vaz, de Sabará: antigamente eles tinham muitos pilões. Estão agora reduzidos a uma dúzia, e poucos "arrastres". Eles tratam de novo a areia perdida da Mina Grande e o "Cascalho" por aqui é tido como aurífero. Adiante deles estão de novo outros trabalhos brasileiros chamados "Califórnia".

Subimos então um íngreme e áspero morro, onde há uma encantadora vista do estabelecimento: o sólo amarelo é desprezível, exceto nos baixos, que são frios e sujeitos às enchentes. A esquerda fica o passeio de Herring que conserva o nome do primeiro superintendente; é uma agradável linha ondulante em torno dos morros e saindo pela altura de "Timbuctoo". Rodando para a direita descemos uma ladeira rude, áspera e pedregosa, vendo abaixo de nós o vale do Rio das Velhas: o rio era invisível e a cavidade parecia um vasto caldeirão a cuja fervura faltasse movimento. Atravessamos então o Rego dos Raposos (2). Perto dele fica o moinho de ouro e a residência do Capitão José Gomes de Araujo — familia que se pôde chamar de velhos senhores de Raposos. A formação é de matéria pirítica, e quartzo parcialmente destruído; há veios e filões, ambos auríferos, mas não se encontrou ainda nenhum que pagasse a exploração.

2 — A palavra é escrita indiferentemente Raposos ou Rapozos. Em rogra, ao escrever a mesma palavra os portuguezes preferem o "s", e os espanhóes o "z". Assim o primeiro escreveria "casa", o segundo "caza". Mas a orthografia nesse ponto, como em muitos outros, não está de nenhum modo fixada. O raposo, frequentemente confundido com o Cachorro do Mato, é um canídeo amarelo acinzentado espalhado pelo continente sul-americano. O Principe Max (III, 149) pensa que seja o *Agourachay* de Azara, a raposa cinzenta de Surinam, e provavelmente uma variedade climática da raposa tricolor (*Canis griseo argenteus*) da Pennsylvânia.

A ladeira terminava na abominavel e velha Calçada do costume; aqui como em S. Paulo, conhece-se a aproximação da cidade pela piora extraordinária das estradas. A razão é evidente — são mais trafegadas e não concertadas. Pelas alturas em torno de nós estavam espalhadas um pequeno caféiro e duas moitas de cana de açúcar verde claro. Na margem esquerda do Rio das Velhas, passamos por uma capela em ruínas, um moinho-pilão de ouro e uma enorme casa senhorial abandonada pertencente aos Araujos. Mais felizes que o Dr. Gardner, que teve de fazer uma grande volta, encontramos uma boa ponte de madeira sobre a corrente rápida e sinuosa; tem 400 palmos de comprimento, 14 de largura e 20 de altura. A data do último concerto é 1864. O grosso de Raposos, ou para dar o seu nome por extenso, "Nossa Senhora da Conceição de Raposos de Sabará", occupa um pequeno vale ou bacia no vale ribeirinho. Consiste principalmente num péssimo calçamento e uma Igreja Matriz. Esta Igreja gaba-se da honra de ser a primeira construída na Província de Minas; foi outróra muito rica em pratarías, do que ainda resta alguma coisa, e deve sua preservação ao cuidado do seu Vigário, José de Araujo da Cunha Alvarenga, cuja memória é conservada na poeira do tempo. Tem duas capélas filiaes, Sant'Ana e Santo Antônio, perto de Sabará. O templo é construído com a argila chistosa comum, dura, ligada não com cal, mas com lama que se derrete admiravelmente durante as chuvas. As duas pequenas torres são de taipa vermelha ou "pisé", cobertas de telha, como a igreja, mas não são caiadas — sintoma de extrema penúria no Brasil. A paróquia foi creada em 1724 e continha duas mil almas emquanto durou a lavagem de ouro; o número está agora reduzido a um terço.

Passamos pela margem do Rio por um caminho arborizado e acima de um feio morro, áspero, de blócos soltos e pedras redondas e rico de areia de chisto argiloso: meramente transitavel agora; o que será ele na época das chuvas? Alcançando a "Chapada" ou plateau, esporcamos os animais afim de vencermos depressa uma boa légua no mesmo dia. Passamos por uma fazenda em ruinas com paredes nuas e quebradas. Foi nos últimos tempos habitada por D. Rita (3), viuva de um José Joaquim dos Frechos Lobo, e agora é uma propriedade eclesiástica, pertencendo à "Irmandade de Santissimo" de Raposos. Alem fica uma eminência arredondada que encanta o olhar de um velho agrimensor. Para noroeste eleva-se um massiço, coroado como cruzeiro, o cume de Curral d'El Rei; mais a oeste fica o morro coberto de verde chamado Morro do Pires (4); para sul-sudoeste fica o nosso conhecido Pico de Itabira, ou "menina de pedra", emquanto que fronteira a nós, ou ao sul, corre a Serra de S. Bartolomeu, a parede oriental do vale superior do Rio das Velhas. Esconde aqui o original toucado do Itacolomi, e sua cumieira regular mostrava uma linha de céu manchada por uma chuva fina, que agora caía sobre nós pela primeira vez em Minas Gerais. Talvez sejam estas as "chuvas de S. João", um tanto atrasadas, e interferindo com os direitos de S. Swithin. As vesículas da nuvem estavam particularmente nítidas nesse dia.

Os morros altos e em forma de espigas são todos ásperos e em direção muito para leste. E' tambem esta a direção do afloramento das pedras. Os cones e picos que a chuva lava são raiados, dentados e esbarranca-

3 — No original "D. Reta". — N. T.

4 — O Sr. Gordon verificou, do ponto mais alto do Morro do Pires, que o Itacolomi fica exactamente a sudoeste.

dos, com os de perto de S. João e S. José, com listas de chisto talcoso, escuro, cinzento, duro e áspero. Isto parece ser o esqueleto da terra, e em alguns lugares a formação é circular. No cume observei traços de cobre, o que sugere estarmos agora no grande campo descrito pelo Dr. Couto (5). Os lugares mais planos fizeram minha mulher declarar que ela estava mais uma vez passando os vales de Wiltshire. Suaves encostas elevam a superfície; mas além há elevações mais atrevidas, serras confusas e encapeladas, formando um crescente irregular de cada lado. Elas descem ingremes até os pequenos regos que separam as barreiras; procuramos aqui em vão pelos campos planos fertilizáveis pela inundação.

A vegetação do campo irregular é o Cerrado costumeiro, escuro e enfezado, queimado e batido pelo vento. Cada gruta tinha sua densa mata pendente dos lados e formando grossa floresta adensando-se para o fundo. O estrangeiro não deve tentar penetrar estes capões. A flor amarela e malva da floresta florida é realçada pelas folhas arredondadas e forradas de prata da Alta Árvore da Preguiça, uma das mais notáveis das terras florestais do Brasil. Creio que esta "Cecropia" ou Árvore-candelabro, pertence à segunda formação, mas o Dr. Gunning, cuja experiência é longa e respeitável, declara que a viu na "Mata Virgem". Por aqui as velhas matas se foram para fazer combustível para Morro Velho. Contudo, a alternância continua de

5 — Entrou este cientista nesta região pelos arredores de "Córregos", a sessenta milhas ao norte, e achou que o campo consistia em rhomboides cinzentos, cobrindo o chão pelo qual passava seu cavalo, sem mistura de matéria terrosa, não em volos, mas em montões, em rochas, ou em montanhas completas, em serras inteiras. E' o cobre para Minas, diz ele, o que a prata é para o Perú e muito mais abundante que o ferro, enquanto que em outros lugares do mundo a sua proporção é de um décimo dos depósitos ferruginosos.

silvado e de montes pedregosos, de relvados e arbustos; o contraste do plateau e da planície anã com o alto pico e a atrevida montanha; a diversidade de coloração e os raios de sol sorrindo através das lágrimas de S. João — aqui diz o povo que é casamento da raposa — na Inglaterra que o demônio está batendo na mulher — constituíam de fato o contrário de monotonia.

A Árvore da Preguiça ou Ayg é assim chamada porque este animal sóbe por ela, especialmente de noite, para comer os pequenos brotos e folhas até que ela pareça um esqueleto. Esta urticácea é chamada pelos Tupís Umbaúba ou Umbahuba, também escrita Ambaba, Ambaúba, Imbaiba, e de várias outras maneiras, mas não “Embeaporba” como escreve o Sr. Walsh. O Sr. Hinchcliff (Esboços Sul Africanos — “South African Sketches” — cap. XIII), chama-a Sumambaia, quer dizer uma filix. A gente selvagem distingue a *Cecropia palmata* da *C. peltata* (L), chamando a última de Ambaitinga, ou “branca”, porque as folhas mais velhas são forradas com uma penugem branca e frequentemente são invertidas como se estivessem murchas, enfeitando a roupagem da árvore de branco. A folhagem nova é conhecida pelo tom vermelho queimado o que não aumenta pouco sua beleza. Os brasileiros reconhecem duas espécies, Roxa e Branca. A cecrópia é bem conhecida nas guianas e nas antilhas, onde o povo a chama Coulequin e “bois de trompette”. Os índios empregavam esta madeira e a gameleira para acender o fogo pela fricção. Os negros tiram facilmente sua medula e a empregam não somente para trombetas, mas para tubos, bicas e canos d’água. A árvore cresce depressa; em quatro meses fica tão grossa como o braço de um homem; quebra facilmente, mas

é madeira verdadeira (não somente simples talo succulento) e dizem que faz bom carvão para pólvora. O suco dos brotos é usado como refrigerante contra a diarréia, e outros males semelhantes; mas nunca ouvi dizer que fosse "a flor um remédio muito conceituado contra as mordidas de cobra."

A *C. palmata* tem um tronco cinzento claro, macio e liso, verde côm de capim quando muito moço, raras vezes perfeitamente reto e cônico, geralmente um tanto curvado e às vezes de trinta pés de altura. Os galhos nascem no alto, em ângulo reto e curvando-se ligeiramente para cima como os braços de um candela-bro. São galhos despidos com folhas grandemente palmadas como grandes sustentáculos nas extremidades, parecendo gigantescas folhas de castanheiro juntadas ao tronco. O solo produz uma grande diferença na forma da árvore: em algumas terras ricas o tronco parece mais curto porque a ramificação começa mais cedo, e neste caso os ramos primários têm um número muito maior de ramos secundários. Grande variedade de aspecto é fornecida pelos cachos, parecidos com favas, que pendem do talo das folhas novas forradas de branco e pela folhagem antiga que apodrece tornando-se vermelha e finalmente negra. A *C. peltata*, que o povo chama de vermelha, tem mais a aparência de uma árvore e menos de um arbusto: é rígida e os ramos um tanto sem graça se espalham mais largamente. Sempre tive a cecrópia como a vegetação característica da capoeira: é certamente a rainha dos bosques.

A boa aliança findou-se num portão que se abre a a nada menos que a uma feia milha de um caminho de poeira irregular que volteia desagradavelmente por perto de profundas passagens, poços e buracos que mostram quanto a terra foi revolvida e que faz com que se

calcule a possibilidade de uma sepultura involuntária. A superfície do solo estava revestida de capim selvagem (Capim de Campo), e brilhante com uma bela flor branca selvagem — Quebra-panela, assim chamada porque frequentemente estoura e rachia os potes de barro. Uma volta para leste mostrou-nos Morro Vermelho, no vale do costume. O morro vermelho, que dá o nome à localidade, em forma de esfinge, ergue-se a sudeste do estabelecimento; o raio destruiu últimamente a cruz que se erguia no seu cume. A igreja de dois campanários, com tres janelas ao fundo e abundantemente caída, indicava prosperidade; e à medida que descíamos em círculo subia o som dos sinos da aldeia, informando-nos que o seu ativo pastor estava chamando seu rebanho para o pasto espiritual. As casas estavam espalhadas no meio das massas de bananeiras entremeadas de palmeiras. Chegamos à calçada — “une fois sur la chaussée et le voyage est fini”, pôde-se dizer aqui como na Rússia — e pelo meio dia entramos na povoação.

O Sr. Francisco Vieira Porto — vulgo “Chico Vieira” — deu-nos um almoço e informações relativas a Morro Vermelho. A data precisa de sua fundação é desconhecida; difficilmente poderá seu início ser anterior ao princípio do século dezoito. O ouro foi aí encontrado naturalmente em liga com cobre e com ferro; foi explorado em cerca de vinte logares (6), e destes oito ainda fornecem algum trabalho. A indústria deu-lhe importância, e em todos os barulhos e desordens seus turbulentos habitantes mineiros tomaram parte, com Caeté e Raposos, contra as autoridades portuguesas e os poderes locais. A atividade, comparada com a extensão destes sitios, era surpreendente; mas naquele

6 — Todos devidamente assinalados pelo Almanaque (1865).

tempo os proprietários territoriais e proprietários de minas, tinham não somente negros, mas também multidões de escravos de pele-vermelha para quem não havia nada tão agradável como um motim. Em 1715 armou-se e juntou-se em revolta aberta a Villa Nova da Rainha (agora Caeté) e Vila Real (Sabará). Os revoltados recusavam-se a pagar o quinto de ouro exigido de cada bateia e pediam a remissão do seu tributo usual, que era somente de 960 libras de metal precioso. Tiveram até então a insolência de aparecer deante do Governador o "Ilustríssimo e Excelentíssimo Dom Braz Baltazar da Silveira", e com excessiva "barbaridade" — para usar a própria expressão dele, gritaram em sua nobre orelha — "Viva o povo!" (7)

Morro Vermelho é hoje um mero Arraial, um comprido e disperso "acampamento", como uma feira ou mercado, com uma rua, "o defeito geral das aldeias de Minas" (8), formando a estrada real pela qual os viajantes hão de passar. Tem um mínimo de cem casas e um máximo de 180; há duas moradias de sobrado e contei quatro vendas. O povo sofre muito de paupera e o local, de falta de comunicações; isto muito prejudica a agricultura, a criação de gado e a fundição de ferro. As carroças precisam ir a Morro Velho via Rio das Pedras, ou pelas duas pernas de um triângulo muito agudo.

O Sr. Gordon, nosso comandante, concedeu-nos somente uma hora para almoço: os dias eram curtos,

7 — A carta do fidalgo ao Rei, a 16 de Junho de 1716, descrevendo o descontento, está impressa na íntegra no Almanaque de Minas (1865) pgs. 237 e 240.

8 — A razão é que as primeiras casas eram sempre construídas nas margens dos rios auríferos onde a lavagem começou.

e viajar de noite por estes morros é demorar-se. Não tivemos tempo de bater na casa típica de um pavimento, perto da igreja, onde mora o vigário, Pe. João de Santo Antônio (9); sacerdote de excelente reputação, que na sua cidade e no seu rebanho, faz lembrar o que se segue à devoção. Partimos à 1,30 da tarde pela estrada principal pedranta e passamos uma torrente engrossada pela lavagem de ouro: como o córrego da Panela, no outro lado da localidade, é um afluente do Rio das Velhas. Além dele, a estrada marcada pelo carril se espalha longa e larga sobre o morro prismático e do seu cume estreito logo caímos numa rica terra baixa. Na frente erguia-se a alta Serra de Roça Grande olhando para o sol poente; daí a sua temperatura fria e sua vegetação nobre. Aqui, ao contrário da regra na região marítima, o noroeste é o vento chuvoso; o sudeste traz tempo sêco. Assim, em Gongo Soco na parte norte da serra chove cerca de 148 polegadas por ano enquanto Morro Velho recebe 68,28 no flanco sul. A' nossa esquerda, e muito baixo, estava a grande fazenda de um Alferes Mateus Lopes de Magalhães: a casa, os terrenos e o belo gado negro, mostram que o velho proprietário português era um homem enérgico e trabalhador. Questões de família, compeliram-no a deixar sua casa e o pomar, cujas uvas e maçãs eram famosas, está agora abandonado. Para o sudoeste fica

9 — O irmão deste eclesiástico chamou-se Dométrio Corrêa de Miranda. Poderia escrever um capítulo a respeito dos nomes brasileiros; em regra, cada um toma o que lhe agrada, geralmente propriedade de uma grande casa histórica, e muda-o quando quer. Algumas vezes vai-se a ponto de publicar a alteração pelos jornais, mas isto somente quando se trata de um homem de negócios. Muitas vezes dois e mesmo tres irmãos têm nomes de família diferentes, omitindo uma parte, tomando o nome da família materna, ou tomando o nome de um tio. O assunto, contudo, não exigirá a legislação que em França foi exigida, pela importante particula "de".

uma grande escavação, a mina de "Juca Vieira"; localidade é o flanco de um áspero espigão composto de quartzo, argila avermelhada, substância ferruginosa e solo aurífero, formando piritas. A Companhia Gongo Soco não teve bom êxito nestas escavações, que estão agora abandonadas e destruídas com água. Para oeste deste lugar e perto da propriedade da Roça Grande, a leste fica a propriedade do Repuxa (10) ou Repucha, com cinco milhas de comprimento por tres de largura. Pertence a pequenos proprietários querelantes, que a possuem pelas "Datas" (11) ou concessões minerais, concedidas pelos velhos Guardas-Mores, e foi explorada por uma espécie de sociedade. Em 1864 o Superintendente da Companhia de Sta. Bárbara em Paris, recomendou-a através de um corretor de Londres, como um "esplêndido campo para explorações mineiras," e aconselhou que se empregasse nela a soma de £ 40.000. Ele informou que a rocha era composta de argila e de argila talcosa com camadas correndo perto de leste para oeste e afundando-se de 40°-50° para o sul; o veio seria de quartzo branco e amarelo, com ferro e piritas arsênicas, com olhos, que deram 50-60 oitavas por tonelada; e "caco" aurífero de que se espera passar gradualmente ao produto pirítico abaixo. Até agora nada se fez; talvez, porem, o projeto não esteja morto, mas dormindo.

Descendo um despenhadeiro, encontramos uma terra brilhando com Capim Melado cujas longas folhas pareciam tojo. O morro era bastante áspe-

10 — Como o "x" na pronúncia portuguesa sãa como "ch", ou o inglês "sh", permite a grafia confusa, como om Cachaça ou Caxaça, Cachoeira ou Caxoeira, Chique-Chique ou Xique-Xique.

11 — Estas "Datas" foram comparadas com as "Tin bounds" da Cornualha; a comparação é justa no que toca aos rios, mas não à mineração.

ro, com pedras soltas para intrigar um Árabe. Vadeamos então um riacho e entramos na Fazenda da Roça Grande. Esta, até pouco tempo, era parte de uma propriedade pertencente ao Marquês de Barbacena, fidalgo brasileiro bem conhecido na Europa. Enquanto cavalgávamos, um miserável canal de escoamento do minério, descarregando uns 300 galões por minuto, representava o único fornecimento de água; o caminho era evidentemente aberto com patas e rodas, uma "pura criação da natureza", como se diz da estrada principal da Sibéria. Virando para a esquerda, passamos por uma fila de casas térreas de serviços, mais porcosamente sujas do que todas que vimos neste dia. No morro acima, a indefectível Casa Grande começara, mas fomos direto aos alojamentos, que eram provisórios e humildes. Veiu o Capitão da Mina e Gerente, Sr. Brokenshar, e convidou-nos para tomar lanche; declinamos com os agradecimentos já que tínhamos pouco tempo. "Então disse o hospedeiro, tenho aqui um jantar quente — direi adeus". Era evidentemente da Cornoalha e precavido. Não gostamos de fazer muitas perguntas. O local parecia uma ruína: estavam à vista quatorze homens brancos muito abatidos, alguns brasileiros livres e nenhum escravo. Fomos daí aos pilões e inspecionamos a matéria. A mina, que fica no alto do flanco do morro, é antes uma camada que um veio, mergulhando para o leste e aflorando no lado noroeste da Serra da Roça Grande. A rocha contida é uma substância rósea, envolvida numa "capa" fina quasi toda de ferro. Atravez dela correm veios de quartzo decomposto e facilmente reduzível a pó, da variedade semelhante ao açúcar, que se espera conter "caco". Este termo cacofônico é aplicado ao quartzo e óxido, outros dizem sulfato de ferro, e é tido pelos mi-

neiros como sendo uma pedra valiosa. Também vimos, ferro-quartzo laminado, contendo pequenas piritas de ferro, encontradas principalmente em sólo castanho aurífero. As melhores substâncias auríferas na formação são o óxido de ferro avermelhado e o "dente de elefante", uma placa de ferro impuro escuro e micáceo, correndo paralelo com o quartzo açúcar. Frequentemente há uma terceira camada de óxido de ferro escuro e em decomposição.

A propriedade desta mina esteve por muito tempo a venda por £ 1.600 sem encontrar um comprador. Agora um cavalheiro do Rio, desfêz-se dela por £ 22.000 (£ 11.000 a vista e 2.200 ações de £ 5 libras cada uma integralmente pagas), passando-a à Rossa Grande (12) Brazilian Gold Mining Company Limited (Companhia Brasileira de Mineração de Ouro de Roça Grande), com o capital de £ 100.000. Um capitão de mina que havia conhecido a localidade por 38 anos deu um parecer sobre ela em 1862, declarando que a avaliação prometia 56 por cento por ano sobre um capital realizado de £ 40.000. De acordo com o prospecto a terra se estende por ambos os lados da Serra do Socorro, e assim tem, ou se diz ter, um riacho à sua disposição. A formação é de quartzo, óxido escuro de ferro e piritas arsênicas, numa rocha envolvente de argila. O ouro existe tanto quanto o estanho e o cobre na Inglaterra, e a argila talcosa produz uma misteriosa conjunção com o "granito" (13). O informante também encontrou um

12 — A palavra original é provavelmente *Roca*, *Impera*. Mas *Rossa* é o nome com que a propriedade foi vendida e assim é escrita pelo "Almanak". Provavelmente tiveram medo de que na Europa a "Roca" se tornasse "Roka".

13 — Não vi granito nessas altitudes; a pedra dura de areia, foi provavelmente erroneamente torrada por ele. Assim, no Rio Riguem me disse que os depósitos auríferos de minas eram todos graníticos o ouro tomando o lugar da mica.

pouco de quartzo mostrando ouro visível. Dizem que há tres formações rochosas distintas, todas auríferas, além da Jacutinga que está ainda inexplorada. O primeiro veio é de quartzo branco e ferro, o segundo de quartzo amarelo com piritas de arsênico auríferas e ricos "olhos"; o terceiro é o "caco". A direção é de leste para oeste e a inclinação de 40° para o sul.

Infelizmente os ensaios deste veio não dão duas oitavas por tonelada, o que, trabalhando-se em larga escala, significa pouco ou cousa alguma.

CAPÍTULO XXX

PARA GONGO SOCO E FÁBRICA DA ILHA

"Cresceram para o alto
Numa altura incomparavel com a mais imponente
[sombra
Cedros, pinheiros, ábetos e ramosas palmeiras".
(Milton).

A vasta cortina de nuvem espessa azul claro, arastando-se magestosamente para o oriente, não ergueu suas dobras antes de tres da madrugada, e felizmente, pois o sol que lhe sucedia fazia com que nossas roupas e arreios cheirassem distintamente a queimado. Atacamos de frente um trecho escabroso de "terra vermelha". A terra vermelha é aqui uma argila encarnada e não matéria vulcânica degradada como na provincia de São Paulo. Havia tambem "terra vermelha Tatú", muito apreciada pelo tatú (1). O resto era o "maçapé" comum, (2) mais ou menos ferruginoso. Em

1 — As variedades comuns dadas por Koster e outros são o "tatú bola" (*Dasypus trilineatus*) cuja couraça ligada permite-lhe embolar-se como um ouriço do mar; a carne delicada é comparada a do leitão; o "tatú verdadeiro" (*D. novemcinctus*), espécie maior, que não se pôde transformar em bola; o "tatú greba" (peba?) que é tido como antropófago (*D. Gilvipes*) e o "tatú canastra" (*D. Gigas*).

2 — O fazendeiro brasileiro tem, como disse, um nome próprio para cada variedade de vegetação que cobre a vasta extensão; distinguindo cuidadosamente vários solos. Presumo que "massapé" significa "ball-foot" (pé em bola); certamente porque omboia nos cascos das mulas e torna a viagem no calor uma série de escorregões.

alguns lugares o sólo cor de ocre mostrava longas listras de "esmeril", não o nosso "emery", mas uma poeira de ferro magnético provando a fertilidade do sólo que geralmente acompanha o ouro de lavagem, e que, dizem, é associado com irídium ou osmiato de irídio, (3) Estamos agora numa das regiões mais úmidas de Minas; em plena estação seca, mas o charco ainda faz concavidades na superfície gordurenta do caminho.

Atingindo uma espécie de planura, corremos pelo flanco ocidental de uma serra e com muitas inúteis voltas, às vezes em direcção ao norte, quando a nossa viagem era para o sul, voltamo-nos para o leste. Alem da serra de Luiz Soares, mudamos de vertente, deixando a bacia do Rio das Velhas, ou antes, do rio São Francisco, para a do Rio Doce. As terras outróra pertencentes à Companhia Gongo Soco, são agora de propriedade do Comendador Francisco de Paula Santos.

A estrada logo melhora, foi alargada e parcialmente drenada; é o Brasil versus Inglaterra, e a Inglaterra não está, sinto dizê-lo, em parte alguma.

A esquerda ficava a junção da estrada principal de Caeté (4) a Gongo Soco. Mostraram-nos as redonde-

3 — Isto é positivamente affirmado por José Bonifácio (Viagem mineralógica, pg 14).

4 — *Caeté* ou *ca-reté*, significaria literalmente "muitos bosques" ou "bosques abundantes", verdadeira ou boa vegetação; da "floresta" aplicada quer à mata virgem quer ao "Mato Dentro". Muitos lugares no Brasil têm este nome que também equivale no vernáculo a "Capão Bonito". *Caeté*, derivado das mesmas raízes é também uma larga folha, parecida com a alfaca, de 3 a 5 palmos de comprimento e crescendo em terrenos úmidos e férteis. Os índios cobriam com esta planta as suas provisões, como a farinha. O tropeiro brasileiro torce a folha como o papel cónico do morceiro e bebe neste cépo rústico.

De *Caeté* (sic) so deriva o nome do porco selvagem "Caeteté". A última sílaba é *ma* (tambem escrita, *sua* o *são*), mudada em *tu* por eufonia. A palavra significa assim literalmente "caça del floresta virgem".

zas da cidade na base da serra da Piedade. Lastimei não ter tempo de visitá-la; a igreja é famosa através da Província e a localidade produz louça de qualidade superior: um barro azul que séca num tom acinzentado claro. Mas havíamos visto e ainda haveríamos de ver muitos templos e olarias.

O lado sudeste da serra é enriquecido pelas cataratas da face oeste; avançamos agora pelo verdadeiro "Mato-Dentro", ou formação interior de mato. É a quarta região, a oeste dos Campos, da Serra do Mar e da Beira-mar ou *Maremma*; neste paralelo estende-se a oeste até o Serro ou verdadeira formação diamantífera, que atinge o vale luxuriante do Rio de São Francisco. Originalmente, o termo "Mato-Dentro", ainda aplicado a muitas localidades, era descritivo das florestas seculares que ficam dentro dos morros relvosos e dos campos. Estas virgens do sólo, há muito que foram extintas de muitos lugares e foram sucedidas por um segundo crescimento alto, desprezível, enfezado e pelo fêto estéril. (5) Aqui e ali, contudo, ainda restam vastos trechos da floresta primitiva.

O Sr. Walsh (6) propõe seis regiões ou variedades de sólo que percorreu em sua viagem: 1) Beiramar; 2) Serra acima; 3) Campos; 4) Serras de rochas metalíferas ("uma Arábia Pétreá"); 5) o Mato-Dentro, que ele descreve como "baixas eminências cobertas de mata e lenha frequentemente entremeadas de fêtos e arbustos espinhosos"; e 6) "erçados picos, montanhas cônicas e granito nú" (leia-se "Itacolumito" granu-

5 — Toda essa terra no cobre depois de meia dúzia de plantações, de um fêto (*filix*) a que chamam "Sambambala", "o que aconteceu desamparando a terra", diz o Dr. Couto, (pg. 89).

6 — Vol. II pg. 299-312.

lar ou quartzoso). (7) No vale cisandino do rio Amazonas, o Sr. R. Spruce encontra cinco séries distintas de vegetação, independentes da distribuição atual das águas correntes e até certo ponto, da constituição geológica e climática do país. São: 1) as florestas ribeirinhas, que com sua vegetação, vivem submersas muitas vezes cada ano; 2) as florestas baixas ou brancas (caa-tingas?), restos de uma vegetação antiga e altamente interessante, que estão sendo invadidas por uma vegetação mais ousada; 4) as florestas grandes ou virgens que revestem as terras férteis além do alcance das inundações; e, finalmente, os Campos ou Savanas, regiões de outeiros relvosos, clareiras e grotas.

Paramos para admirar a "floresta fechada", esta pompa e portento da natureza, completa desordem da vegetação, através da qual o sol tropical lança raros dardos de luz dourada e que se conservava sombria mesmo ao meio-dia; vista de cima a folhagem plumosa revelava aspectos de dunas amarelas, picos sombrios, enzentes e serras azues pontilhando o fundo sombrio, enquanto a base era de sombra impenetrável. O sólo sem nenhuma drenagem e não corrigido, é de terra vegetal, uma camada de humus macio, esponjoso, cor de chocolate, terra de folhas, troncos e tóros de raízes, em que o viajante descuidado frequentemente afunda até o joelho. Após uma incursão através dela aprende-se a detestar a idéia de uma marcha no paiz em estado de natureza. Essencialmente desigual, o terreno é um sistema de vales sombrios, escorregadios e fundos, despenhadeiros abruptos vestidos de duplas sombras, aqui

7 — O leitor precisa estar prevenido de que estas regiões não são sempre distintamente marcadas: por exemplo, as Serras metalíferas, a formação do Serro alternam com o Mato Dentro.

cobertos de lama, ali cortados por uma fria corrente, rolando o seu cristal por degraus de pedras abaixo e sobre leitos de pura areia, seixos e lascas de rocha. Em alguns lugares é diferenciado por pentascos e precipícios, em outros, lâminas de faca separam precipícios dos dous lados e em outros o esqueleto de pedra fura atravez da pele. Os cortes mostram um subsolo de rico barro vermelho, encrustando seixos de granito, gnais ou pedra verde (8) ou disposto em camadas de argila, ficando como na serra do Mar sobre um leito de pedra. Seu clima é, durante o dia, de um calor sufocante, úmido, o que faz com que ao menor esforço se siga uma transpiração fria. Os raios solares raramente atingem e nunca aquecem o chão lamacento, enquanto que as telas de árvores privam a terra do es-

8 — Nos vales, grotas ou despenhadeiros, estas formações lembram uma "morela". Infelizmente os sólos dos despenhadeiros e os *Ters* ou "rochas moutonnées, não têm a forma glacial, ou, pelo menos, os talhos da pedra, as superfícies estriadas, polidas ou chanfradas, ainda não foram observadas. O professor Agassiz, pai da teoria glacial, nota (*Viagem no Brasil*, pgs. 88-89) "Ainda não vi um sinal da ação glacial propriamente falando, se é que superfícies polidas e os sulcos devem ser especialmente consideradas como tal". Ele attribue a ausência de estrias e de polimento à "anormal decomposição da rocha da superficie, que revela um novo agente geológico, até agora não discutido nas nossas teorias geológicas. Acredita que a chuva quente caindo sobre o solo aquecido deve ter uma ação muito poderosa na aceleração da decomposição das rochas; e ele a compara com torrentes de água quente caindo durante tempos incontáveis sobre pedras quentes. Poucos viajantes brasileiros acceitarão esta explicação da ausência de estrias e polimento. Quasi todos os residentes concordarão que nesta terra, a pedra dura usada para construção e outras finalidades subaéreas sofre notavelmente menos da modificação atmosférica do que na Europa. Nem é fácil comprehender como a chuva quente lavando superficies quentes alteraria estas mais fortemente do que a força tremenda das geadas e degelos alternados das chamadas regiões temperadas.

E', contudo, prematuro discutir o assunto da vestimenta do gelo no Brasil: é preciso empregar o martelo livremente *in situ* antes desta teorização ter vaila.

coamento salutarífero. As noites e as manhãs são frias e agrestes; e durante as tempestades a electricidade é excessiva. Abundam febres e os raros entes humanos que vivem na "mata verde" são de uma raça doentia, pálida, emagrecida, curva e estiolada, como se saindo recentemente da Casa de Correção.

A altitude de Mato Dentro é aqui a da Serra do Mar; o clima é semelhante. Consequentemente há uma semelhança de família na vegetação, que é nutrida com abundante carbono, chuva fertilizante e sol tropical. Os sonhos do terceiro e do décimo segundo século, que, revivendo as Hamadriadas, restauraram nas árvores os espíritos humanos, parecem realizar-se aqui todas as coisas, crescendo, combatem e lutam pela cara vida, como se favorecidas de paixões animais e energia bestial. Nas clareiras, em que os baluartes de verdura ficavam esboçados, espantamo-nos com muitas peculiaridades da floresta equatorial. Os esbeltos troncos das madeiras mais duras são fincados no chão como mastros, as madeiras mais macias têm gigantescos contrafortes em asa, elevando-se de cinco a oito pés acima do sólo e formando as grandes raizes em baixo. As paredes dessas asas poderiam conter uma companhia de soldados: as asas, aqui como na África, convertem-se facilmente em táboas grossas e os índios, informam-nos um antigo missionário, usavam-nas como gongos para conclamar os guerreiros extraviados, batendo nelles com machadinha. Os troncos têm a casca branca de estiçamento, vermelho-castanho com vários liquenes e musgos, ou coloridos com uma vegetação resplendente cor de carmim. (9) As árvores avançam como uma palissada contra o fundo tristemente sombrio e muitas

9 — John Mawe levou para a Inglaterra um pouco desta liqnone e tentou em vão utilizar a tinta.

são tão altas que atingidas que são pelas flechas dos indígenas, o tiro de espingarda não lhes faz nenhum mal. Lançam-se para cima, sem ramos, antes de se espriar, tão alto quanto possível, para melhor lutar na batalha da vida e roubar aos seus vizinhos mais fracos, as delícias de sol, ar, luz e calor. A disposição dos poucos galhos também varia com a forma e o tom da folhagem; algumas, as murtas, por exemplo, são maravilhosamente simétricas; outras, as malváceas e as euforbiáceas, são pitorescamente irregulares; o resultado é uma maravilhosa e linda desordem. Muitas espécies, ouso afirmar, são desconhecidas. As mirtáceas e as leguminosas são as mais numerosas; a aristocracia é representada pelas himêneas, bauínias, figueiras gigantes, altíssimas laurusas e colossais bignônias que fornecem a madeira mais dura. As belezas são as acácias, as mimosas, as casiandras e as palmeiras elegantemente cintadas de formas pendentes e cabeças carregadas de plumas sedosas. O proletariado, vegetação baixa, é representado pelas Cássias, carregadas de tufo de flores, Helicônias, palmeiras do chão, jatrobas, bigônias, agaves, muitas espécies de cactus, plantas arundináceas e vários bambús, muitas vezes de quarenta pés de altura, seja desarmados ou terríveis com espinhos. Estes formam moitas impenetráveis, através das quais só a massa de um elefante poderia passar; o caçador precisa abrir dificilmente um caminho com o facão e sente-se como se estivesse alojado numa jaula vegetal.

O número, a variedade e o brilho das flores distingue esta floresta brasileira das mais familiares, ainda que de belo crescimento, das zonas temperadas, Canadá e dos estados do norte da União Americana. A superfície exterior em geral é um sistema de magníficas abobadas cheias de brilhantes pontos de luz, lu-

zindo como joias vegetais. Agora é outono, mas a estação fria aqui como na África, toma a si as funções da nossa primavera e as duas estações misturam os seus encantos. Algumas árvores estão ainda sem folhas, outras adornam-se de cinza ou amarelo; outras vestem-se de tons róscos e vermelho brilhante. A cor normal é um verde escuro e pesado; surgem, porém, todas as tonalidades do verde, desde o mais leve alho à mais escura esmeralda. Enquanto algumas árvores estão em fruto, muitas estão ainda em flor, e aqui, de novo há uma infindável diversidade. As flores de ouro e púrpura atraem primeiro a vista; não faltam, porém, o branco, o azul, o rosa, a violeta, o carmesim e o escarlate. Elas embalsamam o ar pesado, e ainda uma vez, há todas as variedades de odores, desde a fragrância da baunilha e do cipó cravo, que lembra o cravo, até o Pau d'Alho que espalha o cheiro de alho por cem jardas em torno dele.

O mais espantoso talvez de todos os aspectos da floresta é o das epífitas, plantas aéreas e parasitas. As fragas envolvem as fortes dos pés à cabeça em massas superabundantes e eriçadas e as escondem em colunas verdes sob a forma de ciprestes. Mesmo as mortas são envolvidas pelas vivas que enxameiam para cima, estreitam, enlaçam, envolvem-nas e fixam-se sobre as cumiciras, para mais de perto adorar o sol e o Aether. Cada tronco alto, descarnado, sombrio, encanecido pela idade e chorando terrivelmente suas glórias passadas, é anelado e enfeitado, entufado e coroado com vegetação estranha, que lhe suga como vampiro as gotas de vida até que ele se dissolve na quente úmidade e afunda para se tornar lama vegetal. A menor fratura ou irregularidade do tronco ou da axila é imediatamente aproveitada por um extranho que vive à custa da ár-

vore e assiste à sua morte. Cada galho nú é occupado por filas de flores brilhantes e tufos de folhas de brilho metálico. Assim, cada antiguidade veneravel das florestas virgens se converte num conservatório, um jardim botânico, um "petit-monde", contando uma vasta variedade de gêneros e espécies, admiraveis na diversidade de aspéto e vestidos numa centena de cores — é com razão que se diz que um simples tronco aqui fornece mais exemplares que uma floresta da Europa.

Em regra as orquídeas não são tão abundantes nas florestas do interior como naquelas mais próximas do mar, onde pendem dos galhos como tufos de rosas e perpétuas. Os galhos superiores da árvore são mais ricos em cactus pendentes e abaixo deles arrasta-se a bizarra "barba de páu" (10) ou *Tillandsia*, cinza escuro. Mais em baixo, florescem guirlandas e festões de arums e dracontiums, marantas e caladiums, com folhas succulentas, cordiformes, verde escuro. Mais notavel é a bromélia, com cálice vermelho coral e as pontas dos folíolos passando da cor de fogo ao roxo-azul. Há tufos de flores vermelhas, amarelas e alaranjadas, em espigas ou umbelas aqui como o lírio, ali lembrando o jacinto. Acumulam-se juntas e umas vezes uma espécie expulsa a outra. As trepadeiras são as bauínias lenhosas, paulíneas e banistéreas, misturadas com o convulvus semelhante ao junco, a ipoméa florida de azul, muito semelhante ao nosso convulvus comum, a baunilha, cujas cascas aqui alimentam os ratos; o martírio, guarnecido de pomos e uma variedade de flores da paixão originaes e vistosas. Muitas delas, ampelídeas, aristolóquias, malpiguiáceas e outras, são famílias pertencentes ao

10 — Tambem conhecida como "Barba do Velho". A elle me referi no Cap. III. (N. A.).

Há duas espécies: a *Tillandsia usneoides* (L.), bromeliácea — e a *usnea barbata* (L.) usneácea. (N. T.).

novo mundo ou nele melhor desenvolvidas e cada uma se ramifica em muitas espécies. As lianas lenhosas, em forma de vinha, correm pelos troncos acima com folhas gigantescas e chatas, dispostas em intervalos como aquelas da hera anã inglesa. Não poucas dentre elas são espinhosas e o povo crê que suas feridas são venenosas. Algumas tiram para baixo fibras simples ou filamentos como um sistema de fios de campainha de cinquenta pés de comprimento; outras, variando em grossura de uma linha a um braço de homem, cruzam o caminho. Estas pendem como as enxárcias torcidas ou cortadas de um navio; aquelas sobem como serpentes monstruosas pelo tronco até atingirem uma altura de onde podem com segurança abrir seus penachos de espessas folhas e flores. O mais breve esboço de suas variedades cobriria páginas. As convoluções parecem não seguir regra alguma com relação ao sol, ainda que a parte sul de uma árvore, como a do norte, na Europa é aqui geralmente distinguida por uma vegetação luxuriante de musgo e liquem. Nosso velho amigo, o cipó matador (*Clusia insignis*, "Mata-páu") este Thug vegetal, balança-se como um cabo em torno do pescoço que está sufocando. Muitas das trepadeiras passam por baixo dos troncos, lançam novas raízes ou correm por um rei da floresta caído e afluem para um sustentáculo mais próximo; d'aí descem outra vez e assim correm em fio pela floresta com um cordame, magnífico em seus contrastes e complexidades: Mais abaixo sob as árvores estão as franjas de uma delicada coleção de fétos, que são plantas terrestres tanto quanto aéreas cobrindo de verde cada rocha e dando vida às pedras. Nos lugares pantanosos crescem os equisetums em forma de palmeira, que facilmente ultrapassam um homem a car-

valo. Os fétos arborescentes (11) não são indignos descendentes das calamitas, molhos de fibras com quarenta pés de altura; o olhar fixa-se com prazer sobre o tipo "antediluviano", comparando a pequenês e o talhe delicado da curva e do ondedado do folíolo com a altura e a riqueza do tronco; muitas vezes, além disso, terrivelmente armado de espinhos.

Estas florestas virgens têm outros perigos além da febre e das sezões. E' necessário acampar nelas com cuidado. Frequentemente algum tronco mais velho, que acabou a história dos seus anos, cãe, com terrível estrondo, destruindo consigo um pequeno mundo. Onde o sólo é muito acidentado, a densa e imensa vegetação dos níveis mais baixos se rarefaz em cima em magra e desprezível caatinga e carrasco, onde o vento não traz perigo. Durante as longas chuvas tropicais o abrigo das árvores é de escassa utilidade; a princípio caem somente finos borrifos, em breve se tornam enormes bâtegas e pequenas mangas d'água. Muitas destas vegetações são o desespero dos botânicos; a inflorescência é encontrada apenas no tópo e a madeira é tão dura que se gasta facilmente um dia abatendo-as. O mesmo se dá com as plantas de ar, que, levadas de lugar para outro, por ventos e pássaros, geralmente crescem fóra do alcance da escada.

Glorioso à luz do sol, o Mato Dentro se torna mágico, e misterioso quando a lúgubre luz vermelha se precipita das nuvens do pôr do sol sobre a poderosa obra em relevo verde oliva. E' especialmente interessante quando uma tempestade dá tons mais graves às profundidades dos recantos e estremece toda a som-

11 — Não se pôde dizer no Brasil que os fétos arborescentes têm uma extensão limitada; encontrei-os em toda a parte, nos climas úmidos entre a praia e a 3.000 pés de altitude.

bria solidão. A floresta é pobre em animais grandes. As espécies maiores são as menos abundantes; como na África Equatorial, os inanimados não permitirão a presença dos animados; devemos, pois, procurar caça nos lugares em que as raias da floresta encontram com a lavoura. Por outro lado é desagradavelmente rica em caça pequena. Do mesmo modo que as formas vegetais, ordenando-se desde os criptógamos, musgos e líquenes árticos encrustados nas rochas que se cobrem com as bromélias tropicais à sombra das palmeiras, ouvimos o piar da coruja, o grito do gaio e o bater de muitos picanços (12) combinados com o palrar do papagaio e do periquito, (13) e o dobre do pássaro sino, do alto das árvores. "Ubi aves ibi angeli", diziam os antigos, e nós amamos os bípedes de penas não só por si, ainda que amáveis per se, mas ainda porque sua presença anuncia a do homem. Nem nos devemos esquecer, ao noticiar as harmonias naturais nestes monumentos vegetais, da música do "sapo cantador" no brejo e dos concertos das rãs executados nágua e no capim, na terra e em toda a árvore tombada. Ao longe é um contínuo recital com baixos e sopranos, interrompido às vezes por trechos de staccato que parecem o grito de uma criança ou o ganido de um cão, ou ainda golpes de martelo sobre uma bigorna. Mas mesmo uma lista de pequenos bichos, das mariposas e borboletas, dos besouros e das abelhas, dos mosquitos e dos abomináveis marin-

12 — Especialmente *Anabatis* (Temminck) *erythrophthalmus*; *A. atricapillus* e *A. leucophthalmus*, pássaro castanho avermelhado com um grito singular. Esta descrito pelo príncipe Maximiliano (III-32 e III-43).

13 — Os papagaios são raros nesta região e a arara, o principal ornamento da floresta virgem, foi exterminado.

bondos tomar-nos-ia muito tempo — não atingiriamos Gongo Soco esta noite, ou neste capítulo.

Enquanto avançávamos lentamente pela escura aléia abaixo, admirando o quadro "verde escuro" e a luz do sol,

"... quebrada nos cortes escarlates
Entre as palmeiras, fétos e precipícios",

"O' de casa!" gritou uma voz alegre atrás de nós. Voltamo-nos e conhecemos o Diretor da Mina de Cuiabá, Sr. Jaime Pennycook Brown, membro da Real Sociedade de Geografia, cujo conhecimento já havíamos feito.

"Barba flutuante e cabeça encanecida
Corria como um meteoro pelo ar sacudido,"

enquanto vinha ao nosso encontro. Após uma alegre recepção, apeou-se para andar; o caminho raiando profundos vales e enredados despenhadeiros tinha muito de sublime e de belo, mas estava muito lamentoso, íngreme e escorregadio — de fato tinha pouco de confortavel. Em Cantagalo, a mais alta estação mineira sob a divisa das águas, entramos sobre a "Canga" que é aqui uma incrustação de hematite castanha. Ora pavimenta o chão, ora forma uma faixa que se projeta como goteira do telhado; abaixo dela pode haver marne calcáreo, ou Jacutinga, com ou sem ouro.

Descendo o morro vimos, atravez da avenida de árvores, "Morro Agudo", pequeno pico, azulado pela distância e na direção leste. Aqui na paróquia e distrito de São Miguel de Piracicaba, num afluente, a dez ou doze léguas do verdadeiro rio Do-

ce, fica a fundição do Sr. Monlevade, colono francês da velha escola. Ainda que octogenário, produz ele mais trabalho que qualquer de seus vizinhos e a despeito da distância de oitenta milhas, fornece à Grande Mina, cabeças de pilão e outros artefatos rústicos. Seus escravos são bem alimentados, vestidos e alojados; por meio de pagamento, eles empregam o domingo na lavagem de ouro e muitas vezes fazem 1\$000 rs. durante o dia; se compelidos a trabalhar durante os feriados, recebem uma pequena soma como indenização.

Aproximando-nos do sopé do morro, viramos abruptamente por uma escarpa à esquerda. À direita ficava um enorme poço, vermelho e amarelo de onde a matéria aurífera havia sido tirada. Apareceu, então, do outro lado o terreno superior da outra famosa mina. O alto morro estava rasgado e dilacerado como se fosse por um movimento da terra e mostrava uma imensa resvaladura escura tal como se o carvão de lenha tivesse sido posto por ali abaixo: no sopé estava um grande e áspero córte aberto tal como as estradas de ferro brasileiras gostam. A superfície, logo que o sol fugiu, pareceu da cor de fuligem de lâmpada. Nesta porção ocidental desmoronou o poço de Lyon, outrora o mais rico, e Gardner pôde ainda ser justificado asseverando que cerca de meia milha para leste da entrada da mina o leito aurífero se estreita até um ponto, mas para ocidente "parece inexaurível"

Seguimos as águas borbulhantes do Córrego do Gongo Soco até que chegamos às lavras atuais. Tudo está reduzido a uma escala muito pequena, limitando-se à mudança dos pilares que foram deixados, lavagem das bordas das estradas e reerguimento, onde possível, de trechos das velhas linhas. Dezoito ca-

beças de pilão, um feitor e uns poucos negros são todos os sintomas da presente indústria. A propriedade, que corre uma milha de leste a oeste por cerca de metade desta distância de norte a sul, rende agora, dizem, 4 libras tornesas por ano e o Comendador a venderia, segundo se crê, por um preço muito moderado.

As sombras do Capitão Lyon e do Coronel Skerret devem infestar este Auburn da "Barbárie Ocidental", outrora tão rica, hoje tão decaída. E' melancólico ver ruínas numa terra jovem, cabelos grizalhos numa fronte juvenil. O imenso armazem branco à esquerda do caminho está fechado; os jardins foram arruinados pelos porcos domésticos, as excelentes cavalariças estão em frangalhos, mas dos restos das senzalas saíram negros cegos e aleijados e receberam seis pence do Sr. Gordon, ao passarmos. A Casa Grande do Senhor Grande Comissário, do tamanho de muitos palácios de verão na Europa, parecia abominavelmente desolada, e ainda que o lugar seja ainda uma capelania, o pequeno campanário está sustentado com espeques. O portão em arco de pedra, limite oriental da propriedade da mina, ainda permanece, mas a casa onde os homens mudavam as roupas desmanchou-se.

Contrastando com toda esta ruína, exhibia-se a prodigiosa vitalidade da natureza. Uma figueira se expandia fresca e verde bem no meio de uma lapa (14) que poderia servir de mesa para Titans ou sarcófago para faraós. Era de forma regular, de uns 60 pés de comprimento, quinze de largura e cerca de 4 de altura; seu material era ferro e chisto duramente lami-

14 — Lapa significa geralmente caverna. E' o nosso *leh* ou *lech*, como ocorre em *Crom-leh*, pedras dobradas ou encurvadas; e nesta parte de Minas é geralmente aplicada a chisto argiloso duro.

nado. Esta "pedra do Barão" não poderia ser uma "sine nomine Saxum". Outra árvore, a Canela (*Laurus*, atra, uma das Lauráceas) teve licença para permanecer perto da entrada da mina. O falecido Barão de Catas Altas usava-a nos seus dias de pobreza para amarrar o seu cavalo, e, quando a propriedade se tornou inglesa, ele suplicou que a poupassem.

Passamos então pelo belo vale do regato Gongo Soco, de umas quatro milhas de comprimento, por metade de largura. À esquerda, ou norte, estava a serra coberta de florestas do Tijuco, altamente ferruginosa e aurífera, de fato a mãe do ouro. À direita ficava o vale do regato e os meus amigos apontavam o lugar de onde a funda passagem subterrânea para escoamento da mina devia ter sido lançada, ao nível da Casa Grande. O fundo é guarnecido de florestas e pequenas eminências de árvores; os lados ondulantes de capim mostravam pedras aflorando para oeste; as alturas superiores estão enfeitadas com magros cerrados e o quadro é colocado num semicírculo de montanhas.

Uma outra volta para a esquerda pelo flanco do morro mostrou-nos o rio Gongo, de muitos nomes. Começa a existência como Socorro, torna-se Barro de Caeté, São João do Morro Grande e, finalmente o Santa Bárbara onde se junta o grande Piracicava, e alimenta o rio Doce pelo oeste. No alto de seu vale vimos casas dispersas formando a vila do Taboleiro Grande, e mais acima do desfiladeiro fica a velha povoação com a capéla de Socorro, que dá o nome ao vale. O rio atravessa como um fio de prata um leito negro de Jacutinga. Além dele uma estrada branca enrosca-se por um blóco de morros até um pântano das montanhas, chamado Lagoa das Antas. O lagui-

inho é descrito como sem saída, raso ao longo da margem e fundo no centro; seus tapires (antas) e jacarés foram em breve destruídos pelos mineiros que para aí se dirigiam para lavar seu ouro roubado; mas ainda contem sangue-sugas, um pouco menores que as importadas.

Estávamos ficando cansados após nosso longo dia de névoa, chuvisco, sol e muitas emoções: o ar tornou-se enregelante e minha mulher declarou que considerava o pouso como um mito. Taciturno, longo como as avenidas de choupos das estradas francesas de posta, o caminho se abria sobre um sólo de ferro na margem esquerda do Rio Gongo. As seis horas da tarde chegamos ao nosso destino: Fábrica da Ilha, que pertence ao Sr. Antônio Marcos, guarda das matas. Seu genro, Sr. João Pereira da Costa, recebeu-nos com a hospitalidade costumeira no Brasil, e não perdeu tempo em fornecer-nos o que nossas almas mais cubiçavam: jantar e roupa de dormir. Obtive do Sr. Gordon e outros, os seguintes dados informativos sobre a misteriosa Jacutinga. (15)

O nome é evidentemente derivado da conhecida Penélope (16) chamada Jacú-tinga (P. Leucóptera) de manchas brancas sobre a cabeça, de crista e de azas azul negras. Esta substância de ferro preto, com brilho metálico, reluz ao sol como mica prateada; os pedaços grandes frequentemente aparecem com a côr

15 — Tenho razões para dizer que há formações de Jacutinga no condado de Habersham e perto do ângulo nordeste da Geórgia.

16 — Esta bela e saborosa caça tem muitas variedades, especialmente o Jacu-nasú, o excellento Jacú poma, escuro, que o Príncipe Maximiliano escreve Jacupomba, Penélope Marshall, Linn., e J. Cáca, o menor. Ferrelira diz que o Jacu-tinga (branco) é de "côr preta" mas com manchas brancas sobre as azas e a cabeça.

castanho avermelhado escuro mas desfazem-se num pó quasi preto. É' constituida pelas seguintes substâncias: chisto micáceo de ferro (26) e quartzo friavel, misturados com ferro especular, óxido de mangânês e fragmentos de talco. Pedacos desta última substância, bastante grandes para pequenos lotes, occorrem em chisto argiloso. A rocha do sólo em Coais é de belo peróxido de ferro micáceo (ferro especular) magro e tabular. Isto nunca se conseguiu em Gongo Soco e o chão da mina é ainda desconhecido. Póde ser ferro especular, porque encontram-se pequenas quantidades de matéria oigística e foi pilada para libertar o ouro.

A maior parte da Jacutinga é folheada e forma sob pressão cristais esferoidais oblongos, nunca encontrados perfectos. Mostra grandes diferenças de consistência; às vezes é dura e compacta como hematita e por isto precisa ser pilada como o quartzo. Em alguns lugares apresenta-se gordurosa e untuosa e não é mais dura que a greda; é facilmente molhada e pulverizada, mas é difficil de secar. Seu ouro é com facilidade separado pela lavagem, e purificado com ácido nítrico. O corpo geral do veio não merece ser removido; além disso é melhor trabalhado nas galerias subterrâneas. As linhas e os veios são seguidos com picareta e sem explosões; o seu conteúdo fornece um minéreo de ferro macio que se desfaz em pó e exige pouco pilão e a "linha de ouro" assim obtida é de qualidade superior. Frequentemente seguindo-os filamentos que irradiam em todas direcções de um centro

17 — O Sr. Walsh applica o termo "formação preta" a esta ganga, mas os Brasileiros não usam esta expressão. Ele tambem chama Jacutinga do "Corpo de formação", termo usado antes na lavagem do diamantes do que na lavagem do ouro.

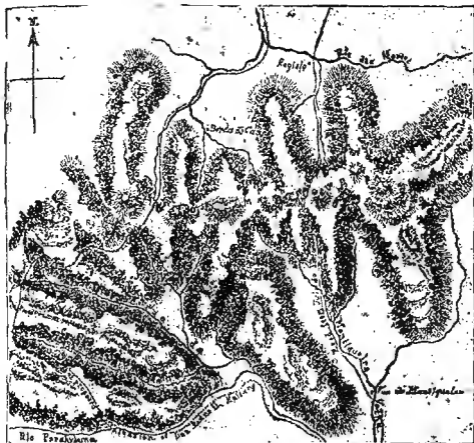
comum, o mineiro encontra um núcleo ou torrão de tamanho grande, mas inferior em qualidade ao ouro do veio e perdendo mais na fundição. O carat em Gongo Soco era de 19-20. Alguns descrevem o ouro como amarelo escuro com paládio, outros dizem que ele era profundamente colorido com ferro e com a côr do chumbo. Eu o vi de côr de latão brilhante e às vezes vermelho escuro como cobre trabalhado sem polimento.

Gongo Soco evidentemente "deu em nada" porque os homens sabiam tudo sobre a Jacutinga. Mas nesta mina o ouro estava livre e o roubo era enorme, alguns dizem que atingiu a metade do encontrado. Ainda se contam histórias de mineiros saindo aos domingos carregando espingardas cheias de ouro roubado. Latas de biscoitos que chegavam vacias à mina, levavam às vezes para fóra treze libras do pó precioso. Há ainda muito tesouro escondido e às vezes há felizardos que encontram pequenas fortunas em potes e garrafas. O nome Gongo Soco é explicado como significando "o gongo ou sino, não sôa". Os brasileiros traduzem-no "Esconderijo de ladrões"

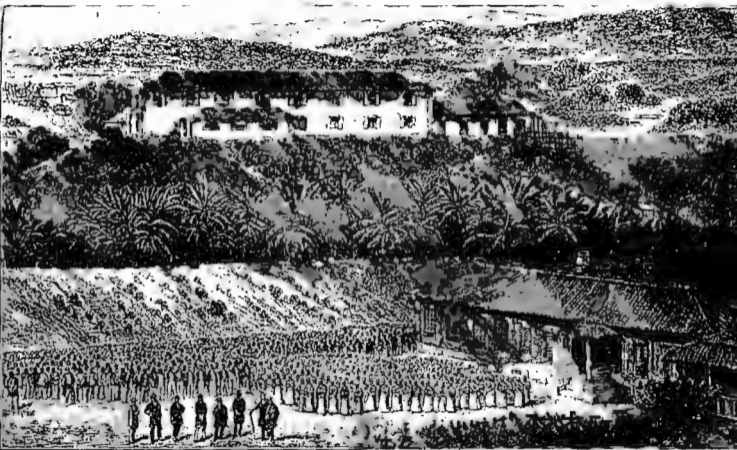
★

ESTE LIVRO
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA
TIPOGRAFIA ROSSOLILLO
à
RUA ARRUDAL DO NASCIMENTO, 395
SÃO PAULO

★



COMO A FUTURA ESTRADA DE FERRO
ATRAVESSARÁ A MANTIQUEIRA



A..REVISTA DOS NEGROS·NA CASA GRANDE (Morro Velho)